



Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem

Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem

Neide Rodriguez Barea Tavares
Larissa Mendonça Agessi

© 2018 por Editora e Distribuidora Educacional S.A.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia autorização, por escrito, da Editora e Distribuidora Educacional S.A.

Presidente

Rodrigo Galindo

Vice-Presidente Acadêmico de Graduação

Mário Ghio Júnior

Conselho Acadêmico

Ana Lucia Jankovic Barduchi
Camila Cardoso Rotella
Danielly Nunes Andrade Noé
Grasiele Aparecida Lourenço
Isabel Cristina Chagas Barbin
Lidiane Cristina Vivaldini Olo
Thatiane Cristina dos Santos de Carvalho Ribeiro

Revisão Técnica

Claudia Dourado de Salces

Editorial

Camila Cardoso Rotella (Diretora)
Lidiane Cristina Vivaldini Olo (Gerente)
Elmir Carvalho da Silva (Coordenador)
Leticia Bento Pieroni (Coordenadora)
Renata Jéssica Galdino (Coordenadora)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T231a Tavares, Neide Rodriguez Barea
Aquisição e desenvolvimento da linguagem / Neide Rodriguez Barea Tavares, Larissa Mendonça Agessi. – Londrina : Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2018. 248 p.

ISBN 978-85-522-0576-0

1. Linguagem. I. Tavares, Neide Rodriguez Barea. II. Agessi, Larissa Mendonça. III. Título.

CDD 400

Thamiris Mantovani CRB-8/9491

2018
Editora e Distribuidora Educacional S.A.
Avenida Paris, 675 – Parque Residencial João Piza
CEP: 86041-100 – Londrina – PR
e-mail: editora.educacional@kroton.com.br
Homepage: <http://www.kroton.com.br/>

Sumário

Unidade 1 Conceitos básicos da aquisição da linguagem	7
Seção 1.1 - A linguagem humana: natureza e práticas	9
Seção 1.2 - Teoria linguística de Ferdinand de Saussure	21
Seção 1.3 - Funções da linguagem	35
Seção 1.4 - O funcionamento discursivo da linguagem	47
Unidade 2 Bases teóricas da aquisição da linguagem	61
Seção 2.1 - Abordagens empiristas de aquisição da linguagem	64
Seção 2.2 - Abordagens racionalistas de aquisição da linguagem	79
Seção 2.3 - Abordagens cognitivistas de aquisição da linguagem	93
Seção 2.4 - Abordagens interacionistas de aquisição da linguagem	109
Unidade 3 Aquisição e o desenvolvimento da linguagem infantil	125
Seção 3.1 - Estágios de desenvolvimento da linguagem I	127
Seção 3.2 - Estágios de desenvolvimento da linguagem II	143
Seção 3.3 - Metodologias dos estudos em aquisição da linguagem I	158
Seção 3.4 - Metodologias dos estudos em aquisição da linguagem II	171
Unidade 4 O contexto comunicativo da aquisição da linguagem	191
Seção 4.1 - A fala da mãe (ou figura de mãe) com a criança	193
Seção 4.2 - Funções da linguagem aplicada à aquisição (1ª parte)	207
Seção 4.3 - Funções da linguagem aplicada à aquisição (2ª parte)	219
Seção 4.4 - O uso social da linguagem	232

Palavras do autor

Prezados estudantes! Boas-vindas!

Você já pensou a respeito de como nós, seres humanos, desenvolvemos nossa competência de comunicação? Já refletiu sobre as línguas dos diferentes povos no nosso planeta? Já teve curiosidade em saber como você aprendeu a falar e como os bebês e as crianças aprimoram sua linguagem? Já percebeu que quanto mais você pensa, mais a sua linguagem se torna elaborada? E quanto mais você desenvolve sua linguagem, mais fortalecido fica o seu próprio pensamento? Pois bem, esta disciplina vai explicar a importância da linguagem humana como a principal ferramenta utilizada pelos homens e mulheres para criar, desenvolver e transmitir a cultura e os conhecimentos. Você inicia, agora, uma nova etapa de sua aprendizagem, pois terá acesso a conhecimentos aprofundados sobre o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem.

Nesta disciplina, você será convidado a conhecer os conceitos e as principais teorias relativas ao processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem, compreendendo sua importância na evolução da humanidade e no desenvolvimento social e educacional de crianças. Esta competência é diferencial no campo educacional e em diversos outros segmentos, como na fonoaudiologia, na psicologia, nas licenciaturas, entre outros. Desta forma, é muito importante que você se organize e aprofunde seus estudos. A disciplina de Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem, bem como este livro, parte de uma nova e atualizada premissa didática, conhecida como sala de aula invertida. Você vai se deparar com situações e problemas do cotidiano que o estimularão à leitura, à reflexão e ao aprofundamento de conhecimentos. Temos certeza de que você apreciará.

A primeira parte do livro trará conceitos básicos, por exemplo, o que diferencia os seres humanos de outros animais, em termos de linguagem, e qual sua evolução histórica, passando pela contribuição do grande linguista Saussure. Em seguida, você será convidado a descobrir como as concepções teóricas foram evoluindo, descrevendo de forma cada vez mais aprofundada o processo de aquisição da linguagem e a importância do convívio social para a realização e o aprimoramento desta competência. Na terceira parte, você conhecerá os processos

de linguagem empregados na infância e seu desenvolvimento. Por fim, conhecerá os diferentes usos da linguagem no convívio social e sua importância para a aprendizagem.

Caros, este é um belíssimo percurso! O estudo da linguagem é um campo fantástico, pois a linguagem é uma competência transformadora! Você é nosso convidado de honra. Leia com atenção, estude com entusiasmo, participe efetivamente, você só tem a ganhar!

Conceitos básicos da aquisição da linguagem

Convite ao estudo

Estudantes, sejam bem-vindos! Vamos iniciar os estudos sobre a aquisição da linguagem humana! Aqui, vocês aprenderão os conceitos básicos da linguagem, como sua natureza e prática, sua função e funcionamento, e também conhecerão as pesquisas e as contribuições de Ferdinand de Saussure (linguista de grande destaque). A proposta é que vocês explorem os conceitos e as principais teorias relativas ao processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem humana, compreendendo sua importância na evolução da humanidade. Desta forma, os objetivos desta unidade são: conhecer os fundamentos da aquisição da linguagem, compreender a diferença entre linguagem e língua, apropriar-se de terminologia específica da linguística e da fonologia, entender como funciona a linguagem propriamente dita e a forma de organização do discurso oral.

Para estimular o processo de aprendizagem de vocês, será apresentada uma situação geradora de aprendizagem (SGA), ou seja, um desafio estimulante que será norteador de seus estudos e facilitador da sua aprendizagem. A SGA está dividida em quatro situações-problema (SP), cada uma apresentada em uma seção do livro.

Pense na seguinte situação: você recebeu na clínica especializada em linguagem uma criança de 33 (três) anos de idade que se chama Ana Maria. Ela entra no seu consultório observando toda a sala. Os pais trazem todos os exames neurológicos e audiológicos, que se encontram dentro dos padrões de normalidade, a queixa deles é: "A Ana Maria fala a

língua dela, que ninguém entende. Ela faz gestos para indicar o que quer”.

A primeira etapa do seu trabalho é fazer uma entrevista com os pais da criança, o que chamamos de anamnese. Para cada caso, algumas perguntas específicas devem ser feitas. As perguntas principais se remetem ao processo gestacional, parto, desenvolvimento motor e de linguagem, rotina da criança, alimentação, entre outros. O primeiro dado que os pais lhe contam é que o pai fala inglês com a Ana, que é sua língua materna, já que ele é oriundo de New Castle, Inglaterra, e a mãe fala português, já que ela é brasileira. A criança frequenta uma escola bilíngue.

O que você, estudante de fonoaudiologia, perguntaria para esses pais? Já pensou o motivo pelo qual a Ana Maria não fala de acordo com o esperado para a idade? Qual o maior motivo para uma criança sem alterações orgânicas ter alguma dificuldade de linguagem? Já observou como um bebê aprende a se comunicar? Como uma criança brinca com a linguagem e evolui a partir dela? Como o meio pode facilitar ou prejudicar o desenvolvimento de linguagem de uma criança? Com o avanço da tecnologia, qual recurso você usaria para estimular uma criança de 3 anos de idade, se ela fosse da sua família? Qual a relação da linguagem com o aprendizado?

É um desafio e tanto, não é mesmo? São muitas variáveis a serem consideradas para pensarmos no caso da menina Ana Maria. Por isso, investigue a linguagem, iniciando com a natureza e as práticas da linguagem humana, conhecendo a teoria linguística, finalizando com suas funções e seu funcionamento discursivo. Mãos à obra!

Seção 1.1

A linguagem humana: natureza e práticas

Diálogo aberto

Você se lembra do desafio proposto? Você recebeu uma criança de 3 anos de idade, sem nenhuma alteração orgânica, com a seguinte queixa dos pais: “A Ana Maria fala a língua dela, que ninguém entende. Ela faz gestos para indicar o que quer”, e seu objetivo é fazer as perguntas adequadas para os pais. A história desta criança é muito importante para que você faça os encaminhamentos e intervenções adequados. O desenvolvimento da linguagem depende de muitas variáveis, uma delas é o meio em que a criança está inserida. Um dado relevante da história de Ana é que ela possui pais com diferentes nacionalidades e línguas.

A situação-problema (SP), proposta nesta seção, é formular 10 perguntas que a fonoaudióloga poderia fazer aos pais da criança, de modo a relacionar a base biológica com as interações que essa criança tem. É preciso ter claro o conceito de linguagem, como ela se estabelece, e quais suas características. Pense também nas características da comunicação humana, isto é, na linguagem expressiva e compreensiva. Para conhecer bem as dimensões da língua, você pode pesquisar na internet e em outros materiais sobre seus subsistemas (fonologia, fonética, semântica, sintaxe e prosódia), lembrando-se de fazer as relações entre o que pesquisar e o que é esperado para Ana Maria para formular as perguntas.

Seu objetivo é preparar perguntas da anamnese, que devem contemplar:

- a) Perguntas sobre o desenvolvimento da linguagem de Ana Maria, levando em conta suas interações com outras pessoas nos ambientes em que circula.
- b) Esclarecimentos sobre a natureza da linguagem humana e suas práticas.

Agora, mãos à obra! Faça a leitura da próxima etapa, amplie seus conhecimentos pesquisando as referências indicadas e outras que sejam complementares, visite sites e assista aos vídeos indicados.

Não pode faltar

Definir a origem da linguagem ainda não é possível. Os dados necessários para localizar o uso inicial da linguagem não foram preservados, pois estamos falando de sons. As outras formas de comunicação, como as pinturas, os utensílios e os artesanatos, são artefatos arqueológicos e são explorados cientificamente, mas a linguagem oral não possui evidências históricas diretas.

O que temos são apenas hipóteses. Mergulhe no mundo do homo sapiens (primeira espécie a apresentar um aparato biológico capaz de produzir linguagem) há cerca de 200 mil anos atrás e, provavelmente, você verá alguns indivíduos grunhindo e gesticulando. Acredita-se que as primeiras manifestações de linguagem poderiam ser imitações dos sons de pássaros, animais e da natureza, bem como emissões sonoras que expressassem susto, medo, dor, prazer ou ainda uma imitação de reverberações audíveis (ecos). Pinker, em seu livro “O instinto da linguagem”, sugere que temos uma base biológica específica para linguagem, assim como as aranhas possuem uma base biológica para fazer teias. Aponta ainda que essa base biológica está localizada no cérebro e permite que desenvolvamos a linguagem especificamente humana independente da sociedade em que nascemos e da língua falada nesta sociedade. Esta é uma hipótese bem interessante, não?



Pesquise mais

Fonte: PINKER, S. **O instinto da linguagem**. São Paulo: Martins Editora, 2004.

A preocupação do autor é explicar ao público de forma simples (e muitas vezes engraçada) como as crianças aprendem a linguagem e o funcionamento do cérebro, afirmando que o desenvolvimento da linguagem é uma competência instintiva do ser humano e que evolui constantemente.

Imagine que na evolução do ser humano existiram outros avanços, não apenas os de linguagem. Por exemplo, criaram artefatos e armas, as mãos e os braços ficaram ocupados portanto, não podiam mais gesticular com tanta frequência. Imagine também que em situação de perigo, ou quando estavam caçando, não podiam se mexer com muita desenvoltura, assim, a necessidade e o desafio acabaram exigindo o

desenvolvimento da linguagem. Veja as vantagens: para se comunicar através da linguagem, mesmo que rudimentarmente, o homem primitivo não precisa ficar de frente um para o outro (necessário para comunicação gestual), não precisa ficar próximo, pois o som percorre o ar e pode ocupar suas mãos com outras coisas, pois a linguagem oral é produzida pelo aparelho fonador, que inclui os pulmões, a traqueia, a laringe, os lábios, os dentes, os palatos, a língua, sem necessariamente usar mãos, braços, dedos, corpo e expressões faciais. Outra ideia associada é que as mães primitivas emitiam sinais sonoros para acalmar seus bebês, que aprenderam e continuaram emitindo estes sons, bem como ampliaram o repertório conforme cresciam. Tal como o homem primitivo construiu sua linguagem, os bebês e as crianças modernas parecem passar por essas mesmas fases, porém de forma mais rápida.

Pesquisadores sociointeracionistas apontam que o meio social é significativo para o desenvolvimento da linguagem humana, portanto, quanto mais desafiante é o universo onde o indivíduo está imerso, mais estratégias ele precisa criar. Provavelmente, foi o que aconteceu com a linguagem oral. Novas explorações levaram o homem primitivo a ampliar seu vocabulário.



Vocabulário

Sociointeracionismo: abordagem que procura explicar que a aprendizagem do ser humano ocorre na inter-relação dos contextos históricos (determinados lugares e tempo), sociais (determinados grupos de pessoas) e culturais (determinada sociedade). Assim, o grupo e sua experiência prévia são fatores determinantes para que a aprendizagem ocorra, de forma que esta aprendizagem estará sempre relacionada com estes fatores. Ao se incorporar novos elementos, a aprendizagem também corresponderá ao novo contexto.

Assim, é fácil perceber que os seres humanos possuem um aparato biológico bastante evoluído, ao mesmo tempo em que sua inteligência permite a exploração deste aparato em toda a sua potencialidade para criar uma forma de comunicação extremamente específica e especializada. Hoje se entende que a capacidade de se comunicar, criar novas formas de comunicação, incorporar elementos a essa comunicação são as características que nos diferenciam das outras espécies animais.

Os golfinhos emitem assobios e sons que não somos capazes de assimilar. Cada golfinho emite um tipo de assobio, que representa a si mesmo. Os outros golfinhos conseguem repetir este som, portanto, parece que cada golfinho atribui a si um "nome" e é identificado por este "nome". No entanto, não conseguem, por exemplo, atribuir um nome ao humano que cuida deles. Nós somos capazes de atribuir nomes a tudo e em vários idiomas.

Os papagaios possuem um aparato fonador que lhes permitem que falem algumas palavras e até mesmo frases. Essas palavras são aprendidas em contato com seres humanos e são utilizadas fora de contexto. Um papagaio pode aprender a falar "bom dia" e fazer isso com muita graça e ênfase. Ele pode continuar falando "bom dia" no período da tarde, da noite e a madrugada inteira! Os seres humanos, além de aprenderem um volume infinito de palavras (o papagaio não consegue), conseguem empregá-las no contexto correto.

Estudos realizados com chipanzés mostraram que eles são capazes de aprender centenas de palavras, conseguem aprender a linguagem de sinais (a mesma utilizada por surdos e deficientes auditivos), mas isso só ocorre com treinamento específico realizado por seres humanos. Além disso, os macacos não se mostraram capazes de iniciar uma conversa, ou seja, eles se aproximam, se tocam, demonstram afeto, mas não perguntam: "como foi o seu dia hoje?" ou "a banana está saborosa?". Os macacos, assim como os outros animais, possuem linguagem própria, mas ela é compreendida como um conjunto de sons (cantos, latidos, trinos, uivos etc.), expressões faciais e corporais, mudanças físicas (troca de plumagem, formato do corpo – um baiacu incha seu estômago quando sente uma ameaça, assim, parece três vezes maior e afasta o predador). Além disso, nenhum animal é capaz de transmitir um mesmo conteúdo de maneira diferente, como fazemos, por exemplo, ao dizer: 1. A árvore foi cortada pelo homem; 2. O homem cortou a árvore; 3. Cortou-se a árvore.

Descobrimos que a linguagem animal é utilizada para fins de organização social, para demarcar o território do grupo, para acasalar, para proteção e como alerta. A linguagem animal caracteriza-se como uma linguagem pré-formal (não utiliza signos ou símbolos), pré-nominal (não realiza nomeação de objetos ou indivíduos) ou pré-gramatical (não possui estrutura gramática).



Dentre outras, a linguagem humana é a principal característica que nos diferencia das demais espécies de animais, porque nossa linguagem possui um infinito número de símbolos que, associados a um infinito número de regras gramaticais, nos permite gerar infinitos resultados de comunicação. Assim, a linguagem é considerada um componente central da natureza humana.

Você deve ter percebido que começamos a aprofundar as características da linguagem humana em contraposição à linguagem de outros animais.

Podemos dizer que a linguagem é um fenômeno humano associado às práticas sociais. Assim, estar imerso em um grupo que utiliza a linguagem nos tornará aptos a desenvolvê-la, ao passo que estar imerso em um grupo social que não utiliza a linguagem não permitirá que a desenvolvamos. Lembre-se do caso das meninas-lobo encontradas na selva em 1920, na Índia. Amala estava com um ano e meio e Kamala aparentava ter 8 anos. Não se sabe exatamente como, mas essas meninas foram criadas por lobos e foram encontradas por um pastor, que as levou para seu orfanato. As meninas andavam em quatro apoios, não falavam nada, só uivavam. Amala faleceu rapidamente, mas Kamala sobreviveu por 8 anos em sociedade. Precisou de 6 anos para aprender a andar e, ao falecer, possuía um vocabulário de cerca de 50 palavras. Desenvolveu afeto e certo comportamento social. Assim, percebe-se que o fato de ter o aparelho fonador em perfeitas condições, é a condição de vivência em grupos que empregam a linguagem humana que nos torna capazes de utilizá-la.



A capacidade de desenvolver a linguagem é inata ao ser humano, mas seu *desenvolvimento* não é. Depende do estímulo do grupo social humano no qual a criança se desenvolverá.

Já sabemos que os seres humanos empregam e combinam sons, gestos, expressões e movimentos para se comunicar eficientemente. Além disso, descobrimos que a interação social amplia a capacidade comunicativa.

A linguagem precisa ser aprendida. Apesar de nascermos com o aparato fonador, é o emprego social que favorece essa aprendizagem. Assim, aprendemos a língua portuguesa porque nascemos aqui. Se tivéssemos nascido na Espanha, aprenderíamos espanhol. Empregamos a própria linguagem para ensinar a linguagem. A primeira aprendizagem sobre a língua acontece na interação da mãe ou da figura de mãe com o recém-nascido. Veremos esse processo, detalhado, na Unidade 4. No convívio social, a criança aprende a língua, a linguagem informal e desenvolve a fala. Na escola, aprende a linguagem formal e os aspectos formais da língua.

Observa-se, portanto, que a linguagem humana possui duas características evidentes: sua flexibilidade e sua versatilidade, que são percebidas por meio de quatro propriedades:

1) **Arbitrariedade:** a escolha de sons não obrigatoriamente corresponde ao seu significado. Nós convencionamos um conjunto de sons para representar nosso pensamento. Pare um instante e imagine um momento que lhe traga felicidade. Você pode estar se alimentando, conversando com outra pessoa, descansando, assistindo algo na TV, ouvindo música ou fazendo outra coisa. Quem decidiu que esse sentimento pode ser chamado e escrito “felicidade”? Não poderia ter outro som com outra escrita correspondente? Por exemplo: “Fazer aquela viagem foi um rrrruaaaarrrr!” no lugar de “Fazer aquela viagem foi uma felicidade!”. Não é tão simples assim, pois vivemos em sociedade e precisamos ter certas regras e orientações para nos comunicarmos de forma inteligível.



Faça você mesmo

Leia a história “Marcelo, Marmelo, Martelo”, do livro infantil **Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias**, de autoria de Ruth Rocha. Conta a história de Marcelo, um garoto muito curioso e criativo, que começa a questionar o nome das coisas e a propor nomes, segundo ele, mais adequados ou parecidos com o objeto. (É possível ler o livro on-line). Reflita sobre a importância da formalização da linguagem e discuta com seus colegas de classe sobre o que acontece quando se transgredir a linguagem (aspectos negativos, como a falta de compreensão, e aspectos positivos, como a inclusão de novos e significativos termos).

2. **Dualidade:** utilizamos um número pequeno de elementos para formar um número enorme de unidades maiores. Pense na associação das vogais (a e i o u) e das consoantes que você conhece (ba be bi bo bu ca ce ci co cu e assim por diante). Esse número é finito, mas sua associação (dentro de regras gramaticais) permite milhares de novas combinações. Pense na palavra "amar": você poderia derivar as seguintes palavras: mar, ar, mama, rama, ama, má, a, Mara, amará. Isso é muito divertido!



Faça você mesmo

Quantas articulações você pode realizar com a palavra "paralelepípedo"? Você pode empregar e repetir as letras e sílabas desta palavra à vontade!

3. **Descontinuidade:** algumas vezes, conversamos com uma pessoa e várias intercorrências fragmentam essa conversa. Por exemplo: o sinal falhando em uma ligação de celular, o barulho alto de um motor, uma máquina de lavar roupa batendo etc. Mesmo que haja uma intercorrência capaz de abafar um pedaço de uma palavra, somos capazes de entender o que a pessoa disse. Assim, em uma situação de descontinuidade da fala, somos capazes de compreendê-la. O mesmo ocorre com a entonação. Analise o diálogo: uma criança pergunta: "mãe, a comida está pronta?" e a mãe responde: "não, está no fogo". Observe que a palavra fogo provavelmente foi pronunciada em tom normal, sem alteração de voz. Agora, imagine que uma casa se incendiou. As pessoas gritam: "FOGO! FOGO!". Obviamente, não será na mesma entonação do primeiro diálogo. A capacidade de variar a intensidade para exprimir maior ou menor urgência é chamada descontinuidade.

4. **Produtividade:** esta é uma propriedade fantástica! Diz respeito à nossa capacidade de construir e interpretar novos sinais, o que nos distingue definitivamente das outras espécies de animais. Assim, mesmo que você conte a mesma história dez vezes, dificilmente consegue repetir exatamente da mesma forma, com as mesmas palavras e com a mesma entonação.



Assimile

Há quatro propriedades que diferenciam a linguagem humana da linguagem animal: arbitrariedade, dualidade, descontinuidade e produtividade.

Viu como nosso sistema de comunicação é belo e elaborado? A cada vez que entramos em contato com um novo conhecimento, ou ainda, com um novo instrumento ou uma nova palavra, todo nosso sistema de significados é alterado, ampliado e melhorado, resultando em aprendizagem.



Pesquise mais

FONTE: Crystal, David. **Pequeno tratado sobre a linguagem humana**. São Paulo: Saraiva, 2012.

Descubra de forma simples os conceitos mais complexos da linguagem humana. O livro aborda a pronúncia dos sons, as mudanças linguísticas mais recentes e a linguagem emocional, entre outros temas tratados pelo autor.

Sem medo de errar

A situação-problema desta unidade trata da produção escrita de uma entrevista para ser aplicada com pais de uma criança, para definir o desenvolvimento de linguagem dela, e conseqüentemente do desenvolvimento da aprendizagem. Este questionário faz parte do seu trabalho, como fonoaudiólogo, para assim dar prosseguimento às orientações. A resolução consiste em escrever algumas perguntas para os pais que a procuraram.

As primeiras perguntas devem ser referentes à língua materna, já que ela apresenta contato com as duas línguas – portuguesa e inglesa – no sentido de entender qual a língua em que os pais se comunicam em casa, como é a comunicação com outros membros da família, com os amigos, entre outros. É muito importante entender qual a língua predominante nas interações da criança.

Pode questionar os pais sobre os sons que essa criança emite, e se ela imita os sons da natureza, por exemplo. Você pode perguntar como é o relacionamento dela com os colegas na sala de aula, como ela brinca com eles, se ela interage com as crianças ou somente com adultos. Verificar se os pais sabem como a criança se comunica com as outras crianças na escola, e em que língua seriam essas interações.

Para entender sobre as formas de comunicação utilizadas pela Ana Maria, pergunte quais gestos ela utiliza para representar necessidades básicas como fome, sede, vontade de ir ao banheiro, querer um brinquedo, entre outros. Pergunte também sobre a rotina, sobre o tempo que ela utiliza aparatos tecnológicos, como televisão, tablet, celular, entre outros.

Compreender como a Ana brinca, se ela utiliza os objetos com função, por exemplo, colocar o telefone na orelha, fingir que está dando banho na boneca, entre outros.

Por fim, você pode fazer perguntas que relacionem a linguagem da criança ao seu desenvolvimento social, procurando levantar informações sobre os fatores físicos, motores, afetivos, cognitivos e socioambientais que fazem parte do cotidiano da criança.

Atenção

O desenvolvimento de linguagem depende das características constitucionais e circunstanciais de cada indivíduo. Os fatores físicos, motores, cognitivos, afetivos e socioambientais se diferem em cada um. Sabe-se que a linguagem se desenvolve rapidamente e geralmente até 2 anos, antes mesmo de algumas habilidades motoras.

Avançando na prática

“Linbar”

Você precisará apresentar um trabalho na faculdade, trazendo um exemplo real sobre a aquisição e o desenvolvimento da linguagem infantil e fazer uma reflexão sobre esse exemplo. Entretanto, você não tem experiência com o universo infantil. A oportunidade surge quando você está em uma festa de aniversário e um grupo de crianças com cerca de dois anos e meio está almoçando divertidamente bem ao seu lado. Você consegue observá-las e ouvi-las tranquilamente. Na hora da sobremesa, ofertam sorvete de palito para as crianças. As animadoras infantis perguntam: “Quem quer sorvete????” e as crianças respondem: “Eu!” “Eu!” “Eu quero!”, mas uma das respostas chama sua atenção. A criança fala: “Eu quero linbar sorvete!”.

Está aí sua oportunidade. A frase é bastante compreensível e você entendeu claramente que a criança queria dizer lambar o sorvete.

Procure no texto da Seção 1.1 o motivo ou os motivos que podem ter levado a criança a criar e usar o verbo “linbar” no lugar de lamber e como está ocorrendo sua aprendizagem.



Lembre-se

A linguagem infantil é desenvolvida de forma social, mas não está consolidada aos dois anos e meio. Sua linguagem ainda é pré-gramatical.

Resolução da situação-problema

Aos dois anos e meio de idade, a criança já possui um vasto vocabulário e começa a empregar a linguagem oral de forma muito parecida com as pessoas que fazem parte do seu convívio social. Se esta criança está imersa em um contexto em que as pessoas utilizam o verbo inexistente “linbar”, é possível que ela repita tal como ouviu, mas esta é uma explicação simplória para a complexidade da nossa linguagem.

Observe que a criança já possui estrutura de oração (sujeito-predicado) e emprega as outras palavras corretamente, inclusive o verbo querer, que está conjugado na primeira pessoa corretamente.

O que pode ter acontecido? Tal como o homem primitivo, a criança que fala “linbar” sentiu a necessidade de criar uma nova palavra para expressar sua vontade. Acontece que esta palavra não surge aleatoriamente, apesar da propriedade arbitrária da linguagem em associação de sons a significados. Imagine que, para consumir este sorvete, a criança precisará usar a língua e fazer certos movimentos com ela. Imagine também que a criança já tenha ouvido as palavras lamber, língua e tenha certo conhecimento de gêneros (feminino: a menina, a boneca; masculino: o menino, o boneco). É muito provável que ela tenha tentado dizer que queria lamber com a língua, fazendo a seguinte construção:

Lin – de língua, ao mesmo tempo que faz uma derivação da sílaba lam (de lamber).

Bar – derivação da sílaba ber (de lamber), porém usando o feminino – porque a ideia é lamber com a língua (palavra feminina).

Como a criança ainda não está com a linguagem formal estruturada, ela brinca com as palavras, buscando um termo que expresse melhor a sua vontade, assim como os homens primitivos começaram a derivar os sons para articular palavras e frases. É muito comum este tipo de expressão na linguagem informal, como quando, por exemplo, criamos termos particulares para nomear objetos e situações.

Caso as demais crianças adotem o verbo "linbar", pode ser que se inicie uma transgressão da linguagem e da língua formais e se adote um novo vocábulo, ou pode ser que a criança, ao ouvir o verbo lamber usado regularmente em sua comunidade, vá deixando aos poucos de empregar o verbo "linbar".



Faça você mesmo

Preste atenção às conversas infantis. Nestas conversas, localize vocábulos que não sejam parte da linguagem formal e procure explicar o motivo pelo qual a criança empregou-os, tentando descobrir como chegaram à tal construção.

Faça valer a pena

1. Qual das cinco alternativas a seguir é a melhor para definir o termo linguagem?

- a) A linguagem é uma capacidade exclusiva do ser humano, empregada para expressar-se.
- b) A linguagem é uma forma de comunicação estabelecida com base na oralidade, permitindo que os seres troquem informações necessárias para a sobrevivência.
- c) A linguagem é composta por sons e significados, sendo superior à linguagem escrita e à linguagem não verbal, pois é mais completa e complexa.
- d) A linguagem é a capacidade que as espécies animais possuem para se expressar.
- e) A linguagem foi criada pelo homem primitivo porque necessitava ter as mãos livres para poder caçar e se defender, não podendo, portanto, gesticular.

2. As características que diferenciam a linguagem humana da linguagem animal são:

- a) Linguagem pré-formal, pré-nominal ou pré-gramatical, pois estas são as características exclusivas da linguagem humana.
- b) Flexibilidade e versatilidade.
- c) Uso de sons, expressões faciais e corporais.
- d) Praticamente inexistentes.
- e) O uso afetivo, lúdico e prático.

3. Considere:

- I- A linguagem é uma capacidade apenas humana, outros animais não possuem nenhum tipo de linguagem.
 - II- Cada espécie animal emprega seu próprio tipo de linguagem.
 - III- A linguagem, tal como a empregamos, é um atributo exclusivo da natureza humana.
-
- a) O que se afirma em I, II e III está correto.
 - b) O que se afirma em II e III está correto.
 - c) O que se afirma em I e III está correto.
 - d) Apenas o que se afirma em I está correto.
 - e) Nenhuma afirmação está correta.

Seção 1.2

Teoria linguística de Ferdinand de Saussure

Diálogo aberto

Você se lembra do desafio proposto? Você recebeu em seu consultório uma criança de 3 anos de idade que não fala, faz alguns sons e gestos para se comunicar. A primeira parte da consulta fonoaudiológica foi fazer uma anamnese com os pais da criança. As perguntas feitas aos pais devem ser muito bem elaboradas para que o profissional comece a pensar sobre os possíveis diagnósticos. Os dados relevantes da história que os pais começaram a contar são: pais de diferentes nacionalidades e escola bilíngue.

Na seção passada, você já elaborou 10 questões da sua anamnese, pensando principalmente no meio em que a Ana está inserida. Nesta aula, a situação-problema (SP) proposta é fazer a primeira orientação aos pais. Esse material deve ser completo, apresentando elementos mais profundos e consistentes que demonstrem a evolução do conhecimento científico sobre o desenvolvimento da linguagem. Para isso, sua primeira orientação aos pais deverá considerar:

a) A diferença entre linguagem, língua e fala, e como isso explica a produção da fala pela criança. Assim, você terá subsídios para falar do próximo passo que será a avaliação de linguagem, que envolve testes de linguagem e fala.

b) Explicar como se dá, na língua materna, o uso e reconhecimento das palavras pela criança, relacionando esse fato à discussão do signo linguístico definido por Saussure.

Para você conseguir resolver esta situação-problema, nesta seção, você conhecerá o trabalho do suíço Ferdinand de Saussure, considerado o pai da linguística moderna, reconhecido principalmente pela estruturação do campo da linguística como a ciência que estuda os fenômenos relativos à língua. Assim, você aprenderá sobre a diferença entre linguagem, língua e fala, e sobre o conceito de signo linguístico.

Agora, mãos à obra! Faça a leitura desta seção, amplie seus conhecimentos pesquisando as referências indicadas e outras que sejam complementares, visite sites e assista a filmes e vídeos, e não deixe de realizar os exercícios.

Não pode faltar

Você já pensou em como a linguagem é importante no nosso dia a dia? Como seria possível o homem se desenvolver tanto sem linguagem e suas variações? Já observou como um bebê aprende a se comunicar? Como uma criança brinca com a linguagem e evolui a partir dela?

O ser humano é curioso por natureza. Ao longo de séculos, os homens procuraram dar resposta a essas questões. As primeiras pesquisas sobre aquisição da linguagem datam da década de 1870 e foram realizadas por linguístas filólogos que registraram a fala espontânea de seus próprios filhos. Tratava-se, então, de pesquisas de pequena escala e muito personalizadas, ou seja, sem grande rigor científico, pois os pesquisadores não tinham experiência e não sabiam exatamente o que e como observar.

Entre diversos pesquisadores no campo da linguagem, vamos destacar Ferdinand de Saussure (1857-1913), filólogo e linguísta suíço, cujas pesquisas estruturaram e posicionaram a linguística como a ciência que estuda a linguagem. Inicialmente, a linguística procurou classificar as línguas do mundo, estudando sua evolução histórica, buscando afiliações, por exemplo, a família indo-europeia, formada por línguas como o inglês, o espanhol, o russo, o hindi e o português; a família sino-tibetana, formada pelo chinês, mandarim e outros; dentre outras famílias linguísticas. Esse método de estudar a língua é chamado de histórico-comparativo.

Saussure foi um dos maiores defensores do método histórico-comparativo, mas acabou questionando-o, pois acreditava que os estudos sobre a língua podem ser realizados tanto de forma diacrônica (estudando apenas sua evolução histórica – proposta do método histórico-comparativo) como de forma sincrônica (estudando relações entre os fenômenos coexistentes de uma língua, em dado período de tempo).



Exemplificando

“Você” é um pronome e é uma das palavras mais comuns que empregamos. Originalmente, empregava-se o termo “Vossa Mercê” para se referir ao outro: “Vossa Mercê aceita um café?”. Fazia parte da linguagem,

da língua e da fala como um tratamento nobre. Pode-se dizer que houve uma adaptação informal do termo "Vossa Mercê" para "vosmicê", ou seja, a linguagem informal transgrediu a língua formal. Este novo termo alterou a língua e ampliou a linguagem, uma vez que "Vossa Mercê" continua sendo em termo válido assim como "vosmicê". Novamente ocorreu uma transgressão da linguagem formal: "vosmicê" passou a ser "você", no uso informal da linguagem. Atualmente, estamos observando que a palavra "cê" vem substituindo o "você": "Cê pode emprestar a caneta?". O "cê" é empregado na fala é a linguagem informal da palavra "você", que hoje é uma palavra formal. Em uma apresentação formal ou na escrita, você jamais deve usar o "cê", pois ainda não foi incluído nestas esferas, certo? A evolução histórica apresentada aqui é um exemplo de variação diacrônica.

A contribuição de Saussure não foi apenas defender um novo método de pesquisa no campo da linguística. Como professor de línguas indo-europeias e sânscrito na Universidade de Genebra, Saussure propôs uma série de "leis", criando a base do estruturalismo linguístico. Estas propostas foram organizadas no livro "Curso de linguística geral", publicação realizada em 1916 pelos alunos de Saussure, após seu falecimento. São estas as principais contribuições deixadas pelo pesquisador:

Ciência e objeto de estudo: a linguística é a ciência que tem como objeto de estudo a língua.

Língua x fala: a língua se caracteriza em oposição à fala, à escrita e aos outros códigos da linguagem.

Signo linguístico: é a combinação de significado e significante.



Pesquise mais

Fernanda Mussalim preparou um livro interessantíssimo, trazendo muitas informações sobre a linguagem e a linguística. Você encontrará quatro capítulos dedicados aos estudos saussurianos. Veja: MUSSALIM, Fernanda. **Linguística I**. 1. ed. Curitiba: IESDE Brasil SA, 2009. v. 1. p.152.

Você deve estar se perguntando: qual a importância de tudo isso? Os estudos de Saussure se baseiam em uma nova premissa, a de que a língua é um fato social, produto de um acordo social, sobre o qual o indivíduo não tem poder, pois se trata de uma convenção social

estabelecida. Assim, Saussure compreende que a língua é um sistema de valores e propõe que a linguística estude seus aspectos básicos: as ideias e os sons.

Em primeiro lugar, você precisa conhecer a diferença entre linguagem, língua e fala. Nesta disciplina, vamos tratar das manifestações orais da linguagem, portanto, não abordaremos a linguagem escrita, a linguagem visual, a linguagem artística etc.

Você sabe que o ser humano possui a capacidade de se comunicar por meio de uma língua. A essa capacidade inata, com a qual todos nascemos, damos o nome de linguagem. Para viver em sociedade, é preciso que essa linguagem seja inteligível para o grupo social, ou seja, que os participantes possam compreender e ser compreendidos. Assim, cria-se uma língua, ou seja, um conjunto organizado de palavras, que segue uma determinada norma para um coletivo de pessoas, permitindo que um enunciado seja manifestado claramente, de forma objetiva e com precisão. A língua torna a linguagem oral efetiva e, apesar de apresentar variações, não sofre mudanças que a descaracterizem, já que precisa se manter estável para permitir a comunicação. Acredita-se que existam de 4.000 a 6.000 línguas no mundo, entre elas a língua portuguesa, e este número já foi maior. Nossa língua é riquíssima! É uma verdadeira aventura descobrir a origem das palavras e as transformações pelas quais elas passaram.



Refleta

Você sabe o que aconteceu quando a tecnologia começou a fazer parte do nosso cotidiano? Incorporamos novas palavras. Veja o caso da palavra “deletar”. Ela vem do inglês *delete* e foi aportuguesada, usada no sentido de suprimir, remover, excluir. Digitar indica que você vai datilografar no computador. Você consegue pensar em outras palavras recentemente incorporadas à nossa linguagem? E outras palavras que desapareceram ou estão em vias de desaparecer? Chumbrega é uma delas! Este é um estudo de ordem sincrônica, pois analisa as características de uma língua em um determinado momento do tempo, fazendo um recorte.

Já a fala é algo mais pessoal. É a escolha de elementos da língua realizada por um sujeito para expressar sua forma de pensamento, suas necessidades, seus interesses etc. É o modo individual do uso da língua.

Saussure entende que a língua é um sistema de valores que representa a grandeza de uma sociedade e é empregada para auxiliar na gestão dos aspectos de interação desta mesma sociedade. A língua é necessária para dar formato ao pensamento; sem a língua, o pensamento não poderia ser materializado. Essa materialização ocorre na junção da ideia (que está no âmbito do pensamento) e da emissão organizada de sons (capacidade humana de articulação da fala). Com a língua, as ideias se fixam a sons específicos.

Para que a língua cumpra sua função social no processo de comunicação, é necessário que as palavras tenham um significado, ou seja, que cada palavra represente um conceito. Desta forma, Saussure estabelece o conceito de signo linguístico como a combinação entre a palavra escrita ou falada e o conceito. **O signo linguístico é utilizado para representar um conceito** (que pode ser uma ideia, um objeto, um sentimento etc.) **e é formado por um significado associado a um significante.**

Vamos dar um exemplo. Pense em uma maçã. Em sua mente, aparece a imagem de uma maçã, correto? No entanto, não é só a imagem da maçã que está na sua mente. Você é capaz de associar o cheiro, o sabor, o fato de uma maçã ser o fruto da macieira e, inclusive, o fato de saber que existem vários tipos de maçãs, correto? Você pode até lembrar-se de memórias associadas à maçã, como uma bala de maçã que tenha ganhado de seu colega há anos atrás. Perceba que, ao pensar em “maçã”, nós recuperamos um conjunto de associações, portanto “maçã” não é apenas uma imagem, mas um conceito complexo, um conjunto articulado de conhecimentos e sentidos. **A este conjunto articulado de conhecimentos e sentidos chamamos de significado.** Observe: o conjunto de sons empregados para falar a palavra “maçã” também está armazenado em sua memória. Ao ver a maçã em sua mente, você é capaz de associar essa imagem a um conjunto de sons, correto? Observe que interessante: mesmo que ninguém esteja falando em voz alta, você é capaz de “ouvir” sons como se estivesse falando “maçã” dentro de sua cabeça. Isso é uma imagem sonora. Veja: quando alguém fala para você: “Por favor, traga para mim a maçã que está dentro da geladeira”, você sabe exatamente o que precisa pegar: a maçã.

Você sabe disso porque o conjunto de sons que formam “maçã” já está armazenado na sua memória (imagem sonora), e isso impede, por exemplo, que você pegue água ou uma cebola. **Chamamos de significante o conjunto de sons que representam um conceito.**

Faça você mesmo

Este breve exercício é muito importante para compreender a ideia de signo linguístico. Pegue um lápis e um papel, pense em um sentimento que chamamos felicidade. Escreva esta palavra no centro do papel e desenhe diversas setas saindo desta palavra. Para cada seta, escreva uma ideia associada à felicidade.



Utilize quantas setas quiser, mas tente esgotar tudo o que você conseguir associar à ideia de felicidade. Quando tiver esgotado as associações, observe o resultado. Veja que “felicidade” não é apenas uma palavra ou apenas um sentimento, é um conjunto de associações, é um conceito (significado). Associado ao significado, está a imagem sonora (conjunto de sons empregados para identificar este conceito). Ninguém falou “felicidade” em voz alta, mas você é capaz de “ouvir” este conjunto de sons em sua cabeça. Este é o significante.

Signo linguístico é a associação entre o significado (conceito) e o significante (imagem sonora). São como a cara e a coroa de uma mesma moeda, indissociáveis.



Assimile

Signo linguístico = significado + significante.

As pesquisas e o conjunto de propostas de Saussure foram um marco na história da linguística e na organização de pesquisas que o sucederam. Entretanto, Saussure ainda tem mais uma contribuição muito importante para entendermos a aquisição e o desenvolvimento da linguagem humana.



Pesquise mais

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2016.

Saussure ministrava o Curso de Linguística Geral, na Universidade de Genebra, porém só o fez por três vezes antes de falecer. Seus discípulos entraram em contato com os estudantes de Saussure e recolheram seus cadernos, de onde tiraram as anotações que estruturaram esta obra póstuma, em que são tratados os conceitos inaugurais da linguística moderna.

Em suas considerações, Saussure aponta que uma propriedade marcante da língua é seu caráter arbitrário. Você lembra que estudamos isso na seção anterior? A língua possui duas características (flexibilidade e versatilidade) e quatro propriedades (arbitrariedade, dualidade, descontinuidade e produtividade). Vamos olhar a arbitrariedade com mais atenção.

Em algum momento, um conjunto de pessoas definiu que determinado significado (conceito, ideia, objeto, sentimento etc.) estaria associado a um determinado significante (imagem sonora). Podemos até investigar a origem das palavras, o nome deste estudo é Etimologia, mas ainda assim, não conseguimos mais resgatar a história de muitas palavras, pois se perderam no tempo. Por este motivo, entendemos que a atribuição de significante a um significado se dá de forma arbitrária (quem decidiu que cadeira deveria ser chamada de "cadeira"?). Esta é, portanto, uma importante característica do signo linguístico: a arbitrariedade.



Pesquise mais

VIARO, Mário Eduardo. **Manual de etimologia do português**. São Paulo: Globo Livros, 2013.

Viaro se propõe a explicar o mecanismo de formação de palavras na Língua Portuguesa de forma inteligente e acessível. Vale a pena conhecer!

O fato é que os significantes são associados a significados (formando o signo linguístico) desde o início do desenvolvimento da linguagem

primitiva, de forma que hoje somos frutos desta evolução. E assim os bebês aprendem: eles são expostos a um signo linguístico completo desde que nascem. Não escolhemos o significante, pois ele já existe antes de nascermos.

Saussure aponta que foi a propriedade da arbitrariedade que tornou o signo linguístico tão resistente às mudanças. Se aprendemos desde bebês que um determinado animal se chama passarinho e toda a sociedade à qual pertencemos chama este determinado animal de passarinho, não temos força individual para questionar esta construção. Não há força individual capaz de modificar uma língua. Assim, a língua de uma sociedade também tem as características de imutabilidade e durabilidade. E é bom que seja assim, pois não podemos pensar em uma comunicação eficaz se tivermos que negociar o sentido dos conceitos o tempo todo.



Refleta

Em 1997, foi proposta uma nova nomenclatura para a terminologia anatômica (partes do corpo). Desde então, devemos chamar o “ouvido” de orelha, a “amígdala do céu da boca” de tonsila, a “rótula do joelho” de patela. Você já ouviu essa nova nomenclatura? Ela existe há quase 20 anos e ainda não foi incorporada. Consegue perceber que é muito difícil produzir mudanças na língua? Saussure afirma que só após um bom tempo e com um grande grupo de falantes (até mesmo por gerações, após um período de 100 anos, aproximadamente!) é que se produz uma alteração na língua. Pelo jeito, ainda vai demorar um bom tempo para que a nova terminologia médica seja incorporada em nosso cotidiano!

Estudamos nesta seção o trabalho científico de Ferdinand de Saussure, linguista de grande renome que trouxe uma nova perspectiva aos estudos sobre a linguagem humana, mais especificamente sobre a língua, proporcionando uma nova compreensão de sua funcionalidade. Além de definir, claramente, a diferença entre linguagem, língua e fala, Saussure definiu o que é um signo linguístico, constituído a partir da associação entre significado (conceito) e significante (imagem sonora). Por fim, enfocou a propriedade da arbitrariedade da língua, compreendendo que ela se manifesta de forma imutável e durável, sendo necessário mais cem anos para que alguma modificação seja incorporada à língua.

Desta forma, podemos compreender o quanto é importante a existência de estudos científicos e acadêmicos sobre a linguagem. Conhecendo estes estudos, o profissional da área da linguagem terá condições de trabalhar questões significativas da língua, como, por exemplo, valorizar a expressão oral como base da aquisição da linguagem escrita. Conhecer a estrutura e o funcionamento da língua são pré-requisitos para o desenvolvimento não só de atividades educacionais, como também para a prática clínica, daí a importância de se aprofundar neste campo de conhecimento: a Linguística. Grandes áreas da pesquisa, como a fonoaudiologia, a psicologia e a neurociência têm empregado estudos descritivos e analíticos da linguística. Em suma: a linguagem é a via de comunicação dos seres humanos e, por este motivo, deve ser constantemente investigada, trazendo elementos fundamentais para a atuação consciente do professor.

Sem medo de errar

A situação-problema proposta nesta seção é fazer uma orientação aos pais, para que você, enquanto fonoaudiólogo, justifique a importância de uma avaliação profissional na área de linguagem e da fala para esta criança.

Uma boa forma de você começar esta orientação é comentar a diferença entre linguagem, língua e fala, para que os pais compreendam que a dificuldade pode estar relacionada a uma questão de língua, devido à situação de bilinguismo em que a criança vive, ou a uma questão individual, particular, de produção de fala. É importante que você exemplifique o significado de cada um destes conceitos, apontando que um bebê, ao nascer, já possui a capacidade de desenvolver a linguagem e que essa linguagem é expressa na forma de uma língua, manifestação da cultura de um grupo social. Neste caso, a criança foi exposta a duas línguas diferentes, isso significa que a criança bilingue precocemente pode demorar um pouco mais para desenvolver a linguagem oral, apesar de que dados de literatura apontam que bilingües devem apresentar um desenvolvimento semelhante aos monolíngües, podendo diferir apenas em relação ao uso de uma língua no contexto correto.

Você deve alertá-los que desenvolver a capacidade de se expressar de acordo com a língua oficial de uma sociedade já é um enorme

aprendizado, e as crianças são capazes disso aos três anos de idade, aproximadamente. Valorize a importância de os pais estarem sendo orientados por um profissional especializado em linguagem, já que Ana Maria está um pouco aquém quando comparada às crianças de sua idade. Pense no que pode estar ocorrendo na mente da criança em relação ao reconhecimento e ao uso dos signos linguísticos nas línguas inglesa e portuguesa.

Ressalte que a capacidade da fala é surpreendente, pois desenvolver a linguagem não se trata apenas de uma repetição de palavras sem sentido, mas que toda a palavra emitida é, na verdade, um signo linguístico, composto por um significado (conceito) e um significante (imagem sonora). Nesta seção, você analisou dois signos linguísticos: “maçã” e “felicidade”. Você pode escolher outra palavra para usar como exemplo para os pais de signo linguístico. Por exemplo, pode usar a palavra “mãe” ou “escola” na sua produção, a exemplo de como fizemos nesta seção.

Fale também dos últimos estudos em linguagem, bilinguismo e desenvolvimento. Os últimos estudos referem que há uma variabilidade de resultados quando comparam habilidades linguísticas das crianças bilíngues precoces. O que resulta na dificuldade dos fonoaudiólogos em terem padrões de comparação para evidenciar o que é típico e o que é patológico. Sabe-se que bilíngues podem demorar um pouco mais para adquirir as duas línguas, e que é preferível que pais de diferentes culturas e línguas estimulem o bilinguismo. Os pais ficam muito seguros quando o fonoaudiólogo aborda questões atuais e novos conhecimentos.



Atenção

Neste momento, é muito importante que você entenda que a o sistema de comunicação que empregamos mais comumente – a língua – é a base de toda a aprendizagem humana. Sem ela, não conseguimos aprender conceitos, explicar teorias, compreender e ser compreendido. Mesmo as pessoas que nascem surdas precisam de uma língua para se comunicar, e, para isso, usam a língua de sinais. Faça uma pesquisa sobre o desenvolvimento de linguagem em crianças bilíngues.

“Signo linguístico?”

Sua turma acabou de estudar a Seção 1.2, intitulada Teoria linguística de Ferdinand de Saussure. Você compreendeu bem a importância de Saussure e sua contribuição para a definição dos conceitos de linguagem, língua e fala. Você até compreendeu muito bem o que quer dizer um signo linguístico, o que representa um significado e o que é um significante. Porém, o mesmo não ocorreu com todos os seus colegas e um deles, em particular, pediu sua ajuda. Você não vai se furtar a ajudá-lo, até porque sabe que, quanto mais se exercitar, mais aprenderá sobre a linguagem, língua e fala, bem como signo linguístico, significado e significante.

Seu amigo tem um pedido muito específico: que você comece com um exemplo e derive à teoria explicativa. Além disso, pede que você crie um exercício para que possa fixar seu conhecimento. Seu desafio é explicar ao seu colega o que é linguagem, língua e fala e o que é signo linguístico, significante e significado a partir de exemplos. Você pode criar uma apresentação, fazer um esboço, escrever um texto.



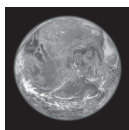
Lembre-se

A linguagem é uma capacidade do ser humano de conseguir se expressar e compreender, mas ele pode fazer isso de várias formas: com as expressões, com os desenhos, com a linguagem oral etc. A língua é um conjunto organizado de palavras, que segue uma determinada norma para um coletivo de pessoas, permitindo que um enunciado seja manifestado claramente, de forma objetiva e com precisão. Já a fala é algo pessoal, pois o indivíduo escolhe elementos da língua para expressar sua forma de pensamento, suas necessidades, seus interesses etc. É o modo individual do uso da linguagem e da língua. Por fim, signo linguístico é a associação entre o significado (conceito) e o significante (imagem sonora).

Resolução da situação-problema

Uma forma simples de você resolver este desafio é apresentar um ditado popular em vários formatos. Observe esta brincadeira e tente descobrir o ditado popular, expresso pela combinação das quatro figuras:

Figura 1.1 | Ditado popular



A



B



C



D

Fonte :

A: Disponível em: <<https://goo.gl/UqBzcX>>. Acesso em: 12 maio 2016.

B: Disponível em: <<https://goo.gl/XBrCw2>>. Acesso em: 12 maio 2016.

C: Disponível em: <<https://goo.gl/ZSZp4D>>. Acesso em: 12 maio 2016.

D: Disponível em: <<https://goo.gl/J3PnmP>>. Acesso em: 12 maio 2016.

Você já deve ter entendido que o ditado expresso nas imagens é: “Em terra de cego, quem tem um olho é rei”, que quer dizer, no meio de ignorantes, quem tem um pequeno conhecimento acaba dominando a situação.

Vamos observar do ponto de vista da linguagem: escolhe-se uma forma de expressar a mensagem, esta forma pode ser por imagens, o que chamamos de linguagem visual. Também pode-se escolher escrever esta mensagem, trata-se da linguagem escrita e se for falada, chamamos de linguagem oral. Do ponto de vista da linguagem oral, não podemos usar qualquer emissão de sons para expressar nosso pensamento. É preciso escolher as palavras comuns ao nosso grupo social, portanto empregamos a língua (portuguesa, no nosso caso). O ditado pode ser expresso na forma mais convencional: “Em terra de cego, quem tem um olho é rei”, mas pode ser expresso também de forma mais pessoal: “na terra de cegos, quem tem um olho só já é rei”. Quando escolhemos termos de forma pessoal para nos comunicar, estamos tratando da fala.

Agora, veja só: pense na imagem da coroa, cujo significado, neste contexto, é “rei”. Rei é um signo linguístico composto por um significado (conceito: poder, dono, dominante, rico, chefe etc.) e por um significante (imagem sonora – sons exclusivos associados a este conceito). Não fica mais simples entender assim? E o olho? Não é a mesma ideia?



Faça você mesmo

Agora, procure descobrir os ditados populares abaixo, relacionando-os com a definição de linguagem, língua, fala, signo linguístico, significado e significante:

Figura 1.2 | Ditado popular 2



A



B



C



D

“Cavalo dado, não se olha os dentes”

☞ X não ✖

“Em boca fechada não entra mosquito”

Fonte

A: Disponível em: <<https://goo.gl/4XeXEG>>. Acesso em: 12 maio 2016.

B: Disponível em: <<https://goo.gl/rbKGA9>>. Acesso em: 12 maio 2016.

C: Disponível em: <<https://goo.gl/ZvxtYZ>>. Acesso em: 12 maio 2016.

D: Disponível em: <<https://goo.gl/cXGkrz>>. Acesso em: 12 maio 2016.

Faça valer a pena

1. Considere:

I- Linguagem é a capacidade que o ser humano tem de se comunicar por meio de uma língua.

II- Língua é a forma culta desta expressão.

III- Fala é a forma coloquial desta expressão.

- a) O que se afirma em I, II e III está correto.
- b) O que se afirma em II e III está correto.
- c) O que se afirma em I e III está correto.
- d) O que se afirma em I está correto.
- e) Nenhuma afirmação está correta.

2. Com relação ao signo linguístico, estão corretas:

I) É associação de duas facetas: o significado e o significante.

II) A imagem acústica é o significado da palavra.

III) A imagem acústica é o significante da palavra.

IV) O conceito é o significado da palavra.

V) O signo linguístico é construído de forma arbitrária.

- a) I, II, V.
- b) I, II, IV, V.
- c) I, III, IV, V.
- d) III, IV, V.
- e) Todas estão corretas.

3. Classifique V para as sentenças verdadeiras e F para as falsas e assinale a alternativa que apresenta a sequência CORRETA:

() Em se tratando do signo linguístico, se considera que o significado é o conceito e o significante é a imagem sonora.

() O signo linguístico é a fusão arbitrária do material concreto que se quer nomear com alguns sons previamente escolhidos pela elite cultural.

() A arbitrariedade no emprego de sons para definir um significante faz parte das pesquisas no campo da linguística.

a) V – V – V.

b) V – V – F.

c) F – V – F.

d) V – F – V.

e) F – F – V.

Seção 1.3

Funções da linguagem

Diálogo aberto

Parabéns! Você já venceu duas etapas da Situação Geradora da Aprendizagem (SGA), o desafio proposto para estimular sua aprendizagem. A SGA desta unidade trata de um caso que você recebeu em seu consultório, uma criança de 3 anos de idade que não fala, faz alguns sons e gestos para se comunicar. A primeira parte da consulta fonoaudiológica foi fazer uma anamnese com os pais da criança. Os dados relevantes da história que os pais começaram a contar são: pais de diferentes nacionalidades e escola bilingue. A segunda parte da consulta foi orientar os pais e convencê-los a realizar a avaliação fonoaudiológica.

Nesta aula, a situação-problema proposta é escrever um protocolo de observação direta, isto é, preparar três atividades para a observação da criança em seu consultório. Aqui, seu objetivo, portanto, é preparar esse protocolo pensando no modelo de comunicação mais estudado e mais utilizado, de modo a explicitar que, mesmo crianças muito pequenas, que não falam, empregam este modelo, utilizando as funções de linguagem desde cedo.

Desta forma, o protocolo de avaliação deve conter:

- a) Funções de linguagem da criança em desenvolvimento.
- b) Modelo de comunicação empregado por crianças.

Os objetivos propostos na Seção 1.3 são: conhecer o modelo de comunicação delineado por Roman Jakobson, conhecer as funções de linguagem, refletir sobre o uso destas habilidades por crianças desde muito cedo e perceber a importância destes conhecimentos para o fonoaudiólogo. Estes são os pontos importantes para você resolver a terceira situação-problema.

Agora, mãos à obra! Faça a leitura desta seção, amplie seus conhecimentos, pesquisando as referências indicadas e outras que sejam complementares, visite sites e assista aos vídeos indicados.

Não pode faltar

Ao longo das duas primeiras seções, descobrimos que a linguagem é a capacidade humana de se comunicar e que possui características próprias. Você estudou também a diferença entre linguagem, língua e fala, e entendeu que para que a língua cumpra sua função social no processo de comunicação, é necessário que as palavras tenham um significado, ou seja, que cada palavra represente um conceito. Assim, foi concebida a ideia de signo linguístico como a combinação entre a palavra escrita ou falada e o conceito: *o signo linguístico é utilizado para representar um conceito (que pode ser uma ideia, um objeto, um sentimento etc.) e é formado por um significado associado a um significante.*

Muito bem! Agora você deve estar se perguntando como é que as pessoas conseguem estabelecer diálogo? De que forma o ser humano é capaz de estabelecer um processo de comunicação? Basta ter a capacidade de desenvolver a linguagem e empregar o signo linguístico? Isto é suficiente para transmitir uma informação e é certo que a informação transmitida será compreendida pela outra pessoa?

Preocupado em esclarecer estes pontos, o russo Roman Jakobson e alguns colaboradores desenvolveram estudos neste sentido, chegando a delinear o modelo de comunicação que nós, seres humanos, empregamos. Ele estudou particularmente a linguagem verbal.



Assimile

Há duas modalidades de linguagem: a linguagem verbal e a linguagem não-verbal. A **linguagem verbal emprega palavras e pode ser escrita ou falada**. A linguagem não-verbal emprega imagens, sons, gestos, sinais, desenhos, expressões faciais, entre outras formas de expressão.

Jakobson nasceu no ano de 1896 e faleceu em 1982, sendo produtivo até os últimos dias de vida. Viveu em vários países e foi colaborador em diversas universidades, o que permitiu que tivesse acesso a muitas pesquisas e inovações em sua vivência acadêmica.

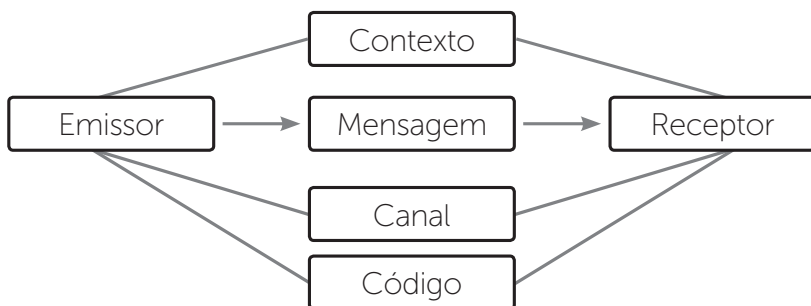
Ao longo da vida, foi fortemente influenciado pelas pesquisas de Saussure, pela cibernética e, por fim, pela pesquisa em matemática e comunicação. Dedicou-se à análise da estrutura da linguagem, da poesia e da arte. Uma de suas grandes contribuições para a Linguística foi propor um modelo explicativo para o processo de comunicação, apresentado a seguir.

Figura 1.3 | Roman Jakobson



Disponível em: <<https://goo.gl/m8qzy8>>. Acesso em: 12 maio 2016.

Figura 1.4 | Esquema de comunicação



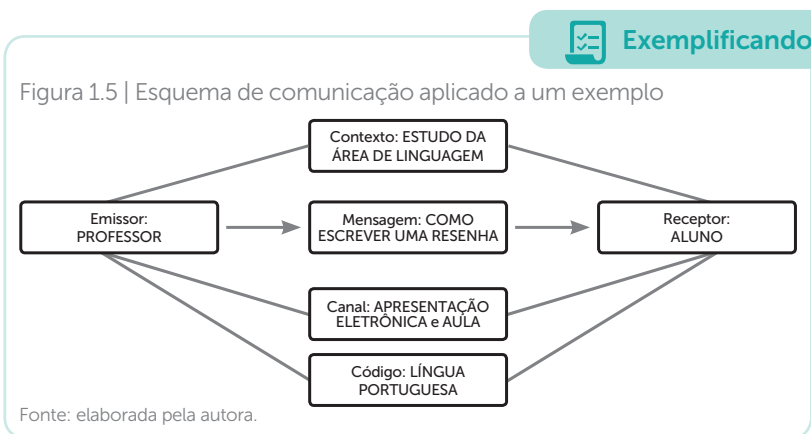
Fonte: elaborada pela autora.

Pode-se explicar este gráfico da seguinte forma:

O presente gráfico exemplifica a comunicação na sua forma mais simples, com apenas dois elementos: o *emissor*, que envia uma *mensagem* ao *receptor*, que a recebe. Para que haja comunicação, é preciso um *contexto* comum, ou seja, emissor e receptor devem ter o mesmo referencial, caso contrário, não se entenderão, a mensagem/

comunicação não terá efeito. Também é preciso que esta mensagem seja expressa de acordo com um código, ou seja, um conjunto de signos e a combinação destes signos entre si. Lembra da ideia de signo linguístico? Pois é isso mesmo! Estamos tratando aqui de uma língua. No caso deste esquema, o código representa uma língua comum ou parcialmente comum aos dois participantes. Inicialmente, o canal representava um contato físico e uma conexão psicológica entre emissor e receptor, como ondas sonoras na fala do emissor que são captadas pela orelha do receptor. Atualmente, o canal é compreendido como o suporte que faz a mensagem chegar ao receptor, tal como uma carta, um e-mail, uma revista, um jornal, a televisão, o rádio, o telefone e até mesmo o WhatsApp pode ser considerado um canal.

Vamos ver um exemplo?



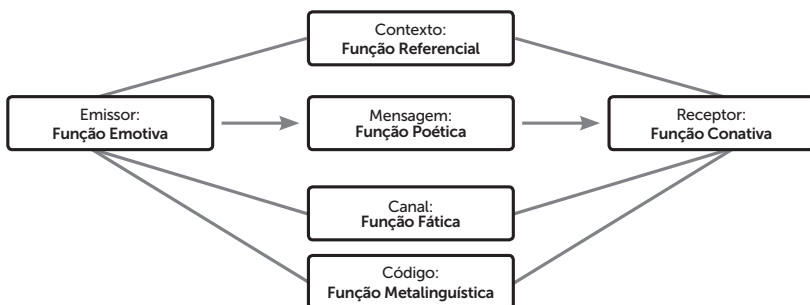
Refleta

O esquema proposto por Jakobson é o esquema mais simples, envolvendo apenas duas pessoas ou dois extremos (emissor e receptor). O que você acha que acontece quando há um emissor e vários receptores? O esquema pode ser mantido?

Apesar de o esquema ter sido elaborado para um processo muito simples, no qual exista apenas um emissor e um receptor, não há diferença, caso os receptores sejam um grupo, bem como não há diferença se houver mais de um emissor. Porém, é preciso que o contexto, o canal e o código sejam comuns.

Roman Jakobson foi mais longe e aprofundou sua construção. Ele entendeu que não existe comunicação sem uma intenção. Se não há nada para ser apresentado, discutido, negado, negociado, apreciado, não há necessidade de comunicação. Portanto, todo o processo comunicacional tem uma função. As funções comunicacionais são ligadas a um dos componentes do esquema de comunicação proposto. Vamos conhecê-las?

Figura 1.6 | Esquema de comunicação e função da linguagem



Fonte: elaborada pela autora.

Função emotiva: centrada no emissor, tem como objetivo a expressão direta de quem fala; sugere sempre uma mensagem emotiva, normalmente expressa em primeira pessoa (eu) e geralmente composta por interjeições, adjetivos e/ou advérbios. Aparece em músicas, relatos pessoais, depoimentos, autobiografias, entrevistas, críticas subjetivas, portanto, associadas à uma impressão pessoal. São exemplos: “Não falarei nada que possa deixar esta situação pior do que está”; “Vou morrer de fome!”; “Eu quero muito muito muito este brinquedo!”.

Função poética: centrada na própria mensagem, é como se a mensagem estivesse voltada a si mesma. A grande preocupação é com a construção estrutural e quase que concreta da mensagem. Aparece normalmente em textos literários e em poesias, no campo da publicidade e em alguns trechos de músicas. Nessa função, são ressaltados elementos como sonoridade das palavras, exploração dos sentidos pelo uso de figuras de linguagem, formas das palavras e das letras, como na poesia concreta (cf. obras dos irmãos Haroldo de Campos e Augusto de Campos). Um exemplo muito conhecido:

Era uma casa	Porque na casa
Muito engraçada	Não tinha chão
Não tinha teto	Ninguém podia
Não tinha nada	Dormir na rede
Ninguém podia	Porque na casa
Entrar nela, não	Não tinha parede (...)

Fonte: Moraes (2016).

Função conativa (ou apelativa): função orientada no receptor tem como objetivo dar ordens ou conselhos ao receptor, normalmente trazendo argumentos de persuasão. É muito comum em propagandas. Emprega regularmente a 2ª pessoa (tu/você), vocativos e o verbo normalmente aparece no imperativo. São exemplos: “Compre Baton!” (Propaganda do chocolate Baton, em que uma criança tenta convencer sua mãe a comprar o chocolate usando a hipnose); “Ei, você! Não perca esta promoção!”.

Função referencial (denotativa): são mensagens associadas ao contexto, são mensagens claras e sem ambiguidades. Normalmente emprega a terceira pessoa (ele, ela) e são encontradas em noticiários (mensagens objetivas), textos acadêmicos, livros didáticos etc. São exemplos: “Energia é igual à massa vezes a velocidade da luz ao quadrado – $E=mc^2$ ”; “Meu amiguinho caiu na escola hoje”.

Função fática: são mensagens utilizadas para abrir, manter, fechar e, até mesmo, verificar se o canal está em funcionamento. Chama a atenção do receptor e o deixa em alerta. Veja exemplos: “1, 2, 3, testando” – para testes de microfone; “Alô? Está me ouvindo?” – Atendendo ou falando ao telefone. As chamadas televisivas para início e fim de programação (novelas, jornal etc.) também são exemplos dessa função: “O jornal iniciará em alguns segundos”.

Função metalinguística: nesta função, o emissor emprega o código para explicar o próprio código, por exemplo, quando um professor explica algum conteúdo de Língua Portuguesa usando a própria Língua Portuguesa, ou ainda, quando se escreve um texto

para explicar outro texto. Veja: “Frase é uma construção linguística que possui um sentido completo” – aqui usamos uma frase para explicar uma frase.



Pesquise mais

Em 1960, Roman Jakobson escreveu seu livro mais famoso, chamado “Linguística e comunicação”. Abordando a relação entre linguagem e comunicação, passando pelas artes e pela poética. Aqui você encontrará um detalhamento sobre as funções da linguagem.

Fonte: Jakobson (2015).

Você pode perceber que usamos a linguagem com diferentes propósitos: para expressar o que estamos sentindo, para convencer o outro, para manter o canal de comunicação aberto, para trabalhar a linguagem, explorando recursos que afetem os nossos sentidos. Logo, não podemos afirmar que o único objetivo da linguagem é transmitir informações, pois como você acabou de estudar, realizamos muito mais, dependendo do modo como a utilizamos. Vale a pena ressaltar que um texto pode apresentar mais do que uma função de linguagem, mas sempre há a predominância de uma determinada função.

Por isso, é importante conhecer a estrutura da comunicação e as funções da linguagem, para que possamos ter ações e atitudes mais efetivas tanto como alunos, sendo capazes de nos comunicar com mais eficácia, explorando todas as possibilidades da linguagem nos textos que produzimos, tanto orais quanto escritos. A capacidade de comunicação é essencial em nossa formação profissional, pois é preciso conseguir se comunicar para entender os diversos pontos de vista sobre um assunto, para poder ponderar, para conseguir argumentar, expressar emoções e sentimentos, e também transmitir conhecimentos.

Agora você tem elementos para resolver a terceira situação-problema.

Sem medo de errar

Para resolver a situação-problema desta seção, você deve preparar um protocolo de observação direta, pensando no modelo de comunicação mais estudado e mais utilizado, de modo a explicitar que, mesmo crianças muito pequenas, que não falam, empregam este modelo, utilizando as funções de linguagem desde cedo.

Desta forma, o protocolo de avaliação deve conter:

- a) Funções de linguagem da criança em desenvolvimento.
- b) Modelo de comunicação empregado por crianças.

Uma boa forma de você começar esta etapa do trabalho é escrever que a observação deve ser realizada em um ambiente acolhedor, onde sejam estabelecidas situações lúdicas que propiciem a interação da criança.

É fundamental compreender os elementos que compõem o processo de comunicação e a intencionalidade subjacente, expressa com o nome de funções de linguagem. Neste protocolo, portanto, é necessário ter situações em que haja emissor e receptor e troca de turno. Um exemplo disso é uma brincadeira que simule um restaurante (contexto). Nesta atividade, é possível ter duas pessoas, uma pedindo o que vai querer para jantar (receptor) e a outra perguntando (emissor). Nesta brincadeira é possível identificar o código linguístico usado pela criança, através da mensagem que será transmitida. Escreva as perguntas que fará para a criança neste momento, como, "O que você vai comer hoje?" "O que deseja para beber?" "Você está com fome?". Prepare um material para que a criança, Ana Maria, possa apontar ou tentar falar sobre o que deseja, se for necessário.

Desenvolver a capacidade de se expressar de acordo com a língua oficial de uma sociedade e fazer isso de forma intencional é um enorme aprendizado, e as crianças são capazes disso aos 3 anos de idade, aproximadamente. Assim, espera-se que Ana Maria seja capaz de ter intenção comunicativa e que tenha em seu protocolo uma atividade que promova a intenção comunicativa. Faça uma brincadeira em que ela precise produzir algum som ou fazer algum gesto. Um

exemplo que permite isso é brincar de se esconder e achar, ou que use um telefone e imite conversar com alguém utilizando a função fática.

Você deve começar a explicar que a criança utiliza a linguagem para aprender. Faça alguma atividade que simule uma situação de conversa entre dois animais ou dois bonecos (ou fantoches) e verifique se ela imita seu comportamento.

Atenção

O conhecimento aqui tratado deve ser empregado com ética e seriedade. Conhecer os estilos de cada função de linguagem dá ao emissor o poder de coibir, constranger ou inferiorizar o receptor. Fique atento para não empregar, equivocadamente, este conhecimento. Hoje existem leis que proíbem o uso indiscriminado de propagandas comerciais para crianças, por exemplo.

Avançando na prática

"Arroba"

Leia o diálogo fictício entre um atendente de suporte técnico de informática e um cliente pedindo uma ajuda por telefone:

Toca o telefone.

O atendente atende e inicia a comunicação:

Suporte técnico: Bom dia! Em que posso ajudar?

Cliente: Realmente preciso de uma ajudinha. Estou escrevendo meu primeiro *e-mail*!

Suporte técnico: Excelente, mas qual seria o problema?

Cliente: Eu apertei a letra "a". Como é que eu faço o *circulozinho* em volta dela para fazer o tal arroba?

Supondo que você seja o suporte técnico, como ajudaria o cliente a resolver o problema, empregando o modelo de comunicação e as funções de linguagem apresentados nesta seção?

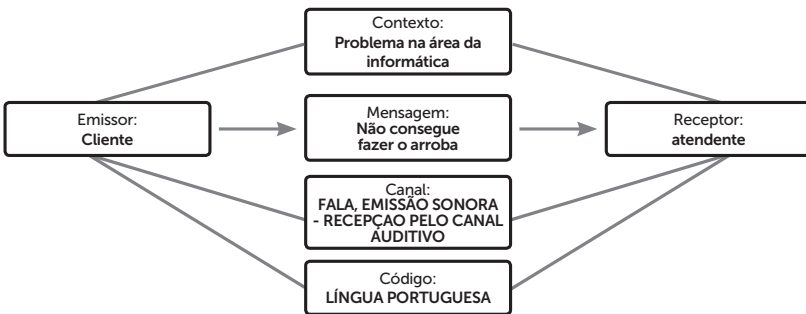


Uma comunicação entre emissor e receptor ocorre porque há uma intenção manifesta. Hoje conhecemos seis funções da linguagem, cada uma correspondendo a uma intenção. A função emotiva é centrada no emissor; a função poética é centrada na própria mensagem; a função conativa é centrada no receptor, para persuadi-lo; a função referencial é centrada no contexto; a função fática é centrada no funcionamento do canal; e a função metalinguística é centrada no código, que é empregado para explicar o mesmo tipo de código.

Resolução da situação-problema

Você pode resolver este problema preenchendo o quadro para compreender a comunicação:

Figura 1.7 | Esquema de comunicação aplicado



Fonte: elaborada pela autora.

Em seguida, pode ensaiar suas respostas, de acordo com cada função:

a) Função emotiva: fiquei triste agora por você não conseguir fazer o arroba. Se eu estivesse bem na sua frente, poderia apontar uma tecla específica do seu teclado, que é o próprio arroba. Como não estou aí ao seu lado, eu entendo que você deve apagar a letra "a" e apertar o arroba.

b) Função conativa: você é capaz de resolver isso! Preste atenção! Apague este "a" e procure o arroba no teclado. Ele já existe em seu teclado, é só olhar com atenção, localizar e apertar!

c) Função referencial: para usar o arroba, é só apertar a tecla correta, que fica no canto superior do teclado, provavelmente à esquerda.

d) Função fática: você disse arroba? Espere um momento, não desligue.

e) Função metalinguística: o arroba é um sinal criado para separar o nome do usuário de seu provedor, então um exemplo é joão@provedor-da-internet.com.br.



Faça você mesmo

Gostou desta atividade? Então faça o mesmo para o seguinte diálogo, entre mãe e filha, onde a mãe está aprendendo a enviar mensagens por celular e a filha precisa explicar que está tudo certo:

Tem alguma coisa errada com meu celular. Acho que minhas mensagens não estão sendo enviadas corretamente.

Como você tem tanta certeza disso?

Estão sim, mãe.

Como você preencheria o quadro com o modelo de comunicação?

Como responderia utilizando as seis funções de linguagem?

Faça valer a pena

1. Assinale a alternativa que corresponde aos elementos que compõem o modelo de comunicação proposto por Roman Jakobson:

- a) Signo linguístico – significado – significante.
- b) Linguagem – língua – fala.
- c) Comunicação – mensagem – diálogo.
- d) Emissor – mensagem – receptor – contexto – canal – código.
- e) Remetente – função – destinatário – local – posição – linguagem.

2. Associe as colunas dos elementos presentes no modelo de comunicação delineado por Jakobson com seu significado e assinale a alternativa que corresponde à sequência correta:

- | | |
|----------------|---|
| I- Emissor. | 1) Contato físico e conexão psicológica. |
| II- Mensagem. | 2) Conjunto de signos e suas combinações. |
| III- Receptor. | 3) Conteúdo. |
| IV- Contexto. | 4) Envia a mensagem. |
| V- Código. | 5) Referencial. |
| VI- Canal. | 6) Recebe a mensagem. |

- a) I(1) II(2) III(3) IV(4) V(5) VI(6).
- b) I(4) II(3) III(6) IV(5) V(2) VI(1).
- c) I(2) II(3) III(4) IV(6) V(1) VI(4).
- d) I(4) II(6) III(1) IV(2) V(5) VI(3).
- e) I(4) II(3) III(1) IV(5) V(2) VI(6).

3. Roman Jakobson associou uma função de linguagem a cada elemento que compõe o modelo de comunicação. As funções de linguagem propostas por ele são:

- a) Emotiva, poética, conativa, referencial, fática, metalinguística.
- b) Comunicar, falar, explicar, apontar, explicitar, desenhar.
- c) Emissor, receptor, mensagem, canal, código, contexto.
- d) Linguagem, língua, fala, comunicação, oratória, língua de sinais.
- e) Televisiva, oratória, linguística, visual, auditiva, mímica.

Seção 1.4

O funcionamento discursivo da linguagem

Diálogo aberto

Prezado estudante, parabéns! Você chegou na etapa final desta unidade!

Retome nossa Situação Geradora de Aprendizagem (SGA): você recebeu um caso clínico de uma criança de três anos de idade que não fala, faz alguns sons e gestos para se comunicar. A primeira parte da consulta fonoaudiológica foi fazer uma anamnese com os pais da criança. As perguntas que você fez aos pais deveriam ser muito bem elaboradas para que você começasse a pensar sobre os possíveis diagnósticos. Os dados relevantes da história que os pais começaram a contar foram: pais de diferentes nacionalidades e escola bilingue. Num segundo momento, você preparou uma devolutiva para os pais, convencendo-os da necessidade de uma avaliação fonoaudiológica. Na terceira sessão, você pensou em três atividades para conseguir avaliar a criança e perceber o desenvolvimento de suas habilidades comunicativas.

Nesta aula, a situação-problema proposta é escrever um protocolo de observação da criança, no ambiente escolar, em que você fará questões ao professor sobre as interações de Ana Maria na sala de aula e outros espaços escolares. Portanto, seu objetivo agora é preparar cinco questões sobre o processo de comunicação, a construção da linguagem e aprendizagem da criança, que englobem:

- a) Perguntas sobre o discurso da criança com crianças da mesma idade e o processo de comunicação estabelecido.
- b) Perguntas sobre como o professor estabelece contato com a criança e como ele avalia sua aprendizagem.
- c) Perguntas sobre o material (brinquedos) utilizado e os temas (projetos) que serão abordados neste semestre.

Para resolver a situação-problema desta seção, você precisará compreender como a linguagem é expressa através do discurso e

como as práticas discursivas são determinadas por uma ou mais ideologias e por práticas sociais. Assim, você aprenderá sobre os aspectos que influenciam a comunicação, tais como: vivência em grupos sociais, ideias e ideais, intencionalidade, entre outros.

Agora, mãos à obra! Faça a leitura desta seção, amplie seus conhecimentos pesquisando as referências indicadas e outras que sejam complementares, visite os sites indicados, assista aos filmes e realize os exercícios propostos.

Não pode faltar

Esta é a última seção da unidade que aborda os conceitos básicos dos estudos sobre a linguagem. Você aprendeu que a linguagem é uma capacidade do ser humano e que, embora outros animais sejam capazes de se comunicar, apenas a linguagem humana possui as características de arbitrariedade, dualidade, descontinuidade e produtividade. Você também conheceu um pouco das descobertas de Saussure, como: a diferenciação entre linguagem, língua e fala, além do conceito de signo linguístico como a combinação entre a palavra escrita ou falada e o conceito. Em seguida, conheceu os estudos sobre trabalho de Jakobson, que explicou o modelo básico de comunicação. Sua maior contribuição, no entanto, foi definir que a linguagem não tem apenas a função de transmitir informações; fazemos muito mais por meio da linguagem. Assim, ele sistematizou seis funções de linguagem: emotiva, poética, conativa, referencial, fática e metalinguística.

Agora, nesta seção, o nosso foco é o discurso, que pode ser definido como toda atividade comunicativa entre interlocutores; atividade produtora de sentidos que se dá na interação entre falantes. O falante/ouvinte, escritor/leitor são seres situados num tempo histórico, num espaço geográfico; pertencem a uma comunidade, a um grupo e, por isso, carregam crenças, valores culturais, sociais, enfim, a ideologia do grupo, da comunidade de que fazem parte. Essas crenças e ideologias são veiculadas, isto é, aparecem nos discursos. Assim, "(...) não há discurso neutro, todo discurso produz sentidos que expressam as posições sociais, culturais, ideológicas dos sujeitos da linguagem" (BRANDÃO, 2009, p. 3).

Vamos entender isso melhor. Você sabe que a língua desenvolve-se a partir do signo linguístico, mas você se lembra do conceito de signo linguístico? Signo linguístico é a combinação entre o conceito e a palavra escrita ou falada (ou seja, signo linguístico = significado + significante). Um signo linguístico é criado sempre dentro de uma comunidade. O signo linguístico expressa uma ideia de uma determinada comunidade. Veja o exemplo do signo “pão”. Na comunidade de padeiros, “pão” significa o produto alimentar criado a partir da mistura de farinha, ovos, sal, água (podendo ter mais ingredientes), que é sovado e assado. Para outra comunidade, religiosa, o “pão” significa o corpo de Cristo. Já para as moças de antigamente, um “pão” era um rapaz bonito.



Exemplificando

Algo muito semelhante acontece com “gato”: representa um animal felino, para a maior parte das pessoas; mas para os antigos egípcios, o gato era uma encarnação divina; porém, também pode representar um namorado ou, na forma feminina: uma gata pode representar uma moça bonita. Para os astutos, “dar um gato” significa falsificar algo, tornar algo ilegal e até mesmo roubar.

Sendo assim, um signo linguístico é criado e permeado de sentido dentro de um grupo social e é transmitido por meio da interação social dos membros deste grupo (práticas sociais). Por esse motivo, a linguagem não é neutra, o discurso não é neutro: são instituições sociais carregadas de ideologias e funcionam tanto para integrar como adaptar indivíduos a um grupo social. Ao nascer em uma sociedade, é praticamente impossível não compartilhar de sua(s) ideologia(s), pois toda mediação e aprendizagem são feitas a partir de signos próprios dessa comunidade.

O discurso pode ser entendido como a linguagem em ação e, reflete a realidade de um grupo social, na medida em que a ordena e justifica. Também reflete as práticas sociais de uma determinada sociedade, pois condensa e materializa sua existência. É organizado na língua de uma determinada sociedade e manifestado pela fala dos indivíduos que compõem essa sociedade.

Ele veicula aspectos políticos e ideológicos de relações de poder, sendo utilizados para manutenção da classe dominante no poder. Isto

é feito de forma sutil e implícita nas práticas discursivas, muitas vezes mascarada. Veja, por exemplo, o ditado popular: “Deus ajuda quem cedo madruga”, incutindo a ideia de que é preciso ser um trabalhador obstinado e resignado, trabalhando desde muito cedo em termos de idade e em termos de horário, para realizar conquistas que não exigem tanto esforço de outras camadas sociais. Tal ditado popular pertence ao discurso capitalista.

Por outro lado, há estudos que ressaltam a dualidade do discurso: tanto pode ser utilizado como uma condição de perpetuação da ideologia em vigor, mas também pode ser empregado para revolucionar a sociedade, visto que o ser humano não é passivo e é capaz de lutar contra a ideologia das classes opressoras, utilizando o próprio discurso para despertar a consciência crítica dos integrantes da sociedade, como podemos ver no seguinte ditado popular, que se contrapõe ao ditado apresentado no parágrafo acima: “O sol nasceu para todos”, indicando que todos podem ter direitos a oportunidades, não apenas os integrantes das classes sociais dominantes.



Pesquise mais

Esse livro apresenta a análise da prática do discurso através da ótica de várias áreas do conhecimento, como linguística e sociologia. Sua abordagem é clara e sistemática e destaca que, ainda que o discurso reproduza a ideologia dominante, ele também pode ser empregado como enfrentamento dessa mesma ideologia, servindo, portanto, como agente de mudança social. Esta é uma leitura transformadora!

FONTE: FAIRCLOUGH, Normam. **Discurso e mudança social**. Brasília: Ed. UNB, 2008.



Assimile

O discurso é uma forma de comunicação, expresso na língua própria de uma sociedade, através da fala e/ou da escrita. Cada indivíduo organiza a própria linguagem para veicular o discurso. Assim, ele se torna a linguagem em ação.

Ao nascermos em uma sociedade, é óbvio que nosso pensamento vai tomando forma a partir da língua, expressa na fala, utilizada pelas pessoas que compõem essa sociedade. Desta forma, estamos imersos num ambiente repleto de ideias concebidas e formalizadas

a partir do discurso que a sociedade emprega (prática discursiva), utilizado sistematicamente em várias práticas sociais. As práticas sociais discursivas mais comuns ocorrem em conversas informais com familiares e amigos, em processos educacionais escolares, em propagandas, em noticiários.

As práticas sociais discursivas retratam, mesmo que de forma inconsciente, alguma ideologia, alguma ideia pré-concebida, assim o emissor é entendido como suporte de um discurso implantado e não como agente do discurso, pois reproduz os discursos que armazenou ao longo da sua vida. Por essa razão, alguns estudiosos como Bakhtin afirmam que o indivíduo não fala o que quer, mas fala o que a ideologia impõe que ele fale.



Pesquise mais

Nesta obra, Bakhtin discute o conceito de signo linguístico composto por um aspecto social e um aspecto ideológico (de certa forma contrariando a compreensão de Saussure), alertando-nos de que o pensamento individual não é capaz de criar uma ideologia (é preciso um grupo social), mas que a ideologia é capaz de criar o pensamento individual.

Fonte: Bakhtin (2009).

Considerar que somos controlados pela ideologia de uma camada social dominante é bastante limitante e traz uma perspectiva sem alternativa para os participantes da sociedade. A história da humanidade é marcada por conflitos e grupos sociais emergentes, que criam sua própria ideologia e a disseminam. Portanto, o discurso empregado em práticas sociais tem uma característica dupla: ao mesmo tempo que serve para fazer a manutenção da ideologia dominante, também tem a força e o poder de contrariar essa ideologia, a partir da intervenção de outro grupo social, que criará uma nova ideologia e lutará para implantá-la, disseminá-la e mantê-la no poder, pois é considerada melhor do que a anterior.

Quando tratamos de ideologia, falamos de crenças, valores e visões. Podemos entender, por exemplo, que o capitalismo expressa uma ideologia, bem como o socialismo e até mesmo o anarquismo. Podemos considerar também que os direitos humanos, estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU), através da Declaração

Universal dos Direitos Humanos, em 1948, expressam uma ideologia, acordada e convencionada por um grupo de países que têm como objetivo preservar a integridade e a dignidade do ser humano. Cada religião também possui sua ideologia, normalmente associada aos ideais de fraternidade e amor ao próximo.



Refleta

Você já parou para refletir sobre como uma ideologia nasce e é veiculada? Existem três etapas: a primeira ocorre quando um grupo de pensadores entram em acordo sobre uma determinada ideia ou postura; em seguida, ela é veiculada massivamente e, por fim, começa a fazer parte do senso comum. O exemplo mais clássico ocorreu na Revolução Francesa, quando a burguesia implantou e começou a pregar a ideia de igualdade de direitos a todos os homens e o livre comércio, contrariando a ideologia de poder da época, concentrada nas mãos da nobreza e do clero. A burguesia utilizou-se de comícios e da divulgação nas escolas que controlava. E hoje? O que conhecemos atualmente como burguesia pratica os princípios de igualdade, liberdade e fraternidade que pregou na época da Revolução Francesa? A burguesia mudou de papel nos tempos atuais? Quem é a burguesia atualmente e qual é a sua ideologia?

Da mesma forma que o discurso é a representação de uma ideologia, ele também é uma forma de ação, na medida em que as pessoas podem agir sobre o mundo e a realidade que as cerca. Embora as pessoas reproduzam os discursos que receberam durante toda sua vida, o ser humano é autônomo e criativo para mudar esses discursos, transformando sua realidade.

O local mais propício para o desenvolvimento do pensamento crítico acaba sendo o ambiente escolar e isto pode ocorrer desde a mais tenra idade, permitindo que as crianças expressem o que pensam, confrontem ideias e pensamentos e tomem decisões por si próprias. O ambiente escolar como o que conhecemos agora é uma prática social estabelecida há mais de cem anos com o propósito de propagar as informações e os conhecimentos adquiridos pela humanidade, bem como o espaço de produção de novos conhecimentos. Portanto, através da educação e do estímulo ao pensamento crítico que é possível enfrentar o discurso da ideologia dominante, criar novas percepções da realidade e transformá-la. Os estudos sobre ideologia normalmente não consideram o ser humano (e muito menos as crianças e os jovens) como sujeitos ativos na

sociedade, capazes de criar, naturalizar, instituir e transformar as relações de poder, remodelando e reestruturando o discurso.

Vamos chegando ao final dessa seção e também ao final dos conceitos básicos dos estudos da linguagem. Você descobriu que a linguagem não é neutra, o pensamento é estruturado de acordo com as ideologias impostas ao longo da vida do indivíduo e que o discurso, realizado em práticas sociais diversas, representa esta ideologia, sendo utilizado para manter as estruturas de poder da classe dominante. Como isso tem a ver com o desafio: explicar o(s) motivo(s) pelos quais a linguagem é, de fato, a melhor forma de desenvolvimento da aprendizagem?

Paulo Freire, em seu livro "Pedagogia do Oprimido", defende que educação é transformação, ou seja, permite ao indivíduo, em primeiro lugar, conhecer o espaço que ocupa na sociedade e transformar para melhor suas condições de vida. O autor entende que o objetivo maior da educação é conscientizar o aluno e esclarece que, quando camadas menos favorecidas da população frequentam a escola, são criadas as condições necessárias para a educação e para a transformação social. Portanto, quando uma escola valoriza a linguagem desde os anos iniciais, é porque entende que a linguagem é a principal forma de desenvolver aprendizagem, educação, e, conseqüentemente, a transformação. O desenvolvimento da linguagem se dá a partir de práticas que colocam os estudantes em posição de protagonistas do processo, permitindo-lhes discutir, debater, pesquisar, sistematizar, concluir e apresentar seus pontos de vista. A diversidade de material oferecido, bem como a possibilidade de se responsabilizar por algumas decisões são elementos constituintes da formação social ideal.



Pesquise mais

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

Freire aponta que a educação é a única forma do analfabeto enfrentar as condições de opressão impostas pelas classes dominantes. Uma leitura surpreendente! Você também pode encontrar o livro disponível, gratuitamente, no endereço. Disponível em: <<https://goo.gl/TG5ZgR>>. Acesso em: 11 abr. 2016. Site da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Navegue e encontre outras obras disponíveis para download.

Bem, agora você conheceu os conceitos básicos dos estudos da linguagem e tem elementos para resolver a quarta situação-problema.

Muito bem! Você chegou ao final da sua produção e na situação-problema da quarta seção deve produzir um protocolo de observação escolar, com perguntas direcionadas ao professor sobre o processo de linguagem e de aprendizagem da Ana Maria.

Um caminho possível para resolver esta questão é observar que a linguagem, mesmo sendo uma capacidade natural do ser humano, não é isenta de intenção e isso se manifesta no discurso oral ou escrito. Você deve saber que quando um bebê inicia o processo de desenvolvimento da linguagem, ele está imerso em um contexto da realidade, em um grupo social e em práticas sociais discursivas. Conforme vai aprendendo a se expressar, o bebê utiliza os elementos aos quais tem acesso, o que acaba correspondendo a uma dada realidade. Posteriormente, quando está maior, a criança e o jovem acabam se expressando de acordo com o discurso aprendido.

Então, as primeiras perguntas podem ser sobre o contexto escolar, quais brinquedos a criança utiliza, como ela brinca com outras crianças, como ela se comporta em momentos de música, como ela expressa que quer ir ao banheiro, entre outras. O discurso, compreendido como a linguagem posta em ação, deve fazer parte de seu protocolo. Nesse caso, Ana Maria não estabelece um discurso porque não fala, mas precisamos saber como é a interação dela com crianças de mesma idade, e com os professores. Faça perguntas sobre o vínculo que aluna estabelece na escola com os adultos e com as outras crianças, de que formas ela expressa sua intenção comunicativa, e se ela utiliza sons para tentar estabelecer diálogo.

A linguagem é considerada a melhor forma de desenvolver a aprendizagem. A escola, como espaço de transmissão cultural e de novas produções de conhecimento, é o ambiente propício para a valorização da linguagem e para a transformação social decorrente de novas práticas e descobertas, bem como para o enfrentamento da ideologia dominante. Nesse sentido, faça perguntas sobre os temas abordados, sobre as músicas cantadas, e sobre as atividades das quais ela participa. Não se esqueça de abordar sobre a língua falada em sala de aula, e em momentos fora da sala de aula, como no momento do intervalo.

O discurso é regido por um princípio fundamental: o dialogismo. Tal palavra vem de diálogo, conversa, interação verbal, isto é, supõe pelo menos dois falantes. Além disso, ao falar ou escrever, dialogamos com outros discursos já realizados, trazendo a fala do outro para o nosso próprio discurso.

Avançando na prática

“Por baixo do discurso na escola”

Você estava em um momento de lazer conferindo a sua rede social e se deparou com algumas afirmações, em uma postagem:

Porque a criança não gosta da escola:

- Minha mãe diz: ‘O trabalho da criança é estudar’, mas ela me enche de atividades de casa: lavar banheiro, ir ao mercado, cuidar do meu irmão. Eu não quero mais ir para a escola.

- Meu avô diz: ‘Estuda bastante para tirar nota dez’, mas o professor só coloca pegadinha na prova. Não adianta nada estudar.

- Meu professor diz: ‘Preste atenção que esse assunto cai na prova’, mas nunca cai tudo, vou é bagunçar!

Você entendeu que essa postagem estava relacionada com os assuntos tratados na seção 1.4 - O funcionamento discursivo da linguagem -, e resolveu trazê-la para discutir com seus colegas.

O desafio de vocês é:

1) Descobrir qual ideologia permeia os ditados populares:

a) “O trabalho da criança é estudar”.

b) “Estuda bastante para tirar nota dez”.

c) “Preste atenção porque este assunto cai na prova”.

2) Enfrentar a desmotivação dos alunos, apresentando novos argumentos de valorização da aprendizagem e do próprio ambiente educacional, enfraquecendo a ideologia subjacente.



Nem sempre somos explícitos quando falamos ou escrevemos alguma coisa; deixamos nas entrelinhas alguns sentidos velados que não temos a intenção de declarar diretamente, seja por causa da situação ou por que não queremos nos responsabilizar por eles, e deixamos por conta do receptor ou interlocutor a tarefa de construir os sentidos implícitos.

Resolução da situação-problema

Nossa primeira reação é concordar com a argumentação da criança, pois os argumentos dos adultos nos parecem falhos e sem sentido para os tempos atuais, levando à desmoralização completa do ambiente escolar. Entretanto, conhecer a ideologia subjacente pode nos ajudar a criar argumentos que valorizem a aprendizagem e o ambiente escolar.

Podemos entender que a ideologia que permeia os três ditados populares é a do capitalismo, pois exacerba o trabalho como uma obrigação natural (“o trabalho da criança é estudar”, assim como o adulto também deve trabalhar), esvaziando o sentido de trabalho na luta de classes, induzindo a criança a não valorizar o trabalho. Assim como o ditado “estuda bastante para tirar nota dez” também remete a uma recompensa pelo trabalho (assim como o trabalhador espera sua remuneração no final do mês). Por fim, a última frase “Preste atenção porque este assunto cai na prova” é uma forma de obter silêncio, obrigar os alunos a ficarem atentos e espalha a cultura do medo, desprezando a capacidade de pesquisa e aprendizagem dos alunos.

Isto só não basta, é preciso reverter essa visão de abandono e desmotivação. Uma possibilidade de resolver a segunda questão é reescrever as frases, mudando seu contexto:

- Minha mãe diz: ‘O poder da criança está em estudar’, pois ela acredita que a educação pode transformar o mundo!

- Meu avô diz: ‘Estuda bastante para não ser explorado’, assim, mesmo que o professor só colocar pegadinhas na prova, sei que tenho condições de superar!

- Meu professor diz: 'Preste atenção que este assunto cai na prova', e eu vou prestar mesmo, não porque vai cair na prova, mas porque aprender me faz ser mais inteligente e permite que eu melhore minhas condições!



Faça você mesmo

Gostou de avançar na prática? A proposta agora é que você descubra a ideologia que permeia algumas crenças e ditados populares. Pesquise na internet a origem das crenças populares abaixo e procure uma forma de representá-los (ou reescrevê-los) adotando princípios que não sejam coercitivos:

- 1) Misturar leite com manga mata a pessoa.
- 2) Quebrar espelho traz sete anos de azar.
- 3) Abrir um guarda-chuva dentro de casa traz a morte.
- 4) Ler no escuro estraga a vista.
- 5) Comer bolo quente (ou gelatina quente) dá dor de barriga.

Você pode trabalhar em grupo!

Faça valer a pena

1. Logo no início do texto base, encontramos: "(...) a linguagem não é neutra: ela é considerada uma instituição social carregada de ideologias e funciona tanto para integrar como adaptar indivíduos a um grupo social. Ao nascer em uma sociedade, é praticamente impossível não compartilhar de sua(s) ideologia(s), pois toda mediação e aprendizagem é feita a partir de signos próprios dessa comunidade".

Com base no enunciado acima, verifique as afirmações a seguir e assinale a alternativa correta:

- I) A linguagem funciona como um veículo que transporta a ideologia dominante.
- II) Nossa sociedade é uma sociedade de classes. Apesar de serem distintos, os interesses das diversas classes sociais são comuns, por esse motivo, a ideologia é fundamental.
- III) A ideologia é um conjunto de visões, valores, ideias e formas de ação, que são disseminados pela classe social dominante.
- IV) A ideologia faz com que toda a sociedade aja de forma a garantir os interesses da classe que detém o poder, e para isso há mecanismos de disseminação da ideologia.
- V) A ideologia também é transmitida de maneira sutil e está implícita no discurso empregado em práticas sociais.

- a) Todas as afirmativas são corretas.
- b) I, III, IV e V são corretas.
- c) I, II e III são corretas.
- d) II, III, IV e V são corretas.
- e) I, II, III e IV são corretas

2. Leia as afirmativas a seguir e assinale a alternativa que corresponde às afirmativas corretas:

- I. O discurso é a linguagem em ação.
- II. Qualquer pessoa pode elaborar uma ideologia, construir um corpo teórico sem se basear na realidade vivida e sem uma comunidade para dar sustentação, desde que consiga discursar sobre isso em espaços sociais.
- III. O discurso reflete a realidade de um grupo social, na medida em que a ordena e a justifica. O discurso também reflete as práticas sociais de uma determinada sociedade, pois condensa e materializa sua existência. É organizado na língua de uma determinada sociedade e manifestado pela fala dos indivíduos que compõem essa sociedade.

- a) Todas estão corretas.
- b) I e II são corretas.
- c) II e III são corretas.
- d) I e III são corretas.
- e) Todas são incorretas.

3. Analise as afirmativas a seguir e assinale a alternativa correta:

- a) Ao nascer em dada sociedade, o indivíduo toma contato com a ideologia vigente, que aos poucos lhe é imposta através de práticas sociais e discursivas.
- b) As práticas sociais e discursivas são isentas de ideologia, são utilizadas apenas para vivência harmônica em sociedade.
- c) O objetivo maior da ideologia é garantir a harmonia e a tranquilidade da sociedade e, para isso, emprega práticas sociais e práticas discursivas.
- d) As práticas sociais não existem sem as práticas discursivas, portanto, ideológicas, e vice-versa.
- e) A prática discursiva deixa claro qual é a ideologia vigente e como é possível fazer para enfrentá-la

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BORNEMANN, N. B. de O. **Ferdinand De Saussure e o objeto da linguística**. Disponível em: <<https://goo.gl/Vo2wVU>>. Acesso em: 10 abr. 2016.
- BRANDÃO, Helena H. N. Analisando o discurso. In: **Museu da Língua Portuguesa**, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/GWLPmD>>. Acesso em: 18 abr. 2016.
- CARDOSO, Ana Carolina Simões. Linguagem, discurso e ideologia. In: **Linguagens e Diálogos**, v.1, n.1, p. 122-127, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/7VUr7K>>. Acesso em: 9 abr. 2016.
- CRYSTAL, David. **Pequeno tratado sobre a linguagem humana**. São Paulo: Saraiva, 2012.
- ELEMENTOS da comunicação e funções da linguagem 2**, Disponível em: <<https://goo.gl/nhnPrp>>. Acesso em: 25 mar. 2016.
- FONSECA, André Azevedo da. **Toda Educação é Política - Pedagogia da Autonomia, de Paulo Freire (Parte 2)**. Disponível em: <<https://goo.gl/nb87md>>. Acesso em: 5 abr. 2016.
- FRANCHETTO, B.; LEITE, Y. **Origens da linguagem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/YbBt35>>. Acesso em: 10 abr. 2016.
- GHIRALDELLI, P. **Ideologia**. Disponível em: <<https://goo.gl/xE8kwT>>. Acesso em: 10 abr. 2016.
- GROLLA, Elaine Bicudo. **A aquisição da linguagem**. Florianópolis: UFSC, 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/tcsaom>>. Acesso em: 15 fev. 2016.
- JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/y9LZrS>>. Acesso em: 10 abr. 2016.
- JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2015.
- MORAES, V. A casa. **Rio de Janeiro**: 1970. Disponível em: <<http://www.viniusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/casa>>. Acesso em: 20 mar. 2016.
- MUSSALIM, Fernanda. **Linguística I**. v. 1. p.152. Curitiba: IESDE Brasil SA, 2009.

O signo linguístico. Disponível em: <<https://goo.gl/aQ2HHH>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

PINKER, S. **O instinto da linguagem.** São Paulo: Martins Editora, 2004.

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas. **Saussure e a definição da língua como objeto de estudos.** ReVEL. Ed. especial n. 2, 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/GzHj9n>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

SANTEE, N. R.; TEMER, A. C. R. P. **A Linguística de Roman Jakobson: contribuições para o estudo da comunicação.** UNOPAR Cient., Ciênc. Human. Educ. Londrina, v. 12, n. 1, p. 73-82, jun. 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/hx6Kfb>>. Acesso em: 5 mar. 2016.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix, 2016.

VEJA CIÊNCIA. **A evolução da linguagem.** Disponível em: <<https://goo.gl/8wSW93>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

VIARO, Mário Eduardo. **Manual de etimologia do português.** São Paulo: Globo Livros, 2013.

Bases teóricas da aquisição da linguagem

Convite ao estudo

Prezado estudante, seja bem-vindo à nossa segunda unidade de ensino! A disciplina Aquisição e desenvolvimento da linguagem tem como objetivo levá-lo ao conhecimento dos conceitos e principais teorias relativas ao processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem, compreendendo sua importância na evolução da humanidade e no desenvolvimento social e educacional de crianças.

A disciplina é dividida em quatro blocos temáticos, lembrando que já estudamos, no primeiro bloco, os conceitos básicos dos estudos da linguagem e descobrimos que a linguagem utilizada entre os homens e as mulheres é bastante complexa, de natureza especificamente humana. Vimos também que a comunicação ocorre por meio da formalização de palavras escritas ou faladas que representam conceitos elaborados (significado) associados a sons específicos (significante). Descobrimos que para haver comunicação é preciso que haja uma mensagem, um emissor e um receptor, e que por meio da linguagem ocorre a veiculação de uma ideologia, materializada nas práticas sociais e discursivas. Agora, de posse desse conhecimento, você deve estar se perguntando: "Tudo bem, mas como é que as crianças aprendem a falar efetivamente? Isso vem de dentro da cabecinha delas ou é ensinado por adultos?".

A segunda unidade "Bases teóricas da aquisição da linguagem", tem como objetivo apresentar as quatro teorias fundamentais que explicam a aquisição da linguagem por crianças. Você conhecerá grandes pesquisadores e suas contribuições para o estudo da linguagem e ainda terá

Prezado estudante, seja bem-vindo à nossa segunda unidade de ensino! A disciplina Aquisição e desenvolvimento da linguagem tem como objetivo levá-lo ao conhecimento dos conceitos e principais teorias relativas ao processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem, compreendendo sua importância na evolução da humanidade e no desenvolvimento social e educacional de crianças.

A disciplina é dividida em quatro blocos temáticos, lembrando que já estudamos, no primeiro bloco, os conceitos básicos dos estudos da linguagem e descobrimos que a linguagem utilizada entre os homens e as mulheres é bastante complexa, de natureza especificamente humana. Vimos também que a comunicação ocorre por meio da formalização de palavras escritas ou faladas que representam conceitos elaborados (significado) associados a sons específicos (significante). Descobrimos que para haver comunicação é preciso que haja uma mensagem, um emissor e um receptor, e que por meio da linguagem ocorre a veiculação de uma ideologia, materializada nas práticas sociais e discursivas. Agora, de posse desse conhecimento, você deve estar se perguntando: "Tudo bem, mas como é que as crianças aprendem a falar efetivamente? Isso vem de dentro da cabecinha delas ou é ensinado por adultos?".

A segunda unidade "Bases teóricas da aquisição da linguagem", tem como objetivo apresentar as quatro teorias fundamentais que explicam a aquisição da linguagem por crianças. Você conhecerá grandes pesquisadores e suas contribuições para o estudo da linguagem e ainda terá oportunidade de reelaborar seu conhecimento, qualificando-se profissionalmente.

Para se aprofundar nesta unidade, vamos propor uma nova situação geradora de aprendizagem (SGA). Os cursos de graduação no Brasil são dedicados à profissionalização dos estudantes, visando à formação e preparação para o ingresso

no mercado de trabalho. No caso de futuros fonoaudiólogos, o estágio é revelador: permite que os estudantes tenham contato com diversas situações que poderão vivenciar no futuro. Suponha que chegou o momento do curso de você realizar o seu estágio obrigatório e você foi aceito como estagiário em um centro de reabilitação multidisciplinar, que atende crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista (TEA). Sua primeira experiência nesse centro multidisciplinar foi acompanhar o atendimento fonoaudiológico de um menino. Neste momento a fonoaudióloga da instituição estava trabalhando os aspectos não verbais da comunicação, isto é, o olhar e a expressão facial. Para isso, a fonoaudióloga imprimiu figuras em que havia imagens de pessoas tristes, felizes, assustadas, zangadas, com medo, entre outros. A terapeuta e o paciente estavam na frente do espelho, tentando imitar essas expressões faciais, e cada vez que o Gabriel imitava corretamente as expressões, ele recebia um carimbo em seu caderno. Agora, você fará uma reflexão teórica acerca das situações e práticas observadas, fazendo um resumo do que é TEA e sua relação com o Behaviorismo.

Vamos lá! É hora de retomar e aprofundar seus estudos! Aproveite nosso convite e divirta-se nesta nova aventura sobre a aquisição e desenvolvimento da linguagem humana!

Seção 2.1

Abordagens empiristas de aquisição da linguagem

Diálogo aberto

Os objetivos desta seção são:

1. Compreender o que é uma abordagem empirista.
2. Conhecer as duas principais teorias pertencentes a esta abordagem: Behaviorismo e Conexionismo.
3. Identificar as ideias principais das duas teorias e refletir sobre exemplos que esclareçam cada uma delas.

Para apoiar sua aprendizagem, vamos retomar a SGA e apresentar uma situação-problema. A SGA proposta diz respeito ao estágio curricular, parte significativa na sua formação profissional. Suponha que é o seu momento de realizar o estágio, no qual vivenciará situações relacionadas ao que fará no futuro. O objetivo dessa fase do estágio é fazer uma reflexão teórica acerca das situações práticas observadas. Nesta seção, você elaborará um pequeno resumo sobre o TEA e o Behaviorismo.

O seu desafio é fazer um pequeno resumo relacionando a parte prática descrita na SGA e a parte teórica deste capítulo:

- Nesse resumo, relacione a atitude da fonoaudióloga do centro de reabilitação à teoria de Skinner.
- No resumo, tente também escrever um exemplo para cada uma das seis classes operantes verbais relacionando com a prática fonoaudiológica.

Nessa seção, você conhecerá a Teoria Behaviorista de Skinner e a Teoria Conexionista, ambas pertencentes à visão empirista, e você precisará desses conhecimentos para resolver a primeira situação-problema. Desejo a você uma excelente aprendizagem!

Não pode faltar

Ao se deparar com os estudos sobre aquisição e desenvolvimento da linguagem, você descobriu muitas coisas, entre elas que a linguagem humana é muito diferente da linguagem de outros animais, devido à flexibilidade e à versatilidade que somos capazes de empregar. A capacidade de criar e empregar signos linguísticos nos diferencia radicalmente das demais espécies. Nossa capacidade é tão distinta que, mesmo ao emitir uma simples mensagem, acabamos veiculando informações sutilmente implícitas. A linguagem pode ser empregada de várias formas e com vários sentidos.

Mesmo conhecendo as características e as propriedades da linguagem, ainda é importante perguntar: “Como é que se aprende a falar?”. Vários pesquisadores e cientistas já se debruçaram sobre esta questão e defenderam teorias fascinantes, de acordo com os conhecimentos disponíveis em cada época.

As principais construções teóricas sobre a aquisição e o desenvolvimento da linguagem aparecem na década de 1950, quando o mundo está se recuperando da Segunda Guerra Mundial. Apesar de um período muito sofrido para a humanidade, foi nessa época que se investiu muito em pesquisa e se permitiu a construção de grandes laboratórios. Isso ocorreu também no campo da Psicologia, que concentrava os estudos sobre inteligência e aprendizagem naquele tempo.

Vamos tratar de uma teoria importante no campo da psicologia, chamada Behaviorismo. A palavra behaviorismo deriva da palavra inglesa *behavior*, que significa comportamento. Esta teoria é agrupada na abordagem empírica, pois o empirismo parte do princípio de que todo o conhecimento provém da experiência do ser humano no ambiente em que vive.



Assimile

Abordagem empirista: parte do princípio de que todo o conhecimento provém, única e exclusivamente, da experiência do ser humano com o meio ambiente. Esse conhecimento é limitado ao que pode ser captado pelos órgãos dos sentidos ou deduzido por reflexão pessoal (introspecção) a partir das experiências vividas.

Assim, na abordagem empirista, o ser humano é compreendido como uma folha de papel em branco, que vai sendo preenchida a partir de suas experiências com o meio que o cerca, bem como suas observações a partir do que capta em suas experiências.

Por outro lado, nos anos 1940-1950, a psicologia vinha tentando se afirmar como teoria científica e procurando uma metodologia de pesquisa que sustentasse esse status. Nesse período, os estudos iniciados por John B. Watson e aprofundados por Ivan P. Pavlov chamaram a atenção. A modalidade de estudo e as premissas defendidas por esses cientistas foi chamada Behaviorismo (também conhecida como comportamentalismo) e parte do princípio que o comportamento humano é o objeto mais adequado para o estudo da Psicologia, pois pode ser observado e descrito de forma objetiva e rigorosa.

B. F. Skinner apropriou-se dessa teoria e tornou-se seu maior expoente, pois aprofundou e ampliou os estudos behavioristas nos anos 1950-1960. No Behaviorismo, são estudados os processos pelos quais o comportamento humano é modelado e reforçado (ou seja, o meio ambiente molda o indivíduo). A aprendizagem ocorre por recompensa e controle, em que deve haver um planejamento minucioso por parte dos envolvidos no processo de ensino. O uso de modelagem de comportamento é recomendado nessa teoria. Talvez a maior premissa behaviorista seja que o comportamento pode ser mudado por meio de treinamento, ou seja, a aprendizagem ocorre a partir de treinamentos e, com a divisão dos conteúdos em pequenas tarefas apoiadas com reforço positivo, as crianças podem aprender mais rápido conteúdos mais difíceis.

O conceito de condicionamento é central na Teoria Behaviorista. Condicionamento significa mudar um comportamento a partir de um estímulo dado à resposta recebida. Veja um exemplo:



Exemplificando

Você já deve ter ouvido a seguinte frase: "Na minha época, eu já sabia o que tinha que fazer apenas com o olhar do meu pai ou da minha mãe". Como isso se processou? A hipótese mais provável é que essa pessoa, quando criança, teve um comportamento social reprovável e foi castigada por isso,

sendo que, ao receber o castigo, o pai ou a mãe lançava um determinado olhar. Após algumas vezes sendo castigada e submetida a tal olhar, a criança aprendeu a interpretar o olhar dos progenitores, reprimindo o comportamento não aceito, não havendo mais a necessidade de castigo.

Os behavioristas entendem que um comportamento seguido de reforço positivo (recompensa) tende a ser mantido, já um comportamento seguido de reforço negativo (punição) tende a ser eliminado. Oras, você deve conhecer vários exemplos nesse sentido: ganhar uma estrelinha quando acerta a lição (observe que a preocupação não está em acertar a lição, mas sim em ganhar uma estrelinha), entregar o objeto desejado apenas se a criança disser “por favor”, cor negra associada à morte, tristeza e depressão... e assim outros tantos exemplos.

Para os behavioristas, a linguagem é um comportamento muito complexo e pode ser condicionado, dependendo, portanto, da experiência para ser adquirida. Compreende-se que a linguagem nada mais é que um comportamento aprendido por força do hábito. Nessa perspectiva, ela é construída a partir da interação da criança com as situações fornecidas pelo meio.

Para argumentar a favor do Behaviorismo, Skinner publicou um livro intitulado *Verbal behavior*, em 1957 (“*O comportamento verbal*”, editado no Brasil pela Cultrix/Edusp – última edição em 1978) e, nesse livro fez várias considerações, desenvolvendo a ideia principal de que o ser humano é capaz de produzir sons e todas as palavras emitidas “consideradas compreensíveis” são reforçadas; por outro lado, os sons não reconhecidos não são estimulados, de forma que são extintos. Novamente: quando um bebê começa a falar “mamá” logo lhe é ofertada a mamadeira (posteriormente, o termo “mamá” provavelmente será substituído por “quero mamar”). Ao passo que, se o bebê emitir sons difusos, nada lhe é ofertado. Assim se estabelece um condicionamento: ao falar corretamente (ou pelo menos compreensivelmente), a criança recebe o que pediu, ou recebe atenção ou ainda recebe afeto.

Não é só isso. Skinner aponta que a linguagem pode ser aprendida apenas por imitação, como ele entende que acontece com outras espécies, mas nós, seres humanos, além de aprendermos por imitação, somos capazes de dizer aos outros o que eles devem fazer. Assim, recebemos conselhos, percebemos e obedecemos às regras, damos atenção quando sofremos advertências. Para esse cientista, somos ajudados a desenvolver a linguagem a partir de estímulos, respostas e reforços que recebemos a cada tentativa de nos comunicar, ou seja, alguém sempre está nos dando algum retorno sobre nossa fala ou tentativa de fala quando somos pequenos, pois apenas a exposição ao ambiente não seria suficiente para que desenvolvêssemos um rico, extenso e complexo repertório como o nosso.

Em suas pesquisas, Skinner apontou seis classes de operantes verbais: mando, tato, ecoico, textual, transcrição e intraverbal.



Vocabulário

Operante verbal são atributos controladores de respostas verbais, ou seja, um conjunto específico de variáveis que procuram estabelecer algum tipo de resposta.

Mando é um tipo de operador verbal relacionado a condições emocionais do emitente. Nesse tipo de operador estão as ordens, os pedidos e os avisos. Por exemplo: "Por favor, me dê um copo de água" exprime a motivação pessoal de saciar a sede. O ouvinte provavelmente atende a solicitação e, neste caso, ao receber o copo de água se estabelece o reforço da fala. Outros exemplos de **mando**: "Que horas são?"; "Venha aqui!"; "Levanta desta cama agora!". Há **mandos** suaves: "Você pode me fazer a gentileza de dizer as horas?"; "Você pode me explicar o caminho correto?". E há **mandos** subentendidos: "Puxa, que frio!" - indicando implicitamente para alguém fechar a janela. Para Skinner, **mando** opera em função do emissor, uma vez que produz um reforçador (o copo de água, as horas, o comportamento do ouvinte, a janela sendo fechada) como consequência do operador verbal.

Tato opera em função de um estímulo externo **não verbal** (objeto, imagem, evento etc.). Ocorre quando uma criança vê um

gato, por exemplo, e exclama: "Gato!". O estímulo externo é o gato, o operante verbal **tato** é a exclamação "Gato!" e o reforço ocorre quando o adulto presente diz: "Muito bem, é um gato mesmo!". Imagine a situação: uma mãe vê seu filho se aproximando de uma tomada na parede. Imediatamente ela diz: "Choque!" e o bebê não coloca os dedinhos na tomada. Este é um exemplo do operador verbal **tato**. Para Skinner, este **tato** opera em função do ouvinte, pois permite a ele ter acesso a novas ou inesperadas informações.

Ecoico é um tipo de operador relacionado a um estímulo verbal que propõe a resposta também verbal de repetição. Por exemplo, ao ouvir "oi", a pessoa responde "oi". Este estímulo verbal pode ser oral ou escrito e trata-se de uma reprodução ou imitação.

O operante **textual** parte de um estímulo verbal impresso ou escrito e a resposta é uma emissão vocal. Assim, se um indivíduo vê uma placa pendurada em uma porta onde está escrito "Perigo" e ele diz "Não devemos ir por ali" ou ainda "Aqui se sugere que tomemos cuidado", significa que o estímulo escrito provocou uma resposta vocal correspondente.

Já o operante **transcrição** é o oposto ao **textual**. Significa que, ao ouvir um estímulo verbal oral ou escrito, o indivíduo reproduz com uma transcrição. Esse tipo de operante ocorre em ditados e cópias.

Por fim, o operante verbal **intraverbal** indica que um estímulo verbal (oral ou escrito) implica em uma resposta arbitrária, ou seja, ao ter acesso a um estímulo, a pessoa decide como vai dar a resposta. É assim que lemos um poema escrito e escolhemos recitá-lo ou copiá-lo. O operante **intraverbal** é utilizado em provas e exercícios matemáticos.

Assim, para B. F. Skinner, a aquisição da linguagem ocorre a partir das relações que a criança estabelece com a língua utilizada pela comunidade na qual convive. Essa aquisição é determinada pela qualidade e quantidade de uso da língua e, principalmente, pelos estímulos (operantes verbais) e reforços que as pessoas oferecem a essa criança.



Pesquise mais

Se você quiser conhecer mais sobre o Behaviorismo e a aquisição de linguagem, sugerimos a leitura do livro *Bloomfield e Skinner - Língua e Comportamento Verbal*.

O livro trata das bases teóricas empregadas por Skinner para escrever sua maior obra: *Verbal behavior*. O livro de Passos também apresenta a contribuição de Leonard Bloomfield, um dos maiores linguistas norte-americano fortemente influenciado pelo Behaviorismo.

Fonte: PASSOS, Maria de Lourdes. **Bloomfield e Skinner**: língua e comportamento verbal. Rio de Janeiro: Nau, 2004.



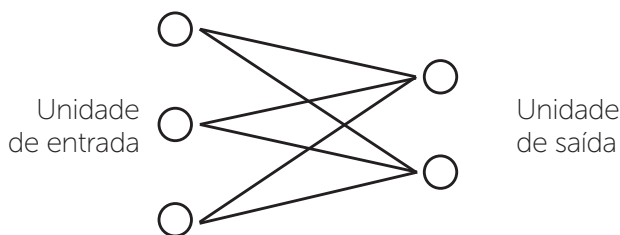
Refleta

Será que essa teoria consegue abarcar toda a complexidade relacionada à aquisição da linguagem? Pense: se a aquisição da linguagem se dá por reforço, o que acontece com os reforços contrários? Veja o exemplo: a criança diz "eu *cumi* todo arroz bife". E a mãe responde: "muito bem, muito bem mesmo!". Apesar do verbo estar em forma diferente da forma como é empregado por adultos e da ausência do conectivo "e" entre arroz-bife, a mãe utilizou um reforço positivo. Em outra situação, a criança vê uma motocicleta e diz: "olha, mãe, uma bicicleta!" e a mãe responde: "Não, filho, não é uma bicicleta", a construção verbal da criança está correta, porém recebeu um reforço negativo. Assim, a Teoria Behaviorista não consegue explicar que apenas os reforços positivos e negativos são suficientes para que a criança adquira a linguagem. Aparentemente, o adulto está mais preocupado em ensinar a criança do que em fazer com que ela aprenda a língua e suas regras. Porém, é fato que tanto no convívio familiar quanto escolar, utilizamos frequentemente os reforços positivos e negativos.

O Conexionismo é outra teoria que pertence à abordagem empirista de aquisição de linguagem e é estruturado nos anos de 1980, considerando os avanços nas áreas computacionais e neurocientíficas. A Teoria Conexionista tem como base a compreensão de que a aquisição da linguagem se dá em função da capacidade do cérebro de conectar neurônios, por este motivo o nome Conexionismo. Sendo

assim, é possível modelar sistemas computacionais que reproduzem os fenômenos mentais de aquisição de linguagem. Estes, utilizam termos como nós e redes para substituir sinapses e neurônios. A interconexão de nós forma uma rede e várias redes podem ser conectadas através de nós. Na representação computacional, temos unidades de entrada, unidades secretas e unidades de saída. Observe o esquema:

Figura 2.1 | Unidade de entrada e unidade de saída



Fonte: elaborada pela autora.

Nesta rede computacional, é feita uma primeira alimentação de dados e os nós são calibrados de acordo com as respostas esperadas. Assim, a primeira alimentação de dados pode ser feita com o verbo "comer" e seu passado "comi". Reforça-se a conexão entre "comer-comi" e inibe-se outra conexão. Assim, a rede aprende a relacionar "comer-comi". Após esta aprendizagem, incluem-se novos dados para verificar o que a rede faz. Ao incluir o verbo "correr", espera-se que a rede responda com "corri". Reforça-se essa conexão, para que a rede aprenda "correr-corri". Posteriormente, insere-se um novo verbo, só que dessa vez irregular: "fazer". A rede responde com "fazi", o que é esperado que faça. Então, insere-se a resposta "fiz" e calibram-se os nós: reforça-se a conexão entre "fazer-fiz" e inibe-se a conexão "fazer-fazi".

Após a introdução de muitos verbos e o "treinamento" da rede com a calibração dos nós, são introduzidos verbos regulares e irregulares, para verificar como a rede cria suas respostas. A quantidade de conexões fortalecidas e empobrecidas irá apontar de que maneira a rede reagirá a cada nova informação adicionada. A partir de cada inclusão e da calibração dos nós, a rede terá novas informações para generalizar respostas. O fato é que o sistema computacional generalizou da mesma forma que crianças pequenas

generalizam suas respostas: elas usam: “eu sabo”, “eu fazi”, “eu trazi”, no lugar de “eu sei”, “eu fiz”, “eu trouxe”. Depois de ensinadas, as crianças aprendem a forma convencional. Isso também ocorre com o sistema computacional.

O Conexionismo é uma teoria nova que demanda muitas horas de programação e testes, que ainda está em fase inicial e não se sabe até onde pode chegar. Nesse momento, o sistema ainda não consegue detectar e tratar da ambiguidade da língua como os seres humanos são capazes. Por exemplo: na frase “Maria assistiu ao filme de óculos”, cabem duas interpretações: “Maria usou óculos para assistir ao filme” e “Maria assistiu ao filme cujo tema era óculos”. O ser humano é capaz de perceber esta ambiguidade, mas o sistema computacional ainda não. Considera-se ainda muito cedo para descartar a Teoria Conexionista, embora ainda apresente necessidade de estudos com relação às particularidades e à complexidade das línguas.

As abordagens empiristas, representadas aqui pelas teorias Behavioristas e Conexionistas, são formas de compreender como se dá o processo de aquisição de linguagem e como correspondem a momentos históricos específicos. Podemos concordar com muitas proposições de Skinner, que realizou extensas pesquisas sobre o processo de aquisição da linguagem, porém percebemos que apenas reforços positivos e negativos não são os únicos responsáveis pela aprendizagem da língua, bem como os sistemas computacionais ainda não conseguem modelar toda a complexidade de nossa rede neural e as relações que estabelecemos para aprender.



Pesquise mais

Para conhecer mais sobre o Conexionismo, leia o livro *Rumo à psicolinguística conexionista*, organizado por Adriana Rossa e Carlos Rossa, publicado pela EDIPUCRS em 2004. Esse interessante material trata da criação de sistemas computacionais utilizados para modelar a cognição humana, mais especificamente os processos linguísticos.

Sem medo de errar

Nesta seção, como apontado no início, você deverá elaborar um pequeno resumo que relacione fatos observados relativos ao

comportamento da fonoaudióloga e do paciente e a teoria. E por que o seu desafio é fazer um pequeno resumo relacionando a parte prática descrita na SGA à parte teórica deste capítulo.

Explique, por exemplo, por que o ato de carimbar a agenda em resposta a um comportamento solicitado é um reforço positivo. O fato do paciente observado não imitar a expressão facial e não receber o carimbo é um reforço negativo.

TEA é um distúrbio do neurodesenvolvimento, caracterizado por déficits na comunicação social, interação social, comportamentos repetitivos e interesses e/ou atividades restritos.

A Teoria Behaviorista trabalha com a ideia de reforços positivos e reforços negativos, bem como com a ideia de operantes verbais, que são empregados para que a criança adquira e desenvolva a linguagem. Como reforço positivo, podemos citar qualquer situação em que a criança tem sua fala compreendida e uma ação ou fala positiva é realizada em seguida à sua fala, por exemplo: ao falar “aua”, o adulto dá a ela um copo de água – significa que seu pedido foi compreendido. Como reforço negativo entende-se o contrário. A criança fala “Olha o au-au” e o adulto repreende: “Não é assim que se fala, é cachorro o nome correto”.

Para resolver esta situação-problema, você deverá saber que as duas teorias apresentadas nesta seção correspondem a uma abordagem específica que explica os processos de aquisição de linguagem, chamada empirista.

Atenção

A abordagem empirista da aquisição da linguagem parte do princípio que todo o conhecimento na área provém da experiência da criança com o ambiente.

É importante lembrarmos dos operantes verbais que, na Teoria Behaviorista, são: mando, tato, ecoico, textual, transcrição e intraverbal. Você deverá escrever situações de comportamento verbal, como quando a fonoaudióloga, por exemplo, diz para seu paciente: “Bom dia!” e ele responde: “Bom dia!” (ecoico) ou ainda quando a professora mostra uma carta com a figura de um menino

e a criança diz: "Menino!" (tato). Não se esqueça de explicar o que está ocorrendo do ponto de vista da Teoria Behaviorista.

Já um exemplo simples do Conexionismo pode ser citado quando a fonoaudióloga pergunta: "Qual o nome de crianças que começam com 'ma'?" e o paciente responde "Maria, Mariana, Mateus, Mário, Madalena..." – a partir do nó "ma" formam-se várias conexões.

Agora você tem todos os elementos para resolver a primeira situação-problema. Lembre-se de explicar teoricamente os exemplos que você apresentar. Desejo a você um bom trabalho!

Avançando na prática

"Bigo"

Descrição da situação-problema

Seu amigo faz o curso de Licenciatura em Letras em outra instituição de ensino e seu professor passou a seguinte tarefa.

1) Leia o diálogo a seguir entre uma criança de quatro anos e sua mãe:

- | | |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none">– Mãe, posso ver o bigo?– O quê?– O bigo.– Que bigo?– Aqui, ó – diz a criança, ao mesmo tempo em que levanta a blusa mostrando o seu umbigo. Em seguida, abaixa a blusa. <p>A mãe diz:</p> <ul style="list-style-type: none">– Ah, o umbigo! Pode sim – a mãe levanta a blusa e dá risada. | <ul style="list-style-type: none">– Mas por que você está falando UM-bigo? (pronunciando com força a sílaba UM).– Porque o nome é umbigo.– E esse UMbigo (pronunciando com força a sílaba UM) é igual para todo mundo?– Todo mundo tem, mas o desenhinho é diferente para cada pessoa.– E esse bigo ou UMbigo, nasce assim? (pronunciando com força a sílaba "um" e fazendo cara de desprezo). |
|--|--|

– O que tem o umbigo? – pergunta a mãe, enquanto a criança está olhando.

– É bigo, mãe. O nome é bigo.
– a criança enfia o dedo no umbigo da mãe.

– Não. É umbigo. Chama umbigo.

– Só queria ver o bigo, mãe. Todo mundo tem bigo?

– Sim, todo mundo tem umbigo.

– Nasce sim, é um cordãozinho que liga a barriga do bebê na barriga da mãe, quando o bebê está dentro da barriga.

– E cadê o cordãozinho?

– Ele cai depois que nasce, aí fica o buraquinho do UMBigo (pronunciando com força a sílaba "um").

A criança se distrai com outra coisa e a mãe abaixa a blusa, retomando suas atividades.

Descreva o processo de aprendizagem da criança.

a) Como você explica o processo de aprendizagem de acordo com as premissas do Behaviorismo?

b) Quais reforços são observados e quais operantes verbais aparecem neste diálogo?

Seu amigo pede ajuda. Como você faria para ajudá-lo? Esse é seu novo desafio!



Lembre-se

Skinner aponta que a linguagem pode ser aprendida apenas por imitação, como acontece com outras espécies. Nós, seres humanos, além de aprendermos por imitação, somos capazes de dizer aos outros o que eles devem fazer. Assim, recebemos conselhos, obedecemos às regras, damos atenção quando sofremos advertências. Para o cientista, somos ajudados a desenvolver a linguagem, pois apenas a exposição ao ambiente não seria suficiente para que desenvolvêssemos um rico, extenso e complexo repertório como o nosso.

Resolução da situação-problema

A criança inicia falando a palavra "bigo" provavelmente porque entendeu que a sílaba "um" está associada ao numeral 1 e não a uma

parte do substantivo (1 bigo, 2 bigos, 3 bigos etc.). Na compreensão da criança, a depressão cutânea localizada no centro do abdome, formada a partir da cicatriz da queda do cordão umbilical, se chama “bigo” e não “umbigo”. A partir da interação com a mãe, que emprega o substantivo na forma original (umbigo) e também faz intervenções na tentativa de estabelecer o código formal, a criança compreende que o “um” que antecede a palavra “bigo” não é um numeral, é o nome próprio desta característica física dos seres humanos. E mesmo com dificuldade ou negando (desprezando) a sílaba “um”, esforça-se para usá-la, mostrando uma mudança de comportamento.

Para o Behaviorismo, a mudança de comportamento ocorre sempre que há uma aprendizagem. No diálogo, observam-se reforços positivos quando a mãe está explicando e rindo da origem do umbigo. E observa-se reforço negativo à palavra “bigo” quando a mãe insiste na verbalização da palavra original “umbigo”. Observa-se também a presença de operantes **intraverbais**, ou seja, um estímulo verbal que tem como resposta uma verbalização.



Faça você mesmo

Agora vamos nos divertir! Pesquise exemplos de palavras engraçadas utilizadas por crianças e simule um diálogo entre a criança e um adulto em sala de aula, ressaltando os aspectos behavioristas, observados no diálogo. Você pode também contar histórias de crianças de suas famílias que sejam similares à estudada aqui. Veja o exemplo do livro: *Marcelo, marmelo, martelo*, de Ruth Rocha:

“Eu acho que as coisas deviam ter nome mais apropriado. Cadeira, por exemplo. Devia chamar sentador, não cadeira, que não quer dizer nada. E travesseiro? Devia chamar cabeceiro, lógico! Também, agora, eu só vou falar assim.

- Mamãe, quer me passar o mexedor?
- Mexedor? Que é isso?
- Mexedorzinho, de mexer café.
- Ah... colherinha, você quer dizer.
- Papai, me dá o suco de vaca?
- Que é isso, menino!

- Suco de vaca, ora! Que está no suco-da-vaqueira.
– Isso é leite, Marcelo. Quem é que entende este menino?"

(ROCHA, 2011, p. 12)

Faça valer a pena

1. Assinale a alternativa que completa a frase: "A abordagem que parte do princípio de que todo o conhecimento provém da experiência com o ambiente é chamada de _____".

- a) Tradicionalista.
- b) Empirista.
- c) Socialista.
- d) Racionalista.
- e) Cognitivista.

2. A abordagem empirista compreende que toda a aprendizagem se dá a partir da experiência com o meio. Assinale a alternativa que apresenta duas teorias correspondentes a esta abordagem:

- a) Behaviorismo e Inatismo.
- b) Behaviorismo e Cognitivismo.
- c) Conexionismo e Inatismo.
- d) Behaviorismo e Conexionismo.
- e) Conexionismo e Cognitivismo.

3. Com relação à Teoria Behaviorista defendida por Skinner, é correto afirmar que:

- a) O ser humano é compreendido como um conjunto de vivências, que vai sendo elaborado a partir das experiências sociais do indivíduo, bem como suas impressões e sentimentos a partir do que capta em suas experiências.
- b) O ser humano é compreendido como uma folha de papel em branco, que vai sendo criada a partir de observações de outras pessoas do grupo social, bem como suas ações de pesquisa individual.
- c) O ser humano é compreendido como uma folha de papel em branco, que vai sendo preenchida a partir das experiências do indivíduo com o

meio que o cerca, bem como suas observações a partir do que capta em suas experiências.

d) O ser humano é compreendido como um ser lúdico, que aprende a partir da brincadeira e jogos, em que vai manipulando brinquedos e outros objetos, criando uma realidade particularizada.

e) O ser humano possui uma base biológica predefinida, que é ativada sempre que entra em contato com outros indivíduos da espécie, incorporando informações que se tornarão a base de sua evolução.

Seção 2.2

Abordagens racionalistas de aquisição da linguagem

Diálogo aberto

Olá! Esperamos que você esteja bem e animado para continuar seus estudos!

Ao final desta seção, você será capaz de:

- 1) Compreender o que é uma abordagem racionalista e como ela se opõe à abordagem empirista.
- 2) Conhecer a principal teoria pertencente a esta abordagem: o Inatismo.
- 3) Identificar as ideias principais desta teoria criada pelo pesquisador Noam Chomsky.

Para apoiar a sua aprendizagem, vamos retomar a SGA e apresentar uma situação-problema: a SGA proposta diz respeito ao estágio curricular, parte significativa da sua formação profissional. Você foi aceito como estagiário em um centro de reabilitação multidisciplinar, que atende crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista (TEA). O objetivo desta fase do estágio é fazer uma reflexão teórica acerca das situações práticas observadas. Sua segunda experiência neste centro multidisciplinar foi acompanhar o atendimento fonoaudiológico de uma menina de três anos de idade, que fala apenas palavras isoladas. Neste momento, a fonoaudióloga da instituição estava trabalhando a fala de frases curtas com duas palavras como “quero água” e “pega carro”. Para isso, a profissional estava proporcionando um ambiente no qual a menina pudesse brincar de faz de conta, incentivando e favorecendo a brincadeira simbólica (relação entre nomes, objetos e significados), a nomeação de objetos utilizados e possibilitando momentos de fala espontânea e não de repetição. Nesta seção, você elaborará uma tabela comparativa entre a fase que a menina observada está e a fase em que, segundo a teoria de Chomsky, ela deveria estar.

Em seguida, imagine como foi o desenvolvimento de linguagem desta paciente, considerando que, ela com três anos, fala palavras isoladas, começando a desenvolver o encadeamento de duas palavras. Assim, complemente sua tabela comparativa que deve conter:

- Exemplos de produções de fala do estágio de balbucio da criança.
- Exemplos de produções de fala do estágio de palavra da criança.

Nesta aula, você conhecerá a Teoria Inatista defendida por Noam Chomsky (1928) e conhecerá um pouco do trabalho deste grande pesquisador, que é um autor polêmico, porém, bastante produtivo, pois, em idade avançada, continua ministrando palestras, escrevendo artigos e livros. Você também perceberá a diferença entre a abordagem empirista e a racionalista, compreendendo em quais pontos as duas abordagens se distinguem. Você precisará desses conhecimentos para resolver a segunda situação-problema.

Então, mãos à obra! Tenha uma boa e agradável leitura, aproveite para refletir bastante e aprender como se constroem novas teorias!

Não pode faltar

Na seção anterior, “Abordagens empiristas da aquisição da linguagem”, você conheceu a abordagem empirista, que parte do princípio de que todo o conhecimento provém única e exclusivamente da experiência do ser humano com o meio ambiente. Esse conhecimento é limitado ao que pode ser captado pelos órgãos dos sentidos ou deduzido por reflexão pessoal (introspecção) a partir das experiências vividas.

Também descobrimos que os reforços positivos e negativos não são suficientes para esclarecer como a criança aprende e desenvolve a linguagem. Assim, o Behaviorismo possui algumas lacunas, pois apenas os reforços positivos e negativos não são suficientes para explicar o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem.

Justamente para tentar esclarecer como se dá a aprendizagem da língua pela criança, sem que ela seja exposta ou ensinada quanto ao certo e o errado, surgiu outra abordagem explicativa do processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem – a abordagem racionalista em contraposição à empirista.

A linguagem, nesta abordagem, é vista como uma capacidade inata do ser humano, ou seja, a criança já nasce com uma capacidade inata de adquirir e desenvolver a linguagem, sendo que as experiências e o meio social apenas funcionam como catalisadores desta capacidade. Ora, isto é bem diferente da abordagem empirista, que entende que o ser humano é uma tábula rasa e só com as experiências do meio social é que consegue adquirir e desenvolver a linguagem.

Para a abordagem racionalista, a capacidade de adquirir e desenvolver a linguagem é um patrimônio genético dos seres humanos, é uma característica da espécie com a qual todos os seres humanos nascem (**característica chamada de universalidade**), à exceção dos que possuem alguma deficiência específica. Neste sentido é que Steve Pinker, em seu livro *O instinto da linguagem*, explica que a linguagem humana é extremamente complexa. Por esse motivo, a explicação mais adequada é que temos uma base biológica específica para linguagem, assim como as aranhas possuem uma base biológica para fazer teias. O amadurecimento e o convívio social servem para fazer emergir a capacidade inata do ser humano de adquirir e desenvolver uma língua.

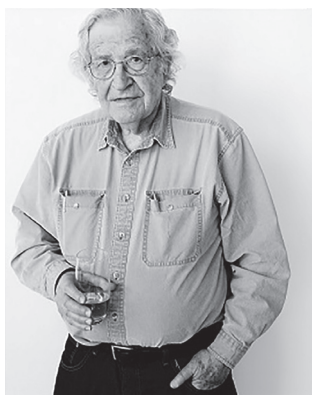


Assimile

A abordagem racionalista afirma que a razão é a única via possível para explicar os fenômenos da natureza. O conhecimento empírico é entendido como um conhecimento passível de erro. Nesta abordagem, o ideal é empregar as representações da razão, pois ela utiliza a lógica como processo de explicação da realidade. A razão e a lógica iluminam a realidade e permitem que se enxerguem as conexões e as relações existentes entre os objetos do conhecimento. Portanto, todas as pesquisas, todas as explicações e todas as ações devem seguir os pressupostos lógicos, pois são universalmente válidos.

O maior representante dessa abordagem é Noam Chomsky. Nascido em 1928, formou-se linguista, filósofo, matemático e psicólogo e foi convidado a trabalhar no MIT (*Massachusetts Institute of Technology*) quando tinha cerca de 30 anos de idade. Seu trabalho era criar uma máquina tradutora de mensagens criptografadas, um poderoso equipamento para a época, financiado pelo governo norte-americano. Chomsky não compartilhava os ideais de guerra, mas, sendo contratado pelo governo, desenvolveu seu trabalho com empenho e dedicação, ao mesmo tempo em que construiu críticas severas de ordem política. Não se sabe dizer se Chomsky é mais conhecido como ativista político ou como “pai da linguística moderna”. Não é possível dissociar seu trabalho como linguista das suas opiniões políticas, pois é sua visão de mundo que permitiu-lhe criticar diretamente tanto a aquisição do desenvolvimento da linguagem por imitação, quanto a Teoria Behaviorista.

Figura 2.2 | Noam Chomsky – o pai do gerativismo



Fonte: <<https://goo.gl/XHq2hr>>. Acesso em: 5 maio 2016.

Sua crença de que o ser humano é, em essência, um ser criativo, o motivou a escrever várias críticas às pesquisas de Skinner, inclusive ao seu célebre livro *Verbal behavior*, alegando que a pesquisa comportamental servia apenas para colocar o ser humano a serviço da classe dominante (Nossa! Aqui devemos fazer uma menção à unidade 1.4, aquela que trata do funcionamento discursivo da linguagem e da ideologia presente nas práticas sociais e discursivas. Lembra disso? Vale a pena revisar a seção 1.4 agora!). Levou um certo tempo, mas Skinner revisitou sua teoria após tomar contato com as críticas de Chomsky.



Até agora descobrimos que Chomsky criticou a Teoria Behaviorista defendida por Skinner. O que levou Chomsky a ser tão revolucionário? Chomsky é judeu e conheceu profundamente os horrores da guerra. Além disso, viveu a “cortina de ferro” (embargo político-econômico dos Estados Unidos contra os países socialistas) e, apesar de vivenciar todas as catástrofes oriundas das políticas econômicas, jamais desistiu de acreditar no potencial criativo do homem e na humanidade como um valor de nossa espécie. Para conhecer mais sobre Chomsky, acesse o site mantido pelo próprio autor. Disponível em: <<https://chomsky.info/>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

Noam Chomsky considera que a competência para a aquisição e o desenvolvimento da linguagem é uma condição genética herdada, fruto da evolução da espécie humana (Chomsky partilhava das ideias de Darwin). Embora não possa dizer com precisão como isso ocorre e nem em qual área do cérebro ocorre, ele vê, como única explicação racional para que a criança aprenda a falar, a existência de uma base biológica preparada para isso, despertada por meio do convívio social. Desta forma, Chomsky consegue explicar por que uma criança criada por lobos não aprende uma linguagem, porém quando inserida na sociedade, consegue aprendê-la.

Chomsky chamou de “Gramática Universal” (GU) a capacidade inata do ser humano de adquirir uma linguagem, ou seja, uma capacidade geneticamente determinada e de natureza mental. Para descrevê-la, escrevendo uma teoria que batizou de Teoria Gerativa para justificar sua hipótese (muitos pesquisadores chamam a Teoria Gerativa de Inatismo).



Inatismo é uma corrente teórica que parte do pressuposto de que há ideias inatas, (ou predeterminadas, que não podem ser explicadas por experiências de ordem sensorial ou puramente criativas. Uma ideia inata, portanto, é universal, está presente em todos os seres humanos. É desta forma que Chomsky explica que todo o ser humano aprende uma linguagem natural, aquela que é predominante na sociedade em que nasceu.

Chomsky compreende que a GU possui uma característica fundamentalmente criativa. Para ele, o ser humano é diferente de qualquer outra espécie, pois suas conexões neurológicas são altamente complexas e ocorrem em número gigantesco, o que torna o homem um ser único. Desta forma, Chomsky compreende que as teorias explicativas da aquisição e desenvolvimento da linguagem podem prever que o ser humano possui a capacidade de exercitar certos comportamentos linguísticos, mas nenhuma teoria consegue garantir que o comportamento linguístico ocorra de uma única forma para toda a espécie humana.



Exemplificando

O uso criativo da linguagem é uma característica da essência humana, conforme Chomsky aponta, e só essa característica pode explicar que o ser humano é capaz de compreender e até mesmo produzir uma sentença nunca ouvida anteriormente. O uso criativo da linguagem pode aparecer da seguinte forma: "Maria fez gelatina" e "A gelatina foi feita por Maria". Obviamente, as frases são construídas de forma diferente, porém expressam a mesma ideia. Neste exemplo, entende-se que a criança já teve acesso a algumas regras da língua local e também aprendeu um bom número de palavras, o que lhe favorece utilizar de forma criativa seu conhecimento, tendo a liberdade de se expressar como preferir.

Desta forma, Chomsky posiciona a linguagem no campo da cognição e afirma que não se pode explicar a aquisição e o desenvolvimento da linguagem por meio de condicionamentos. A partir disso, Chomsky construiu sua teoria identificando as propriedades da linguagem. Em primeiro lugar, ele aponta que a linguagem é a essência da mente humana. Afinal, depois que desenvolvemos a linguagem, nunca mais paramos de usá-la, inclusive, escutamos nossa própria voz dentro da cabeça quando estamos conversando conosco mesmo. A linguagem é praticamente inconsciente (não percebemos que estamos pensando antes de falar) e funciona de maneira muito rápida (as ideias se associam formando uma linguagem inteligível), porém complexa, visto que ainda não conseguimos descobrir o mapeamento completo da linguagem no cérebro). Por fim, a linguagem ocorre de forma bastante comum para os seres humanos.



CHOMSKY, N. **A ciência da linguagem**. Conversas com James McGilvray. São Paulo: Unesp, 2014.

Nesta obra, Chomsky explica sua visão sobre a relação entre linguagem e mente. Faz também uma profunda reflexão a respeito da amplitude da natureza humana em seus aspectos biológico, linguístico, político e filosófico.

Para ele, o processo de aquisição da linguagem possui padrões universais, que emergem a partir do contato do indivíduo com o meio. Em suas pesquisas, descobriu que crianças em todas as partes do mundo, com experiências completamente diferenciadas, passaram por determinados estágios de aquisição de linguagem, o que sugere que a aquisição não está sujeita a processos externos de ensino ou de vivência em sociedade. Essa característica é chamada **uniformidade**. Além disso, as crianças aprendem palavras novas em uma velocidade incrível, compreendendo-as e utilizando-as corretamente, sem necessidade de instrução ou correção por parte dos pais ou pessoas com as quais convivem. Chomsky evidenciou, particularmente, que todas as crianças balbuciam por volta de oito meses de vida, produzem as primeiras palavras por volta de um ano de idade, sendo que até os dois anos já se comunicam razoavelmente bem, pois são capazes de fazerem boas combinações e flexões de palavras, o que permite a elas construírem sentenças bem estruturadas aos três anos. O pesquisador chamou de “supergeneralizações” a capacidade da criança de conjugar verbos a partir da gramática estável (por exemplo, quando fala “eu danci muito” no lugar de “eu dancei muito”; “desdescer” em vez de “subir” etc.). Esses “equivocos” são previsíveis em estruturas linguísticas complexas.

Os estágios de aquisição de linguagem são divididos em dois períodos, chamados período pré-linguístico e período linguístico.

Período pré-linguístico

Estágio de balbucio: aos três dias de vida, o bebê já diferencia sons e esse desenvolvimento progride ao longo das semanas. Antes dos seis meses, o bebê emprega algumas vogais e emite alguns sons guturais,

porém, aos seis meses, começa a usar consoante + vogal (papapa, bububu etc.). Aos 10 meses, esse balbucio torna-se seletivo, ou seja, o bebê decide os sons que quer emitir. Essa emissão rapidamente se torna cadenciada como uma fala e antes dos 12 meses os bebês emitem sons muito similares ou iguais às palavras do mundo adulto.

Período linguístico

Estágio da palavra: por volta de um ano, as crianças já estão pronunciando as primeiras palavras relacionadas ao seu contexto: papai, água, mamãe etc. Do ponto de vista da gramática, estas palavras podem ser substantivos ou verbos. Durante um determinado momento desse estágio, a palavra da criança substitui uma frase inteira e pode ter vários significados, por exemplo: “água” pode significar: “quero água”, “vou tomar banho”, “está chovendo”. Este momento é chamado de “holofráscico”.

Estágio de duas palavras: no segundo ano de vida, a criança começa a usar duas ou mais palavras. Quando esse processo se inicia, a criança já observa a ordem em que se fala a língua portuguesa (no caso do nosso país), na qual se usa mais frequentemente sujeito seguido de verbo e o complemento, respectivamente. A criança também começa a entender o que é uma sentença afirmativa, negativa e interrogativa. Assim que a criança começa a usar duas palavras, o processo vai atingindo formas mais complexas de aquisição e desenvolvimento da linguagem.

Estágio das múltiplas combinações: por volta dos três anos, a criança já possui um vocabulário de aproximadamente 1200 palavras. A criança começa a usar preposições (até, de, desde, entre, com, contra, para, sem etc.) e advérbios (aqui, ali, agora, depois, antes, assim, sim, não, muito, pouco etc.). Por volta dos quatro anos, a criança é capaz de usar sentenças com mais de uma oração, por exemplo: “Mariana tentou pular a corda, mas não conseguiu”. Com cerca de cinco anos, a criança possui um vocabulário de 1900 palavras e já utiliza orações subordinadas, como: “Meu amigo não foi à festa porque estava com febre e foi ao médico e depois tomou remédio”.

A partir dos cinco anos, a capacidade de produzir linguagem utilizando poucas regras e um número finito de palavras é infinita, pois

ela começa a usar esta combinação de regras e palavras livremente, produzindo, inclusive, sentenças que nunca ouviu antes.

Chomsky chama a atenção para o que considera um período crítico da aquisição da linguagem: entre dois e doze anos. Segundo dados obtidos, é neste período que o cérebro se especializa e amadurece, e um dos lados do cérebro torna-se dominante no quesito da linguagem. Não quer dizer que a criança ou adolescente não possa desenvolver a linguagem após o período crítico, mas, nesse período, o cérebro está mais propício a desenvolver a competência da comunicação.

Para encerrar esta seção, é preciso considerar que as propostas de Chomsky revolucionaram a Linguística, uma vez que seu olhar se deu sobre processos mentais internos e não sobre processos comportamentais observáveis.



Refleta

Aqui apresentamos a proposta chomskyana sobre aquisição e desenvolvimento da linguagem. De acordo com essa teoria, o ser humano nasce com um sistema de linguagem inato, ou seja, ao ser exposta a um ambiente comunicativo, a criança precisará acessar este sistema para ativar a sua gramática, entendida aqui como uma Gramática Universal (de ordem genética, existente em todos os seres humanos). Assim é possível explicar como crianças, já por volta dos cinco anos de idade, são capazes de adquirir um sistema tão complexo de comunicação como o nosso. A partir da exposição às regras da linguagem de uma determinada sociedade e a um determinado número de palavras, as crianças conseguem produzir expressões que nunca ouviram.

Muito bem! Parabéns por chegar até aqui!

Esperamos que sua leitura tenha sido agradável e surpreendente.

Agora você já tem elementos para resolver a segunda situação-problema.

Vamos lá?

Nesta segunda situação-problema, você elaborará uma tabela comparativa entre a fase que a menina está e a fase, em que, segundo Chomsky, ela deveria estar. Ou seja, você vai criar um caso considerando que ela está atrasada.

Em seguida, você deverá imaginar como foi o desenvolvimento de linguagem desta paciente, considerando que ela, com três anos, fala palavras isoladas, começando a desenvolver o encadeamento de duas palavras. Assim, complemente sua tabela comparativa que deve conter:

- Exemplos de produção de fala do estágio de balbucio da criança.
- Exemplos de produção de fala do estágio de palavra da criança.

Nesta seção, intitulada “Abordagens racionalistas de aquisição da linguagem”, você conheceu a Teoria Inatista proposta por Noam Chomsky e conheceu também alguns aspectos do seu trabalho.

Com estes conhecimentos, você já consegue realizar a segunda situação-problema. Entretanto, para apoiar sua aprendizagem, vamos indicar um caminho para sintetização.

Como você estudou nesta seção, Noam Chomsky propôs uma teoria para explicar a aquisição e o desenvolvimento da linguagem, chamada Inatismo ou Teoria Gerativa, na qual afirma que o ser humano possui uma capacidade inata, herdada geneticamente, de desenvolver a linguagem. É como se possuísse um sistema gramatical natural, acessado quando o bebê entra em contato com a língua praticada pela comunidade da qual faz parte. Esta é a ideia fundamental da teoria Inatista. Chomsky apontou que, por ser uma condição inata e de ordem genética, a linguagem está presente em toda a espécie humana, independentemente do país ou região onde a criança nasce e da língua falada por tal comunidade (**universalidade**).

Provavelmente, essa criança, com provável diagnóstico de TEA, balbuciou na idade correta, e com um ano de idade falava algumas

palavras isoladas. Nos casos de TEA, é comum a fala desaparecer com um ano e alguns meses e voltar após o início da estimulação fonoaudiológica. Imagine que ela iniciou a terapia fonoaudiológica há um ano. Ou seja, com dois anos ela começou a falar palavras e com três está começando a desenvolver o encadeamento de duas palavras.

Atenção

É muito importante que você considere os dois períodos para a aquisição da linguagem e respectivos estágios, propostos por Chomsky:

Período pré-linguístico → Estágio de balbucio: antes dos seis meses, o bebê emprega algumas vogais e emite alguns sons guturais, porém, aos seis meses, o bebê começa a usar consoante + vogal (papapa, bububu etc.). Aos dez meses, esse balbucio torna-se seletivo, ou seja, o bebê decide os sons que quer emitir. Essa emissão rapidamente se torna cadenciada como uma fala e antes dos doze meses, os bebês emitem sons muito similares ou iguais às palavras do mundo adulto.

Período linguístico → Estágio da palavra: a palavra da criança substitui uma frase inteira e pode ter vários significados, por exemplo: "água" pode significar: "quero água", "vou tomar banho", "está chovendo". Este momento é chamado de "holofrástico".

Período linguístico → Estágio de duas palavras: no segundo ano de vida, a criança começa a usar duas ou mais palavras. Assim que a criança começa a usar duas palavras, o processo vai atingindo formas mais complexas de aquisição e desenvolvimento da linguagem.

Período linguístico → Estágio das múltiplas combinações: a criança é capaz de empregar termos específicos da língua (preposições e advérbios). Posteriormente, passa a usar várias orações na mesma sentença e a usar orações subordinadas. Entre dois e doze anos, encontra-se o período crítico da aquisição da linguagem, momento em que o cérebro se especializa e amadurece.

Agora, vamos ao trabalho! Monte sua tabela comparativa!

“Dessubir”

Descrição da situação-problema

Leia o seguinte diálogo entre uma criança de três anos e sua mãe, que se mudaram recentemente de uma casa térrea para o décimo quarto andar de um prédio de apartamentos:

– Filho, está pronto? Vamos ao mercado.

– Sim.

A mãe fecha a porta do apartamento e aperta o botão para chamar o elevador.

– Mãe, como chama esse negócio que a gente usa para dessubir do apartamento?

a) O que a criança quer dizer com “dessubir”? Raciocine sobre o que está acontecendo.

b) Descreva o período e o estágio em que esta criança provavelmente se encontra, de acordo com a Teoria Inatista ou gerativa proposta por Noam Chomsky.



Lembre-se

Chomsky cita muito a capacidade criativa do ser humano, principalmente em se tratando da linguagem, na insistência de dizer que nossa aprendizagem não é fruto de estímulos positivos e negativos. A criatividade de uma criança aparece também quando ela já conhece algumas regras do sistema formal de linguagem e um número finito de palavras, mas consegue produzir novas expressões que nunca ouviu antes, podendo estar de acordo ou não com a norma linguística esperada para a comunidade da qual faz parte.

Resolução da situação-problema

Nesta situação, a criança refere-se ao elevador e à sua capacidade de subir andares e descer andares. Quando emprega a palavra “dessubir”, significa que quer utilizar o contrário de subir, de forma que

o prefixo “des-” está funcionando como negativa de subir, assim como empregados o des-cobrir, des-montar, des-salgar.

É correto afirmar que, apesar de jovem, a criança está no **estágio das múltiplas combinações**, pois, neste estágio, a criança já possui um vocabulário de aproximadamente 1200 palavras e começa a usar preposições (até, de, desde, entre, com, contra, para, sem etc.) e advérbios (aqui, ali, agora, depois, antes, assim, sim, não, muito, pouco etc.). Posteriormente, por volta dos quatro anos, a criança é capaz de usar sentenças com mais de uma oração, por exemplo: “Mariana tentou pular a corda, mas não conseguiu”. Com cerca de cinco anos, a criança possui um vocabulário de 1900 palavras e já utiliza orações subordinadas, como: “Meu amigo não foi à festa porque estava com febre e foi ao médico e depois tomou remédio”.



Faça você mesmo

Agora vamos nos divertir novamente! Pesquise exemplos de palavras e frases criadas por crianças e faça uma análise para verificar a qual estágio esta frase ou fala pertence. Você pode também contar histórias de crianças e suas famílias que sejam similares às estudadas aqui. Inspire-se nos sites: Disponível em: <<https://goo.gl/VTZLKA>>. Acesso em: 5 jul. 2016; <<https://goo.gl/zxK2s5>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

Socialize com seus colegas e com seu professor ou professora!

Faça valer a pena

1. Assinale a alternativa que corresponde aos pressupostos da Abordagem Racionalista:

a) Parte do princípio de que todo o conhecimento provém única e exclusivamente da experiência do ser humano com o meio ambiente. Este conhecimento é limitado ao que pode ser captado pelos órgãos dos sentidos (visão, tato, paladar, olfato e audição) ou deduzido por reflexão pessoal (introspecção) a partir das experiências vividas.

b) Parte do princípio de que a razão é a única via possível para explicar os fenômenos da natureza. A razão e a lógica iluminam a realidade e permitem que se enxerguem as conexões e relações existentes entre os objetos do

conhecimento. Devem-se seguir apenas os pressupostos lógicos, pois são universalmente válidos.

c) Parte do princípio de que a razão não é a única via possível para explicar os fenômenos da natureza, podendo-se adotar outros métodos de pesquisa, como a experimentação. O conhecimento empírico é entendido como um conhecimento passível de erro, por isso é ideal empregar as representações da razão, porém podem ser aceitas outras formas de pesquisa.

d) Parte do princípio de que a mente deve ser estudada, o que não foi realizado em outras abordagens. Assim, procura-se explicar como a mente funciona, bem como o processo de raciocínio para a resolução de problemas encontrados no cotidiano. A razão é apenas uma das possibilidades de funcionamento da mente, não esquecendo do aspecto emocional.

e) Parte do princípio de que a aprendizagem do ser humano ocorre na inter-relação dos contextos históricos (determinados lugares e tempo), sociais (determinados grupos de pessoas) e culturais (determinada sociedade). Assim, tanto a razão quanto a mente, quanto o grupo social são fatores determinantes para que a aprendizagem ocorra.

2. Leia o trecho: “[...] é corrente teórica que parte do pressuposto que há ideias inatas (ou predeterminadas) que não podem ser explicadas por experiências de ordem sensorial ou puramente criativas. Uma ideia inata, portanto, é universal, está presente em todos os seres humanos”.

Assinale a alternativa que apresenta o nome desta corrente teórica:

- a) Sociointeracionismo.
- b) Behaviorismo.
- c) Inatismo.
- d) Cognitismo.
- e) Conexionismo.

3. Noam Chomsky elaborou uma teoria que recebeu o nome de Inatista. Há outro nome comumente empregado para designar a mesma teoria. Assinale a alternativa que apresenta este nome:

- a) Gestativa.
- b) Gerante.
- c) Geral.
- d) Germinal.
- e) Gerativa.

Seção 2.3

Abordagens cognitivistas de aquisição da linguagem

Diálogo aberto

Seja bem-vindo a mais uma seção de estudo! Desta vez, conheceremos a Abordagem Cognitivista da aquisição de linguagem e o papel da brincadeira no seu desenvolvimento, segundo estudos de Jean Piaget. Assim, os objetivos desta seção são:

1. Compreender o que é a Abordagem Cognitivista.
2. Conhecer a Teoria Cognitivista defendida por Jean Piaget.
3. Identificar as ideias principais desta teoria e refletir sobre exemplos que a esclareçam.

Para apoiar a sua aprendizagem, vamos retomar a SGA e apresentar uma situação-problema. A SGA proposta diz respeito ao estágio curricular, parte significativa da sua formação profissional. Suponha que chegou o momento do curso em que você deve realizar o seu estágio obrigatório. Você foi aceito como estagiário em um centro de reabilitação multidisciplinar que atende crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista (TEA). Sua terceira experiência neste centro multidisciplinar será acompanhar a anamnese fonoaudiológica de um paciente de 12 anos de idade, chamado Augusto Nogueira, que tem o diagnóstico de Síndrome de Asperger. Nessa anamnese, para compreender as fases do desenvolvimento do paciente, a fonoaudióloga perguntou para os pais sobre comportamentos linguísticos relacionados às fases descritas por Piaget. Alguns exemplos de perguntas feitas: “No aniversário de um ano de idade, ele já falava algumas palavras?”, “Com quantos meses ele colocava as coisas na boca?” “Com quantos meses ele começou a balbuciar, isto é, falar alguns sons como bababa?” Nesta seção, você elaborará perguntas que a fonoaudióloga poderia fazer neste momento que envolvam todas as fases do processo de aquisição de linguagem.

Seu terceiro desafio, portanto, é apresentar, à luz da teoria estudada, dez perguntas que a fonoaudióloga poderia ter feito aos pais da criança avaliada no estágio:

- 3 perguntas sobre o estágio sensório-motor.
- 3 perguntas sobre o estágio pré-operatório.
- 2 perguntas sobre o jogo simbólico (brincadeira).
- 2 perguntas sobre o estágio operatório concreto.
- 1 pergunta sobre o estágio operatório formal.

Nesta aula, você conhecerá a Teoria Cognitivista (ou Epistemologia Genética) de Jean Piaget, bem como o papel do jogo simbólico e da brincadeira no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem. Você precisará destes conhecimentos para resolver a terceira situação--problema e para sua vida como profissional. Desejo a você uma excelente aprendizagem!

Não pode faltar

Prezado aluno, você está iniciando agora o estudo de mais uma teoria que explica a aquisição e o desenvolvimento da linguagem pela criança. Você já percebeu que uma teoria nasce por oposição à outra. Quando uma teoria é divulgada ao público, ela passa por críticas e questionamentos. Alguns cientistas podem discordar da teoria publicada, porque possuem outro conhecimento ou porque acreditam em outra forma de explicar o fenômeno estudado. Assim, estes cientistas divulgam outra teoria, que passará pelo mesmo processo de crítica e questionamento.

Agora vamos estudar a Abordagem Cognitivista, que tem como objetivo principal o estudo da mente. Cognitivism deriva da palavra *cognoscere* (conhecer, em latim) e parte da investigação sobre o pensamento e sobre a resolução de problemas. Para os cognitivistas, o pensamento causa impacto no comportamento das pessoas. Por esse motivo, o pensamento deveria ser o objeto de estudo da psicologia mais relevante do que o comportamento (nota-se aí uma crítica ao Behaviorismo).



Abordagem cognitivista: parte do princípio de que o conhecimento é fruto do pensamento e tem como objetivo estudar a cognição (o ato de conhecer) e a consciência. Para tanto, procura descobrir como funciona a percepção humana, a compreensão e o processamento da informação.

Assim, na Abordagem Cognitivista, o ser humano é visto como um ser pensante e utiliza recursos mentais para agir sobre o mundo. O ser humano não é entendido como uma tábula rasa, nem depende exclusivamente das experiências vivenciadas para aprender. Nesta abordagem, o ser humano aprende a partir das experiências, introjetando-as, refletindo sobre elas, modificando-as internamente e produzindo seu conhecimento.

Curiosamente, o Cognitivismismo coexiste com o Behaviorismo e o Inatismo, com publicações significativas que datam praticamente da mesma época de ambas teorias já estudadas.

O maior representante do Cognitivismismo é, sem dúvida, Jean Piaget, eminente pensador do século XX. A repercussão de seus estudos se deu no campo do raciocínio lógico e matemático. É possível que você já tenha ouvido falar de suas pesquisas neste campo. Porém, seu estudo sobre aquisição e desenvolvimento da linguagem é impactante. Piaget foi um profícuo autor: lançou mais de 50 livros (alguns em parceria).

Figura 2.3 | Jean Piaget – maior representante do Cognitivismismo



Fonte: <<https://goo.gl/HBhVjT>>. Acesso em: 6 jul. 2016.

Piaget nasceu em Genebra, na Suíça, em 1896 e faleceu em 1980. Formou-se biólogo e sua vida acadêmica permitiu que se desenvolvesse no campo da psicologia, um de seus maiores interesses. Entre 1919 e 1921 esteve em Paris e, compartilhando a pesquisa de Theodore Simon (um dos responsáveis por criar o famoso teste de QI – Quociente de Inteligência), ele se aproximou do universo infantil e descobriu que as crianças possuem uma forma particular de raciocínio.

Piaget observou atentamente crianças (incluindo seus próprios filhos) e propôs a existência de quatro **estádios** de desenvolvimento cognitivo do ser humano: sensorio-motor; pré-operatório; operatório--concreto e operatório formal. Propôs a ideia de adaptação a partir da assimilação e acomodação.

Nesta disciplina, estudaremos particularmente sua proposta com relação à aquisição e ao desenvolvimento da linguagem.



Vocabulário

Recentemente, procura-se recuperar o termo **estádio** para a identificação dos períodos de desenvolvimento cognitivo propostos por Piaget. A maior parte dos materiais publicados, entretanto, adota a palavra estágio. Estágio é uma fase, é um período específico. O conceito de **estádio** é bem interessante: remete ao espaço físico onde ocorriam diversos esportes (do latim *stadium*). É assim que Piaget compreende a mente: um local onde ocorrem vários “esportes” concomitantes, ou seja, o pensamento é formado por várias estruturas constituídas a partir das várias interações entre a criança e o meio.

Desta forma, é fácil perceber que os estudos cognitivistas se preocupam com o que ocorre na mente, sem descartar a influência do meio em que a criança está imersa. Para os cognitivistas, é importante ressaltar que a aquisição da linguagem ocorre concomitantemente com outras frentes de desenvolvimento, como a motricidade e o raciocínio lógico, por exemplo.

Piaget questiona, particularmente, o motivo de uma criança ter todas as condições necessárias para adquirir uma língua (por exemplo: ter o aparelho fonador preservado, ter as condições mentais estruturadas, ter estímulos) e mesmo assim não conseguir falar devido

a uma dificuldade de ordem emocional (um trauma, uma depressão profunda, entre outras possibilidades).

Assim, tanto a Teoria Behaviorista quanto a Inatista não são suficientes para explicar o processo de aprendizagem, pois não consideram aspectos de interação mental (ou cognitiva) para a aquisição e o desenvolvimento da linguagem.



Refleta

Ao longo das duas seções anteriores, percebeu-se a oposição entre o Behaviorismo (considera o meio como fator predominante para a aquisição da linguagem) e o Inatismo (considera a programação genética inata como fator predominante para a aquisição da linguagem). Pode-se dizer que o Cognitivismo nasce do encontro entre as duas teorias. Assim, o Cognitivismo parte do elemento orgânico (corpo e cérebro) em funcionamento com o ambiente social onde a criança está imersa.

Para Piaget, é no encontro do organismo biológico com o ambiente social que a criança organizará seu mundo interno até os dois anos de idade. Para organizar-se, a criança desenvolve o simbolismo (ou função simbólica ou ainda função semiótica): capacidade de distinguir o que é significado e o que é significante (lembra da proposta de signo linguístico defendida por Saussure? É a esta proposta que Piaget se refere). A linguagem é uma forma de representação simbólica, pois permite à pessoa evocar verbalmente objetos que não estão presentes, bem como acontecimentos passados ou futuros.



Assimile

Cognitivismo ou Epistemologia Genética se preocupa com a gênese (nascimento) do conhecimento científico (*epistêmê*, em grego), e busca revelar os processos pelos quais as diferentes estruturas do conhecimento são constituídas.

Para Piaget, o desenvolvimento da inteligência do ser humano é sua melhor estratégia de adaptação à vida. Isso ocorre desde o nascimento, portanto, inicia-se no estágio pré-operatório (que vai dos 0 aos

18-24 meses), quando os bebês iniciam as primeiras experiências motoras. Essas experiências são responsáveis pela criação das primeiras estruturas cognitivas ou esquemas iniciais. De que tipos de experiências estamos falando? Falamos do ato de mamar e deglutir. Falamos do toque que o bebê sente quando a pessoa que cuida dele o está ninando, trocando, dando banho. Falamos dos movimentos dos dedos das mãos, dos braços e das perninhas, bem como dos movimentos faciais e de tudo o que o bebê enxerga, escuta, cheira e ingere. O bebê vai incorporando essas experiências, adaptando-se ao meio em que vive. Tudo isso exemplifica o processo de **adaptação**, desenvolvido em duas etapas: a **assimilação**, que é a incorporação de uma nova estrutura à estrutura já existente (por exemplo, quando o bebê inicia a ingestão de água após meses sendo alimentado com leite), e a **acomodação**, que ocorreria quando, depois de ingerir água várias vezes, o bebê internaliza a nova experiência, criando um novo **esquema**, caracterizado pelo fato de a criança saber a diferença entre ingerir água, suco e sopa, o que mostra seu desenvolvimento cognitivo.



Exemplificando

Uma criança que está aprendendo sobre frutas já possui um esquema para cada fruta do cotidiano (por exemplo: a maçã tem a casca vermelha, é um fruto da macieira, é doce, é saborosa, é suculenta). Em dado momento, apresentam a esta criança uma cereja. Como ela não conhece a cereja, provavelmente vai classificá-la como uma maçã, dada a similaridade. No entanto, ao tocar e experimentar a cereja, perceberá que há algumas diferenças: em aspectos visuais (a cereja é menor), em percepção motora (a cereja pesa menos), no tato (a casca é diferente, é mais mole do que a maçã), no sabor. Estará, no momento em que manipula e experimenta a cereja, fazendo novas assimilações (recepção e integração de novas informações). Em dado momento, alguém lhe diz que o nome desta nova fruta é cereja. As novas assimilações feitas se fundirão em um novo complexo de conhecimentos (processo de acomodação), gerando um novo esquema (para cereja) e modificando o esquema anterior (da maçã), pois ao incluir as novas informações, também foi feita uma nova assimilação no esquema da maçã (uma maçã **NÃO** é uma cereja – este é um dado novo, que será acomodado!).

Assimilação e acomodação da linguagem são ocorrências constantes e concomitantes com outros processos de adaptação, como: a motricidade, o raciocínio lógico etc. Ao ouvir as primeiras

palavras, o bebê assimila e, com a repetição, acomoda os sons. Ainda não possui a compreensão do signo linguístico (na definição de Saussure). Piaget afirma que a criança até 18 meses, aproximadamente, já tem a imagem do som (significante), mas ainda não associou o significado a seu respectivo significante. Por este motivo, as palavras e os sons que é capaz de pronunciar até um ano e meio não correspondem exatamente ao significado empregado pelo grupo social (por exemplo: a criança pode falar “au-au” para cachorro, para brinquedo, para sair do berço).



Exemplificando

Ao dar início à fala, a criança pode empregar um termo de forma genérica, por exemplo: falar “tchau” quando está indo embora, mas também quando sai de um cômodo, quando chega à casa de alguém, quando vai tomar banho. Neste caso, o termo ainda não adquiriu significado e precisará de mais tempo e mais experiências para que o conceito seja internalizado como um signo linguístico.

A partir de 18 meses, a criança começa a desenvolver a representação, conceito importante na Teoria Cognitivista. A representação é a capacidade de evocar uma experiência, um evento, um objeto ou um conhecimento já acomodado. Assim, a criança começa a se referir a objetos que não estão presentes no seu campo visual.

A união do significante com a representação permite que a criança comece a associar e utilizar a linguagem com mais especificidade, como é o caso da holófrase (a palavra empregada pela criança substitui uma frase inteira e pode ter vários significados, por exemplo: “água” pode significar: “quero água”, “vou tomar banho”, “está chovendo”). Assim, a criança vai adotando os símbolos linguísticos empregados pelo grupo e a linguagem compreensível vai se tornando possível, o que ocorre a partir dos 18-24 meses e se aprimora até os 7 anos de idade (estádio pré-operatório). É neste período também que a criança começa a desenhar e a brincar, eventos fundamentais para o desenvolvimento da linguagem, pois se relacionam diretamente ao desenvolvimento e ao aprimoramento da capacidade simbólica.

Vamos entender melhor a função simbólica na visão de Piaget. Há três tipos de conhecimento: o perceptivo (ocorre apenas na presença do objeto); o imitativo (são gestos que representam o objeto, estando este objeto presente ou não – por exemplo, quando a criança coloca as mãos sobre o pé e fala “sapato”, estando ou não de sapato) e o imagético (trata-se da imagem interna que representa o objeto quando este objeto não está presente – por exemplo, quando a criança pede uma bolacha para comer, porém a bolacha não está no seu campo visual e ela não gesticula – neste caso, ela já interiorizou a imagem da bolacha, ou seja, a bolacha já se tornou uma imagem mental). É preciso dizer que essa imagem não é uma simples foto. Essa imagem constitui toda uma rede de significados. A imagem da bolacha pode estar associada à fome, ao ato de mastigar, à satisfação, ao desenho circular, à textura crocante, ao sabor de leite ou maisena, ao movimento de pinçar e à pressão de segurar a bolacha entre dois dedos, ou seja, no desenvolvimento da função simbólica imagética, a criança já construiu o signo linguístico.

O símbolo é compreendido como uma cópia ativa do real. Como estes símbolos estão subordinados ao funcionamento cerebral, é possível ordená-los, classificá-los e modificá-los. É assim, portanto, que a criança consegue criar um repertório interno de conhecimento que permite a ela imaginar, fantasiar e antecipar.



Pesquise mais

Lançado inicialmente em 1945, Piaget estuda neste livro a comunicação da criança, revelando a inter-relação entre imitação e jogo, bem como a imagem e sua representação interna.

Fonte: PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. São Paulo: LTC, 2013.

Piaget aponta que, desde os primeiros meses de vida, o bebê manipula objetos para saciar sua curiosidade intelectual, criando diversas situações agrupadas sob o nome de **brincadeira**. Por exemplo, o bebê gosta de levar objetos à boca; é uma forma eficiente de descobrir o objeto, pois, em função da mamada, o bebê tem a região bucal muito mais desenvolvida como órgão do sentido do que as mãos e os olhos. Posteriormente, o bebê bate os objetos,

produzindo sons. Também atira objetos, fazendo outros tipos de “testes” e aprendendo com os resultados. Mais à frente, a criança executa várias outras manipulações: puxa, estica, atira, senta em cima, bate e vai adquirindo novos esquemas a partir da experiência em manipular estes objetos. A todas essas experiências chamamos brincadeira, visto que a criança não tem intenção de quebrar nada, apenas de descobrir o que se pode fazer com esses objetos.

Em dado momento de seu amadurecimento, a criança começa a brincar com objetos atribuindo-lhes novo significado – o início da função simbólica demarca que ela é capaz de desenvolver a linguagem social, pois, como já descobrimos, a linguagem é construída a partir do signo linguístico (significado + significante). É desta forma, na visão do Cognitivismo, que a criança desenvolve a capacidade de atribuir sons a objetos, conceitos, sentimentos, pensamentos etc.

No estágio pré-operatório, Piaget faz uma segmentação entre 2 e 4 anos, momento conhecido como período de faz-de-conta em que a linguagem aparece efetivamente. É aqui que o jogo simbólico e a brincadeira se revestem de fundamental importância. Enquanto a criança brinca, ela utiliza recursos próprios e cria um mundo fantástico, onde é capaz de transformar o objeto presente em outro que lhe traga mais satisfação. Por exemplo, ao brincar, a criança pega uma caixinha de suco e faz de conta que é um carrinho, pega umas folhas de árvore e faz de conta que são cadeiras de bonequinhas, pega o sapato e faz de conta que é um armário; a colher se transforma em um médico, o bicho de pelúcia é o papai, o cabo da vassoura é o cavalo. Nesta época, também aparece o animismo (dar característica humana a objetos inanimados), por exemplo: “a bola está chorando”, “a boneca está dormindo”, “o carrinho está com fome”. A brincadeira ou o jogo simbólico é uma forma de exercício intelectual no qual a criança exercita a função simbólica com total autonomia: ela modifica o sentido original do objeto atribuindo a ele outro sentido, mostrando uma forte capacidade de abstração.

Piaget chamou de fala egocêntrica a fala que ocorre nos primeiros anos de vida, desde o início das vocalizações até os monólogos. Nesta categoria estão inseridas:

- a) **Fala repetitiva:** a criança repete palavras, mas ainda não atribui sentido a elas, bem como usa sílabas sem função social definida (balbúcio) ou repetições sem compreensão por parte da criança.
- b) **Monólogo:** conversa da criança consigo mesma.
- c) **Monólogo social:** a criança fala em voz alta com outras crianças, como se estivesse em uma conversa social, porém não há relação com a frase que a outra ou outras crianças estão falando (você já observou crianças pequenas conversando entre si, porém cada qual com seu tema, sem se importar se as demais estão compreendendo ou interagindo? Este é o monólogo social, no qual não há preocupação com o interlocutor).

Na fala egocêntrica, a criança não percebe que a outra pessoa pode ter um ponto de vista diferente do seu, o que indica que a criança ainda não se adaptou ao meio. Porém, conforme a inteligência e o pensamento vão amadurecendo, a linguagem acompanha esse movimento interno.

O segundo momento do estágio sensório-motor ocorre entre 4 e 7 anos e é conhecido como "idade dos porquês", já que a criança procura por esclarecimentos o tempo todo. A criança ainda tem seu pensamento centrado em si mesma, geralmente não consegue manter uma conversa longa, mas é capaz de adaptar suas respostas quando outra pessoa faz perguntas diretas ou estabelece alguma comunicação.

Entre 7 e 12 anos, temos o estágio das operações concretas, em que a criança já consegue manter a comunicação por meio de uma linguagem social, capaz de discutir diferentes pontos de vista para chegar a um consenso (neste estágio, a fala egocêntrica já desapareceu). Após os 12 anos, temos o estágio das operações formais, auge do desenvolvimento da inteligência, e a linguagem evolui para o discurso e para elaboração de conclusões. E assim prossegue por toda a vida.

De certa forma, o Cognitivismo aceita a ideia de uma capacidade inata para a aquisição da linguagem, como o Inatismo. Porém, Piaget sofreu algumas críticas, por centrar sua pesquisa apenas no desenvolvimento cognitivo do indivíduo, deixando a influência social

em segundo plano. Ele não nega sua existência, mas não exalta a correlação entre o meio social e o desenvolvimento da inteligência, o que é feito pela Abordagem Interacionista, objeto de estudo da nossa próxima seção.



Vocabulário

Adaptação: processo de organização do conhecimento, no qual as crianças passam de um nível mais simples de conhecimento para um nível mais complexo. O conceito de adaptação também é conhecido como equilíbrio. Desenvolve-se em duas etapas: assimilação e acomodação.

Assimilação: é um processo cognitivo que recebe e integra (classifica) uma nova informação percebida, sentida (de ordem motora) ou conceitual às estruturas cognitivas já existentes.

Acomodação: significa modificação dos esquemas anteriores, ou seja, além de receber e integrar a nova informação, ela modifica o conhecimento anterior, sendo incluída definitivamente nas concepções da criança.

Esquema: é um conjunto de conhecimentos que se modifica sempre que uma nova informação é assimilada e acomodada.

(Fonte: autora)

Sem medo de errar

Na situação-problema foi solicitado que você elaborasse dez perguntas de uma anamnese para compreender o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem de uma criança de 12 anos que teoricamente já passou por todos os estádios.

O seu terceiro desafio é apresentar, à luz da teoria estudada, dez perguntas que a fonoaudióloga poderia ter feito para os pais da criança avaliada:

- 3 perguntas sobre o estágio sensório-motor.
- 3 perguntas sobre o estágio pré-operatório.

- 3 perguntas sobre o jogo simbólico (brincadeira).
- 1 pergunta sobre o estágio operatório concreto.

Você se lembra das características do estágio sensório-motor? Este estágio ocorre entre 0 e 18 meses de vida e a criança está emitindo apenas as primeiras vocalizações, ou seja, é quando exercita alguns sons, faz o balbúcio e é capaz de falar uma sílaba ou até mesmo uma palavra, mas não exatamente no sentido que a palavra é empregada por seu grupo social. No item “*Não pode faltar*” trouxemos vários exemplos. Como foi o processo de vocalização, balbúcio, sílaba ou palavra global que a criança passou? Lembra de alguma situação interagindo com bebê ou um vídeo que pode ajudar neste momento?

O segundo ponto solicitado diz respeito ao estágio pré-operatório, que compreende a idade entre 18-24 meses até os 7 anos e se caracteriza pelo emprego cada vez mais especializado da fala. Recordar-se da holófrase? E da fala egocêntrica? É a respeito disso que você deve perguntar. Mude os termos, afinal esses termos são muito técnicos. Já trouxemos vários exemplos.

O terceiro ponto solicita especificamente uma situação em que apareça o jogo simbólico.

Atenção

O jogo simbólico não é qualquer tipo de jogo ou brincadeira. No jogo simbólico ocorre a representação de um objeto ausente, a partir da comparação entre o objeto existente e o objeto imaginado. Por esse motivo, a criança utiliza alguns objetos, atribuindo-lhes outras características enquanto brinca. Isso ocorre em alguns tipos de brincadeiras, mas não ocorre em jogos de tabuleiro, por exemplo, nem em brincadeiras como pular corda ou pega-pega.

Pergunte sobre o período de faz de conta ou mesmo jogo simbólico. Quais brinquedos seu filho utilizava neste período? Como ele brincava com eles? Ele dava função aos objetos?

Por fim, o quarto ponto compreende a fase de 7 a 12 anos em que a criança já consegue estabelecer uma comunicação, tendo

reflexões e suas próprias ideias. Pergunte sobre as relações que a criança estabelecia nesta época, sobre quais temas ela gostava de conversar.

Avançando na prática

Encenando o jogo simbólico

Descrição da situação-problema

Seu professor trouxe a situação a seguir descrita por Piaget. Trata-se de uma colaboração entre crianças, na qual a função do jogo simbólico aparece. As crianças são Lev (menino, 5 anos e 11 meses), Ari (menino, 4 anos e 1 mês), Den (menina, 4 anos e 5 meses), Arn (menino, 5 anos e 9 meses):

Lev: *Eu sou o pai, você é a mãe e Ari é a babá.*

Ari: *Sim, e a babá cuida bem das crianças.*

Den: *Você é o pai, Lev, você vai à caça, você vai à Alemanha.*

Lev: *Vamos brincar depois de balão.*

Arn: *Como, balão?*

Lev: *Você sabe, nós vamos dizer que estamos no céu. Quem quer ser a areia? Arn, você vai ser a areia.*

Arn: *A areia não.*

Lev (dirigindo-se a Arn): *Você vai ser o balão, eu, a cesta, quem vai ser a areia?*

Fonte: PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 78.

Neste diálogo, percebe-se que as crianças estão se organizando para brincar, pensando nas atribuições que cada uma terá na situação de uma família e na situação de um balão. Esse tipo de brincadeira se chama jogo simbólico e também se aplica quando a criança emprega um objeto com outro sentido (por exemplo, quando se senta em uma pedra e diz que está dirigindo um táxi, gesticulando como motorista). O uso de animismo também é importante na execução do jogo simbólico.



Lembre-se

Animismo é a capacidade de dar características humanas a objetos inanimados, por exemplo: "a bola está chorando", "a boneca está dormindo", "o carrinho está com fome".

Seu professor solicitou que você forme (com seus colegas) um grupo com quatro integrantes, juntos elaborem uma situação fictícia de jogo simbólico, descrevam a situação e encenem para a sala. Ainda apresentou o seguinte desafio: "Vocês podem usar qualquer objeto que tenham em sua bolsa ou mochila como elemento da brincadeira".

Resolução da situação-problema

Aqui não é importante se preocupar com os objetos que vocês possuem. No jogo simbólico, a origem do objeto que assumirá nova função não é importante (afinal, como um ser humano pode ser areia, na situação proposta acima?). Concentrem-se na situação que podem propor e depois atribuam o valor simbólico dos objetos. As crianças entre 4 e 7 anos (estádio pré-operatório) costumam brincar de escolinha, de casinha, de família, de super-herói, de trabalhar etc. São situações de faz de conta. Decidida a brincadeira, atribua os papéis dos integrantes (nem todos precisam encenar), criem o desenvolvimento da situação e selecionem os objetos que utilizarão (por exemplo, uma folha de papel pode ser a capa do super-herói, um estojo pode ser um secador de cabelo etc.)



Faça você mesmo

Observe este monólogo coletivo das crianças sentadas todas ao redor de uma mesa, enquanto fazem um desenho logo após terem ouvido a história de Cachos de Ouro:

Lev (menino, 5 anos e 11 meses): *Isto começa com a história de Cacho de Ouro. Estou escrevendo a história de dois ursos. O urso pai está morto. Ele estava muito doente.*

Glen (menino, 5 anos e 11 meses): *Eu morava antes em Salève. Morava numa casinha e tínhamos de tomar o funicular para ir fazer compras.*

Geo (menino, 6 anos): *Eu não consigo fazer o urso...*

Li (menina, 6 anos e 10 meses): *Este é Cacho de Ouro.*

Lev: *Eu não tenho cachos.*

Fonte: PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 78.

Agora é a sua vez! Relembre situações reais vividas ou mesmo observadas, em que crianças estão na fala egocêntrica. Conte para seus colegas e para o docente da disciplina.

Faça valer a pena

1. Assinale a alternativa que corresponde à Abordagem Cognitivista:

- a) Parte do princípio de que todo o conhecimento provém, única e exclusivamente, da experiência do ser humano com o meio ambiente. Este conhecimento é limitado ao que pode ser captado pelos órgãos dos sentidos (visão, tato, paladar, olfato e audição) ou deduzido por reflexão pessoal (introspecção) a partir das experiências vividas.
- b) Parte do princípio de que o conhecimento provém do exercício da inteligência, um processo mental de adaptação do ser humano ao meio ambiente, a partir das primeiras experiências que o bebê tem em relação às situações as quais é exposto. A partir destas experiências iniciais, o bebê assimila novas experiências, modifica-as e as transforma em novos conhecimentos.
- c) Parte do princípio de que a razão é a única via possível para explicar os fenômenos da natureza. A razão e a lógica iluminam a realidade e permitem que se enxerguem as conexões e relações existentes entre os objetos do conhecimento. Deve-se seguir apenas os pressupostos lógicos, pois são universalmente válidos.
- d) Parte do princípio de que a mente deve ser estudada, o que não foi realizado em outras abordagens. Assim, procura-se explicar como a mente funciona, bem como o processo de raciocínio para a resolução de problemas encontrados no cotidiano. A razão é apenas uma das possibilidades de funcionamento da mente, não esquecendo do aspecto emocional.
- e) Parte do princípio de que a aprendizagem do ser humano ocorre na inter-relação dos contextos históricos (determinados lugares e tempo), sociais

(determinados grupos de pessoas) e culturais (determinada sociedade). Assim, tanto a razão, quanto a mente, quanto o grupo social são fatores determinantes para que a aprendizagem ocorra.

2. ... se preocupa com a gênese (nascimento) do conhecimento científico (epistemê, em grego). Para desenvolver a linguagem científica, é importante conhecer e entender como ocorre a aquisição e o desenvolvimento da linguagem natural.

Assinale a alternativa que apresenta o nome desta corrente teórica:

- a) Sociointeracionismo.
- b) Behaviorismo.
- c) Inatismo.
- d) Cognitivismo.
- e) Conexionismo.

3. Jean Piaget elaborou uma teoria que recebeu o nome de Cognitivismo. Há outro nome que ele emprega bastante para designar a mesma teoria. Assinale a alternativa que apresenta este nome:

- a) Inatista.
- b) Simbólica.
- c) Epistemologia genética.
- d) Genetista.
- e) Gerativa

Seção 2.4

Abordagens interacionistas de aquisição da linguagem

Diálogo aberto

Prezado estudante! Seja bem-vindo à última seção desta unidade! Ao final desta unidade, chegaremos à metade do livro didático! Já percorremos um bom caminho, não? Bem, vamos aos estudos!

Os objetivos desta seção são:

1. Compreender o que é a Abordagem Interacionista de aquisição de linguagem.
2. Conhecer a Teoria Sociointeracionista, pertencente a esta abordagem.
3. Identificar as ideias principais desta teoria e refletir sobre exemplos que a esclareçam.

Lembra-se de nossa situação geradora de aprendizagem? Suponha que chegou o momento do curso em que você realiza o seu estágio obrigatório. Você foi aceito como estagiário em um centro de reabilitação multidisciplinar que atende crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista (TEA), e já vivenciou três experiências interessantes. Sua quarta experiência neste centro multidisciplinar será acompanhar a avaliação fonoaudiológica de uma menina de cinco anos de idade, com diagnóstico prévio de autismo. Em anamnese realizada previamente com os pais, a queixa principal deles era que ela falava muito pouco e utilizava apenas frases curtas. Para isso, a fonoaudióloga montou um set terapêutico com uma caixa fechada e muitos brinquedos dentro (boneca, roupa para a boneca, kit de cozinha, carrinhos, animais em miniatura, corda, lupa, giz de cera, papel, entre outros). A primeira ação da menina foi pegar uma maçã de brinquedo e nomeá-la como fruta. Em seguida a menina começou a falar frases como: “A boneca vai comer a maçã, ela gosta de maçã, a maçã está docinha...”. Nesse momento a fonoaudióloga fez a pergunta: “Você vai dar

a maçã para a boneca?”. Ela respondeu: “Não, ela não está com fome.”. O objetivo desta fase do estágio é escrever um relatório da experiência fazendo uma reflexão teórica acerca da situação prática observada. Nesta seção, você elaborará um relatório de estágio que exemplifique e explique (à luz da teoria estudada) fatos observados e relativos ao comportamento verbal da paciente no processo de avaliação da linguagem.

Neste último desafio, você deve:

- Descrever o momento em que a paciente utilizou a linguagem social.
- Descrever o momento em que a paciente utilizou a linguagem egocêntrica.
- Descrever o momento em que a paciente deu evidências de uso da linguagem interior.

Nesta seção, “Abordagens interacionistas de aquisição da linguagem”, você terá acesso à Teoria Sociointeracionista de Vygotsky, pertencente à Abordagem Interacionista, e precisará destes conhecimentos para resolver a quarta situação-problema, além de utilizar muito em sua prática profissional.

Desejo a você uma excelente aprendizagem!

Não pode faltar

Você já percebeu que as teorias referentes à aquisição de linguagem vão se justapondo a partir de novos olhares e novas percepções, de questionamentos e pontos frágeis, de novas experiências e descobertas. Assim, o Behaviorismo foi criticado pelo Inatismo, o Inatismo foi complementado pelo Cognitivismo.

Há ainda uma quarta teoria para explicar a aquisição e o desenvolvimento da linguagem, chamada Sociointeracionismo. Esta teoria faz parte da Abordagem Interacionista da Aquisição de Linguagem.

A Abordagem Interacionista compreende que a aquisição da linguagem é feita a partir da associação e da influência mútua entre

criança e meio social. Enfoca, portanto, a interação contínua entre seres humanos que permite à criança desenvolver um repertório de habilidades. A participação no mundo simbólico dos adultos é feita por meio de uma ferramenta mediadora: a linguagem, de forma que a criança passa a partilhar a história, os costumes e os hábitos do grupo social ao qual pertence. A Abordagem Interacionista compreende que a aquisição e o desenvolvimento da linguagem se dá em uma rede de relações, na qual alguém mais experiente serve de modelo para as crianças que estão aprendendo.

Piaget, nos estudos cognitivistas, considera o interacionismo exclusivamente do ponto de vista do indivíduo: preocupa-se eminentemente com as relações que a criança estabelece com o objeto de estudo. Já a Abordagem Interacionista considera que a interação não se dá apenas na perspectiva do indivíduo, mas que o grupo social exerce forte influência nesta interação, de forma que a linguagem é a ferramenta mais significativa no processo de interação. Neste sentido, a linguagem é adquirida a partir da mediação social e, em seguida, a linguagem torna-se uma ferramenta de mediação cultural.



Assimile

A Abordagem Interacionista parte do princípio de que todo conhecimento é construído a partir da mediação realizada por outros indivíduos e pelo uso de sistemas simbólicos. Assim, o processo de aquisição do conhecimento é dinâmico, pois à medida que o indivíduo investiga seu objeto de conhecimento, ele é modificado por este conhecimento, mas também exerce influência sobre ele, modificando-o, na medida em que lhe atribui novos significados a partir do seu trabalho investigativo.



Vocabulário

Objeto de conhecimento: aquilo que se pretende aprender. Pode ser um objeto propriamente dito, como um cubo, um brinquedo, um jogo. Porém, refere-se mais a um tema ou assunto que se pretende estudar ou analisar. Assim, para um linguista, o objeto de conhecimento é a língua e todas as relações necessárias para compreendê-la. Para o pedagogo, o objeto de conhecimento é a educação e todas as relações decorrentes de processos educacionais.

Na Abordagem Interacionista, o ser humano é compreendido como um ser de relações, que se humaniza a partir das relações que estabelece com outros seres humanos e com o conhecimento.

Figura 2.4 | Vygotsky: maior representante da Abordagem Interacionista



Fonte: <<https://goo.gl/EZSJni>>. Acesso em: 6 jul. 2016.

O maior representante desta abordagem é Lev Semenovitch Vygotsky, nascido em 1896, na Bielo-Rússia, antiga província da Rússia. Quando Vygotsky completou 20 anos, a Rússia começou um grande processo de reestruturação, marcado por uma guerra civil, uma intervenção externa e uma grave situação econômica, que resultou em falta de alimento, levando o governo a instaurar o comunismo. Ao longo dos duros anos, a comunidade científica foi chamada a construir uma nova perspectiva que elevasse a Rússia a um reconhecimento mundial. Vygotsky dedicou-se, junto a outros pesquisadores, a elaborar uma “nova psicologia”, propondo novas linhas de investigação. Assim, Vygotsky compreende o ser humano como um ser de relações, moldado pelas interações estabelecidas com outros indivíduos no contexto sociocultural. As relações são mediadas por ferramentas intelectuais (funções psicológicas superiores), como o pensamento, o raciocínio e a linguagem, entre outros. Esta nova perspectiva sobre o homem é conhecida como Teoria Sociointeracionista.



Assimile

Sociointeracionismo: esta teoria parte do princípio de que a aprendizagem do ser humano ocorre na inter-relação dos contextos históricos (determinados lugares e tempo), sociais (determinados grupos de pessoas)

e culturais (determinada sociedade). Assim, o grupo e sua experiência prévia são fatores determinantes para que a aprendizagem ocorra, de forma que esta aprendizagem será sempre mediada por estes fatores. Ao se incorporar novos elementos, a aprendizagem também corresponderá ao novo contexto.

Vygotsky acredita que a linguagem é adquirida por crianças a partir da relação que se estabelece entre elas e outros indivíduos do mesmo grupo, no ambiente em que está imersa. Porém, a linguagem não é apenas uma aprendizagem adquirida. Entre a linguagem e o pensamento há uma relação fundamental de interdependência. E a linguagem, na perspectiva vygotskyana, é um instrumento intelectual complexo que permite a comunicação e a vida em sociedade, humanizando o indivíduo.

Vamos entender isso melhor. Desde o nascimento, a criança está imersa em um ambiente sociocultural permeado intensamente pela linguagem e a linguagem é utilizada quando os adultos se dirigem ao bebê e também quando tentam explicar o que o bebê está fazendo ou balbuciando. Porém, para Vygotsky, o pensamento e a linguagem têm uma origem diferente no cérebro. Assim, por mais que os adultos tentem compreender o que o bebê está balbuciando, não quer dizer que o bebê realmente esteja tentando expressar aquilo que os adultos compreenderam. A interpretação que os adultos fazem sobre as primeiras manifestações do bebê são consideradas mediações. Isto se deve ao fato de os adultos não conseguirem captar exatamente o que o bebê tenta comunicar e acabam atribuindo sentido às manifestações do bebê, de acordo com sua interpretação. O bebê, por sua vez, aceita a mediação do adulto por sua incapacidade de se manifestar e porque a mediação é capaz de trazer algum alívio para sua situação.

Para Vygotsky, o choro do bebê e o balbucio dos primeiros meses de vida ainda não representam uma expressão de pensamento, é apenas um estágio de desenvolvimento. No Sociointeracionismo, o pensamento do bebê ainda não é um pensamento verbal, ou seja, não é marcado pela fala ou por alguma outra forma de manifestação verbal. Da mesma forma, os sons emitidos não são considerados uma fala intelectual (pensada e expressa), ou seja, os sons que os bebês emitem são apenas manifestações emocionais.

Vygotsky chama de **período pré-linguístico do pensamento** quando o bebê ainda não consegue expressar seu pensamento de alguma forma e chama de **período pré-intelectual da fala**, aquele em que o bebê vocaliza, produz sons inarticulados, dá risada e gesticula, porém, não possui um pensamento ou uma reflexão que sustentam as emissões sonoras. São dois domínios de aprendizagens com origens genéticas diferenciadas, que não se cruzam.

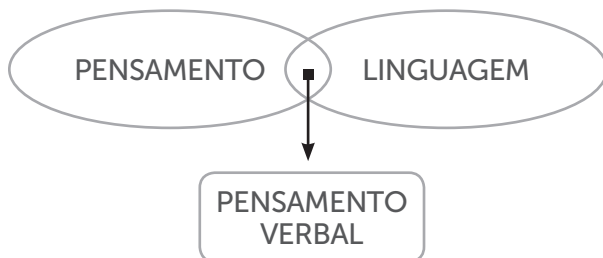
Figura 2.5 | Períodos pré-linguísticos



Fonte: elaborada pela autora.

Em dado momento, os dois domínios de aprendizagem se encontram. Isso ocorre por volta dos dois anos de idade, quando o pensamento cruza com a fala (linguagem) e surge um novo comportamento, que Vygotsky chama de **fala racional** ou **pensamento verbal**. Nesta época, a criança descobre que todas as coisas (objetos do conhecimento) possuem um nome e que pode se referir a esta coisa a partir de um signo específico, que a designa: uma palavra. Novamente, aqui, voltamos à ideia de signo linguístico (significado + significante), proposto por Saussure.

Figura 2.6 | Períodos pré-linguísticos



Fonte: elaborada pela autora.

Vygotsky dá importância fundamental para o significado, pois é exatamente no significado que se percebe que o pensamento se une com a fala, pois pertence a ambos os domínios.

No Sociointeracionismo, a aquisição da linguagem passa por três fases:

1. Linguagem social: tem a função de estabelecer a comunicação, é a primeira que surge, tem a característica de ser intersíquica.

2. Linguagem egocêntrica: Vygotsky considera que a fala egocêntrica é posterior à fala social, é um movimento de transição intersíquica para intrapsíquica, parte de uma fala mais coletiva para uma fala mais individualizada, pois, para ele, a fala segue o curso do pensamento: do coletivo para o individual.



Refleta

Piaget, quando desenvolve a teoria Cognitivista ou Epistemologia Genética (Seção 2.3), também propõe uma fase chamada de “fala egocêntrica”. Para Piaget, a fala egocêntrica precede a fala social e depois desaparece. Para Vygotsky, é exatamente o contrário. Veja:

Esquema Cognitivista

Fala egocêntrica → Fala social → Desaparecimento

Esquema Sociointeracionista

Fala social → Fala egocêntrica → Fala interior

3. Linguagem interior: as palavras podem ser pensadas, sem necessariamente serem verbalizadas. Vygotsky chama de fala interior e ocorre quando o indivíduo se volta para o pensamento, ou seja, para o exercício das funções psicológicas superiores. Assim, a criança reflete antes de falar e passa a usar a fala como mecanismo de autocontrole.



Exemplificando

Bebê fazendo gestos ou balbuciando, tentando se comunicar.



Fonte: <<https://goo.gl/TkCPKY>>. Acesso em: 6 jul. 2016.

As crianças interiorizaram a fala, demonstrando que a linguagem está associada às funções psicológicas superiores: “Estou com fome. Mamãe guarda as bolachas na parte de cima do armário. Posso alcançar as bolachas se eu levar uma cadeira até lá e subir em cima...” (a criança utiliza a linguagem para ordenar o pensamento e suas ações). Pode haver verbalização, mas nem sempre a criança fala em voz alta.



Fonte: <<https://goo.gl/zj3QZK>>. Acesso em: 6 jul. 2016.



Fonte: <<https://goo.gl/frg1jU>>. Acesso em: 6 jul. 2016.



Pesquise mais

Para conhecer a fundo a pesquisa de Vygotsky, sua explicação sobre o processo de aquisição e o desenvolvimento da linguagem, você deve ler seu livro: VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Vygotsky considera que a linguagem é mais do que apenas uma forma de relacionamento social e cultural do indivíduo. Para ele, a linguagem é tanto uma consequência do desenvolvimento da criança quanto um impulso que estimula seu desenvolvimento. Há uma forte relação entre linguagem e pensamento, sendo que a linguagem instrumentaliza o pensamento e vice-versa.

Desta forma, no Sociointeracionismo, quanto mais elaborada for a linguagem, mais elaborado será o pensamento. Da mesma forma, quanto mais elaborado o pensamento for, mais necessidade de desenvolvimento da linguagem haverá, para esclarecer, organizar e externar este pensamento.

Veja como isso é interessante! Pense primeiramente em uma situação pessoal em que a linguagem ajuda a organizar o pensamento. Agora, veja o exemplo:



Digamos que você acordou pela manhã e, antes mesmo de se levantar, fez uma lista mental de suas atividades ao longo do dia:

"Vou tomar café, depois vou ao mercado comprar os produtos para fazer a sobremesa e quando voltar vou organizar a cozinha e fazer... não, espera, acabou o gás, vou primeiro comprar o gás, para depois tomar o café e fazer tudo isso".

Quem nunca passou por algo semelhante? Você já percebeu como pensa utilizando os recursos da linguagem e, no nosso caso particular, da língua portuguesa? Você já se ouviu dando conselhos a si mesmo? "Ih, não vai por aí que é fria! ".

A mesma coisa ocorre com as crianças, veja estas situações:

Criança se aproxima da tomada na parede, balbuciando:

Mãe: – Não coloque a mão na tomada porque dá choque (linguagem social).

Criança com 3-4 anos: – Mamãe disse para não colocar a mão na tomada porque dá choque (fala oralizada, linguagem egocêntrica).

Criança com 5-6 anos: – Não vou colocar a mão na tomada porque dá choque (lembrando que esta fala pode ser oralizada ou internalizada).

Concluindo: Vygotsky propõe que a função inicial da fala é o contato social, pois a vivência em sociedade é fundamental para o ser humano. Porém, quando o bebê sente a necessidade de se comunicar com o ambiente e com outras pessoas, o desenvolvimento da linguagem é impulsionado, e o bebê chora, balbucia, gesticula. Estes são os princípios que organizarão a aquisição e o desenvolvimento da linguagem. Conforme entra em contato com outros adultos ou indivíduos mais experientes que ela, em termos de linguagem, a criança vai aprendendo a nomear objetos e a estabelecer novas relações e novas situações de manipulação destes objetos, que lhe permitirão construir significados a partir da mediação que ocorrerá entre a criança e o grupo sociocultural. Desta forma, a linguagem é mais e mais empregada para construir uma rede de significados

densa, que funcione como um instrumento do pensamento, sendo utilizada cada vez mais para organizar ideias, resolver problemas, explicar fenômenos naturais etc.

Sem medo de errar

Para resolver esta situação-problema, você deverá saber que a teoria Sociointeracionista compreende que a linguagem é adquirida e desenvolvida a partir da interação da criança com outras pessoas que vão se influenciando mutuamente, portanto, em um determinado contexto sócio-histórico.



Atenção

A Abordagem Interacionista: parte do princípio de que todo conhecimento é construído a partir da mediação realizada por outros indivíduos e pelo uso de sistemas simbólicos.

É importante retomar o que a teoria Sociointeracionista define como as três fases de desenvolvimento da linguagem: a linguagem social, a linguagem egocêntrica e a linguagem interior, bem como as características de cada uma delas.

No caso da paciente de cinco anos, que tratamos na nossa situação-problema, quando ela pegou a maçã e a nomeou, utilizou a linguagem social. Ao falar sobre a maçã, ela utilizou a linguagem egocêntrica e ao responder a pergunta da fonoaudióloga ela utilizou a linguagem interior. Imagine outros comportamentos verbais que a menina possa ter tido, tendo como foco a linguagem social, a linguagem egocêntrica e a linguagem interior.

Agora você tem todos os elementos para resolver esta situação-problema. Desejo a você um bom trabalho!

Avançando na prática

Cálculo mental

Descrição da situação-problema

Marina tem seis anos. Sua professora iniciou o processo de estímulo ao cálculo mental, para que as crianças consigam resolver

cálculos simples “de cabeça”, sem suporte de lápis e papel. Nesta atividade, a professora entregou a Marina 20 lápis grafite e pediu que ela distribuisse igualmente entre os integrantes do seu grupo (contando com Marina, são três crianças). Marina pensou: “**X**”, pegou o conjunto de lápis e entregou três lápis para cada criança, separando três para ela. Em seguida, olhou para o montante que ainda possuía para dividir e pensou: “**Y**”, entregou dois para cada criança, separou dois para ela. Em seguida, parou, olhou e pensou: “**Z**” e separou um lápis para si, entregou 1 lápis para cada criança. Devolveu dois lápis para a professora.

Considerando que Marina já está no período da linguagem interior e deveria ter feito os cálculos mentalmente, qual seria a linha de pensamento com a respectiva fala interior que adotou em “**X**”, “**Y**” e “**Z**”? Escreva a provável conversa que Marina teve consigo mesma nestes três momentos, para organizar seu pensamento e suas ações.



Lembre-se

Na linguagem interior, as palavras podem ser pensadas, sem necessariamente serem verbalizadas. Vygotsky chama de fala interior e ocorre quando o indivíduo se volta para o pensamento, ou seja, para o exercício das funções psicológicas superiores. Assim, a criança reflete antes de falar e passa a usar a fala como mecanismo de autocontrole.

Resolução da situação-problema

Por incrível que pareça, crianças com três anos de idade já são capazes de resolver este tipo de problema, sabia? Pois bem, Marina tem seis anos e já apresenta uma capacidade de raciocínio bastante elaborada. Ao ser estimulada a resolver um problema usando cálculo mental (sem usar lápis nem papel), Marina sente a necessidade de manter um diálogo interno, conhecido na teoria Sociointeracionista como linguagem interior. A linguagem interior serve para organizar o pensamento e também para estruturar as ações que serão tomadas.

Abaixo, segue um provável exemplo da linguagem interior que Marina empregou.

Ao receber o montante de 20 lápis, ela olhou para a quantidade e provavelmente pensou:

X: "Tem bastante lápis aqui. Não vou dar de um em um porque demora muito. Vou dar logo três para cada um e ver quanto sobra. Se faltar, eu pego de volta."

Percebendo que ainda sobraram vários lápis, mas a quantidade caiu pela metade, ela provavelmente pensou:

Y: "Bom, agora acho que não dá para dar três lápis para cada um, então vou dar dois. Se faltar, eu pego um de volta."

Considerando que ainda sobraram lápis no monte, provavelmente pensou:

Z: "Bom, agora tenho cinco lápis na mão. Não posso mais dar dois para cada um, pois seriam seis, mas posso dar um para cada um."

Você pode ter criado um diálogo completamente diferente, que é válido, sem dúvida, desde que demonstre a sequência de passos e a quantidade correta de lápis empregada.



Faça você mesmo

Retome os exemplos dados em **Exemplificando**. Agora é a hora de buscar exemplos pessoais! Pense em seus momentos de linguagem interior e redija exatamente o que pensou. Você contará para seus colegas e professor, portanto, pense em exemplos que possam ser discutidos publicamente!

Você pode ir mais longe: pense em momentos em que anda falando sozinho, como na linguagem egocêntrica. Quem nunca fez isso? Se pegou falando em voz alta sozinho!!!!

Por fim, pense se alguma vez você fez um gesto ou "caras e bocas" e isso foi interpretado de forma diferente do que você queria expressar. Deve ter sido bem engraçado! Conte para seus colegas e professor. Este exemplo pode ser considerado uma fala social.

Faça valer a pena

1. Assinale a alternativa que completa a frase: "A abordagem que parte do princípio de que todo conhecimento é construído a partir da mediação realizada por outros indivíduos e pelo uso de sistemas simbólicos é chamada de _____".

- a) Tradicionalista.
- b) Empirista.
- c) Interacionista.
- d) Racionalista.
- e) Cognitivista.

2. A Abordagem Interacionista da Aquisição de Linguagem parte do princípio de que todo conhecimento é construído a partir da mediação realizada por outros indivíduos e pelo uso de sistemas simbólicos. Assim, o processo de aquisição do conhecimento é dinâmico, pois à medida que o indivíduo investiga seu objeto de conhecimento, ele é modificado por este conhecimento, mas também exerce influência sobre o objeto, modificando-o, na medida em que lhe atribui novos significados a partir do seu trabalho investigativo.

Assinale a alternativa que apresenta a teoria relacionada a esta abordagem:

- a) Sociointeracionista.
- b) Conexionista.
- c) Cognitivista.
- d) Inatista.
- e) Behaviorista.

3. Com relação ao Sociointeracionismo de Vygotsky, é correto afirmar que:

- a) O que é captado pelos órgãos do sentido são determinantes para que a linguagem seja adquirida, de forma que esta aprendizagem será sempre dependente do funcionamento dos órgãos do sentido.
- b) Todo ser humano possui uma base biológica, herdada geneticamente, que lhe habilita adquirir e desenvolver a linguagem, portanto, esta aprendizagem depende da base biológica cerebral.
- c) É apenas a partir de experiências empíricas que a linguagem é adquirida, portanto, esta aprendizagem depende de uma manipulação cognitiva para que ocorra.

d) O grupo e o contexto cultural são fatores determinantes para que a linguagem seja adquirida, de forma que esta aprendizagem será sempre mediada por estes dois fatores.

e) As conexões neurais são resultantes de aprendizagem. A cada nova aprendizagem, se forma uma sinapse. Portanto, a aprendizagem sempre dependerá de uma conexão bem-feita.

Referências

CHOMSKY, N. **A ciência da linguagem**: Conversas com James McGilvray. São Paulo: Unesp, 2014.

DIAS, F. O desenvolvimento cognitivo no processo de aquisição de linguagem. **Eletrônica** v. 3, n. 2, p. 107-119, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/ruoCoK>>. Acesso em: 28 maio 2016.

GONÇALVES, Rodrigo T. Chomsky e o aspecto criativo da linguagem. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. v. 5, n. 8, mar. de 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/esc17k>>. Acesso em: 28 maio 2016.

JOENK, I. K. Uma introdução ao pensamento de Vygotsky. **Revista Linhas**. v. 3, n. 1, 2002. Disponível em: <<https://goo.gl/hChNUP>>. Acesso em: 28 maio 2016.

KENEDY, E. **Skinner e o Behaviorismo**. Vídeo. Disponível em: <<https://goo.gl/9Dh5id>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

KISHIMOTO, T. M. **A importância do brincar**. Disponível em: <<https://goo.gl/fw8XNE>>. Acesso em: 20 maio 2016.

MACENO, F. **Jean Piaget**: fases do desenvolvimento. Vídeo. Disponível em: <<https://goo.gl/o8dEoi>>. Acesso em: 20 maio 2016.

MAGRO, C. Da história à implementação de sistemas conexionistas. **VEREDAS – Rev. Est. Ling, Juiz de Fora**, v. 7, n. 1 e n. 2, p. 169-185, jan./dez. 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/JSVxBs>>. Acesso em: 28 maio 2016.

MONTOYA, A. O. D. Pensamento e linguagem: percurso piagetiano de investigação. **Psicologia em Estudo**, Maringá, V. 11, n. 1, p. 119-127, jan./abr. 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/2LEFs7>>. Acesso em: 20 maio 2016.

PASSOS, M. de L. **Bloomfield e Skinner**: – Língua e comportamento verbal. Rio de Janeiro: Nau, 2004.

PASSOS, M. de L. R. da F. A análise funcional do comportamento verbal em Verbal Behavior (1957) de B. F. Skinner. **Rev. bras. ter. comport. cogn.** v. 5, n. 2, São Paulo, 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/gVwAqf>>. Acesso em: 28 maio 2016.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. São Paulo: LTC, 2013.

_____. PIAGET, J. **A linguagem e o pensamento da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PINKER, S. **O instinto da linguagem**. São Paulo: Martins Editora, 2004.

PORTAL EDUCAÇÃO. **Aquisição da linguagem oral**. Videoaula. Disponível em: <<https://goo.gl/XygJYB>>. Acesso em: 20 maio 2016.

QUADROS, R. M. de; FINGER, I. **Teorias de aquisição de linguagem**. Documento eletrônico. Disponível em: <<https://goo.gl/aMKrBd>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

ROCHA, Ruth. **Marcelo, marmelo, martelo**. 2. ed. São Paulo: Salamandra, 2011.

ROSSA, A.; ROSSA, C. (Org.) **Rumo à psicolinguística conexcionista**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SKINNER, B. F. **O comportamento verbal**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1978.

SMOLKA, A. L. B. A concepção de linguagem como instrumento: um questionamento sobre práticas discursivas e educação formal. **Temas psicol.** v. 3, n. 2, Ribeirão Preto: 1995. Disponível em: <<https://goo.gl/jDowwT>>. Acesso em: 28 maio 2016.

UNIVESP. **Lev Vigotski**: Desenvolvimento da linguagem. Vídeo. Disponível em: <<https://goo.gl/S9UPHH>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

Aquisição e o desenvolvimento da linguagem infantil

Convite ao estudo

Caro aluno, sejam bem-vindo à Unidade 3! Aqui tomaremos contato especificamente com a aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil. Estudamos na Unidade 1 (Conceitos básicos dos estudos da linguagem) aspectos específicos da linguagem humana, inclusive aqueles que nos diferenciam de outros animais. Vimos na Unidade 2 (Bases teóricas da aquisição da linguagem) as quatro principais teorias que explicam como o ser humano adquire e desenvolve a linguagem, partindo de distintas abordagens científicas.

E agora é a vez de focar especificamente em uma rica, significativa e valiosa fase do desenvolvimento humano, que é a infância. Conheceremos os estágios de desenvolvimento da linguagem (como as primeiras produções orais, a consciência fonológica, a aquisição do léxico e construção de sentido, entre outras). Em seguida, enfocaremos as metodologias dos estudos em aquisição da linguagem (coleta de dados espontâneos e experimentais). Desta forma, os objetivos desta unidade são:

1) Conhecer e diferenciar os estágios de desenvolvimento da linguagem infantil.

2) Conhecer e diferenciar as metodologias dos estudos em aquisição da linguagem.

Para apoiar sua aprendizagem nesta unidade, vamos propor uma nova Situação Geradora de Aprendizagem (SGA). Imagine que você já está formado e trabalha em um Centro de Atendimento Integrado, que atende crianças, adolescentes e

jovens com distúrbios de aprendizagem e de linguagem. Você, como fonoaudiólogo, faz parte da equipe multidisciplinar que atende os pacientes, composta por médicos neurologistas, psiquiatras, psicólogos, neuropsicólogos, psicopedagogos e pedagogos. O primeiro caso é o de uma menina chamada Leticia (5 anos) que apresenta um distúrbio de linguagem chamado DEL (Distúrbio Específico de Linguagem). Qual o papel do fonoaudiólogo em uma equipe multidisciplinar? O que o fonoaudiólogo deve fazer para discutir um caso com a equipe? Que tipo de questões ele deve fazer diante do caso? Que fatos relativos à linguagem ele deve observar?

Ao longo desta unidade, você conhecerá os estágios do desenvolvimento da linguagem, bem como as metodologias utilizadas para o estudo da aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil, aprofundando cada vez mais o seu conhecimento. Vamos avançar em nossos estudos! Encante-se por esta oportunidade e descubra cada vez mais!

Seção 3.1

Estágios de desenvolvimento da linguagem I

Diálogo aberto

Acreditamos que, a partir da leitura deste livro didático e a partir da SGA, você deva estar se perguntando: “Como, efetivamente, as crianças adquirem a linguagem? Por que uma criança pode não desenvolver linguagem? Quais situações práticas evidenciam a aquisição e o desenvolvimento da linguagem? Como a criança começa a falar, e quais suas primeiras experiências vocais? Como essas experiências vocais evoluem até o desenvolvimento completo da linguagem?” Esta seção é dedicada ao estudo dos estágios de desenvolvimento da linguagem infantil e tem como objetivo:

- 1) Conhecer e diferenciar os estágios de desenvolvimento da linguagem infantil.
- 2) Elucidar as produções e discriminações vocais na primeira infância.
- 3) Compreender o papel da prosódia na aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil.
- 4) Desvendar como a criança constrói a consciência da estrutura fonológica.

Nesta unidade, propusemos uma nova Situação Geradora de Aprendizagem (SGA) para facilitar sua aprendizagem. Você aprofundará seus conhecimentos sobre desenvolvimento de linguagem antes de discutir um caso com uma equipe multidisciplinar, tendo como questão norteadora: “Como ocorre a aquisição e o desenvolvimento da linguagem infantil?”. Assim, você terá dados para justificar para a equipe as dificuldades manifestadas por Letícia.

Para saber discutir sobre um distúrbio, o fonoaudiólogo precisa entender a normalidade e organizar as ideias principais sobre aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil. Desta forma, você preencherá uma tabela onde apresentará como são as primeiras produções e discriminações vocais da infância, executados durante

os estágios iniciais de aquisição e desenvolvimento da linguagem. Esta é a tabela que você preencherá:

Estágio	Idade aproximada	Característica	Exemplo
---------	------------------	----------------	---------

Anote todas as referências utilizadas. Para realizar a primeira SP, você estudará os estágios do desenvolvimento infantil, as produções e discriminações vocais na primeira infância e o papel da prosódia, bem como a construção da consciência da estrutura fonológica por parte da criança.

Após desenvolver a tabela, seu papel como fonoaudiólogo em uma equipe multidisciplinar é verificar em que estágio a Letícia se encontra e como foi o desenvolvimento de linguagem dela.

Desejamos a você uma excelente leitura e uma boa aprendizagem!

Não pode faltar

Você já deve ter percebido que, para adquirir a linguagem humana, a criança precisa, em primeiro lugar, aprender a controlar o conjunto de sons que é capaz de produzir. O desenvolvimento do sistema de sons da criança ocorre desde bebê.

Após observar as manifestações espontâneas dos bebês e das crianças, a maior parte dos pesquisadores acredita que é possível dividir o processo de aquisição e de desenvolvimento da linguagem em estágios, pois, mesmo em diversas sociedades, aparentemente o processo tem a mesma sequência. Pode ser que uma criança avance mais rapidamente do que outra pelos estágios, em decorrência do ambiente social onde está imersa. Isso não quer dizer que as outras crianças estão em defasagem, apenas levam um tempo próprio para se desenvolver.

O primeiro estágio refere-se aos primeiros meses de vida, que vai de zero a seis meses, aproximadamente. Você sabia que o bebê nasce com dois reflexos: o da sucção e o do choro? Pois é, chorar é, inicialmente, uma manifestação inata do bebê e não quer dizer que há algo errado com ele. Chama-se Reflexo de Moro a sequência motora de fechar os olhos, movimentar os braços como se estivesse agarrando alguma coisa no ar e chorar. O Reflexo de

Moro é uma das manifestações do bebê que indica que seu cérebro está funcionando conforme esperado para a idade. Portanto, até os dois meses de vida, o bebê chora não necessariamente porque está com fome, sono ou porque precisa de uma troca de fraldas. O choro é apenas uma manifestação inata. Mas essa é uma manifestação sonora, talvez a primeira manifestação sonora do bebê e, portanto, deve ser considerada no nosso estudo acerca dos estágios de aquisição e desenvolvimento da linguagem. Outra manifestação que ocorre durante os dois primeiros meses de vida são os sons vegetativos. Neste grupo estão os arrotos e os espirros. Porém, percebe-se que os bebês desde muito cedo são extremamente sensíveis às propriedades e estruturas da sua língua materna, percebendo, inclusive, quando se emprega uma outra língua.



Exemplificando

Agora você deve ter sentido curiosidade em saber como os pesquisadores sabem que bebês são capazes de diferenciar a língua materna de outra língua. Para saber se o bebê diferencia uma língua e outra, os pesquisadores costumam medir alguns índices, como, por exemplo, a taxa de sucção na mamada e o ritmo cardíaco. Assim, um bebê mama normalmente enquanto escuta a língua materna (mede-se a taxa de sucção por minuto), porém quando o bebê é exposto a uma nova língua no momento da mamada, sua taxa de sucção cai, indicando que ele está prestando atenção em alguma coisa nova, no caso uma nova língua. Não é à toa que dizem que os bebês devem ser amamentados em lugar tranquilo! Agora, pisme: a mudança desses índices pode ser observada desde os quatro dias de vida de um bebê!

Continuando ainda no estágio que compreende os seis primeiros meses de vida, logo após completar dois meses, o bebê é capaz de arrulhar e dar risadas, emitindo sons que ainda não possuem sentido na língua materna. O arrulhar, no caso de bebês, é um som semelhante ao dos pássaros, um som ainda não vocalizado. Mas, muito rapidamente, quando está próximo a completar seis meses, o bebê desenvolve o que chamamos de “brincadeira vocal”, caracterizada por estalar a língua (clá clá clá), assoprar, fazer bolhas com a saliva, colocar a língua em várias posições na boca (para dentro e para fora, próximo e distante dos dentes, para cima e para baixo, perto, longe e entre os lábios). É também capaz de emitir

alguns sons primitivos (“uh” “uh”), porém estes sons também não possuem sentido na língua materna.

O segundo estágio compreende o período que vai dos seis aos dez meses de vida. Neste estágio, as crianças começam a balbuciar sílabas que são repetidas por um longo período (“ba” “ba” “ba” “ba”). Chama-se “balbucio reduplicado”. Algumas pesquisas indicam que, independentemente de onde a criança tenha nascido, elas costumam balbuciar as mesmas sílabas inclusive bebês surdos. Observe que estes dois fatos nos indicam que o balbucio não depende de um input externo (isto quer dizer que o fato de ouvir palavras ou mesmo não as ouvir é pouco significativo para o balbucio). Por este motivo é que os linguistas acreditam que há um comportamento interno da criança guiado para a aquisição e desenvolvimento da linguagem, que se inicia de forma inata. Lembra-se da Teoria Inatista ou Gerativa de Noam Chomsky? Pois apenas esta teoria pode explicar tal fato e, por este motivo, é a mais aceita pelos linguistas modernos.



Vocabulário

Input significa entrada. No caso da linguagem, um input linguístico são dados da linguagem aos quais a criança é exposta (fonemas, palavras, orações, entre outros).

O terceiro estágio ocorre entre os 10 e 12 meses de vida. Neste momento, o bebê muda a sua forma de balbuciar e passa a reproduzir os sons que ouve. Observe como isso é importante. Por volta dos dez meses o bebê inicia o processo de assemelhar suas emissões à língua materna. Para isso, procura desenvolver sons parecidos com as sílabas entoacionais de sua língua. Explicando de uma forma simples, o bebê procura acentuar e entoar suas emissões vocais, assemelhando suas vocalizações aos sons que escuta.

É neste momento que os pesquisadores costumam apontar a diferença entre o que é uma herança genética e o que é aprendido em termos de linguagem. Neste sentido, o papel da prosódia é muito importante. Prosódia é uma área da gramática que se dedica a estudar as características de emissão da fala, especificamente a acentuação e a entoação. Pois bem, os bebês percebem (através de inputs da fala de adultos) o emprego de entonação e acentuação e tentam reproduzi-las em seus balbucios, que ficam mais fortes.

Portanto, aqui o bebê já exibe um comportamento aprendido e não um comportamento inato. Os bebês nesta idade estão mapeando a língua materna a manipulando os sons, emitindo-os, agora, propositalmente. Há quem diga que, neste momento, os bebês fazem testes com seus balbucios, procurando pistas nas reações dos adultos para saber se estão no “caminho certo”. Obviamente, esses momentos não são totalmente conscientes, são apenas experimentais. Assim, o bebê usa as entonações para começar a manifestar sentimentos como “A” “A” “A” “A” para expressar que está feliz. Pode ocorrer que a prosódia do bebê coincida com o nome de alguma pessoa (como em “Álvaro”) ou com um elemento do seu contexto (como “água”) e as pessoas compreendam que a emissão sonora do bebê é intencional. Não há como ter certeza disso.

Até este momento, a criança não tem total consciência da estrutura fonológica da linguagem, ou seja, ela não compreendeu que a língua falada pode ser segmentada, de forma que a frase pode ser segmentada em palavras, as palavras podem ser segmentadas em sílabas e as sílabas, por sua vez, podem ser segmentadas em fonemas. Mas, também não se pode dizer que a consciência fonológica se inicia em um período específico, já que bebês com cerca de 4 dias de vida percebem diferença de ritmo na fala do idioma nativo com relação a um idioma estrangeiro, como vimos logo no início do texto.



Vocabulário

Fonema é a menor unidade sonora do sistema de uma língua. O fonema é de fundamental importância para distinguir palavras. Observe, por exemplo faça X vaca: as pronúncias são parecidas, apenas os fonemas /f/ e /v/ é que diferenciam uma palavra da outra.

O quarto estágio ocorre entre um ano e um ano e meio. Nesta idade, o desenvolvimento da linguagem passa por um processo de refinamento e a criança começa a pronunciar as primeiras palavras. Normalmente, estas primeiras palavras nomeiam objetos e pessoas comuns em seu ambiente, como: “papai”, “mamãe”, “pepeta”. Nesta idade, a criança emprega uma palavra com sentido de uma frase. Estas palavras são chamadas holófrase, conforme estudamos na unidade anterior. Por exemplo, ao falar “aua”, pode ser que a criança esteja falando “quero água”, ou ainda “está chovendo”.

Nesta etapa, elas utilizam gestos que complementam sua intenção comunicacional, como, por exemplo, levantando os braços ao mesmo tempo que diz: “colo”, indicando que querem ser pegas no colo.



Pesquise mais

Este livro defende a teoria inatista, segundo a qual os bebês nascem biologicamente preparados para adquirir e desenvolver a linguagem. O livro também expõe as fases de desenvolvimento da linguagem, explicando os comportamentos dos bebês e das crianças. Trata-se de uma leitura simples e objetiva, que você aproveitará muito!

COSTA, J.; SANTOS. A. L. **A falar com bebês**. Lisboa: Caminho, 2003.

O quinto estágio inicia com um ano e meio, e nesta idade a criança já consegue combinar duas palavras, que ainda não representam uma sentença, porém são empregadas com uma pausa entre elas (palavras isoladas). Por exemplo: “nenê água”. É surpreendente perceber que a criança, nesta etapa, já tem a capacidade de utilizar as palavras na sequência adequada de um enunciado compreensível (no exemplo, podemos entender: “o nenê quer água”). Assim, as formas mais comuns de emprego de duas palavras são:

- Sujeito + ação: “bola cai” (pode ser: “a bola caiu”).
- Ação + objeto: “pega mamã” (pode ser: “pegue a mamadeira”).
- Sujeito + objeto: “papai bola” (pode ser: “papai joga bola”).
- Ação + lugar: “nenê sofá” (pode ser: “o nenê quer ir no sofá”).

Observe que, mesmo com a ausência de algumas palavras ou conectores, as palavras são apresentadas conforme a ordem clássica da linguagem do adulto. As crianças desta idade quase nunca erram a ordem quando começam a combinar duas palavras.

O sexto estágio ocorre quando a criança atinge os dois anos de idade, aproximadamente, e dura um ano. Quando chega aos dois anos, a criança possui um vocabulário de aproximadamente 400 palavras, mas não usa artigos (“o”, “a”) nem conjunções (“e”, “mas”).

Ao final do segundo ano, terá um vocabulário de 900 palavras e já usará artigos e pronomes (“ele”, “ela”). Nessa idade, a criança começa a entender a flexão de verbos e compreende o uso do verbo no passado, como por exemplo:

Adulto: - “Comeu toda a fruta?”

Criança: - “Comi.”

Aqui se percebe que a criança vai compreendendo regras da linguagem e as emprega de forma constante, ocasionando, naturalmente, equívocos como:

Adulto: - “Pegou a bola?”

Criança: - “Peguei.”

ou:

Adulto: - “Deu a bala para seu amiguinho?”

Criança: - “Eu di.”

A criança apenas não aprendeu que existem verbos irregulares, tais como trazer, fazer, entre outros, cuja formação do tempo passado é diferente dos verbos regulares, como comer, correr, dormir, entre outros. Assim, os verbos regulares finalizados em “er” e “ir” possuem, no tempo passado, a terminação “i” (comer/comi; correr/corri; dormir/dormi, entre outros) diferente dos verbos irregulares, que precisam ser aprendidos um a um (trazer/trouxe; pôr/pus, entre outros). Muitas vezes ocorre também a confusão com os regulares terminados em “ar”: pegar/pegui; dar/di.

É importante frisar que nesta idade não podemos dizer que as crianças estão errando a conjugação verbal, pois, aos três anos, elas estão testando hipóteses para verificar se a regra aprendida (primeira pessoa do tempo passado dos verbos regulares finalizados em “er”) se aplica a quaisquer outros verbos no passado. Dizemos que, neste caso, as crianças ampliam seu repertório produzindo novas formas que nunca foram ouvidas (pois os adultos não utilizam: “pegui”, “di”, “trazi”, “fazi”). Na verdade, a criança se baseia na regularidade da língua para testar sua hipótese e, aos poucos, descobre que sua

forma de empregar os verbos irregulares no tempo passado precisa mudar para se assemelhar à linguagem do adulto.

No sétimo estágio é que consciência da estrutura fonológica da língua vem à tona. Agora a criança compreende que a língua falada é composta por segmentos sonoros, de forma que a frase pode ser segmentada em palavras, as palavras podem ser segmentadas em sílabas e as sílabas, por sua vez, podem ser segmentadas em fonemas.



Assimile

Consciência fonológica é uma capacidade do ser humano que lhe permite refletir de forma consciente sobre a estrutura da linguagem oral, analisando sua composição e segmentação. Divide-se nos níveis: noção de palavra, noção de rima, aliteração (capacidade de identificar e repetir a sílaba ou fonema inicial de uma palavra), consciência silábica e consciência fonêmica (capacidade de isolar e manipular as unidades sonoras constituintes da palavra). A partir da compreensão da segmentação de orações e palavras a criança poderá compor novas palavras e novas orações, dominando a organização da linguagem utilizada por sua comunidade.

Este estágio diz respeito às crianças com mais de três anos de idade. Após completar três anos de idade, o vocabulário da criança atingiu 1.200 palavras e ela começa a empregar preposições (antes, depois, para, até, entre outras). Com quatro anos, seu vocabulário atingiu 1.900 palavras. Com cinco anos, as crianças já adquiriram praticamente todas as possibilidades de construção de orações da língua materna, tais como:

- Orações relativas: "hoje, a professora conversou com quem chega atrasado na escola" (a palavra quem é um pronome relativo).
- Orações clivadas: "foi na festa que a Maria caiu" (duas orações partidas com um verbo em cada – uma variação que denota intensidade no predicado e não no sujeito; no caso deste exemplo, poder-se-ia dizer simplesmente: "Maria caiu na festa").
- Perguntas: "quando vamos na casa da vovó?"

- Orações passivas: “o bolo foi comido pelas crianças” (neste caso, o sujeito “o bolo” sofre a ação do verbo “foi comido”. Poder-se-ia simplesmente dizer: “As crianças comeram o bolo” – oração ativa).

Neste momento, a criança já demonstra uma grande compreensão da estrutura fonológica da língua. Logo após os três anos, a criança se mostra sensível às regras fonológicas de sua língua e vai se desenvolvendo com o uso de rimas em jogos e brincadeiras (prazer lúdico) muitas vezes estimulada em ambiente escolar. Após compreender o funcionamento das rimas, o próximo passo é aprender a criar rimas, ação muito estimulada também no ambiente escolar.

Com quatro anos, a criança já mostra a capacidade de divisão silábica de palavras compostas por duas sílabas, competência essencial para aquisição de novas palavras e ampliação de seu vocabulário. Com seis anos, já consegue segmentar praticamente todas as palavras. A consciência fonêmica atinge o seu ápice quando a criança começa a escrever, consolidando todas as hipóteses criadas anteriormente por ela. Algumas regras e detalhes da língua precisam ser ensinados, e este processo também faz parte do desenvolvimento da linguagem infantil.



Refleta

Percebeu como a aquisição e o desenvolvimento da linguagem humana ocorrem em uma velocidade impressionante? Aos cinco anos a criança já é capaz de utilizar as formas mais arrojadas da língua materna e nem sempre conseguiu se desenvolver com tamanha desenvoltura em outros campos, por exemplo, na motricidade e na escrita.

É fundamental ressaltar que a criança está exposta a um número finito de inputs de sentenças no meio social onde está inserida, porém é capaz de criar um número infinito delas, já que a criança não adquire as sentenças propriamente ditas, mas a regra de construção de cada tipo de sentença. Assim, ela consegue gerar sentenças novas que nunca foram ouvidas anteriormente.

Sem medo de errar

Muito bem! O seu desafio nesta seção é aprofundar os estudos antes de discutir um caso com uma equipe multidisciplinar, tendo como questão norteadora: “como ocorre a aquisição e o desenvolvimento da linguagem infantil?”. Assim, você terá dados para justificar para a equipe as dificuldades manifestadas por Letícia. Para tanto, você preencherá uma tabela para sistematizar as ideias principais, de forma que:

- Apresente como são as primeiras produções e discriminações vocais da infância, executados durante os estágios iniciais de aquisição e desenvolvimento da linguagem.

Em seguida, você pode apresentar a tabela, contendo os seguintes itens a serem preenchidos:

Estágio	Idade aproximada	Característica	Exemplo	Referências
---------	------------------	----------------	---------	-------------

Porém, você deve ficar atento para contemplar outras ideias importantes, como: o papel da prosódia e o desenvolvimento da consciência da estrutura fonológica da linguagem.

Como trata-se do primeiro momento de leitura e fixação das ideias e conceitos principais, é importante você incluir no quadro as referências bibliográficas utilizadas. Você deverá citar como fonte de consulta, tanto o próprio livro didático, incluindo as leituras complementares indicadas nele, como as indicadas na webaula.

Após a realização da tabela, tente memorizar o que escreveu para assim ter uma discussão mais embasada cientificamente. Bom trabalho!

! Atenção

Tanto a prosódia quanto a estruturação da consciência fonológica são elementos centrais para explicar a aquisição e o desenvolvimento da linguagem das crianças. São marcadores significativos que apontam a intenção da criança em aproximar as suas emissões sonoras da linguagem dos adultos.

Avançando na prática

Estimulando a aquisição e o desenvolvimento da linguagem de bebês

Descrição da situação-problema

O site Guia Infantil traz o artigo intitulado Como estimular a fala do bebê. Adaptamos o trecho final. Disponível em: <<http://br.guiainfantil.com/dialogo-na-familia/326-a-linguagem-entre-pais-e-filhos.html>>.

Dicas para incentivar a conversa com o bebê

Devemos estimular a aquisição da linguagem desde que as crianças nascem. Veja como:

- Converse com o bebê e diga o que você está fazendo no momento, mesmo quando o bebê for bem pequeno.
- Cante músicas e leia histórias para ele.
- Estabeleça contato com os olhos quando conversar com ele.
- Acompanhe as suas palavras com gestos.
- Elogie as crianças quando elas disserem algo certo.
- Aproveite ao jogar com elas para ensinar novo vocabulário (cores, animais, etc.).
- Ensine os sons dos animais para ele.

Justifique, de acordo com a teoria estudada nesta seção, o motivo destas orientações serem corretas.



Lembre-se

Ao longo da evolução dos estágios de aquisição e desenvolvimento da linguagem, a criança demonstra seu avanço a partir da utilização da prosódia, da holófrase, da conscientização acerca da estrutura fonológica da linguagem, do emprego da palavra, de duas palavras e, posteriormente, múltiplas combinações de palavras, culminando com o emprego de sentenças complexas da língua materna.

Resolução da situação-problema

É muito importante que você ressalte, em sua resposta, alguns aspectos principais, tais como a existência prévia de um aparato biológico (herança genética) que permite a aquisição e

desenvolvimento da linguagem, predispondo a criança a aprender e utilizar a língua utilizada na comunidade a qual faz parte. Desta forma, o estímulo (input) constante favorece que a aquisição e desenvolvimento da linguagem ocorra de forma gradual e harmônica. As orientações fornecidas no texto trazem inputs diversos para que o bebê ou a criança tenha acesso a um grande repertório que vai, aos poucos, reforçando o emprego da entonação e da acentuação na linguagem. Por volta dos 10 meses de idade, o bebê modifica seu balbúcio, tornando-o mais próximo da linguagem humana e emprega a prosódia (dar entonação e acentuação próprias da linguagem de sua comunidade) para assemelhar suas produções vocais à fala dos adultos. Ao mesmo tempo, o bebê vai adquirindo consciência da estrutura fonológica da língua (sonorização das palavras e das segmentações de palavras) o que lhe permitirá, mais à frente, utilizar palavras e frases que nunca ouviu antes.

Faça você mesmo

Agora é a sua vez de criar um roteiro de orientações para pais e professores! Indique entre três e cinco situações que propiciam a aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil. Dê exemplos para cada situação! Você pode se basear nas dicas apresentadas aqui e pode pesquisar na internet também. Lembre-se de escrever um texto autoral (sem cópias) e com o máximo de exemplos que conseguir.

Faça valer a pena

1. Assinale a alternativa que apresenta o que é considerado como a primeira emissão sonora do bebê:

- a) Reflexo de Moro.
- b) Balbúcio.
- c) Choro.
- d) Gritinhos.
- e) Holófrase.

2. Além do choro do bebê, há outra manifestação considerada como emissão sonora própria dos dois primeiros meses de vida, chamada “sons vegetativos”. Assinale a resposta que apresenta os sons vegetativos do bebê por volta dos dois meses de idade:

- a) Arroto e espirros.
- b) Choros e gritinhos.
- c) Arrulhos e sorrisos.
- d) Deglutição e digestão.
- e) Deitar e rolar.

3. Leia o texto: “Quando está próximo de completar seis meses, o bebê desenvolve o que chamamos de “_____”, caracterizando-se por estalar a língua (clá clá clá), assoprar, fazer bolhas com a saliva, colocar a língua em várias posições na boca (para dentro e para fora, próximo e distante dos dentes, para cima e para baixo, perto, longe e entre os lábios). É também capaz de emitir alguns sons primitivos (“uh” “uh”), porém estes sons também não possuem sentido na língua materna”.

Assinale a alternativa que apresenta o(s) termo(s) que completa(m) corretamente o espaço em branco do texto acima:

- a) Holófrase.
- b) Brincadeira fonológica.
- c) Brincadeira nasal.
- d) Brincadeira vocal.
- e) Balbucio.

4. Analise e associe as duas colunas, indicando qual a sequência realizada pelo bebê para adquirir e desenvolver a linguagem humana:

- a) Balbucio reduplicado.
- b) Duas palavras.
- c) Primeiras palavras e holófrase.
- d) Choro e sons vegetativos.
- e) Múltiplas combinações de palavras.
- f) Entoação e acentuação.
- g) Brincadeira vocal.

Assinale a alternativa que traz a sequência correta de evolução da aquisição e desenvolvimento da linguagem do bebê:

- a) 1-D; 2-A; 3-G; 4-F; 5-B; 6-C; 7-E.
- b) 1-C; 2-A; 3-E; 4-D; 5-B; 6-G; 7-F.
- c) 1-D; 2-G; 3-F; 4-B; 5-C; 6-A; 7-E.
- d) 1-E; 2-F; 3-A; 4-D; 5-G; 6-B; 7-C.
- e) 1-D; 2-G; 3-A; 4-F; 5-C; 6-B; 7-E.

5. Assinale a alternativa que apresenta a definição correta de prosódia:

- a) É uma área da gramática que se dedica a estudar as características de emissão oral do bebê, especificamente o choro e os sons vegetativos.
- b) É uma área da gramática que se dedica a estudar as características de emissão da fala, especificamente a acentuação e a entoação.
- c) É uma área da gramática que se dedica a estudar as características de emissão das brincadeiras vocais do bebê, especificamente os estalos da língua.
- d) É uma área da gramática que se dedica a estudar as características de emissão da fala, especificamente o balbucio e o balbucio reduplicado.
- e) É uma área da gramática que se dedica a estudar as características de emissão da fala, especificamente a holófrase e as primeiras palavras.

6. Leia o trecho: “um _____ linguístico são dados da linguagem aos quais a criança é exposta (fonemas, palavras, orações, entre outros)”.

Assinale a alternativa que apresenta o termo que completa corretamente o espaço em branco do texto acima:

- a) Output.
- b) Input.
- c) Put in.
- d) Put out.
- e) Print.

7. Leia o trecho: “os bebês percebem (através de inputs da fala de adultos) o emprego de entonação e acentuação e tentam reproduzi-las em seus

balbucios, que ficam mais fortes. Portanto, aqui o bebê já exibe um comportamento aprendido e não um comportamento inato”.

O trecho acima refere-se a:

- a) Pronome.
- b) Prognóstico.
- c) Prosopopeia.
- d) Prova.
- e) Prosódia.

8. Leia as afirmativas abaixo e assinale V (verdadeiro) ou F (falso) para cada uma delas:

I – O início da construção da consciência fonológica em bebês inicia junto com o uso da prosódia.

II – Consciência fonológica nada mais é do que compreender os sons da linguagem, compreender a segmentação de sentenças, palavras e sílabas e utilizar estes conhecimentos na fala.

III – Fonema é a menor unidade sonora do sistema de uma língua e o bebê precisa ter essa consciência para poder entender palavras diferentes, porém similares (como bola e bala), e conseguir empregar a língua materna para se comunicar.

Assinale a alternativa que apresenta a associação correta entre as colunas:

- a) Todas são verdadeiras.
- b) I-V; II-F; III-V.
- c) I-V; II-V; III-F.
- d) I-F; II-V; III-V.
- e) Todas são falsas.

9. Na coluna da direita, há alguns estágios referentes à aquisição e desenvolvimento da linguagem em crianças e na coluna esquerda, alguns exemplos. Associe as duas colunas:

- | | |
|----------------------------|---------------------------------|
| 1) Um ano a um ano e meio. | A) A bola foi comprada na loja. |
| 2) Um ano e meio a dois. | B) Mamãe. |
| 3) Dois a três anos. | C) Nenê caiu. |
| 4) Acima de três anos. | D) Eu trazi a boneca. |

Assinale a alternativa que apresenta a associação correta entre as duas colunas:

- a) 1-B; 2-C; 3-D; 4-A.
- b) 1-A; 2-C; 3-B; 4-D.
- c) 1-C; 2-D; 3-A; 4-B.
- d) 1-A; 2-B; 3-C; 4-D.
- e) 1-D; 2-C; 3-B; 4-A.

10. Leia as afirmativas abaixo e assinale V (verdadeiro) ou F (falso) para cada uma delas:

I – A criança está exposta a um número finito de inputs de sentenças no meio social onde está inserida, porém é capaz de criar um número infinito delas, já que a criança não adquire as sentenças propriamente ditas, mas a regra de construção de cada tipo de sentença. Assim, ela consegue gerar sentenças novas que nunca foram ouvidas anteriormente.

II – A consciência fonológica atinge o seu ápice quando a criança começa a escrever, consolidando todas as hipóteses criadas anteriormente pela criança. Algumas regras e detalhes da língua precisam ser ensinados e este processo também faz parte do desenvolvimento da linguagem infantil.

III – Com dois anos, a criança já mostra a capacidade de divisão silábica de palavras compostas por duas sílabas, competência essencial para aquisição de novas palavras e ampliação de seu vocabulário. Com três anos, a criança já consegue segmentar praticamente todas as palavras.

Assinale a alternativa que apresenta a associação correta entre as colunas:

- a) Todas são verdadeiras.
- b) I-V; II-F; III-V.
- c) I-V; II-V; III-F.
- d) I-F; II-V; III-V.
- e) Todas são falsas.

Seção 3.2

Estágios de desenvolvimento da linguagem II

Diálogo aberto

Caro aluno, seja bem-vindo a mais uma seção da Unidade 3! Começamos esta unidade estudando parte do desenvolvimento da linguagem das crianças, tratando especificamente das produções e discriminações vocais na primeira infância, do papel da prosódia e a consciência da estrutura fonológica. Nesta seção, os objetivos de aprendizagem são:

- Descobrir como ocorre a aquisição do léxico no desenvolvimento da linguagem infantil.
- Discutir a emergência da sintaxe.
- Detalhar como ocorre a composição do sentido quando a criança está desenvolvendo a linguagem.

Para apoiar sua aprendizagem, vamos apresentar a segunda situação-problema (SP). Você se lembra da Situação Geradora de Aprendizagem (SGA), não? Na SGA desta unidade, você está em um Centro de Atendimento Integrado, que atende crianças, adolescentes e jovens com distúrbios de aprendizagem e de linguagem. Você, como fonoaudiólogo(a), faz parte da equipe multidisciplinar, composta por médicos neurologistas, psiquiatras, psicólogos, neuropsicólogos, psicopedagogos e pedagogos, que atende os pacientes. O primeiro caso é o de uma menina chamada Leticia (5 anos) que apresenta um distúrbio de linguagem chamado DEL (Distúrbio Específico de Linguagem). Qual o papel do fonoaudiólogo em uma equipe multidisciplinar? O que o fonoaudiólogo deve fazer para discutir um caso com a equipe? Que tipo de questões ele deve fazer diante do caso? Que fatos relativos à linguagem ele deve observar?

Nesta seção, sua nova situação-problema envolve criar um relatório pensando em alguns aspectos da linguagem de Leticia,

isto é: como é o léxico apresentado por Leticia e de que forma ela o adquiriu, até os 5 anos, durante suas experiências com a linguagem? Como é a sintaxe apresentada por Leticia, aos 5 anos, e como foi sua estruturação durante o desenvolvimento da linguagem?

Desenvolva uma resposta para cada pergunta que seja pertinente ao caso específico de DEL. Para ajudá-lo, pense que a linguagem receptiva, isto é, a compreensão de linguagem da Leticia é muito boa. Pense também que as dificuldades maiores da paciente residem nos aspectos semântico-lexicais e sintáticos, pois a menina tem dificuldade para utilizar verbos, substantivos e adjetivos com sentido lexical. E também não domina regras de flexão verbal e nominal. Para apoiar sua aprendizagem, estudaremos nesta seção: a aquisição do léxico, a emergência da sintaxe e a composição do sentido. Lembre-se que deve relacionar as produções da primeira e da segunda situações-problema para discutir o caso com a equipe. Agora, leia o Não Pode Faltar e aprofunde seus estudos no fantástico campo da aquisição e desenvolvimento da linguagem!

Não pode faltar

Você já descobriu como ocorrem as primeiras produções e discriminações vocais da infância, bem como que a prosódia tem papel fundamental na aquisição e desenvolvimento da linguagem. Descobriu também que a consciência da estrutura fonológica da linguagem é que permite à criança se desenvolver cada vez mais, compreendendo as regras da linguagem e desenvolvendo novas combinações a partir da derivação das regras que aprendeu. Em paralelo, ocorrem mais três habilidades básicas que sustentam o desenvolvimento da linguagem, a saber: a aquisição do léxico, a emergência da sintaxe e a composição do sentido (semântica). Convidamos você a estudar cada uma delas a partir de agora!

Você deve estar curioso e curiosa para entender mais sobre o léxico:



Vocabulário

Léxico nada mais é do que o conjunto de palavras de um idioma.

Sintaxe refere-se à organização dos elementos da frase, ou seja, trata das relações de ordem, concordância e subordinação entre as palavras.

Assim, a criança, ao desenvolver a linguagem, precisa conhecer as palavras que fazem parte do idioma de sua comunidade, bem como o emprego específico das palavras nas frases de acordo com seu sentido. Este estudo é muito importante, pois as palavras são a base da comunicação e da linguagem. A aquisição de uma nova palavra implica em conseguir reproduzi-la oralmente (repetir os sons que a compõem) e compreender seu sentido. Se a palavra vai ser utilizada posteriormente é outra questão que implicaria em utilizá-la intencional e adequadamente nas frases. Esta é uma situação lógica: nós, adultos, sabemos muito mais palavras do que empregamos, assim como a criança. Chamamos de léxico passivo o maior volume de conhecimentos que temos e léxico expressivo as palavras que, de fato, utilizamos em nosso dia a dia.

Nos estudos sobre a aquisição e desenvolvimento da linguagem, é fundamental saber que o léxico que a criança adquire está intimamente relacionado com o contexto social do qual ela faz parte. Assim, o desenvolvimento lexical ocorre a partir da aquisição das palavras novas e das relações que vão se estabelecendo entre elas.

Estudamos na seção anterior que as primeiras emissões vocais intencionais da criança estão relacionadas a um objeto afetivo do seu entorno (pode ser uma pessoa ou um animal, inclusive) que satisfazem sua necessidade ou seu desejo. Normalmente, a emissão é formada por uma consoante e uma vogal, ou seja, uma sílaba, que é emitida em duplicata ("mãemã", "pápá", "bôbô", "nêê", "têê"). Neste ponto, a criança está desenvolvendo as seguintes habilidades:

a) Consegue distinguir o objeto a que se refere do contexto onde está inserido (este é o "bôbô" = vovô, não é a mesa, não é a cadeira).

Descobre que há um item léxico específico para designar este objeto ("bôbô" só serve para designar o vovô; para mamãe se usa outra palavra, para bola se usa outra palavra e assim sucessivamente).

b) Percebe que o item léxico (palavra) que designa o objeto não muda, mesmo que o objeto mude de contexto (o “bôbô” = vovô é a mesma pessoa se estiver na sala, no quintal, brincando ou dormindo).

c) Percebe também que o sentido do item léxico utilizado também não muda, mesmo que se mude o contexto (“bôbô” pai da mamãe, de cabelo branco, que cuida de mim na sala, no quarto, no quintal).

d) Organiza internamente a relação dos objetos no espaço (por exemplo, o bebê de dez meses já atribuiu uma palavra a seu brinquedo específico e já sabe onde fica guardado), bem como já assimilou as características sensitivas deste objeto (texturas, cores, sons, sabores, odores).

É possível observar essas capacidades por volta dos nove ou dez meses de vida de uma criança. Os estudos sobre aquisição e desenvolvimento da linguagem dão particular atenção ao período holófrásico. Lembra-se da holófrase, que estudamos na seção anterior e em outras?

Pois bem, o período holófrásico ocorre entre 12 e 18 meses de vida, quando o desenvolvimento da linguagem passa por um processo de refinamento, pois a criança começa a pronunciar as primeiras palavras, que, normalmente, nomeiam objetos e pessoas comuns em seu ambiente, como: “papai”, “mamãe”, “pepeta”. Nesta idade, a criança emprega uma palavra com sentido de uma frase. Estas palavras são chamadas holófrase. Por exemplo, ao falar “aua”, pode ser que a criança esteja falando “quero água”, ou ainda “está chovendo”.

A hipótese mais aceita é que a holófrase empregada pela criança tem uma força primitiva e é uma expressão rudimentar da fala dos adultos, visto que a criança, neste momento de seu desenvolvimento, usa uma palavra única para nomear, repetir, praticar, chamar, solicitar, responder, saudar, rotular e protestar, de forma que o adulto acaba usando frases completas para parafrasear a palavra isolada da criança, demonstrando sua força de comunicação.

Assim, compreende-se que a força da holófrase da criança é percebida pela entonação que ela usa ao produzi-la. Posteriormente, cada um dos componentes (nomear, repetir, praticar, chamar, solicitar, responder, saudar, rotular e protestar) se desenvolvem,

aproximando-se do enunciado dos adultos e a holófrase se torna uma frase completa. É importante observar os gestos que acompanham a fala da criança no período da holófrase, para compreender o sentido de sua emissão.



Exemplificando

Imagine a seguinte situação: uma criança olha para sua mãe e para um par de meias e diz: "meia". Ela pode estar apenas nomeando o objeto. Em seguida, vai brincar com outra coisa. Volta para o quarto e pega o par de meias. Entrega para a mãe e diz: "meia". A mãe segura o par e diz: "Isso mesmo, meia!". Coloca em cima da mesa. A criança estica o braço para pegar as meias e diz: "meia" (agora, pode estar pedindo o par de meias de volta). A mãe entrega. A criança estica o braço segurando as meias e diz novamente: "meia". A mãe entende que a criança quer vesti-las e fala: "Ah, o nenê quer vestir as meias!". E tenta calçá-las na criança. A criança pega o par novamente e diz: "Meia!" com entonação mais forte e os braços levantados. Então a mãe fala: "ah, você quer que guarde as meias na gaveta?" e se dirige para o armário, abrindo a gaveta, seguida pela criança que entrega o par de meias para a mãe, para que guarde na gaveta. Assim que o par é depositado na gaveta, a criança fala novamente: "meia". Percebeu o que ocorreu aqui? O adulto usa frases completas para compreender o que a criança quer dizer e a criança vai mudando a entonação para ser compreendida. Neste pequeno exemplo, a holófrase "meia" aparentemente assumiu as seguintes funções: nomear, repetir, solicitar ou protestar, chamar, solicitar, saudar.

No exemplo acima, se a criança dissesse: "meia gaveta" seria muito mais simples compreender sua intenção. Por volta dos 18 meses e até os 24 meses, a criança entra no estágio chamado Duas Palavras, quando ela começa a usar duas palavras que se relacionam. Curiosamente, ainda não conseguimos esclarecer totalmente esse mecanismo. Sabe-se que a criança estabelece uma relação entre as duas palavras que começa a usar, mas não há uma definição clara sobre a sintaxe ou semântica...



Refleta

Ao falar "meia gaveta" a criança pode estar tentando expressar: "guarde a meia na gaveta" estabelecendo, neste caso, uma relação sintática

entre as palavras. Mas ela pode apenas estar nomeando: “meia” e “gaveta”. Na verdade, enquanto a criança não utilizar as preposições (de, em, a, o, desde, com, até, para) não temos como ter certeza da relação que ela estabelece entre duas palavras.

Aparentemente, o estágio das Duas Palavras não possui características sintáticas e semânticas, apenas indícios da emergência destas duas habilidades da fala. Assim, com o tempo, a criança começará a usar outros elementos da gramática para deixar suas ideias claras e precisas, tais como:

- A bola é grande!
- Joga bola alto! Alto! Grande!
- A bola tá pulando!

Aos 14 meses de vida, a criança é capaz de compreender os constituintes básicos de frases simples (sujeito-verbo-predicativo do sujeito, como em: “a sopa está quente”), embora ainda não seja capaz de falar uma frase simples. Entre dois e três anos de idade, a criança consegue corrigir suas frases para que sejam mais compreensíveis. Algumas curiosidades surgem na construção da semântica. Aparentemente, as crianças aprendem mais facilmente termos como mais, grande e comprido do que menos, pouco e pequeno. Embora não haja uma explicação definitiva para esta ocorrência, sugere-se que as crianças conseguem compreender esses significados porque maior, grande e comprido são mais facilmente percebidos e observados em seu cotidiano (pois provocam uma grande alteração) do que menos, pouco e pequeno (que provocam pequena alteração). Assim, menos, pouco e pequeno não são construídos em relação às experiências da criança, mas por oposição de conceitos, demonstrando uma reestruturação de suas estratégias de linguagem.

Outra descoberta é que as crianças de três anos compreendem melhor as frases ativas (“o menino chutou a bola”) do que passivas (“a bola foi chutada pelo menino”) e, por conseguinte, expressam mais frases ativas. O processo de compreensão das frases passivas melhora aos quatro anos e as frases passivas perfeitamente compreendidas aos 11 anos.



KAIL, M. **Aquisição de linguagem**. São Paulo: Parábola, 2013.

Neste interessante livro, a autora discorre sobre o processo da produção articulada do som até a elaboração completa do discurso, detalhando a emergência da linguagem em crianças a partir de quatro anos, onde o contexto social do qual fazem parte é destacado. Esta leitura complementa o assunto da Seção 3.2!

Aqui precisamos discutir algumas ideias importantes. Você deve estar se perguntando: “como a criança aprende tudo isso se não houve ensino específico realizado durante os primeiros anos de vida, como se ensina em um curso de língua estrangeira?”. A hipótese mais plausível é que, quando os adultos conversam entre si e/ou com a criança, eles utilizam todas as regras da linguagem, portanto a criança recebe esses inputs (lembra que estudamos isso na seção anterior?) e vai construindo e reconstruindo as regras da linguagem internamente, ao mesmo tempo em que se apropria do léxico, da sintaxe e da semântica. Sim, tudo junto e misturado, de forma que cada criança percorre um caminho pessoal!

Além disso, precisamos considerar que a expressão da linguagem quase nunca se dá de forma organizada, ou seja, é comum que, ao falarmos, interrompemos as ideias, mudamos a rota da conversa, tossimos, desistimos da fala, usamos todos os tempos verbais de uma só vez, fazemos flexões erradas. Ainda assim, a criança descobre as regras e passa a usá-las. Ah, e considere que você aprendeu da mesma forma!

Outra descoberta bastante interessante é que as crianças trabalham melhor com o sentido literal e mais objetivo das palavras, como, por exemplo: “este bife é saboroso!”. Já um uso derivado da palavra causa estranheza, como: “a parede é saborosa!”. Isso nos indica que as derivações, aproximações, sarcasmos e brincadeiras com as palavras são mais bem compreendidos e utilizados após certa idade (após 5 ou 6 anos, aproximadamente, e totalmente compreendidos aos 12 anos). Mas isso nos indica um outro aspecto bem sutil da linguagem. Há princípios universais que regem todas as línguas, portanto que favorecem a emergência da linguagem da criança (o que nos sugere novamente que a hipótese que melhor

sustenta a aquisição e o desenvolvimento da linguagem é a inatista, criada por Noam Chomsky, que defende a **Gramática Universal**). Posteriormente, a criança aprende os itens lexicais e os parâmetros da língua materna (que podem diferir de uma língua para outra).

Para encerrar esta seção, é preciso apenas pontuar que há duas correntes explicativas para a aquisição da linguagem do ponto de vista inatista. Uma é a **maturacionista**, que afirma que nem todos os princípios da linguagem e os possíveis parâmetros da língua estão disponíveis quando a criança nasce. Dependem da maturação cerebral e se consolidam até os 5 anos de idade. Já a corrente **continuista** aponta que princípios e parâmetros estão disponíveis, porém, o desenvolvimento deles depende da aquisição dos itens lexicais e da semântica, que não ocorre de forma automática e instantânea, pelo contrário, depende da vivência social.



Assimile

Nesta seção estudamos o desenvolvimento lexical, sintático e semântico da linguagem. Descobrimos que as crianças dependem da exposição à linguagem dos adultos para que sua linguagem emergja e que a construção desta linguagem ocorre no crescimento da tríade lexical-semântica-sintática. Descobrimos também que há princípios básicos que regem todas as línguas (como o uso de sujeito seguido de verbo). Porém, há parâmetros de variação que só são compreendidos e empregados após uma maior experiência de utilização da língua, como frases na voz passiva.

Esperamos que você tenha aproveitado muito a leitura desta seção! Agora dê continuidade à resolução da segunda situação-problema!

Sem medo de errar

Na situação-problema (SP) referente a esta seção, você responderá questões sobre o desenvolvimento de linguagem de Letícia. Para ajudar, pense que a linguagem receptiva, isto é, a compreensão de linguagem da Letícia é muito boa. Pense também que as dificuldades maiores de Letícia são nos aspectos semântico-

lexicais e sintáticos, isto é, pense que a Leticia tem dificuldade para utilizar verbos, substantivos e adjetivos com sentido lexical.

É fundamental que, para resolver esta situação-problema, você leia os textos indicados no livro didático e na webaula. Suas pesquisas pessoais também são de grande valia, portanto, invista em sua aprendizagem. Uma possibilidade de desenvolver esta situação-problema é abordar separadamente cada um dos critérios apontados. Assim, você pode escrever uma resposta sobre o léxico e como ele foi adquirido por Leticia (imagine as dificuldades que ela poderia ter), outra seção que explique como é a semântica e como ela é associada à aprendizagem dos itens do léxico.

Para ajudar você, lembre-se do quadro da primeira situação-problema que a criança inicia as experiências vocais produzindo sílabas balbuciadas. Em seguida, aparece a holófrase, um termo que representa a força e intenção de uma frase completa. É a partir da holófrase que marcamos o início da aquisição do léxico. Aparentemente, assim que a criança inicia a aquisição do léxico, automaticamente as outras habilidades são ativadas e vão se associando, num crescimento contínuo e mútuo. Agora, imagine como foi o desenvolvimento de Leticia para deixar o quadro de respostas o mais completo possível.



Atenção

O léxico é o conjunto de palavras que compõem uma língua e as primeiras palavras que a criança emprega estão relacionadas a objetos ou pessoas do seu convívio e de sua afeição. Ao ouvir e repetir palavras, a criança vai compreendendo e construindo seu sentido (semântica). Vai também, ao mesmo tempo, compreendendo e aplicando as regras da linguagem dos adultos, como, por exemplo, usar sujeito e verbo.

Aproveite para trazer exemplos que possam ilustrar a construção teórica de sua situação-problema, como as holófrases e algumas falas iniciais de Leticia. Isso deixará sua produção mais rica!

Avançando na prática

“Nenê dormir”

Descrição da situação-problema

Observe o seguinte diálogo entre a mãe e seu filho de 2 anos e 10 meses:

Mãe: "Vamos deitar, hora de dormir!"

Filho: "Dormir. Nenê dormir."

Mãe coloca o filho na cama e fala: "Boa noite, durma bem."

Filho: "Nenê dormir" e puxa a coberta para cima. "Nenê dormir."

Mãe: "Isso mesmo, nenê dormir, hora de dormir, fechar os olhinhos [...]"

Filho: "Nenê dormir" e fecha os olhos.

Refleta sobre este diálogo e explique o desenvolvimento da linguagem da criança de acordo com a aquisição do léxico, a emergência da sintaxe e a composição do sentido da fala (semântica).



Lembre-se

O desenvolvimento da linguagem da criança depende do contexto social onde está inserida, pois é a partir desse contexto que a criança construirá o léxico e, a partir disso, construirá o sentido das palavras e aprenderá a empregá-las de acordo com a língua dos adultos.

Resolução da situação-problema

No diálogo acima, podemos afirmar que a criança está em processo de aquisição do léxico e que já conhece algumas palavras, como "nenê", que utiliza para referir-se a si própria, e "dormir", verbo empregado em posição correta na frase, demonstrando que já conhece o sentido (semântica) das palavras, embora ainda não apresente a concordância verbal esperada, pois o desenvolvimento da sintaxe só estará finalizado anos à frente.



Faça você mesmo

Agora é a sua vez! Localize exemplos que ilustrem a relação da aquisição do léxico, da construção do sentido e da emergência da sintaxe. Você

pode usar exemplos colhidos de seu cotidiano e da sua família, do seu trabalho ou vistos em filmes, vídeos da internet ou mesmo em histórias. Traga estes exemplos e discuta em classe.

Faça valer a pena

1. O desenvolvimento da linguagem fundamenta-se na aquisição _____, que nada mais é do que o conjunto de palavras de uma língua.

Assinale a alternativa que completa corretamente o espaço em branco:

- a) Do balbucio.
- b) Da sintaxe.
- c) Da consciência fonológica.
- d) Da semântica.
- e) Do léxico.

2. Há um processo que ocorre simultaneamente à aquisição do léxico pela criança, que é compor o sentido da palavra assim que cada uma é aprendida. O nome do ramo da Linguística que estuda o sentido das palavras é:

- a) Significado.
- b) Significante.
- c) Semântica.
- d) Sintaxe.
- e) Sociointeracionismo.

3. Um fato curioso é que a criança, logo após aprender as primeiras palavras, por volta dos dois anos de idade, já começa a empregá-las na ordem utilizada pelos adultos, demonstrando que _____ emerge muito cedo na vida do ser humano.

Assinale a alternativa que completa corretamente o espaço em branco:

- a) A sintaxe.
- b) A semântica.
- c) O léxico.
- d) O significante.
- e) A ideologia.

4. A holófrase é utilizada pelo bebê com a força e o sentido de uma frase completa. Assinale a alternativa que traz um exemplo de holófrase:

- a) O nenê caiu.
- b) Babababa.
- c) O choro do bebê.
- d) Papá.
- e) Os sons vegetativos, como os espirros e arrotos.

5. De acordo com a teoria Inatista desenvolvida por Noam Chomsky, os seres humanos possuem uma capacidade inata e transmitida geneticamente que lhes permite adquirir e desenvolver a linguagem. Trata-se de uma pré-programação que habilita o indivíduo a se apropriar da linguagem falada em sua comunidade.

Chomsky deu um nome para esta capacidade inata e geneticamente transmitida. Assinale a alternativa que apresenta o nome desta capacidade:

- a) Signo linguístico.
- b) Gramática Universal.
- c) Comunicação animal.
- d) Funções da linguagem.
- e) Estrutura fonológica.

6. Leia as afirmativas abaixo e assinale cada uma com V (verdadeiro) e F (falso):

I – Após estudos detalhados descobriu-se que a maior parte das línguas faladas no mundo possuem princípios básicos semelhantes. Assim, a pré-programação inata do indivíduo é capaz de se adaptar à língua falada

pela comunidade, que explica o fato de a criança poder falar qualquer língua existente.

II – Por outro lado, há variações que tornam cada língua bastante específica, tais como algumas regras sintáticas, alguns itens léxicos e entonações. Essas variações são chamadas de parâmetros.

III – Nos estudos sobre a linguagem, não há necessidade de fazer um grande estudo sobre a aquisição do léxico, visto que ele é adquirido naturalmente.

Assinale a alternativa que corresponde à sequência correta de V e F:

- a) V – V – V.
- b) F – F – F.
- c) V – V – F.
- d) F – V – F.
- e) F – V – V.

7. Dentro da hipótese inatista, há uma explicação para o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem ocorrer por estágios, pois os princípios e os parâmetros da língua não estão disponíveis à criança no seu nascimento. Essa explicação diz que o desenvolvimento completo da linguagem depende do amadurecimento das estruturas cerebrais para compreender os princípios e parâmetros da língua. Assim, o desenvolvimento da linguagem acompanha o desenvolvimento do cérebro.

Assinale a alternativa que traz o nome correto dado a esta explicação:

- a) Maturacionista.
- b) Continuista.
- c) Gerativista.
- d) Construtivista.
- e) Sociointeracionista.

8. Dentro da hipótese inatista, há uma explicação para o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem ocorrer por estágios. Esta explicação diz que a aquisição do léxico ocorre de forma contínua e ininterrupta, de forma que é preciso ter um volume considerável de conhecimento de palavras para compreender os princípios e parâmetros da língua. Assim, o desenvolvimento da linguagem acompanha o desenvolvimento do léxico da criança.

Assinale a alternativa que traz o nome correto dado a esta explicação:

- a) Maturacionista.
- b) Continuísta.
- c) Gerativista.
- d) Construtivista.
- e) Sociointeracionista.

9. Leia as afirmativas abaixo e assinale cada uma com V (verdadeiro) e F (falso):

I – Aos 14 meses de vida, a criança é capaz de compreender os constituintes básicos de frases simples (sujeito-verbo-predicativo do sujeito, como em: “a sopa está quente”), e é capaz também de falar uma frase simples, como: “eu quero brincar no parquinho”.

II – Por volta dos 18 meses e até os 24 meses, a criança entra no estágio chamado Duas Palavras, quando começa a usar duas palavras que se relacionam, porém ainda não conseguimos esclarecer totalmente o mecanismo de relacionamento que a criança emprega.

III – As crianças de três anos compreendem tanto as frases ativas (“o menino chutou a bola”) quanto as passivas (“a bola foi chutada pelo menino”) e, por conseguinte, expressam as duas formas tranquilamente.

Assinale a alternativa que corresponde à sequência correta de V e F:

- a) V – V – V.
- b) F – F – F.
- c) V – F – V.
- d) F – V – V.
- e) F – V – F.

10. As colunas abaixo referem-se às capacidades que a criança já desenvolveu ao iniciar a fase do balbucio. Analise e associe as duas colunas:

a) Consegue distinguir o objeto a que se refere do contexto onde está inserido.

b) Descobre que há um item léxico específico para designar este objeto.

I – O bebê de dez meses já atribuiu uma palavra a seu brinquedo específico e já sabe onde fica guardado, bem como já assimilou as características sensitivas deste objeto (texturas,

c) Percebe que o item léxico (palavra) que designa o objeto não muda, mesmo que o objeto mude de contexto.

d) Percebe também que o sentido do item léxico utilizado também não muda, mesmo que se mude o contexto.

e) Organiza internamente a relação dos objetos no espaço.

cores, sons, sabores, odores).

II – A “mãmã” (mamãe) é a mesma pessoa se estiver na sala, no quintal, brincando ou dormindo.

III – Esta é a “mãmã” (mamãe), não é a mesa, não é a cadeira.

IV – “Mãmã” só serve para designar a mamãe; para vovô se usa outra palavra, para bola se usa outra palavra e assim sucessivamente.

V – “Mãmã”, cuida de mim, me pega no colo, tem cabelo que é só dela e tem um odor que também é só dela, onde quer que esteja.

Assinale a alternativa que corresponde à associação correta:

a) A-III; B-V; C-I; D-IV; E-II.

b) A-V; B-III; C-II; D-I; E-IV.

c) A-II; B-III; C-I; D-IV; E-V.

d) A-III; B-IV; C-II; D-V; E-I.

e) A-I; B-IV; C-III; D-II; E-V.

Seção 3.3

Metodologias dos estudos em aquisição da linguagem I

Diálogo aberto

Caro aluno, seja bem-vindo à terceira seção da Unidade 3, que trata da aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil. A esta altura, você deve estar se perguntando como é que os pesquisadores descobriram tanto sobre a aquisição e desenvolvimento da linguagem. Você deve ter alguma curiosidade sobre as técnicas e métodos de investigação neste campo, direcionado especificamente a bebês e crianças, não é mesmo? Nesta seção, estudaremos um tipo de metodologia de estudo da aquisição de linguagem, ou seja, uma das formas de se fazer pesquisa sobre este tema com bebês e crianças. Assim, os objetivos da Seção 3.3 são:

- Identificar o que são dados espontâneos na coleta de informações.
- Conhecer a metodologia de estudos de dados espontâneos, suas características, seus alcances e suas limitações.

Vamos relembrar a Situação Geradora de Aprendizagem (SGA) desta unidade? Imagine que você já está formado e trabalha em um Centro de Atendimento Integrado, que atende crianças, adolescentes e jovens com distúrbios de aprendizagem e de linguagem. Você, como fonoaudiólogo(a), faz parte da equipe multidisciplinar que atende os pacientes, composta por médicos neurologistas, psiquiatras, psicólogos, neuropsicólogos, psicopedagogos e pedagogos. O primeiro caso é o de uma menina chamada Leticia (5 anos) que apresenta um distúrbio de linguagem chamado DEL (Distúrbio Específico de Linguagem). Qual o papel do fonoaudiólogo em uma equipe multidisciplinar? O que o fonoaudiólogo deve fazer para discutir um caso com a equipe? Que tipo de questões ele deve fazer diante do caso? Que fatos relativos à linguagem ele deve observar?

Nas situações-problema anteriores, você sistematizou as ideias principais sobre aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil. A partir de agora tomará contato com uma das possibilidades de

realizar pesquisas nesta área, a coleta de dados espontâneos. Mas responda primeiro a essas perguntas: Quais os cuidados que deve ter para fazer isso? Quanto tempo você acha que precisará na gravação? Qual melhor lugar para fazer isso? Quais objetos e/ou brinquedos você irá utilizar? Como será a transcrição da avaliação? Em seguida, crie uma fala de Letícia, que pode ser de apenas 5 frases. Lembre-se que as frases devem ter alterações de léxico e sintaxe.

Lembre-se de que nesta situação-problema você está em uma clínica com outros profissionais e para compreender tudo que está se passando precisa tomar notas de todas as leituras e pesquisas que fizer, para sustentar suas descobertas! Para realizar a terceira situação-problema, você estudará um dos métodos de pesquisa em aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil: a coleta de dados espontâneos, suas características, alcances e limitações. Desejamos a você uma excelente leitura e uma boa aprendizagem!

Não pode faltar

Você já aprendeu muitas coisas sobre aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil, como os estágios, o papel da prosódia, a consciência da estrutura fonológica, a aquisição do léxico, a composição do sentido e a emergência da sintaxe. São conhecimentos linguísticos bastante específicos e abstratos, porém a criança não tem noção dessas nomenclaturas e classificações. A esta altura, você deve estar se perguntando: como os pesquisadores chegaram a essas descobertas? Como desenvolveram pesquisas aprofundadas e cientificamente comprovadas que permitiram a eles formularem teorias consistentes e claras?

No campo da aquisição e desenvolvimento da linguagem, as pesquisas devem ser desenvolvidas com muita atenção e cuidado. Não há como perguntar diretamente à criança de que forma ela construiu uma ideia ou uma frase, ou o motivo de ter escolhido uma forma de expressão gramatical e não outra, como poderíamos perguntar a um adulto. Para investigar a aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil há duas formas: podemos colher dados espontâneos das crianças, em que não guiamos a fala da criança, e podemos construir uma pesquisa experimental, ou seja, estruturar

uma pesquisa de forma a levar a criança a produzir determinadas construções.

Nesta seção, vamos conhecer a metodologia de estudo de dados espontâneos, suas características, os alcances e as limitações (a pesquisa experimental será abordada na próxima seção). As primeiras pesquisas realizadas sobre a linguagem infantil normalmente foram feitas pelos próprios pais das crianças, que gravavam ou anotavam as falas de seus filhos. Desta forma nasceu a coleta de dados espontâneos: consiste em deixar a criança falar naturalmente e, posteriormente, analisar suas construções.



Pesquise mais

DEL RÉ, Alessandra. (org.). **Aquisição da linguagem**: uma abordagem psicolinguística. São Paulo: Contexto, 2006.

Neste livro, organizado por Alessandra Del Ré, você encontrará uma leitura muito interessante e pertinente ao estudo que estamos realizando agora. Indicamos a leitura do primeiro capítulo, que se chama "A pesquisa em aquisição de linguagem: teoria e prática", em que você terá a oportunidade de ver os dados de uma pesquisa real.

Normalmente, a coleta de dados espontâneos é feita com a utilização de gravador ou com algum sistema de áudio e vídeo (podendo ser realizada até mesmo com uma câmera de celular). Assim, qualquer pessoa pode fazer a coleta de dados espontâneos: basta decidir o tempo de gravação, que pode durar quinze minutos, meia hora ou até mais. Porém, é importante verificar a quantidade de tempo adequado para a criança não se sentir cansada. Deve-se decidir a periodicidade com que será realizada, pois é preciso constância na coleta de dados para investigar a aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil. A periodicidade pode ser semanal, quinzenal ou mensal. Também é preciso decidir a duração da coleta de dados espontâneos: um ano, dois, três, até cinco anos ou mais.

É importante ter em mente que o objetivo da sessão de gravação é deixar a criança a vontade para que fale o que ela desejar e da forma como desejar. Ao final de todo o período, é possível ter uma boa visão de como a ela adquire e desenvolve a linguagem através

do estudo de sua fala espontânea. Aqui devemos prestar atenção em algumas orientações.

Em primeiro lugar, é importante que as sessões de gravação sejam realizadas em lugar bastante tranquilo, contando apenas com a presença da criança e do(a) pesquisador(a). É preciso que neste espaço não haja televisores, rádios ou outros equipamentos que emitem som, como os celulares. Se estes objetos estiverem presentes no espaço e não forem motivo da investigação, eles devem ser desligados, pois seu funcionamento pode distrair a criança.

Também não é interessante gravar a criança enquanto ela come, pois, além de poder distrair-se, o fato de mastigar pode comprometer a produção vocal e a articulação da fala da criança. Outro cuidado que o(a) pesquisador(a) deve tomar é nunca expor a criança; por este motivo ela nunca pode ser gravada enquanto dorme, toma banho, se troca ou usa o toalete. As construções gramaticais da criança não sofrem variação se ela estiver se trocando, por exemplo. Por este motivo devemos sempre respeitar a privacidade da criança.

Numa sessão, você pode permitir que a criança utilize brinquedos diversos, livros, objetos da casa, entre outros elementos de forma que ela possa manipulá-los e falar sobre eles. O pesquisador deve prestar atenção à sua conduta. Em primeiro lugar, não deve demonstrar emoções ou expressões que possam conduzir a produção oral da criança. Claro que deve estimular a criança a falar, mas não deve interferir. Quando a criança estiver no meio de uma frase, não deve interrompê-la, para que ela possa terminar e só depois dirigir a palavra a ela.

A transcrição dos dados na metodologia, que utiliza a coleta de dados espontâneos, merece destaque. Pode-se usar a transcrição manual, normalmente mais demorada, ou a digitação. Estima-se que uma hora de gravação leve oito horas de transcrição manual ou digitação. Posteriormente, ocorre a parametrização ou tratamento dos dados. Primeiramente criam-se as categorias para a divisão dos dados, que são classificados de acordo com as categorias elaboradas e, em seguida, quantifica-se quantos dados foram encontrados em cada categoria.

Por outro lado, o pesquisador pode optar por trabalhar com um programa desenvolvido especificamente para transcrição e análise de dados da linguagem infantil, que é bem particularizada

em termos de entonação e estruturação fonológica, se comparada com a linguagem de um adulto. Este programa se chama CHILDES (Child Language Data Exchange System) e foi criado por Brian MacWhinney, da Carnegie Mellon University, disponível em: <<https://childes.talkbank.org/>>. Este programa sugere uma forma única de codificação da fala infantil, facilitando a parametrização dos dados coletados. Além disso, com o crescimento de utilização, o programa se transformou numa plataforma e é possível acessar e comparar dados de outras crianças na mesma faixa etária, que utiliza a mesma ou outra língua.

A pesquisa com dados espontâneos permite descobrir a frequência com que determinada construção linguística é utilizada pela criança e até mesmo pelo(s) adulto(s) que interage(m) com a criança.

Ocorre que, no método de coleta de dados espontâneos, os pesquisadores ficam limitados exclusivamente àquilo que a criança quer falar, não àquilo que ela é capaz de falar. Vamos explicar melhor. Quando está em situação espontânea, a criança verbaliza, conversa, canta, brinca com as palavras, emite sons diversos. Entretanto, faz tudo isso no calor do momento, de acordo com cada situação, escolhendo a forma como se expressa.

É preciso considerar então que os dados espontâneos são limitados, pois, se a criança não emitir um tipo de frase durante o tempo da pesquisa, pode-se erroneamente concluir que ela não adquiriu a estrutura deste tipo de frase.



Exemplificando

Imagine a seguinte situação: você iniciou uma pesquisa com uma criança, coletando os dados espontâneos de sua fala. Fez isso durante um ano, no período em que a criança estava com idade entre 4 e 5 anos. Ao longo deste período, a criança não emitiu nenhuma frase na voz passiva, como, por exemplo: "A boneca foi molhada pela minha amiguinha". Normalmente, a criança diria: "Minha amiguinha molhou a boneca", utilizando voz ativa, pois é muito mais comum. Mas, durante sua pesquisa, como não houve nenhuma frase na voz passiva, é fácil concluir que a criança ainda não adquiriu este esquema, correto? Não, não é correto. Uma criança com cinco anos já possui a capacidade de produzir frases na voz passiva (conforme estudamos na Seção 3.2),

mas é mais raro utilizá-la. Desta forma, a coleta de dados espontânea pode ser enganosa.

Com dados espontâneos, não conseguimos dizer com certeza se a criança ainda não adquiriu a estrutura em questão ou se apenas preferiu não a utilizar, porém permitem uma análise da frequência de uso das construções linguísticas da criança. Os dados espontâneos permitem analisar como se dá a aquisição e análise das construções gramaticais da linguagem da criança, trazendo um grande número de informações significativas, permitindo aos pesquisadores descobrirem tendências gerais de desenvolvimento da linguagem humana.



Assimile

Dados espontâneos são colhidos em sessões específicas nas quais as crianças podem se expressar oralmente de forma livre. Essas expressões são gravadas e posteriormente transcritas, classificadas e quantificadas, o que permite tanto obter informações sobre tendências gerais a respeito da aquisição e desenvolvimento da linguagem quanto para comparar as emissões individuais com as tendências gerais. Ao mesmo tempo que permite investigar um grande volume de informações e a riqueza da produção linguística infantil, esse método deve ser observado com cuidado, pois pode induzir a equívocos, por exemplo, concluir que a criança em determinada faixa etária não tem condições de emitir determinada construção gramatical, quando, na verdade, ela possui essa capacidade, e apenas preferiu não utilizá-la ou não ocorreu momento oportuno para demonstrá-la.

Da mesma forma que os dados espontâneos trazem informações sobre as tendências gerais de aquisição e desenvolvimento da linguagem, o mesmo tipo de metodologia pode fornecer informações sobre divergências individuais na linguagem. Por exemplo: comparando os dados individuais de uma criança com dados gerais, é possível observar como ela está adquirindo e desenvolvendo a linguagem, se está aquém ou além do esperado. Por outro lado, isso pode ser perigoso, pois o pesquisador deve atentar para não super ou subestimar a capacidade da criança com relação à linguagem.



Refleta

Toda a forma de pesquisa trará algum dado significativo para análise. No caso de crianças, é preciso tomar muito cuidado, pois seu desenvolvimento está relacionado ao meio social em que está inserida. Então, ao colher dados espontâneos, o pesquisador deve refletir sobre os fatores externos, como o estímulo linguístico ao qual a criança está submetida, à frequência de uso de determinadas construções gramaticais por adultos que convivem com a criança, ao ambiente, se a criança frequenta a escola ou não, pois todos esses fatores podem influenciar a produção dos dados espontâneos.

Sem medo de errar

Agora é hora de resolver a terceira situação-problema. Como sabe, você começou a aprofundar seus conhecimentos sobre aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil para avaliar a fala espontânea de Letícia. Para fazer uma boa avaliação dessa paciente, é importante pensar no ambiente, que deve ser silencioso e sem muitos atrativos visuais. Você pode deixar alguns brinquedos à disposição da criança como objetos de cozinha e alimentos em miniatura, bonecas, animaizinhos, etc., ou seja, você deve montar o que chamamos de setting terapêutico. O tempo necessário para a gravação varia, mas o ideal é ter três sessões de 40 minutos cada, para que se tenha um bom material.

No momento de transcrição do que foi dito, você pode optar entre registro manual e digitação. Após esse momento, você deve escolher uma forma de analisar o que ela falou. Tente separar por classificação gramatical, talvez isso o ajude. Por exemplo, quais os substantivos e verbos que Letícia falou? Que dificuldades ela demonstrou com a formação de frases? Neste momento de criar as frases, imagine que ela apresenta uma patologia nomeada DEL e que tem dificuldades com vocabulário (léxico) e sintaxe!



Atenção

Dados espontâneos são aqueles obtidos através da observação e escuta das falas de crianças, quando não há uma orientação específica

por ordem do(a) pesquisador(a). Esses dados permitem organizar tendências gerais a respeito da aquisição e desenvolvimento da linguagem. Note que estes dados devem ser observados com cuidado, pois pode induzir a equívocos.

Avançando na prática

“Brincando sozinha”

Descrição da situação-problema

Veja a transcrição da fala de uma menina de quatro anos:

– Esta boneca é a Jéssica. A Jéssica gosta muito de dançar.

(A criança pega a boneca)

– Vem, Jé, vem dançar com eu!

(A criança levanta e segura a boneca pelas mãos)

– Lá lá lá, Jéssica dança, dança, dança.

(A criança balança a boneca e rodopia)

– Nossa, é tarde, é hora de Jéssica ir para casa tomar lanche e fazer lição de casa.

Pelos dados observados, quais são as conquistas que a criança já apresentou? Estas conquistas estão apropriadas à faixa etária?



Lembre-se

A coleta de dados espontâneos permite comparar as emissões individuais com as tendências gerais, ou seja, permite verificar se a fala da criança corresponde à expectativa para sua faixa etária.

Resolução da situação-problema

Observando a fala transcrita da criança, observa-se que o discurso está apropriado à faixa etária. Nota-se que a prosódia e a sintaxe já correspondem à linguagem utilizada por adultos, embora a criança

ainda esteja na fala egocêntrica, ou seja, fala sozinha, sem considerar a presença do pesquisador. Apresenta traços de animismo (atribui características humanas a objetos inanimados – no caso, a boneca). Ao falar, a criança já possui propriedade de associação do léxico com o sentido e a sintaxe (organização das frases) corresponde à linguagem esperada para a faixa etária.



Faça você mesmo

Agora é sua vez! Localize uma fala infantil sequenciada, ou seja, frases seguidas, e faça a transcrição. Procure por exemplos que sejam curtos, de um minuto no máximo. Você pode localizar esses exemplos em vídeos na internet, com alguma criança de seu convívio pessoal ou profissional. Lembre-se apenas que esta coleta de dados é espontânea e, portanto, você não deve interferir na produção oral da criança. Depois da transcrição, faça uma análise dos dados, considerando os estudos realizados nesta seção.

Faça valer a pena

1. A coleta de dados que não guia a produção oral da criança é chamada:

- a) Coleta de dados esporádicos.
- b) Coleta de dados espontâneos.
- c) Coleta de dados especiais.
- d) Coleta de dados esperados.
- e) Coleta de dados específicos.

2. Assinale a alternativa que apresenta como é feita a coleta de dados espontâneos:

- a) Através de sites e vídeos na internet.
- b) Através de brincadeiras e nas aulas.
- c) Através de jogos e cantigas.
- d) Através de explicações e leituras.
- e) Através de gravações ou filmagens.

3. Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta de tratamento dos dados obtidos em coleta espontânea:

- a) Descrição, classificação, quantificação.
- b) Definição, transcrição, quantificação.
- c) Transcrição, classificação, quantificação.
- d) Transcrição, definição, descrição.
- e) Descrição, qualificação, quantificação.

4. Leia as colunas abaixo, relacionadas à coleta de dados espontâneos, e associe-as:

- | | |
|--------------------|---|
| 1) Tempo da sessão | a) De quanto em quanto tempo será realizada uma sessão? Semanal, quinzenal ou mensalmente, por exemplo. |
| 2) Periodicidade | b) Período de tempo total que durará a pesquisa (seis meses, um ano, três anos, cinco anos, etc.). |
| 3) Duração | c) Tempo em que ocorrerá a gravação dos dados espontâneos (quinze minutos, meia hora, uma hora, por exemplo). |

Assinale a alternativa que corresponde à sequência correta:

- a) 1-A; 2-B; 3-C.
- b) 1-C; 2-A; 3-B.
- c) 1-C; 2-B; 3-A.
- d) 1-B; 2-A; 3-C.
- e) 1-B; 2-C; 3-A.

5. Leia as afirmativas abaixo e assinale cada uma com V (verdadeiro) ou F (falso):

I – Por se tratar de crianças, não há como perguntar diretamente a ela de que forma construiu uma frase, ou o motivo de ter escolhido uma forma de expressão gramatical e não outra, como poderíamos perguntar a um adulto. Por esse motivo, realizamos pesquisas para descobrir como ocorre a aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil.

II – Para investigar a aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil existem duas formas: podemos colher dados espontâneos das crianças, em que não guiamos a fala da criança, e podemos construir uma pesquisa experimental, ou seja, estruturar uma pesquisa de forma a levar a criança a produzir determinadas construções.

III – As primeiras pesquisas sobre aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil foram realizadas por pesquisadores acadêmicos, que criaram perguntas específicas e parametrizaram as respostas de bebês e crianças.

Assinale a alternativa que contem a sequência correta de V e F:

- a) V – V – V.
- b) F – F – F.
- c) F – V – F.
- d) V – V – F.
- e) F – V – V.

6. O tipo de coleta de dados que “consiste em deixar a criança falar naturalmente e, posteriormente, analisar suas construções” se chama:

- a) Coleta de dados experimentais.
- b) Coleta de dados especiais.
- c) Coleta de dados espontâneos.
- d) Coleta de dados específicos.
- e) Coleta de dados extras.

7. Leia as afirmativas abaixo e assinale cada uma com V (verdadeiro) ou F (falso):

- I – A coleta de dados espontâneos não depende de um lugar específico, qualquer espaço serve, desde que a criança possa se expressar livremente.
- II – Deve-se evitar a coleta de dados espontâneos em momentos de privacidade da criança, para não a expor desnecessariamente.
- III – Na coleta de dados espontâneos, o(a) pesquisador(a) não deve interagir nunca com a criança.

Assinale a alternativa que contém a sequência correta de V e F:

- a) F – V – F.
- b) F – F – F.
- c) F – V – V.
- d) V – V – F.
- e) V – V – V.

8. Analise a lista abaixo e assinale com A (atrapalha) e N (não atrapalha) a coleta de dados espontâneos:

- Livros
- Brinquedos
- Comer bolacha
- Objetos da casa
- Aparelhos sonoros ligados
- Roupas

Assinale a sequência correta de A e N:

- a) N – N – A – N – N – A.
- b) N – N – A – N – A – N.
- c) A – A – N – A – N – A.
- d) A – N – A – N – A – N.
- e) A – N – A – A – N – A.

9. Assinale a alternativa que apresenta o nome da plataforma mais utilizada para comparação de dados espontâneos da fala infantil:

- a) CHILDREN.
- b) CHILNÊS.
- c) CHILS.
- d) CHILDES.
- e) CHILLI.

10. Leia as afirmativas abaixo e assinale cada uma com V (verdadeiro) ou F (falso):

I – A pesquisa com dados espontâneos não permite descobrir a frequência com que determinada construção linguística é utilizada pela criança e até mesmo pelo(s) adulto(s) que interage(m) com a criança.

II – Na coleta de dados espontâneos, os pesquisadores ficam limitados exclusivamente àquilo que a criança quer falar, não àquilo que ela é capaz de falar.

III – Os dados espontâneos permitem analisar como se dá a aquisição e análise das construções gramaticais da linguagem da criança, trazendo um grande número de informações significativas, permitindo aos pesquisadores descobrirem tendências gerais de desenvolvimento da linguagem humana.

Assinale a alternativa que contém a sequência correta de V e F:

- a) F – V – F.
- b) F – F – F.
- c) V – V – V.
- d) V – V – F.
- e) F – V – V.

Seção 3.4

Metodologias dos estudos em aquisição da linguagem II

Diálogo aberto

Caro aluno, estamos chegando ao final da Unidade 3 e você já aprendeu muita coisa até aqui! Esta unidade é destinada à aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil; anteriormente enfocamos as produções e discriminações vocais na primeira infância, o papel da prosódia, a consciência da estrutura fonológica, a aquisição do léxico, a emergência da sintaxe, a composição do sentido. Por fim, estudamos uma metodologia de estudo em aquisição da linguagem baseada na coleta de dados espontâneos. Nesta seção, estudaremos outra metodologia de estudo em aquisição da linguagem, agora baseada em dados experimentais, que ocorre quando o pesquisador emprega uma forma de guiar a fala da criança para verificar o estágio em que se encontra.

Mais uma vez, você deverá resolver uma situação-problema para ajudar em sua aprendizagem. Na situação-problema anterior, você utilizou um método de coleta de dados espontâneos para observar a fala de uma criança com DEL chamada Leticia (5 anos). Na quarta e última situação-problema desta unidade, você utilizará instrumentos para avaliar tanto a produção de linguagem quanto a compreensão. Mas primeiro, responda as perguntas a seguir: qual é o melhor modelo de coleta de dados? Explique as diferenças entre o método espontâneo e o experimental. Quais os cuidados que você deve ter no uso de um e de outro método?

Após responder as perguntas acima, crie uma possível resposta de Leticia tanto para uma tarefa de produção eliciada quanto para uma tarefa de compreensão de linguagem. Os objetivos de estudo desta seção são:

- Identificar o que são dados experimentais na coleta de informações.
- Conhecer os dois tipos de tarefas: produção eliciada e compreensão e decidir qual é o melhor para o seu protocolo.

- Identificar os alcances e as limitações da coleta de dados experimentais.

Desejamos a você uma boa leitura e excelentes reflexões!

Não pode faltar

Vamos conhecer um pouco mais sobre processos de pesquisa em aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil? Na seção anterior, você estudou o processo de coleta de dados espontâneos, ou seja, um processo de documentação da fala espontânea da criança, quando ela tem liberdade para exprimir o que desejar e o pesquisador não dirige uma experiência nem a fala da criança. Você descobriu que essa coleta de dados é bem interessante, pois permite sugerir algumas “regras” gerais sobre aquisição e desenvolvimento da linguagem. Porém, pode trazer interpretações inadequadas, como indicar que a criança não atingiu um determinado tipo de construção gramatical quando, na verdade, ela apenas não sentiu necessidade de utilizá-la.

Quando ocorrem dúvidas com relação à aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil, o pesquisador pode optar por conduzir um experimento para que a fala da criança seja dirigida. Assim, construções gramaticais que nunca ou raramente são faladas espontaneamente pelas crianças podem ser investigadas. A construção tipicamente infantil (diferente da linguagem do adulto) é muito importante de ser investigada.



Refleta

Antes de atingir a fala tipicamente adulta, a criança passa por fases ou hipóteses tipicamente infantis. Por exemplo, quando começa a construir frases, a criança tende a conjugar os verbos irregulares como regulares, portanto falas como “eu gosti”, “eu trazi”, “eu sabo”, entre outras, são bem comuns. Aos poucos, a criança compreende que alguns verbos possuem a conjugação diferente e abandonam a forma tipicamente infantil para adotar a fala do adulto. A criança atravessa estágios intermediários antes de alcançar as construções consideradas lícitas na língua. Muitas vezes, em pesquisas com dados espontâneos, a fala tipicamente infantil não aparece. É preciso criar um experimento

especialmente dedicado a este tipo de investigação. Para isso, se utiliza a metodologia de coleta de dados experimentais.

Outra diferença entre os dados espontâneos e os experimentais, é que os espontâneos demandam uma longa coleta e um grande trabalho de transcrição. Já os dados experimentais permitem uma coleta em grande escala, ou seja, permite que a experiência seja reproduzida por um número grande de crianças, proporcionando generalizações mais confiáveis.

Vocês devem estar sentindo curiosidade para entender melhor como funciona este método. Imagine a seguinte situação: os pesquisadores no campo de aquisição e desenvolvimento da linguagem querem investigar a aquisição de perguntas no português brasileiro. Veja aqui o relato:



Exemplificando

"Em um estudo sobre aquisição de perguntas no português brasileiro, formulamos um contexto em que seria adequado que a criança fizesse perguntas a um fantoche. O contexto era o seguinte: um fantoche, um sapinho de pelúcia chamado Caco, achava que sabia todas as coisas do mundo. Ele dizia à criança que ela podia perguntar a ele o que ela quisesse, e ele acertaria a resposta. Ficava combinado com a criança que, se ele acertasse, a criança daria um inseto (de plástico) para ele comer, pois essa era sua comida preferida. Se ele errasse, a criança daria uma comida amarga que ele não gostava, como punição [...].

Pesquisadora: Vamos começar com a primeira brincadeira?

Criança: Vamos.

Pesquisadora: A gente tem aqui o Super-Homem e tem uma coisa que ele gosta de comer, uma que ele gosta de beber e uma pessoa que ele gosta de abraçar. As coisas são: um chocolate, uma garrafa de leite e a Minnie. O Super-Homem prefere comer chocolate, beber leite e abraçar a Minnie. Vamos lembrar? O Super-Homem prefere comer o?

Criança: Chocolate.

Pesquisadora: E beber?

Criança: Leite.

Pesquisadora: E abraçar?

Criança: A Minnie.

Pesquisadora: Isso mesmo. Vamos chamar o Caco e ver se ele adivinha tudo? Chama ele.

Criança: Caco!!

Fantoche (manipulado por um segundo pesquisador): Cheguei. Pode perguntar. Eu vou adivinhar tudo!

Pesquisadora: Você lembra o que o Super-Homem prefere comer? (Se aproxima da criança para que ela fale no ouvido da pesquisadora e o Caco não ouça).

Criança: Chocolate (sussurra no ouvido da pesquisadora).

Pesquisadora: Isso. Pergunte para ele o que ele acha.

Criança: O que você acha que o Super-Homem prefere comer? [grifo das autoras].

Fantoche: Chocolate!!

Criança: Acertou! Vai ganhar um inseto."

(GROLLA; SILVA, 2014, p. 102-104).

Observe que foi preparado um contexto natural de brincadeira, onde a criança tem sua fala guiada (no caso, solicita-se que ela faça perguntas). Mesmo sendo perguntas bastante complexas, elas foram realizadas com tranquilidade pela criança.

Quando se faz pesquisa desse tipo, é preciso tomar alguns cuidados:

- É preciso que algum Comitê de Ética em Pesquisa aprove a pesquisa, pois deve estar de acordo com a Resolução 196/1996 do Conselho Nacional da Saúde, que trata dos aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos.



Conheça a Resolução 196/1996 do Conselho Nacional da Saúde, disponível em:

<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196_10_10_1996.html>. Acesso em: 15 jul. 2016.

- Além da aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, os pais das crianças precisam autorizar a participação de seus filhos e suas filhas na pesquisa, já que as crianças não respondem por si próprias.
- Os pesquisadores devem cuidar sempre do bem-estar das crianças, porque elas não podem perceber que estão fazendo parte de uma pesquisa, para não as inibir e para que as respostas não sejam tendenciosas.
- Só podem ser usados os dados que forem colhidos em respostas verdadeiras e confiáveis das crianças, que precisam estar à vontade durante a pesquisa.
- O plano de ação dos pesquisadores deve ser executado de maneira uniforme em todas as coletas de dados (sessões) para gerar dados confiáveis e comparáveis.
- É ideal que o plano de ação seja testado previamente com adultos e com crianças mais velhas (se estes grupos tiverem dificuldades, as crianças menores também terão).
- É interessante fazer um período prévio de adaptação das crianças com o pesquisador: normalmente são realizados quatro encontros prévios.
- O local deve ser apropriado à pesquisa e as crianças participam do teste individualmente.

Este tipo de pesquisa é direcionado a crianças com mais de três anos de idade. Há duas formas mais comuns de pesquisa: estudar como as crianças produzem determinadas construções gramaticais e estudar como elas compreendem as estruturas. Para tanto, são elaboradas “tarefas”, ou seja, um plano de ação para levar as crianças a construir sentenças (no caso de tarefas de

produção) ou responderem se conseguem compreender (ou não) determinadas sentenças preparadas pelos pesquisadores (tarefas de compreensão). Os pesquisadores decidem por um tipo de tarefa (tarefa de produção ou tarefa de compreensão) de acordo com os dados que desejam coletar. Normalmente, as tarefas de produção são mais interessantes do que as tarefas de compreensão, pois nelas as crianças respondem “sim” ou “não” para indicar se entenderam ou não determinadas sentenças. Contudo, isso pode gerar dados incorretos, por exemplo, quando a criança afirma que compreendeu uma determinada sentença, mas não é verdade.



Assimile

Tarefas de produção são planos de ação investigativos organizados que guiam a fala da criança dentro de um contexto preparado para verificar se ela é capaz de produzir uma dada estrutura, o que indica que ela tem conhecimento desta estrutura. **Tarefas de compreensão** são perguntas realizadas pelo(a) pesquisador(a) para as quais a criança responde sim ou não. Também pode-se expressar uma determinada construção e solicitar que a criança encene aquilo que ouviu. Através da encenação percebe-se se a criança compreendeu ou não o que foi apresentado. As tarefas de produção são mais complexas do que as tarefas de compreensão.

Nas tarefas de produção, destacam-se as **tarefas de produção eliciada**. O item Exemplificando traz a descrição de uma tarefa de produção eliciada. Leia novamente para compreender melhor como o plano de ação foi construído e como a criança é induzida a fazer as perguntas para o boneco.



Vocabulário

Eliciar significa “fazer emergir”. No caso de **tarefas de produção eliciada**, o pesquisador elabora um determinado plano de ação que procura guiar a fala da criança, para verificar se ela adquiriu ou desenvolveu determinada construção gramatical. Desta forma, a condução do experimento “faz emergir” a construção gramatical pesquisada. Caso a criança não tenha desenvolvido esta competência, a construção não aparecerá em sua fala ou aparecerá uma construção diferente da esperada.

Fonte: elaborado pela autora.

Observe o seguinte: o exemplo que você acabou de reler traz um experimento que elicia a emissão de determinado tipo de perguntas que são extremamente raras nas falas espontâneas de crianças, afinal nós só empregamos: “o que você acha que fulano prefere comer? Quando vamos preparar uma refeição especial?”. Mas, de acordo com este experimento, observa-se que as crianças são capazes de empregá-las tranquilamente e em larga escala, o que nos mostra que esta capacidade já foi compreendida, adquirida e pode ser empregada com sucesso.

Normalmente, em tarefas de produção eliciada, utiliza-se um fantoche para que a pesquisa fique mais parecida com uma brincadeira. Outro fato a observar nesse tipo de tarefa é que o contexto é repetido várias vezes, para que a criança tenha várias oportunidades de demonstrar a construção gramatical esperada. Ou seja, são executadas várias oportunidades para que a criança demonstre o uso esperado de determinada construção; retome o exemplo e veja que a sequência de perguntas incluiria: “o que o Super-Homem prefere beber?”. “O que (ou quem) o Super-Homem prefere abraçar?”, de forma que a criança tenha a oportunidade de demonstrar a mesma construção diversas vezes remetendo-se a contextos diferentes: comida, bebida, objeto.

Não se pode esquecer que, nesse tipo de teste, a criança que estiver cansada pode começar a dar respostas evasivas, o que atrapalharia os resultados. Assim, ao longo do teste, costuma-se colocar as chamadas “sentenças distratoras” que não estão relacionadas ao teste, tais como: “o que você prefere assistir na TV?” – caso a criança responda prontamente seu programa preferido (ela pode citar vários, comentar sobre eles e até comparar um com o outro) indica que ela ainda está atenta e pode-se dar continuidade ao teste. Caso a criança responda: “sei lá”, “não lembro” ou traga respostas evasivas, pode-se suspeitar de que ela esteja cansada e é interessante interromper o teste. A tarefa de produção eliciada é um método de pesquisa bastante eficiente e largamente utilizado na investigação sobre a aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil.

Outro método de coletar dados experimentais é chamado de tarefa de compreensão. Trata-se de atividades mais simples do que as tarefas de produção, pois as crianças não precisam

construir estruturas, apenas responder “sim” e “não”, encenar uma determinada situação ou escolher figuras.

As **tarefas de compreensão** podem ser divididas em Tarefas de Julgamento de Valor de Verdade (TJVV), Tarefas de Julgamento de Gramaticalidade (TJG), Tarefas de Encenação (TASK ou ACT) e Tarefas de Escolha de Figura (TEF).

- TJVV: apresenta-se uma sentença e um contexto para a criança e ela diz se a sentença é verdadeira ou falsa de acordo com esse contexto. Um exemplo de TJVV seria: o pesquisador conta uma história para a criança e para um fantoche, porém o fantoche parece distraído e não presta grande atenção à história; em seguida, o fantoche é convidado a recontar a história e a criança avalia se o fantoche está contando certo. Quando acerta, a criança dá uma comidinha de brinquedo para o fantoche, mas quando ele se atrapalha, ela lhe dá, como disciplina, um papel para comer – assim, quando dá uma comidinha, a criança está julgando a sentença do fantoche como verdadeira.
- TJG: a criança faz o julgamento sobre a gramaticalidade de uma sentença proferida. Um exemplo de TJG seria: apresentar um fantoche à criança dizendo que ele está aprendendo a Língua Portuguesa, por isso ele às vezes fala alguma coisa errada ou estranha. Como o fantoche precisa de ajuda, ele pede à criança que o avise quando fala alguma coisa errada ou estranha, tal como: Pedro Maria bola para a pediu.
- Tarefa de Encenação: a criança escuta uma sentença e pede-se que ela encene o que entendeu. Um exemplo da tarefa de encenação seria: “temos aqui o sapinho Caco e o Super-Homem. Mostre o “ele” dando banho no Super-Homem”; caso a criança encene corretamente, significa que ela já compreendeu o uso do pronome “ele”.
- TEF: após ouvir uma sentença, a criança escolhe uma entre duas ou mais figuras que represente o que ouviu. Um exemplo de TEF seria: “nessas figuras temos o Caco e o Super-Homem. Escolha a figura em que ele limpa o Super-Homem”. Pode-se apresentar três figuras, uma em que o

Caco limpa o Super-Homem, outra em que o Super-Homem se limpa e uma última em que o Super-Homem limpa o Caco.

Nesta seção, estudamos o método de coleta de dados experimentais, onde o(a) pesquisador(a) prepara um experimento específico para colher as respostas da criança, propiciando oportunidades que estimulem a criança a utilizar uma determinada construção. Vimos também que os dados experimentais se dividem em tarefas de produção e tarefas de compreensão.

Em comparação com os dados espontâneos, a coleta de dados experimentais permite entrevistar um número bem maior de crianças e permite investigar a aquisição e desenvolvimento de aspectos muito específicos da gramática. Porém, é preciso muita destreza dos(as) pesquisadores(as) para conduzir esses experimentos.

Os métodos de coleta de dados espontâneos e experimentais são complementares, já que permitem uma melhor visão sobre o desenvolvimento infantil com relação à linguagem.



Pesquise mais

No livro organizado por Alessandra Del Ré, você encontrará várias seções dedicadas à pesquisa em aquisição e desenvolvimento da linguagem: DEL RÉ, Alessandra (org.). **Aquisição da linguagem**: uma abordagem psicolinguística. São Paulo: Contexto, 2006.

No livro de Grolla e Silva, há um capítulo específico que trata das metodologias utilizadas em estudos em aquisição e desenvolvimento da linguagem: GROLLA, E.; SILVA, M. C. F. **Para conhecer aquisição de linguagem**. São Paulo: Contexto, 2014.

De posse dessas informações, é hora de resolver a quarta situação-problema! Vamos lá?

Sem medo de errar

Agora é hora de resolver a quarta situação-problema. Como sabe, você deve responder algumas perguntas e depois criar uma possível

resposta de Leticia para tarefas de produção e de compreensão. Pelo que você leu, os métodos são complementares e muito importantes. Não há método melhor, depende do que você deseja observar na fala da criança, em relação ao que ela já é capaz de produzir e de compreender, do ponto de vista lexical e gramatical. Algumas construções gramaticais, por exemplo, só podem ser investigadas pelo método experimental, já que as crianças não produzem certas sentenças espontaneamente. O pesquisador, então, formula questões que condicionem o uso, pela criança, de certas estruturas gramaticais. Outra diferença é o tempo de coleta e a possibilidade de avaliar mais crianças.

Na coleta de dados espontâneos, o pesquisador tem uma participação mais passiva, de observação da criança interagindo com os brinquedos, com outras crianças e/ou adultos presentes no ambiente, sem inputs que a levem obrigatoriamente a fazer uso desta ou daquela estrutura gramatical, a escolher este ou aquele léxico.

Os cuidados que deve ter em ambos os casos é a submissão do protocolo de pesquisa ao comitê de ética e a autorização por escrito (termo de consentimento) dos responsáveis pelas crianças, entre outros. Para criar uma resposta para as tarefas seja criativo! É apenas um exemplo!

Avançando na prática

“Tarefa de produção eliciada”

Descrição da situação-problema

Leia sobre um experimento com tarefa de produção eliciada: ao longo da produção de sua dissertação de mestrado, Elaine Grolla percebeu que as crianças utilizam perguntas do tipo: “onde a gente tá indo? Quem você viu? O que você comprou?”. E nunca ou quase nunca utilizam perguntas como: “a gente tá indo onde? Você viu quem? Você comprou o quê?”. Para investigar se as crianças já adquiriram este tipo de construção, Grolla e Silva (2014) prepararam um experimento semelhante a um teatro, onde a criança inicia conversando com Shrek (boneco manipulado por um pesquisador) e um cenário. Após um momento introdutório, o boneco Shrek

conta que Fiona (outro boneco manipulado por um pesquisador) foi ao mercado e pediu que ele tomasse banho antes de ela voltar. Porém, não o fez e agora estava com medo de que Fiona brigasse com ele. Foi exatamente o que aconteceu quando Fiona voltou: além de brigar com Shrek, Fiona disse que não falaria mais com ele. Shrek, então, pede à criança que intermedeie uma conversa entre ele e Fiona. Porém, para que a criança não copie exatamente a pergunta do boneco, um experimentador entra em ação e inicia um diálogo com a criança:

Experimentador: Shrek quer muito saber onde Fiona foi. A Fiona foi para algum lugar e ele não sabe. Você é capaz de perguntar a ela?

Criança: Você foi aonde?

Fiona (manipulada por outro experimentador): Fui ao mercado comprar comida e já guardei.

Experimentador: Shrek está muito faminto, mas ele não sabe onde está a comida. A Fiona guardou a comida em algum lugar e ele quer que você pergunte a ela.

Criança: Você guardou a comida onde?

Fiona: Guardei nessas panelas.

Fonte: adaptado de Grolla e Silva (2014, p. 105-107).

Neste experimento foi possível observar que a criança é capaz de deslocar a palavra interrogativa para o meio ou fim da sentença. Agora, você deve fazer a análise deste experimento e responder às seguintes questões:

- 1) Com o que os pesquisadores tiveram de se preocupar quando construíram esta tarefa?
- 2) No experimento acima, quais são os personagens?
- 3) Quantas pessoas participam deste experimento além da criança?
- 4) Crie mais uma etapa do experimento, levando a criança a fazer uma pergunta à Fiona.



As tarefas de produção eliciada levam as crianças a produzirem determinadas construções gramaticais, caso elas já tenham adquirido ou desenvolvido este aspecto da linguagem.

Por fim, há uma série de cuidados que um pesquisador deve tomar quando sua investigação é feita com seres humanos e com crianças. Você pode retomar o item **Não pode faltar!** Ou ainda a Resolução 196/96 do Conselho Nacional da Saúde.

Resolução da situação-problema

Você deve estar pensando como é possível fazer uma pesquisa com dados experimentais. Analisar uma pesquisa já realizada e refletir sobre se ela é um bom caminho. Veja só algumas possibilidades de resposta para as perguntas desta nova situação-problema:

1) Com o que os pesquisadores tiveram que se preocupar quando construíram esta tarefa? Há alguns aspectos essenciais que devem ser observados pelos pesquisadores. Eles devem obedecer às normas da Resolução 196/1996 do Conselho Nacional da Saúde, desenvolvendo uma pesquisa que respeite a ética de tratamento dos seres humanos e a idade das crianças. Devem submeter o plano de ação da pesquisa a algum Comitê de Ética em Pesquisa e aguardar e respeitar as orientações que vão receber. Devem cuidar do espaço onde a pesquisa será realizada, bem como com o tema de tal pesquisa. Os pais devem concordar que seus filhos participem da pesquisa, bem como as crianças também precisam estar de acordo, já que não devem ser obrigadas a participar, mesmo que seus pais permitam. O plano de ação deve ser executado com adultos e crianças mais velhas, para verificar se está adequado à faixa etária que se pretende investigar. Por fim, o pesquisador deve ter alguns contatos com as crianças que participarão do teste, para que haja familiaridade. Você pode acrescentar outros cuidados!

2) No experimento acima, quais são os personagens? São dois: Shrek e Fiona.

3) Quantas pessoas participam deste experimento além da criança? O experimentador que conversa com a criança, o experimentador

que manipula o Shrek e o experimentador que manipula a Fiona.

4) Crie mais uma etapa do experimento, levando à criança a fazer uma nova pergunta a Fiona. Você poderia fazer uma simples continuação, como:

Experimentador: Shrek já comeu, mas agora ficou com sede. Shrek realmente está com muita sede e gostaria de beber um suco, mas não sabe onde Fiona guardou. Você é capaz de perguntar a ela?



Faça você mesmo

Muito bem! Vamos exercitar mais? Que tal agora você criar um pequeno experimento? Sugerimos que trabalhe com uma das possibilidades das **tarefas de compreensão**. Você se lembra delas? As **tarefas de compreensão** podem ser divididas em Tarefas de Julgamento de Valor de Verdade (TJVV), Tarefas de Julgamento de Gramaticalidade (TJG), Tarefas de Encenação (TASK ou ACT) e Tarefas de Escolha de Figura (TEF). Volte ao item **Não pode faltar!**, escolha uma das tarefas e elabore um experimento! Depois compartilhe com seus colegas!

Faça valer a pena

1. A coleta de dados que guia a produção oral da criança é chamada:

- a) Coleta de dados espontâneos.
- b) Coleta de dados experimentais.
- c) Coleta de dados extraordinários.
- d) Coleta de dados esperados.
- e) Coleta de dados específicos.

2. Assinale a alternativa que apresenta como é feita a coleta de dados experimentais:

- a) Através de experimentos preparados por pesquisadores que promovem a construção de determinadas sentenças gramaticais.
- b) Através da fala espontânea, em que a criança não é guiada; pelo contrário, é apenas estimulada a falar o que quiser.
- c) Através de experimentos que a criança cria e sobre o qual ela comenta posteriormente com os pesquisadores.

d) Através de conjecturas dos pesquisadores, que passaram muito tempo estudando a aquisição e desenvolvimento da fala infantil.

e) Através de filmagens de crianças que são disponibilizadas na internet, assim é possível trabalhar com dados fiéis em que não há autorização da família.

3. Assinale a alternativa que apresenta os dois tipos de métodos utilizados em estudos experimentais em aquisição e desenvolvimento da linguagem:

a) Tarefa de promoção e tarefa de construção.

b) Tarefa de preparação e tarefa de compreensão.

c) Tarefa de preparação e tarefa de continuação.

d) Tarefa de produção e tarefa de continuação.

e) Tarefa de produção e tarefa de compreensão.

4. Leia o trecho: “No caso de tarefas de produção _____, o(a) pesquisador(a) elabora um determinado plano de ação que procura guiar a fala da criança, para verificar se ela adquiriu ou desenvolveu determinada construção gramatical”.

A palavra que preenche corretamente a lacuna é:

a) Emancipada.

b) Escrita.

c) Espontânea.

d) Eliciada.

e) Elevada.

5. O texto a seguir trata de um método experimental de coleta de dados: “Trata-se de atividades mais simples do que as tarefas de produção, pois as crianças não precisam construir estruturas, apenas responder “sim” e “não”, encenar uma determinada situação ou escolher figuras”.

Assinale a alternativa que traz o nome correto deste método de coleta de dados experimentais:

a) Tarefa de continuação.

b) Tarefa de eliciação.

c) Tarefa de compreensão.

d) Tarefa de experimentação.

e) Tarefa de correspondência.

6. Leia e associe as colunas:

- | | |
|--|--|
| a) Tarefas de Julgamento de Valor de Verdade (TJVV). | 1) A criança faz o julgamento sobre a gramaticalidade de uma sentença proferida. |
| b) Tarefas de Julgamento de Gramaticalidade (TJG). | 2) Após ouvir uma sentença, a criança escolhe uma entre duas ou mais figuras que represente o que ouviu |
| c) Tarefas de Encenação (TASK ou ACT). | 3) Apresenta-se uma sentença e um contexto para a criança e ela diz se a sentença é verdadeira ou falsa de acordo com esse contexto. |
| d) Tarefas de Escolha de Figura (TEF). | 4) A criança escuta uma sentença e pede-se que ela encene o que entendeu. |

Assinale a alternativa que corresponde à associação correta entre as colunas:

- a) A-1; B-2; C-3; D-4.
- b) A-3; B-2; C-4; D-1.
- c) A-3; B-1; C-4; D-2.
- d) A-2; B-4; C-1; D-3.
- e) A-3; B-2; C-1; D-4.

7. Analise as afirmações abaixo e atribua V (verdadeiro) ou F (falso) a cada uma delas:

I – Os dados experimentais são mais confiáveis do que os dados espontâneos.

II – Os dados experimentais permitem trabalhar com um número maior de crianças.

III – Os dados experimentais dependem da ação de um pesquisador ou uma pesquisadora em contato com a criança.

Assinale a alternativa que contém a sequência correta de V e F:

- a) F – V – F.
- b) F – F – F.
- c) V – V – V.
- d) V – V – F.
- e) F – V – V.

8. Analise as afirmações abaixo e assinale quais se relacionam com os cuidados que um pesquisador deve ter ao elaborar uma pesquisa com dados experimentais em aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil:

I – É preciso que algum Comitê de Ética em Pesquisa aprove a pesquisa, pois esta deve estar de acordo com a Resolução 196/1996 do Conselho Nacional da Saúde, que trata dos aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos.

II – Só é preciso a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, os pais das crianças não precisam autorizar a participação de seus filhos e suas filhas na pesquisa.

III – Os pesquisadores devem cuidar sempre do bem-estar das crianças, pois elas não podem perceber que estão fazendo parte de uma pesquisa, para não as inibir e para que as respostas não sejam tendenciosas.

IV – Todas e quaisquer respostas dadas pelas crianças podem ser usadas, independentemente do contexto e da forma como esta resposta foi emitida.

V – O plano de ação dos pesquisadores deve ser executado de maneira uniforme em todas as coletas de dados (sessões) para gerar dados confiáveis e comparáveis.

VI – É ideal que o plano de ação seja testado com adultos e com crianças mais velhas. Se estes grupos tiverem dificuldades, as crianças menores também terão.

VII – Não é necessário fazer um período prévio de adaptação das crianças com o pesquisador.

VIII – O local deve ser apropriado à pesquisa e as crianças participam do teste individualmente.

Assinale a alternativa que traz as afirmativas relacionadas aos cuidados que o pesquisador deve ter ao elaborar uma pesquisa com dados experimentais em aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil:

- a) I – II – III – V – VIII.
- b) I – III – V – VI – VIII.
- c) I – IV – V – VII – VIII.
- d) II – III – IV – VI – VII.
- e) I – II – IV – VI – VII.

9. Um dos principais motivos de os pesquisadores preferirem trabalhar com dados experimentais na investigação sobre aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil é que:

- a) A coleta de dados espontâneos pode trazer interpretações inadequadas, como, por exemplo, indicar que a criança atingiu um determinado tipo de construção gramatical quando, na verdade, ela apenas está imitando uma fala adulta.
- b) A coleta de dados espontâneos é um método muito antigo e, portanto, precisa ser substituído por um método mais novo e adequado que permita colher dados exatos de um número maior de crianças, de forma mais rápida também.
- c) A coleta de dados espontâneos depende de alguém interessado em fazer a transcrição dos dados e pode ocorrer muitos erros nesta etapa, visto que os pesquisadores são relapsos e não conseguem se dedicar a um trabalho mais manual do que intelectual.
- d) A coleta de dados espontâneos pode trazer interpretações inadequadas, pois ela se relaciona a apenas uma única criança e não pode ser realizada com mais de uma criança, não permitindo fazer uma análise mais ampla e consistente da forma de expressão da fala infantil.
- e) A coleta de dados espontâneos pode trazer interpretações inadequadas, por exemplo, indicar que a criança não atingiu um determinado tipo de construção gramatical quando, na verdade, ela apenas não sentiu necessidade de utilizá-la.

10. Leia o texto:

“Normalmente, em tarefas de produção eliciada, utiliza-se um _____ para que a pesquisa fique mais parecida com uma _____. Outro fato a observar neste tipo de tarefa é que o contexto é repetido várias vezes, para que a criança tenha várias oportunidades de demonstrar a construção gramatical esperada. Não se pode esquecer que, nesse tipo de teste, a criança que estiver cansada pode começar a dar respostas evasivas, o que atrapalharia os resultados. Assim, ao longo do teste, costuma-se colocar as chamadas “sentenças _____” que não estão relacionadas ao teste. Caso a criança responda prontamente, indica que ela ainda está atenta e pode-se dar continuidade ao teste. Caso a criança não responda ou traga respostas evasivas, pode-se suspeitar de que ela esteja cansada e é interessante interromper o teste”.

Assinale a alternativa que contém as palavras corretas que preenchem as lacunas:

- a) Fantoche, brincadeira, distratoras.
- b) Brinquedo, realidade, atrativas.
- c) Fantoche, história, atrativas.
- d) Brinquedo, brincadeira, motivadoras.
- e) Fantoche, história, motivadoras.

Referências

ANDERSEN, Elenice M. L. Representações lexicais subjacentes: verbos e léxico inicial. **ReVEL**, v. 6, n. 11, ago. 2008. ISSN 1678-8931. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_11_representacoes_lexicais_subjacentes.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução 196/1996 do Conselho Nacional da Saúde**. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196_10_10_1996.html>. Acesso em: 15 jul. 2016.

BRUM-DE-PAULA, Mirian R. Broto da fala: o papel da prosódia no despertar da linguagem. **ReVEL**, v. 8, n. 15, 2010. Disponível em: <www.revel.inf.br>. Acesso em: 15 maio 2016.

COSTA, João; SANTOS, Ana L. **A falar com bebês**. Lisboa: Caminho, 2003.

DEL RÉ, Alessandra. (org.). **Aquisição da linguagem**: uma abordagem psicolinguística. São Paulo: Contexto, 2006.

EDUARDO KENEDY. Steven Pinker - aquisição da linguagem. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PEZ24Si4rkM>>. Acesso em: 15 maio 2016. (**Vídeo YouTube**)

GROLLA, Elaine B. **A aquisição da linguagem**. Florianópolis: UFSC, 2006. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/egrolla/files/-1/17317/Aquisicao+de+linguagem.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

_____. Metodologias experimentais em aquisição da linguagem. **Estudos da Língua(gem)**. Vitória da Conquista v. 7, n. 2 p. 9-42 dezembro de 2009. Florianópolis: UFSC, 2006. Disponível em: <<http://www.estudosdalinguagem.org/index.php/estudosdalinguagem/article/view/126/233>>. Acesso em: 18 jul. 2016.

GROLLA, Elaine; AUGUSTO, Marina R. A. Pronomes resumptivos em português brasileiro infantil: dados de produção e compreensão. **Cadernos de Letras da UFF** - Dossiê: Anáfora e correferência: temas, teorias e métodos. n. 49, p. 133-154. Disponível em: <<http://www.cadernosdeletras.uff.br/index.php/cadernosdeletras/article/viewFile/10/8>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

GROLLA, Elaine; SILVA, Maria C. F. **Para conhecer aquisição de linguagem**. São Paulo: Contexto, 2014.

KAIL, Michèle. **Aquisição de linguagem**. São Paulo: Parábola, 2013.

MENEZES, Daniela C. D; PACHECO, Vera. O papel da prosódia na aquisição da linguagem: reflexões teóricas. **Museu pedagógico**. X Colóquio do Museu Pedagógico. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/3275/2977>>. Acesso em 15 jul. 2016.

MOUSINHO, Renata et al. Aquisição e desenvolvimento da linguagem: dificuldades que podem surgir neste percurso. **Rev. Psicopedag.**, v. 25, n. 78, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862008000300012&script=sci_arttext&tlng=en>. Acesso em: 15 jul. 2016.

PORTAL EDUCAÇÃO. Videoaula | Aquisição da linguagem oral 3. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YbpMFgAX9R4>>. Acesso em 15 jun. 2016. (**Vídeo do YouTube**)

SITE CIDA COELHO. Cida Coelho responde: é normal uma criança de três anos não falar? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WlVij_iBBz0>. Acesso em: 5 jul. 2016. (**Vídeo do YouTube**)

THALÃO VALLE. Teste de celulares com crianças. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1YUJVNRWX9U>>. Acesso em: 15 jul. 2016. (**Vídeo do YouTube**)

TORETI, Gizele; RIBAS, Leticia P. Aquisição fonológica: descrição longitudinal dos dados de fala de uma criança com desenvolvimento típico. **Letrônica**, v. 3, n. 1, jul. 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/7097/5463>>. Acesso em 15 jul. 2016.

O contexto comunicativo da aquisição da linguagem

Convite ao estudo

Caro aluno, seja bem-vindo à Unidade 4! Percorremos um grande caminho até aqui, não é mesmo? Vimos, por exemplo, na Unidade 1, os conceitos básicos sobre os estudos da linguagem, tais como a linguagem animal e a linguagem humana, a língua, a fala e o signo linguístico. Também vimos os elementos da comunicação verbal e as funções de linguagem, bem como aspectos do discurso associados à ideologia. Na Unidade 2, tratamos das bases teóricas da aquisição da linguagem, investigando as concepções behaviorista, conexionista, inatista, cognitivista e sociointeracionista. Na Unidade 3 abordamos a aquisição e o desenvolvimento da linguagem infantil e as primeiras produções vocais na infância, a prosódia e a consciência fonológica, a aquisição do léxico e a composição de sentido, a emergência da sintaxe e a pesquisa com dados espontâneos e experimentais.

Você deve estar curioso para saber como a comunicação vai se constituindo a partir da convivência da criança com a família, com outras crianças e com outros adultos. É o que estudaremos na Unidade 4, última unidade que compõe este livro. O objetivo aqui é tomar contato com o contexto comunicativo da aquisição e da linguagem infantil, de forma a compreender como ocorre a linguagem na interação criança e o adulto cuidador; conhecer e refletir sobre o uso afetivo, lúdico, prático, representativo e dialético da linguagem infantil e, por fim, investigar o processo de interação comunicacional da criança com outras crianças e com os adultos.

Para ajudar a aprender sobre contexto comunicativo da aquisição e da linguagem infantil, vamos propor uma

situação da realidade profissional que estimule a pesquisa, a reflexão e a aplicação prática dos conceitos que serão estudados nesta unidade. Esta situação é muito comum no ambiente profissional e diz respeito ao processo comunicacional de crianças.

Você foi convidado para dar uma palestra na escola “Conhecendo o mundo”, uma escola privada de educação infantil e fundamental 1 (até o 5º ano) sobre a aquisição de linguagem de crianças de até cinco anos de idade e como os pais e professores podem auxiliar nesse processo. Sua função como fonoaudiólogo é orientar sobre qual seria o padrão de normalidade e quando procurar um profissional especializado, em caso de suspeita de diagnóstico de algum desvio de linguagem. O seu desafio nesta e nas próximas situações é criar uma apresentação com os dados que está aprendendo sobre o desenvolvimento da linguagem, desde o nascimento os até 5 anos. Preste bastante atenção nas aulas que serão muito importantes para ajudá-lo em cada etapa.

Parabéns por chegar até aqui! Você pode se considerar na etapa final!

Seção 4.1

A fala da mãe (ou figura de mãe) com a criança

Diálogo aberto

Muito bem! Chegamos ao primeiro desafio da situação da realidade profissional. Como você viu anteriormente, a coordenadora pedagógica da escola “Conhecendo o mundo” o convidou para ministrar uma palestra sobre o contexto comunicativo da aquisição de linguagem de crianças até 5 anos de idade, para ser apresentada para pais e professores.

Esta apresentação não deve ser muito longa, pois ela deve ocupar apenas uma parte da reunião de pais e professores. Nessa primeira parte da apresentação, você se dedicará a explicar o que são os primeiros estímulos relacionados à linguagem (input), a sua importância e o seu funcionamento no processo de desenvolvimento da linguagem.

Portanto, o desafio inicial é elaborar três primeiros slides da apresentação que será realizada no dia da reunião de pais e mestres – estes slides podem ser feitos em um programa de apresentações eletrônicas. Cada slide terá uma proposta diferente:

1) Apresentação do título (escolha um título criativo e significativo!) e da autoria da apresentação (é você, coloque seu nome!).

2) Como a linguagem que a mãe (ou figura de mãe) emprega ao cuidar do bebê influencia a aquisição e desenvolvimento da linguagem e como a escola age com relação a esta situação.

3) Como os inputs linguísticos estimulam a aquisição e desenvolvimento da linguagem e como a escola age nesta situação.

Lembre-se de que o formato de apresentação organizado em slides não é adequado para o desenvolvimento de grandes textos dissertativos, portanto, procure utilizar esquemas ou frases de impacto que possam organizar logicamente sua apresentação.

Nesta seção, estudaremos especificamente a fala da mãe (ou figura de mãe) com a criança. Os objetivos propostos são:

- Compreender como se dá o processo de aquisição e linguagem da criança a partir da interação da mãe (ou figura de mãe) com a criança.
- Conhecer o processamento de inputs linguísticos no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem.

Cada objetivo encerra o conteúdo de cada um dos slides que você preparará. Agora, mãos à obra e bons estudos!

Não pode faltar

Você já pensou que uma criança inicia o processo de aquisição e desenvolvimento de linguagem ainda muito pequena, porque ela tem como objetivo se comunicar conforme os adultos ou crianças mais velhas fazem? Já pensou que a linguagem de uma criança cresce exponencialmente em função da língua-meta? Pois bem, uma das formas de estudar a aquisição e o desenvolvimento da linguagem infantil é observar como a língua é usada pelas pessoas que são próximas dos bebês e das crianças. Esta é uma investigação importante, pois a principal forma de uma criança conhecer a língua falada em sua comunidade é obter informações a partir dos enunciados orais dirigidos a ela por adultos ou crianças mais velhas.



Vocabulário

Língua-meta: a criança, imersa em um contexto social, está exposta à língua praticada pelos integrantes da família ou dos adultos que cuidam dela. Desta forma, é esta língua que a criança procura compreender e empregar. A língua-meta (meta = objetivo) é aquela que a criança irá desenvolver em função do contexto social ao qual pertence.

Um fato curioso é que os adultos tendem a falar com crianças de forma muito diferente que falam com adultos. Já percebeu isso? Os adultos não têm o hábito de comentar com as crianças as complexidades da vida, como a forma de se calcular juros

compostos na parcela do carnê. Também não esperam que elas tenham a capacidade de compreender longas explicações. Além disso, é comum empregar expressões mais fortes, como grandes exaltações quando algo que a criança faz nos agrada, como, por exemplo: "Nossaaaaa! Que grande e lindo sorriso você deu agora!". Muitos adultos empregam um vocabulário especial quando falam com crianças, por exemplo: "Que gudi-gudi do titio!".

O conjunto de habilidades que o adulto emprega ao se dirigir oralmente de forma diferenciada à criança recebeu o nome de "maternês". Você deve ter percebido que este nome é dado em função da interação entre a mãe e a criança nos primeiros tempos de vida do bebê. Você também encontrará este conjunto de habilidades com o nome de "maternalês", "manhês" e "motherese" (em inglês).

Maternês é uma forma de falar que os adultos empregam ao dirigirem-se a bebês e crianças pequenas, principalmente a pessoa que cuida da criança mais diretamente (normalmente a mãe mesmo). São vocalizações claras, reforçando cada som e repetindo o que diz, deixando a linguagem descomplicada e permitindo que as crianças escutem várias vezes. Esta forma de falar é muito atrativa para os bebês e é realizada durante um tempo adequado para que eles adquiram a linguagem.

Normalmente, o maternês é acompanhado de contatos físicos e visuais, cuidados, atenção e carinho, o que se torna uma espécie de estímulo para o bebê se interessar pela língua-meta. Quando o bebê faz suas primeiras vocalizações, ele costuma ser recompensado com carinhos, respostas orais, olhares e estímulos da pessoa que com ele estão no momento. Ou seja, mais maternês.



Refleta

A concepção mais aceita sobre a aquisição e desenvolvimento da linguagem é a concepção inatista, desenvolvida por Noam Chomsky (Seção 2.2 deste livro didático). Para Chomsky, a linguagem é uma capacidade biológica humana, inata, de forma que os seres humanos possuem uma prontidão natural para desenvolver a língua da comunidade onde estão inseridos. Porém, ao avançar nas pesquisas sobre aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil, principalmente a partir de 1970, começou-se a

perceber que as experiências sociais possuem forte influência neste processo. Ainda que a concepção sociointeracionista (estudada na Seção 2.4) não seja exclusivamente aceita, sua contribuição não pode mais ser minimizada.

O debate entre defensores da concepção inatista e da concepção sociointeracionista estimulou a descoberta de características específicas da fala “maternês”:

- A pessoa que cuida da criança (mãe ou figura de mãe) tende a enfatizar as palavras mais importantes da frase, facilitando, assim, a compreensão da criança.



Assimile

É importante compreender que nem sempre a mãe biológica é a pessoa que pode cuidar da criança. Pode ocorrer que esta criança seja adotada por uma nova família, pode ser que a mãe esteja impossibilitada de cuidar da criança, pode ser que a mãe tenha que trabalhar a maior parte do tempo e deixou a criança sob os cuidados de outra pessoa. Chamamos de figura de mãe aquela pessoa que passa a maior parte do tempo cuidando da criança quando a mãe não está ocupando esse lugar. Assim, uma avó que cuida do neto é compreendida como figura de mãe. O pai que cuida da criança a maior parte do tempo enquanto a mãe trabalha ocupa o lugar de figura de mãe. Como figura de mãe, podemos ter a babá, a madrasta, um irmão mais velho ou qualquer outra pessoa que está no lugar da mãe durante a maior parte do tempo. Assim, sempre que você ler “mãe”, deverá compreender que este papel pode ser representado por alguém no lugar de “figura de mãe”.

- A fala também é sintaticamente mais simples, ou seja, as frases utilizadas são curtas e objetivas.
- O vocabulário e a complexidade das frases são propositalmente simplificados.
- O maternês é restrito a comunicações rápidas e relacionadas ao momento. Em geral, não se faz menção ao passado nem projeções futuras.

- A forma de comunicação empregada pela mãe com a criança tem um forte componente de interação, isto é, a comunicação é construída de forma a estimular a interação da criança no processo.



Exemplificando

Observe este exemplo: imagine uma mãe ou mesmo uma berçarista se dirigindo a um bebê: "O bebê está feliz? Tá feliz? Tá feliz sim!!!". Imagine a entonação que a pessoa adulta utiliza ao se dirigir à criança. Pois bem, agora, observe os marcadores acima: algumas palavras tendem a ser enfatizadas ("bebê" e "feliz", posteriormente o "sim"); a frase é simples; o vocabulário é simples; a comunicação é rápida e trata do estado da criança no presente; o fato de se dirigir diretamente à criança provocará algum tipo de resposta da criança (uma agitação das pernas, um arrulho, um sorriso – serão compreendidos como interação).

Após iniciar uma comunicação com o bebê, a mãe tende a esperar uma resposta, o que ocorre através de gestos, expressões faciais, balbúcio, vocalizações simples, agitação das pernas e/ou braços, arrulhos. Estas respostas são facilmente compreendidas pelo adulto que está interagindo com o bebê, e isso propicia que se estabeleça um tipo de conversa. Em dado momento, o bebê desenvolve a capacidade de dar respostas com vocalizações simples, bastante aceitas pelos adultos. Chamamos este período de protoconversa ou protolinguagem.

A interação entre o adulto e a criança é fundamental para o desenvolvimento da linguagem infantil. Essa interação representa um sistema dinâmico, pois a comunicação é influenciada por ambos os participantes: adulto e criança. A oportunidade precoce de interação da com a criança estabelece muito do que pode ser aprendido em termos de desenvolvimento da linguagem posteriormente.

O adulto representa o papel de pessoa mais experiente na zona de desenvolvimento proximal (ZDP), proposta por Vygotsky. Você já estudou sobre isso? A ZDP é a capacidade de a criança funcionar em dois níveis: o nível real (quando a criança emprega habilidades pessoais já plenamente desenvolvidas) e o nível proximal (quando a criança emprega habilidades que ainda não foram totalmente desenvolvidas com a ajuda de um adulto mais experiente). Ou seja,

a presença de uma mãe ajuda a criança a estruturar as habilidades que estão em estágio de desenvolvimento proximal (aquilo que a criança não faz sozinha, sem a ajuda de uma pessoa mais experiente), de forma que, em pouco tempo, essas habilidades se fortaleçam no nível de desenvolvimento real da criança (aquilo que ela faz sem a ajuda de outra pessoa mais experiente).



Pesquise mais

Para conhecer a fundo a pesquisa de Vygotsky, sua explicação sobre o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem, bem como a definição de zona de desenvolvimento proximal, recomendamos a leitura do livro:

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

É praticamente impossível que uma criança desenvolva a linguagem humana sem os devidos amparos e estímulos sociais (veja o que estudamos na Seção 1.1 e os exemplos das crianças perdidas e criadas por outros animais).

Na interação entre mãe e criança, a pessoa mais experiente promove o que chamamos de “edificação da fala”, ou seja, responde ao enunciado produzido pela criança de forma a encorajá-la e instruí-la a usar a linguagem de forma cada vez mais elaborada léxica e sintaticamente. Conforme a criança vai adquirindo e desenvolvendo a linguagem, a mãe retira gradualmente seu apoio.

Enfim, observa-se que as informações e experiências linguísticas às quais as crianças são expostas desde muito cedo são extremamente importantes para a aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil. Desde que nasce, o bebê está imerso em um mundo social, cheio de ruídos, sons ambientes, falas, risadas, choros, músicas, além dos sons de seu próprio corpo. O conjunto de todas essas informações que estão disponíveis e são captadas pelo sistema auditivo do bebê recebe o nome de input. Um input linguístico refere-se aos insumos proporcionados à criança nos momentos em que ela está em contato com a linguagem humana. Esses insumos podem ser entoacionais, lexicais, sintáticos, semânticos, culturais e incluem também as informações sobre a própria linguagem, sobre a língua e ambas na cultura do grupo social.

Há uma característica do input que certamente ajuda a criança a desenvolver a linguagem, que é a contingência da fala materna, ou seja, o fato de a mãe responder imediatamente com uma vocalização ou expressão quando a criança emite vocalizações, favorece o estabelecimento e manutenção de uma “conversa”, ajudando, portanto, na aquisição da linguagem pela criança.

Outras características do input que favorecem a aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil são:

- Apresentar feedback à criança: dar um feedback de repetição (quando o adulto repete a fala da criança corrigindo, modificando ou enriquecendo) permite à criança refletir sobre seu comportamento linguístico e reinterpretá-lo, de forma a aproximá-lo cada vez mais da fala do adulto. Já o feedback de expansão ou reformulação (quando o adulto insere elementos faltantes na comunicação ou oferece à criança versões corrigidas ou alternativas para suas emissões) permite que a criança preencha as lacunas de sua aprendizagem com novos elementos comunicacionais empregados na linguagem dos adultos.
- Fazer solicitações à criança para que tente falar ou reformular a fala.
- Sintonia entre mãe e criança durante a conversa.
- Atenção conjunta: momento em que mãe realiza alguma tarefa junto com a criança, como brincar ou jogar.

Por outro lado, a ausência de feedback de reformulações parece ser um fator que inibe ou atrasa a aquisição da linguagem. Da mesma forma, os inputs linguísticos relacionados à diretividade (ordens, comandos, instruções) usados em exclusividade ou em demasia podem vir a ocasionar atraso ou dificuldades na aquisição e desenvolvimento da linguagem.

Assim, observa-se que os estilos linguísticos presentes na interação mãe e criança contribuem para que a criança adquira e desenvolva a linguagem.



Maternês é uma forma específica de interação linguística que ocorre entre a criança e o adulto que cuida dela. Normalmente, este adulto é a própria mãe (mas pode ser qualquer pessoa que ocupe o lugar de mãe), de onde deriva o nome do conjunto de características empregadas especialmente em dado momento do desenvolvimento infantil, favorecendo de forma implícita ou explícita a aquisição e desenvolvimento da linguagem. Junto com um linguajar específico, o maternês costuma ser associado a cuidados, carinhos, estímulos, atenção, olhares intensos.

Há falas específicas (inputs linguísticos) que estimulam o desenvolvimento da linguagem, como os feedbacks, e há falas que causam o efeito contrário, assim como a falta de interação linguística entre a mãe que também proporciona atraso ou inibição na aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil.

Você percebeu como este estudo é riquíssimo? Agora, de posse desse novo conhecimento, você já pode resolver o desafio proposto nesta seção. Vamos lá?

Sem medo de errar

Muito bem! Agora você tem os elementos necessários para resolver a primeira situação de aprendizagem desta unidade. Na situação da realidade profissional, a coordenadora pedagógica da escola “Conhecendo o mundo” o convidou para fazer uma apresentação para os pais dos alunos da educação infantil, explicando como ocorre o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem de crianças até 5 anos de idade.

Agora é hora de juntar os conhecimentos e elaborar os três primeiros slides desta apresentação. Abra seus slides e comece a sua apresentação. Verifique os recursos disponíveis e o que é mais adequado à situação.

Aqui você encontrará algumas sugestões e orientações para desenvolver a situação. Tenha sempre em mente que você é uma pessoa criativa e pode escolher outra forma de fazer a apresentação.

Um bom caminho para iniciar a atividade é relacionar os cuidados iniciais da mãe (ou da pessoa que ocupa esse lugar) e a aquisição e o desenvolvimento da linguagem a partir desta interação. Lembre-se de mencionar que nem sempre é a mãe que pode passar mais tempo com a criança, então, a figura de mãe pode ser ocupada por um irmão mais velho, pelo pai, pela madrasta, pelos avós e outros.

O primeiro slide (ou outro recurso) deve conter apenas um título para a sua apresentação e o seu nome. Você pode colocar uma imagem relacionada a aspectos da interação linguística entre um adulto e uma criança (ou bebê). Você também pode escolher um outro elemento sugestivo, como um brinquedinho de bebê ou o trecho de uma cantiga. Tome cuidado para não banalizar seu trabalho, escrevendo BLÁ-BLÁ-BLÁ ou colocando uma imagem de criança chorando, por exemplo. Lembre-se de apontar a referência de onde retira a imagem e os trechos.

Agora você deve estar se perguntando como introduzir o assunto do segundo slide (ou outro recurso), que trata da linguagem que a mãe (ou figura de mãe) emprega com o bebê.

Atenção

A partir desse momento, é muito importante você se referir sempre à mãe acompanhando sua fala da figura de mãe. Lembre-se que hoje as mães trabalham muito e às vezes a criança é cuidada a maior parte do tempo por uma avó, por um professor ou professora, ou mesmo pelo pai ou um cuidador. Reforce que, mesmo havendo a figura de mãe, esta pessoa nunca ocupará o lugar da mãe, apenas é a pessoa que tem mais contato com a criança naquele momento.

É muito simples: se você mostrar uma imagem de alguns bebês (represente a diversidade!), automaticamente as pessoas começam a falar de uma forma apropriada à criança. Isso pode ser muito divertido e você pode aproveitar para colocar algumas palavras significativas nesse segundo slide para ajudá-lo a apresentar as características do maternês, tais como: ênfase nas palavras mais importantes, simplicidade na fala, falas curtas relacionadas ao momento e interação.

Já o terceiro slide pode ser composto de um detalhamento das palavras significativas já mencionadas, onde você pode apresentar

ou solicitar exemplos relacionados à contingência, feedback, solicitações, sintonia e atenção conjunta.

Viu como ficou mais simples? Para aprofundar seus conhecimentos, faça a leitura do material sugerido, tanto no livro didático quanto na Webaula. E bom trabalho!

Avançando na prática

Interação

Cabeça, ombro, joelho e pé (Head, shoulders, knees & toes) – M. Cook/J. Fatt/ A. Field/ G. Page

Versão Vanessa Alves

Cabeça, ombro, joelho e pé	Hum, hum, hum e pé pé	Olhos, ouvidos, boca e nariz
Joelho e pé	Olhos, ouvidos, boca e nariz	Hum, hum, hum e hum
Cabeça, ombro, joelho e pé	Hum, hum, hum e pé	Hum e hum
Joelho e pé	Hum, hum, hum e pé	Hum, hum, hum e hum
Olhos, ouvidos, boca e nariz	Joelho e pé	Hum e hum
Cabeça, ombro, joelho e pé	Hum, hum, hum e hum	Hum, hum, hum e hum
Joelho e pé	Joelho e pé	Hum, ouvidos, boca e nariz
Hum, ombro, joelho e pé	Olhos, ouvidos, boca e nariz	Hum, hum, hum e hum
Joelho e pé	Hum, hum, hum e hum	Hum e hum
Hum, ombro, joelho e pé	Joelho e pé	Hum, hum, hum e hum
Joelho e pé	Hum, hum, hum e hum	Hum e hum
Hum, ombro, joelho e pé	Hum e pé	Hum e hum
Olhos, ouvidos, boca e nariz	Hum, hum, hum e hum	Hum, hum, boca e nariz
Hum, ombro, joelho e pé	Hum e pé	Hum, hum, hum e hum
	Hum, hum, hum e hum	Hum e hum
	Olhos, ouvidos, boca e nariz	Hum, hum, hum e hum
		Hum e hum
		Hum, hum, hum e hum

Joelho e pé	Hum, hum, hum e hum	Hum e hum
Hum, hum, joelho e pé	Hum e pé	Hum, hum, hum e hum
Joelho e pé	Hum, hum, hum e hum	Hum e hum
Hum, hum, joelho e pé	Hum e hum	Hum, hum, hum e hum
Joelho e pé	Hum, hum, hum e hum	Hum, hum, hum e hum
Olhos, ouvidos, boca e nariz	Hum e hum	Hum e hum
Hum, hum, joelho e pé		
Joelho e pé		
Hum, hum, hum e pé		
pé		

Cantar é uma prática muito comum no maternês. Em geral, adultos adoram cantar para crianças, que, por sua vez, adoram ouvir entonações diferentes, alegram-se e acalmam-se. A música citada - uma conhecida música infantil (Cabeça, ombro, joelho e pé) - costuma ser cantada com gestos (apontando ou tocando a parte do corpo mencionada) para crianças com mais de um ano. Para crianças menores, os adultos costumam tocar na parte do corpo mencionada ou levar a mãozinha do bebê até as partes do corpo, conforme cantam a música. Leia a música atentamente e faça uma associação com os assuntos estudados nesta seção. Focalize particularmente o maternês e os inputs linguísticos.



Lembre-se

A tradução da palavra inglesa input para o português é "entrada". Um bebê ou uma criança convive com sons do ambiente, falas, cantigas, risadas, sons do seu próprio corpo, choros, entre outros, dirigidos especificamente ao bebê ou não. Todos os sons são captados pelo bebê, os sons linguísticos são "entradas" linguísticas ou inputs linguísticos.

Resolução da situação-problema

O maternês possui algumas características, possíveis de serem associadas à música em questão. Vejamos:

- A música é propícia à ênfase de palavras principais, que são as partes do corpo.
- A música possui frases simples, curtas e objetivas, bem como o vocabulário e a complexidade do tema.
- A comunicação é rápida e trata de uma situação presente, que é a descoberta do próprio corpo.
- Há um forte componente de interação entre a mãe e o bebê, pois o cantar dirigido é realizado sempre de forma próxima.
- Por fim, esta música, especificamente, sugere um forte um contato físico, suave e carinhoso, entre mãe e bebê.

Do ponto de vista do input linguístico, temos:

- Feedback: o adulto repete um conjunto de palavras por várias vezes, o que permite ao bebê ou criança refletir sobre o comportamento linguístico e interpretá-lo.
- A mãe estimula o bebê a tocar a parte do corpo enquanto canta ou, no caso de bebês mais velhos, estimula a repetição das palavras principais.
- Durante o cantar, ocorre a sintonia entre mãe e bebê.
- Cantar para um bebê é um exemplo de atenção conjunta, tal como brincar ou jogar.



Faça você mesmo

Muito bem, agora é a sua vez! Localize uma música ou um jogo infantil com o(a) qual seja possível relacionar o maternês e apresente a forma como ocorre o input linguístico.

Faça valer a pena

1. Analise a relação abaixo e atribua maternês (M) às características que são associadas ao conjunto de habilidades linguísticas que os adultos empregam para favorecer a aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil e input (I) para as características do input linguístico que também favorecem a aquisição e desenvolvimento da linguagem:

1. Vocabulário especial.

2. Vocalizações claras.
3. Contingência da fala materna.
4. Atenção conjunta.
5. Repetição do que diz.
6. Fazer solicitações à criança para que tente falar.
7. Sintonia entre mãe (ou figura de mãe) e criança.
8. Frases curtas e objetivas.
9. Apresentar feedback à criança.
10. Atenção conjunta.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta de M e I.

- a) 1M, 2M, 3M, 4M, 5M, 6I, 7I, 8I, 9I, 10I.
- b) 1I, 2I, 3I, 4I, 5I, 6M, 7M, 8M, 9M, 10M.
- c) 1I, 2I, 3I, 4I, 5I, 6M, 7M, 8M, 9M, 10M.
- d) 1M, 2I, 3M, 4I, 5M, 6I, 7M, 8I, 9M, 10I.
- e) 1M, 2M, 3I, 4I, 5M, 6I, 7I, 8M, 9I, 10I.

2. Leia o texto a seguir, retirado do livro-didático: “Na interação entre mãe (ou figura de mãe) e criança, a pessoa mais experiente promove o que chamamos de ‘edificação da fala’, ou seja, responde ao enunciado produzido pela criança de forma a encorajá-la e instruí-la a usar a linguagem de forma cada vez mais elaborada léxica e sintaticamente. Conforme a criança vai adquirindo e desenvolvendo a linguagem a mãe (ou figura de mãe) retira gradualmente seu apoio”.

Assinale a alternativa que apresenta a concepção de aquisição e desenvolvimento da linguagem que sustenta teoricamente este trecho:

- a) Inatista.
- b) Construtivista.
- c) Sociointeracionista.
- d) Behaviorista.
- e) Conexionista.

3. A concepção _____ é a explicação mais aceita para expor o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem. De acordo com esta concepção, o ser humano nasce dotado de uma capacidade inata para adquirir e desenvolver a linguagem. Essa capacidade é chamada Gramática Universal. Porém, ao se investigar mais a fundo, percebeu-se a importância

da interação da mãe (ou figura de mãe) com o bebê, usando uma forma muito cuidadosa de linguagem, que conhecemos como _____.

A concepção _____ explica os processos de interação de uma pessoa menos experiente com uma pessoa mais experiente, de forma que a pessoa menos experiente possa aprender.

Assinale a alternativa que apresenta os termos corretos que preenchem as lacunas na sequência em que aparecem:

- a) Behaviorista, maternês, sociointeracionista.
- b) Construtivista, maternês, sociointeracionista.
- c) Inatista, maternês, sociointeracionista.
- d) Inatista, manhosa, construtivista.
- e) Behaviorista, manhosa, construtivista.

Seção 4.2

Funções da linguagem aplicada à aquisição (1ª parte)

Diálogo aberto

Muito bem! Iniciamos a Seção 4.2, que vai abordar parte das funções da linguagem aplicada à aquisição da linguagem. Esta seção tem como objetivo conhecer os usos afetivo, lúdico e prático da linguagem, especialmente no contexto da linguagem infantil.

Assim, para apoiar o desenvolvimento da sua aprendizagem, você resolverá a segunda situação-problema. Como já visto anteriormente na situação da realidade profissional desta unidade, você foi convidado para dar uma palestra na escola (“Conhecendo o mundo”) sobre a aquisição de linguagem de crianças de até cinco anos de idade, e como os pais e professores podem auxiliar neste processo. Sua função como fonoaudiólogo é orientar sobre o padrão de normalidade do desenvolvimento da fala da criança e quando procurar um profissional especializado.

Na aula anterior, você já desenvolveu o início dessa apresentação e agora fará mais uma parte dela. Desta forma, a segunda situação-problema é elaborar mais três slides da apresentação que será realizada para pais e professores (estes slides podem ser feitos no Power Point ou Evernote). Cada slide terá uma proposta diferente:

- 4º) Explicar o que é e como ocorre o uso afetivo da linguagem.
- 5º) Explicar o que é e como ocorre o uso lúdico da linguagem.
- 6º) Explicar o que é e como ocorre o uso prático da linguagem.

Você não precisa apresentar os slides na ordem sugerida, pode invertê-los, mas deve se certificar de que os três estejam presentes na apresentação. Lembre-se de que o formato de apresentação organizado em slides não é adequado para o desenvolvimento de grandes textos dissertativos, portanto, procure utilizar esquemas ou frases de impacto que possam organizar logicamente sua apresentação.

Faça a leitura do livro didático, leia as indicações sugeridas na Webaula, bem como pesquise mais sobre o assunto. Sua apresentação e sua aprendizagem serão enriquecidas! Agora, mãos à obra e bons estudos!

Não pode faltar

Nesta seção, você aprenderá sobre as funções da linguagem aplicada à aquisição, o que é diferente do contexto das funções de linguagem estudadas na Seção 1.3 - Funções da linguagem. Na Seção 1.3, as funções de linguagem foram descritas no contexto de comunicação verbal, quando os envolvidos em uma comunicação já possuem conhecimento mais aprofundado da língua e da linguagem e já as empregam de forma cotidiana em processos comunicacionais intencionais.

Vamos tratar aqui de aspectos específicos do processo de aquisição da linguagem e como as funções afetiva, lúdica e prática aparecem no processo de aquisição. É igualmente importante compreender que a aquisição da linguagem passa por algumas fases, de forma que a criança vai evoluindo nesse processo. Como vimos na seção anterior, a abordagem inatista representou muito claramente o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil e foi aceita amplamente no meio acadêmico por explicar que possuímos uma tendência (uma capacidade) inata para desenvolver a linguagem do grupo social no qual estamos imersos. Porém, com a realização de estudos científicos envolvendo bebês e crianças em situação real, se tornou evidente que a interação social tem papel preponderante no desenvolvimento da linguagem da criança, inclusive com uma prática linguística diferenciada realizada pelos adultos que cuidam diretamente da criança, conhecida como maternês.

A interação social é o conceito-chave da concepção sociointeracionista da aquisição e desenvolvimento da linguagem. Esta concepção, desenvolvida por Vygotsky, defende que os seres humanos possuem um nível de desenvolvimento real, correspondendo àquilo que o indivíduo já sabe e consegue executar sozinho, sem a ajuda de outras pessoas. Porém, existe um outro

nível próximo ao real, chamado zona de desenvolvimento proximal (ZDP), no qual o indivíduo consegue realizar algumas atividades, desde que seja orientado ou apoiado por um outro indivíduo mais experiente nesse contexto. No caso da linguagem, a concepção sociointeracionista aponta que quando pessoas utilizam a linguagem verbal para dirigir-se a um bebê, atuam diretamente na ZDP deste bebê, que aos poucos vai adquirindo e desenvolvendo a linguagem do grupo social, por ouvir e tentar interagir com as pessoas ao redor.

Porém, esse processo não é tão simples. O bebê não compreende imediatamente o que lhe é dito, ao mesmo tempo que não possui as estruturas fonológicas amadurecidas o suficiente para iniciar uma comunicação. Essas estruturas amadurecem com o tempo, assim como a compreensão sobre a linguagem, que com o passar do tempo fica mais clara para o bebê. Inicialmente, as manifestações do bebê não podem ser compreendidas claramente pelo adulto, que acaba interpretando essa fala. Desta forma, dizemos que, até certo momento, a fala da criança é "externa". O que queremos dizer com isso? Até por volta dos 16 meses de idade, a fala da criança é interpretada pelos adultos que a acompanham. Podemos dizer, inclusive, que a influência da linguagem é feita do social – por isso externa – para o intrapsíquico, ou seja, até que a criança fale de forma inteligível para os adultos, são os adultos que darão o sentido para a fala da criança.



Exemplificando

Se a criança balbucia "Bá Bá Bá" ela pode ter uma intenção comunicacional, com estar solicitando ser pega no colo. Porém, o adulto pode interpretar que ela está pedindo a chupeta e dar a chupeta a ela. Assim, a criança que possuía uma intenção comunicacional prévia "aprende" que quando falar "Bá Bá Bá" ganhará a chupeta. Embora a criança não tenha a sua intenção atendida, o fato de receber a chupeta traz conforto suficiente para que aceite a conduta do adulto. Desta forma, entendemos que a compreensão externa acaba determinando a fala da criança.

Porém, em dado momento, a intenção comunicativa da criança começa a ser mais refinada, e ela começa a refletir (ainda que não tome consciência imediata) sobre a forma de se comunicar para ter sua necessidade ou solicitação atendida. Ou seja, ela começa

a refletir sobre a linguagem, sobre a língua e sobre a intenção comunicacional antes de verbalizar e durante a verbalização.

A aquisição e o desenvolvimento da linguagem infantil ocorrerão a partir dos usos (funções) que o bebê (posteriormente a criança) faz da linguagem. Podemos, então, distinguir os seguintes usos da linguagem: a) uso afetivo; b) uso lúdico; c) uso prático; d) uso representativo; e) uso dialético. Os três primeiros serão tratados nesta seção e os dois últimos, na seção seguinte.

Estes usos não surgem de forma concomitante. Não aparecem ao mesmo tempo. O uso afetivo da linguagem é o mais primitivo no desenvolvimento da linguagem da criança. Ele precede o uso lúdico e o uso lúdico precede o uso prático. Posteriormente surgem os outros dois.



Pesquise mais

No livro indicado seguir, Inês Sim-Sim desenvolve temas marcantes, como capacidade de aprendizagem, cognição, comunicação, desenvolvimento da criança e da linguagem bem como psicolinguística e psicologia da criança. Você encontrará várias menções aos usos afetivo, lúdico e prático da linguagem.

Disponível em: SIM-SIM, I. **Desenvolvimento da linguagem**. Lisboa: Universidade Aberta, 1998.

Não podemos deixar de lado o importante papel do maternês; é uma forma de falar que os adultos empregam ao se dirigirem a bebês e crianças pequenas, principalmente a pessoa que cuida da criança mais diretamente (normalmente a mãe). São vocalizações claras, reforçando cada som e repetindo o que diz, deixando a linguagem descomplicada e permitindo que as crianças escutem várias vezes. Essa forma de falar é muito atrativa para os bebês e é realizada durante um tempo adequado para que eles adquiram a linguagem. Estudamos isso na seção anterior.



Assimile

Normalmente, o maternês é acompanhado de contatos físicos e visuais, cuidados, atenção e carinho, o que se torna uma espécie de

estímulo para o bebê se interessar pela linguagem-meta. Assim, o materno estimula a criança a adquirir e desenvolver os usos afetivo, lúdico e prático da linguagem.

O **uso afetivo** da linguagem é o uso inicial sendo o mais consolidado pela criança. Trata especificamente da expressão das emoções, que ocorre de forma espontânea e se caracteriza pelas verbalizações, pelos gestos e expressões que acompanham a expressão de emoções. Você perceberá o uso afetivo da linguagem quando ocorrer:

a) Modulação de voz: a voz se modifica de acordo com a mensagem a ser transmitida, modificando a altura, o volume, a intensidade e/ou a velocidade.

b) Uso espontâneo de exclamações (!!!!!) e interjeições (“oh!”, “ah!”, “Meu Deus!”) e uso de insultos, xingamentos.

c) Ênfase em termos predicativos (“A boneca está **TRISTE!!!!**”).

d) Agramatismo: ocorre quando trocamos termos na frase devido ao alto grau de emoção, por exemplo: ao invés de dizer “O brinquedo quebrou”, a criança diz emocionada e chorando: “O brinquedo é desmontado!!! O brinquedo é desmontadoooo [...]”.

O uso da linguagem afetiva é mais amplo que a linguagem verbal, pois inclui a gesticulação do corpo e as expressões faciais que acompanham a verbalização. O termo “afetivo” é empregado na linguagem acadêmica e científica como a expressão e controle das emoções, portanto, estamos tratando aqui de sensações internas, como medo, alegria, tristeza, dor, excitação, entre outras.

Veja que o uso afetivo da linguagem está presente desde as primeiras emissões vocais da criança, por isso dizemos que é o uso mais primitivo da linguagem. O choro, por exemplo, é um uso afetivo da linguagem, bem como os gritinhos de alegria ou de cólica.

Já o **uso lúdico** está vinculado às manifestações de satisfação, calma e experimentação. De certa forma, associa-se também ao uso afetivo, porém, há um aspecto diferenciado, que é o aspecto da intencionalidade que ocorre quando o bebê quer aproximar sua linguagem da linguagem do adulto. Lembra-se da prosódia? É isso mesmo, a prosódia pode ser considerada como uso lúdico da

linguagem. Estas emissões caracterizam-se por repetições ritmadas, conforme encontramos no balbucio e no balbucio reduplicado.

No uso lúdico da linguagem, a criança realiza emissões sonoras e escuta a si mesma, sentindo prazer nesse circuito. Quando o balbucio começa se cristalizar, isto é, a criança passa a repetir a mesma sílaba sequencialmente, dizemos que o balbucio é reduplicado (“BÁ BÁ BÁ BÁ”). Isso mostra estruturação, e esse circuito passa a ter função de jogo quando a repetição se torna palilália (brincadeira com sílabas próximas, como BÁ BÁ PÁ PÁ, enquanto bebê e, posteriormente, com palavras: boneca-bochecha-bolacha...).

Outro momento em que aparece a função lúdica da linguagem é quando o bebê começa a apontar objetos aleatoriamente, e o adulto passa a falar o nome de um por vez. Você já viu ou já participou de uma vivência como esta? Um adulto com uma criança pequena nos braços vai apontando para uma coisa de cada vez, esperando que o adulto diga o nome do objeto apontado. O bebê ainda não tem estrutura para adquirir as palavras faladas pelo adulto. A ludicidade de apontar e ouvir a palavra é o aspecto mais significativo no momento.

Assim que a criança compreende o uso representativo da linguagem, ou seja, compreende que tudo pode ser representado por uma palavra ou conjunto de palavras, ela inicia um outro percurso lúdico, normalmente sozinha – começa a encadear fonemas sem sentido, apenas pela ludicidade de pronunciá-los. Pode, inclusive, formar frases sem significação. Pode usar palavras atribuindo-lhes outro sentido e formando frases incoerentes (“Zim zanzim, zanzeca, zecacaca”, por exemplo). O que motiva isso? Aparentemente, a experimentação com características de diversão, ou seja, puramente lúdica.

Por fim, temos o **uso prático** da linguagem, que funciona como um facilitador do processo de ação da criança, durante a aquisição da linguagem. Trata-se de chamados, ordens, orientações, concordâncias, censuras, desculpas, indicações de objetos ou de gestos, queixas de si para si, esforços, fracassos e sucessos que ocorrem no momento em que as crianças brincam ou interagem com outras crianças e com adultos. É um uso da linguagem muito comum.

Podemos considerar que o período holofrástico (aquele em que a criança é capaz de sintetizar uma frase em uma única

palavra) já introduz o uso prático da linguagem. Você se lembra do que é uma holófrase? Tratamos disso na Seção 3.2 – Estágios de desenvolvimento da linguagem II. O período holofrástico ocorre entre 12 e 18 meses de vida, quando o desenvolvimento da linguagem passa por um processo de refinamento, pois a criança começa a pronunciar as primeiras palavras, que, normalmente, nomeiam objetos e pessoas comuns em seu ambiente, como: “papai”, “mamãe”, “pepeta”. Nessa idade, a criança emprega uma palavra com sentido de uma frase. Estas palavras são chamadas **holófrase**. Por exemplo, ao falar “aua”, pode ser que a criança esteja falando “quero água”, ou ainda “está chovendo”.

Posteriormente, a criança evolui para uma construção mais complexa do uso prático da linguagem, conforme o exemplo:



Exemplificando

Um exemplo de uso prático da linguagem seria um diálogo da criança consigo mesma:

- Mãe?

- Quero bolacha.

- Eu pego sozinho!!! Eu pego sozinho!!!

- Bobobolacha, eu pego sozinho, vou pegar a bobobolacha!

- Já peguei.

- Eu sou muito bom em pegar bolacha.

- E nem vai atrapalhar o almoço.”

Todas as falas são explicativas ou facilitadoras da ação da criança.



Refleta

Você consegue perceber que cada uso da linguagem engloba os usos anteriores? Ou seja, quando a criança desenvolve um processo mais elaborado de linguagem, os usos anteriores são englobados e passam a fazer parte do novo esquema. Observe no item Exemplificando o uso afetivo e lúdico ao mesmo tempo que prático.

Sem medo de errar

Muito bem! Agora você tem os elementos necessários para resolver a segunda situação-problema. Na situação da realidade profissional, você foi convidado para dar uma palestra na escola (“Conhecendo o mundo”) sobre a aquisição de linguagem de crianças até cinco anos de idade e como os pais e professores podem auxiliar neste processo. Agora é hora de ativar seus conhecimentos e elaborar os três próximos slides desta apresentação, considerando que são uma continuidade dos já elaborados anteriormente.

O quarto slide (ou outro recurso) refere-se ao uso afetivo da linguagem e você pode estruturar esse slide com imagens ou sons capturados da internet. Imagens de um bebê chorando ou rindo são capazes de esclarecer o conceito do uso afetivo da linguagem, porém é preciso aprofundar retomando aspectos da fala, como gritinhos de satisfação ou manifestações corporais de emoções. Construa esse slide de forma criativa!

O quinto slide trata do uso lúdico da linguagem. Você pode trabalhar com exemplos de balbúcio: “DAPABA” e balbúcio reduplicado: “PÉPÉPÉPÉ”. Pense em outras possibilidades que remetam ao uso lúdico da linguagem, conforme apresentamos nesta seção.

Por fim, o sexto slide trará exemplos do uso prático da linguagem, quando a criança já é capaz de expressar uma intenção com a linguagem, tratando de algum aspecto como: chamados, ordens, orientações, concordâncias, censuras, desculpas, indicações de objetos ou de gestos, queixas de si para si, os esforços, fracassos e sucessos. Veja como você pode colocar um exemplo de fala da criança: “Bola!” – no sentido de: “Quero brincar com a bola”. Que tal?



Atenção

Conhecer os usos da linguagem permite que o adulto possa interagir com o bebê de forma mais assertiva. A cada slide, procure refletir e apresentar formas de como os adultos podem desenvolver a comunicação com bebês, estimulando-os a adquirir e desenvolver a linguagem.

Viu como ficou mais simples? Para aprofundar seus conhecimentos, faça a leitura do material sugerido tanto no livro didático quanto na Webaula. E bom trabalho!

Avançando na prática

Consultoria

Você foi contratado para fazer uma consultoria em uma creche. Nesta creche, a diretora solicitou que você elaborasse um material para orientar os professores a estimular a aquisição e o desenvolvimento da linguagem das crianças até 2 anos de idade. Você passou cinco dias observando a rotina da creche, dada a seguir:

6:00 às 08:00 - Chegada das crianças.

08:30 - Café da manhã.

08:45 às 09:00 - Hora da higiene dental.

09:00 - Recreação (hora de brincar) ou hora do vídeo/TV.

09:30 - Atividades pedagógicas.

10:30 - Hora do banho.

11:40 - Almoço.

12:30 - Hora da higiene dental e hora do repouso.

14:30 - Atividades pedagógicas e hora do vídeo/TV.

15:30 - Lanche.

16:00 - Hora do banho.

17:00 - Hora do descanso final - TV ou som.

17:30 - Início da saída.

18:00 - Encerramento.

E agora, é hora de apresentar propostas de estimulação para aquisição e desenvolvimento da linguagem. Distribua ao menos uma proposta de cada tipo de uso: afetivo, lúdico e prático, ao longo da rotina.

Se preferir consultar um material, veja que proposta interessante foi criada por Lígia Ebner Melchiori e Julio Pérez-López, intitulado **Linguagem de bebês – manual de estimulação** (Curitiba: Juruá Editora, 2013). Você consegue folhear algumas páginas. Disponível em: <https://www.jurua.com.br/shop_item.asp?id=23036>.



Lembre-se

A aquisição da linguagem organiza-se nas possibilidades de utilização. O uso afetivo é o primeiro a surgir, pois expressa as emoções e sentimentos internos. Posteriormente, aparece o uso lúdico, quando a criança brinca e explora as possibilidades fonológicas da linguagem. E, por fim, aparece o uso prático, que funciona como um facilitador do processo de ação da criança, no qual aparecem os chamados, as ordens, as orientações, as concordâncias, as censuras, etc.

Resolução da situação-problema

Esta é uma atividade muito importante, pois uma das competências que você deve desenvolver ao longo de sua formação acadêmica é aprender a apoiar e estimular o desenvolvimento da linguagem. Nada melhor do que começar com os bebês. Uma atividade relacionada ao uso afetivo pode ser feita no horário do repouso, quando os professores podem acarinhar os bebês ao mesmo tempo que pronunciam palavras suaves, tais como: “que gostoso!”, “que soninho!”, “macio!”, “tranquilo”, “muito bem”.

O uso lúdico pode ser proposto em um momento de atividade pedagógica, por exemplo, quando as crianças estão explorando brinquedos, os professores podem entoar canções ou brincar com as palavras. Se as crianças estiverem na fase do balbúcio reduplicado, é uma ótima oportunidade de estimular a fala.

Por fim, o uso prático da linguagem pode ocorrer no horário do lanche ou do banho, quando os professores ou as professoras apontam e nomeiam partes do corpo e dos alimentos. Viu como é simples?



Faça você mesmo

Agora é sua vez. Procure músicas ou poemas que podem servir de apoio para a aquisição da linguagem de crianças até 2 anos de idade,

especificamente com relação ao uso afetivo, lúdico e prático. Lembre-se de que há grupos específicos que desenvolvem material para crianças pequenas, como o grupo **Palavra Cantada**. Vale a pena conhecer!

Faça valer a pena

1. Os usos da linguagem pelo bebê não surgem de forma concomitante, isto é, não aparecem ao mesmo tempo. Há uma organização prévia que parte dos aspectos mais primitivos até chegar a uma organização da linguagem mais refinada e estruturada.

Assinale a alternativa que traz a sequência correta de usos da linguagem realizada pelo bebê.

- a) Uso lúdico, uso prático, uso afetivo.
- b) Uso prático, uso afetivo, uso lúdico.
- c) Uso afetivo, uso prático, uso lúdico.
- d) Uso afetivo, uso lúdico, uso prático.
- e) Uso lúdico, uso afetivo, uso prático.

2. O bebê e a criança fazem determinados usos da linguagem no momento em que se apropria dela. Um desses usos funciona como um facilitador do processo de ação da criança durante a aquisição da linguagem.

Assinale a alternativa que traz a denominação correta deste uso da linguagem.

- a) Uso dialético.
- b) Uso representativo.
- c) Uso prático.
- d) Uso lúdico.
- e) Uso afetivo.

3. Leia e associe as colunas abaixo.

Usos da linguagem na aquisição:

- a) Uso afetivo
- b) Uso lúdico
- c) Uso prático

Exemplos de usos da linguagem na aquisição:

- 1) Dedim dedim dedim dedim dedão.
- 2) Pai, me pega no colo!
- 3) Ah! Não!!!

Assinale a alternativa que traz a associação correta.

- a) A-3; B-1; C-2.
- b) A-3; B-2; C-1.
- c) A-2; B-1; C-3.
- d) A-1; B-2; C-3.
- e) A-2; B-3; C-1.

Seção 4.3

Funções da linguagem aplicada à aquisição (2ª parte)

Diálogo aberto

Prezado graduando, seja bem-vindo a mais uma seção que estuda o contexto comunicativo da aquisição da linguagem. Chegamos ao terceiro desafio da situação da realidade profissional. Como visto anteriormente, você foi convidado para dar uma palestra na escola (“Conhecendo o mundo”) sobre a aquisição de linguagem de crianças até cinco anos de idade, e como os pais e professores podem auxiliar neste processo. Sua função enquanto fonoaudiólogo é orientar quanto à normalidade das produções de fala da criança e quando seria necessário procurar um profissional especializado. Você já preparou seis slides desta apresentação.

Nesta terceira parte da apresentação, você se dedicará a explicar a importância dos usos representativo e dialético no contexto comunicativo da aquisição da linguagem. Com essa apresentação, os professores e coordenadores podem incorporar nas atividades que já fazem novas ideias de estimulação. Portanto, a situação-problema desta seção é elaborar mais três slides da apresentação que será realizada no dia da reunião de pais e mestres (estes slides podem ser feitos em um programa de apresentações eletrônicas, como o Power Point ou o Evernote). Cada slide terá uma proposta diferente:

7º) Explicar o que é e como ocorre o uso representativo no contexto comunicativo da aquisição da linguagem.

8º) Explicar o que é e como ocorre o uso dialético no contexto comunicativo da aquisição da linguagem.

9º) Apresentar como a escola deve incorporar em sua forma de interagir com as crianças os usos representativo e dialético no contexto comunicativo da aquisição da linguagem. Dê exemplos.

Nesta seção, estudaremos especificamente a segunda parte das funções de linguagem aplicadas à aquisição, a saber: os usos representativo e dialético. Esta seção tem como objetivo conhecer

os usos representativo e dialético no contexto da aquisição de linguagem. O conteúdo desta seção é fundamental para realizar a situação-problema proposta. Agora, mãos à obra e bons estudos!

Não pode faltar

Estamos dando continuidade aos estudos sobre o contexto comunicativo da aquisição da linguagem, e esperamos que você aproveite muito esta aprendizagem. Você já aprendeu que vivemos em um mundo onde a linguagem tem papel fundamental. O bebê percebe isso desde muito cedo, quando nota que os adultos usam a linguagem para tentar se comunicar de forma assertiva. Desde o nascimento, os adultos interagem com as crianças usando linguagem verbal e não verbal. Assim que nasce, a capacidade de interação do bebê é muito pequena. Por este motivo, o adulto desempenha o papel mais importante na comunicação com a criança, cabendo-lhe o papel de entender e responder às necessidades de comunicação da criança e também por promover um ambiente rico e intenso em comunicação. O bebê precisa de boas condições para desenvolver as capacidades comunicativas e as competências necessárias para adquirir e desenvolver a língua-meta.

Você já deve ter percebido que é por meio da interação comunicativa da criança com outras pessoas que ela adquire a língua da comunidade à qual pertence. As trocas comunicacionais são determinantes no processo de desenvolvimento da linguagem da criança. Esta, portanto, vai aprendendo sobre a linguagem a partir dos usos comunicacionais que faz.

Na seção anterior estudamos os usos afetivo, lúdico e prático. Agora, temos mais duas funções da linguagem, que são empregadas pela criança tão logo ela evolui no contexto comunicativo. Estamos falando dos usos representativo e dialético. Mais uma vez, estes usos não ocorrem de forma simultânea. O primeiro uso comunicativo que a criança faz da linguagem é o uso afetivo, seguido do uso lúdico, seguido do uso prático, seguido do uso representativo e, por fim, seguido do uso dialético. O uso subsequente incorpora o uso anterior, conforme o esquema apresentado a seguir:

Figura 4.1 | Usos comunicativos da linguagem



Fonte: elaborada pela autora.

Vimos, primeiramente, que a criança faz uso afetivo da linguagem procurando expressar suas emoções e sentimentos. Isso ocorre desde o nascimento. Logo em seguida, o uso lúdico aparece quando a criança começa a brincar com os sons e com as sílabas (balbucio reduplicado) e continua, quando canta e brinca com palavras. O uso prático inicia quando a criança utiliza a língua para satisfazer suas necessidades, investigar sobre o mundo, nomear objetos, entre outros. O conhecimento sobre as possibilidades da linguagem vai aumentando conforme a criança vai ficando mais velha.



Assimile

Os dois últimos usos da linguagem empregados pela criança ainda em situação de aquisição, chamados usos representativo e dialético. Estes dois usos da linguagem só são possíveis quando a criança atinge uma idade maior e está mais madura. Os usos representativo e dialético também são estimulados com processos de interação entre os adultos e a criança.

Por volta dos dois anos de idade, a criança começa a desenvolver a capacidade representativa da linguagem, isto é, compreende que a língua é um sistema representativo daquilo que existe e daquilo que ela pode pensar. Assim, a criança descobre que seu pensamento pode ser expresso em palavras. As palavras são capazes de representar o mundo interior e exterior.

O uso representativo da linguagem é um limiar importante que a criança atravessa, pois ela compreende que a linguagem não é determinada pela expressão afetiva momentânea e pode ser utilizada de forma imaginativa, representando aquilo que está ausente.



Exemplificando

O uso representativo da linguagem aparece quando, por exemplo, a criança fala: "Os astronautas estão no céu", mesmo sem tê-los visto.

Por volta dos dois anos de idade, a criança desenvolve a função simbólica, que lhe permite representar na mente os esquemas de ação, como jogar, desenhar, imaginar, criar histórias e aprimorar cada vez mais a linguagem. No jogo simbólico ocorrem exemplos significativos do uso representativo da linguagem. Leia o trecho destacado da Seção 2.3 deste livro didático para retomar a ideia de jogo simbólico:



É aqui que o jogo simbólico e a brincadeira se revestem de fundamental importância. Enquanto a criança brinca, ela utiliza recursos próprios e cria um mundo fantástico, onde é capaz de transformar o objeto presente em outro que lhe traga mais satisfação. Por exemplo, ao brincar, a criança pega uma caixinha de suco e faz de conta que é um carrinho, pega umas folhas de árvore e faz de conta que são cadeiras de bonequinhas, pega o sapato e faz de conta que é um armário; a colher se transforma em um médico, o bicho de pelúcia é o papai, o cabo da vassoura é o cavalo. Nesta época, também aparece o animismo (dar característica humana a objetos inanimados), por exemplo: “a bola está chorando”, “a boneca está dormindo”, “o carrinho está com fome”. A brincadeira ou o jogo simbólico é uma forma de exercício intelectual no qual a criança exercita a função simbólica com total autonomia que ela modifica o sentido original do objeto atribuindo a ele outro sentido, mostrando uma forte capacidade de abstração.

Os exemplos nesta citação mostram um nível muito elaborado da representação, conhecido como representação independente – momento em que a criança utiliza substitutos simbólicos que correspondem a palavras, gestos e objetos.

Para que o uso representativo da linguagem ocorra, é preciso que a criança consiga recorrer a símbolos para expressar seus pensamentos, intenções, questionamentos. A capacidade representativa surge com gestos, palavras e objetos que são empregados, mas não estão presentes no momento.



Refleta

Você já pensou como os adultos ou os professores nas escolas de educação infantil estimulam o uso representativo da linguagem?

Sempre que se refere a algo que não está presente, utiliza-se a representação, como exemplificado no diálogo a seguir:

Criança: Meu primo tem um cão.

Adulto: É mesmo? Como é o cão?

Criança: Grande, branco com pintas pretas.

Adulto: E onde dorme o cão?

Criança: Na varanda. Deve ser grande também.

Outras formas de estimular o uso representativo da linguagem são:

- a) Criar e estimular momentos para conversa.
- b) Conversar enquanto a criança está brincando.
- c) Propor atividades em que o adulto e a criança trabalhem colaborativamente e que possam conversar sobre o que fazem e sobre o resultado da atividade.
- d) Encorajar a criança a se comunicar por gestos e desenhos.
- e) Ler diariamente para a criança e conversar sobre o tema.

O uso representativo da linguagem é um alicerce para a próxima etapa que a criança galga: o uso dialético da linguagem.



Vocabulário

Dialética: trata-se de um processo de diálogo e debate, em que se busca a verdade para que o conhecimento supere as aparências superficiais e alcance a essência.

O uso dialético da linguagem consiste em operar com categorias bastante abstratas e lógicas, em termos explicativos para aquisição de novos conceitos (conhecimentos) e para argumentação em defesa de determinadas ideias. O uso dialético da linguagem necessita de lógica e isso depende do amadurecimento das crianças e da ampliação das relações interativas com outros adultos, o que normalmente ocorre no ambiente escolar.

O uso dialético da linguagem emprega as capacidades de abstração, classificação, conceituação, problematização e solução de problemas, generalizações, entre outros. O uso da palavra passa a ser cada vez mais preciso, mais elaborado, mais detalhado.



Exemplificando

Veja um exemplo de uso dialético da linguagem, no qual uma professora conversa com alguns alunos de três anos de idade sobre os acontecimentos mais significativos do fim de semana.

Menina: Fiz buracos no chão! Com meu avô.

Professora: Por que fizeram buracos no chão?

Menina: Para plantar flor.

Professora: Ah, então vocês plantaram flores?

Menino: Eu também já plantei flores com a minha avó.

Menina: Depois meu avô tampou os buracos e colocou água.

Menino: Não, tem que colocar água antes e depois de tampar o buraco.

Menina: Não, meu avô só colocou depois, para molhar a florzinha.

Menino: Se molhar antes também molha a florzinha.

Menina: Então para quê molhar depois?

Menino: Para deixar bem molhado, oras!

Menina: Ah, é...

Conforme as crianças vão crescendo e aprimorando sua linguagem, o uso dialético passa a ser mais frequente. Questionamentos, argumentações e defesas de ponto de vista são mais presentes. Veja outro exemplo:

Mãe: Precisa vestir o casaco antes de sair.

Criança (4 anos): Não quero, mãe.

Mãe: Mas está frio lá fora e precisa usar casaco!

Criança: Mas este casaco é feio! Vou colocar o outro, que é mais bonito.

Mãe: Tudo bem, desde que você se agasalhe!



Refleta

Você já pensou em como os adultos ou os professores nas escolas de educação infantil estimulam o uso dialético da linguagem? Sempre que ocorre um debate sobre pontos de vista diversos, utiliza-se a dialética, como no diálogo:

Criança 1: Vamos brincar de pega-pega.

Criança 2: Não, vamos brincar de esconde-esconde.

C1: Mas pega-pega é melhor!

C2: Esconde-esconde, dá para brincar sem se machucar. Você lembra que o Lucas caiu e se machucou ontem?

Adulto: É mesmo, esse é um ponto importante para refletir antes de tomar a decisão.

C1: Tá bom, vamos brincar de esconde-esconde.

Outras formas de estimular o uso dialético da linguagem são:

- a) Pedir que pais e outras pessoas da comunidade participem de discussão de assuntos que são de interesse das crianças.
- b) Relatar experiências interessantes.
- c) Contar histórias tradicionais da comunidade.
- d) Encorajar as crianças a formularem opiniões.
- e) Discutir sobre situações pouco prováveis. Por exemplo, como sobreviver na selva, como chegar a ser presidente, seria possível viajar para outro planeta? Entre outros.

Muito bem! Chegamos ao final desta seção e gostaríamos de recomendar uma leitura complementar. Aproveite para rever alguns conceitos e aprofundar o contexto comunicativo da aquisição da linguagem, as ações de interação entre adultos e crianças e os usos de linguagem que a criança faz para desenvolvê-la.



Neste interessante artigo, a autora explica o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem com o uso de determinadas funções de linguagem, que ocorrem a partir da relação interacionista dos adultos com a criança.

SOARES, M. V. Aquisição da linguagem segundo a Psicologia Interacionista: três abordagens. Trabalho final da Disciplina Tópicos em Aquisição da Linguagem II, ministrada pela Profa. Dra. Ana Cristina Pelose do Programa de Pós-Graduação em Linguística – UFC. Documento eletrônico. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2009/12/maria_vilani_soares.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2016.

Sem medo de errar

A situação-problema proposta nesta seção é dar continuidade (elaborando mais três slides) à apresentação que será realizada na reunião de pais e professores na escola (“Conhecendo o mundo”). Os slides devem versar sobre:

7º) Uma explicação do que é e como ocorre o uso representativo no contexto comunicativo da aquisição da linguagem.

8º) Uma explicação do que é e como ocorre o uso dialético no contexto comunicativo da aquisição da linguagem.

9º) Uma breve apresentação sobre como a escola deve incorporar, em sua forma de interagir com as crianças, os usos representativo e dialético no contexto comunicativo da aquisição da linguagem.

Um bom caminho para resolver esta situação-problema é voltar ao texto e definir o que é o uso representativo e o uso dialético da linguagem no contexto comunicativo, resumindo estas definições ao máximo.

Em seguida, tal como apresentado no texto, você pode apresentar um diálogo no qual ocorre o uso representativo da linguagem e puxar setas em falas específicas para fazer a explicação, tal como a seguir:



Você pode fazer isso para o uso representativo e para o uso dialético, nos 7º e 8º slides, respectivamente. Já para o 9º slide, que deve trazer uma breve apresentação sobre como a escola deve incorporar em sua forma de interagir com as crianças os usos representativo e dialético no contexto comunicativo da aquisição da linguagem, você pode apresentar uma série de ações que a escola adota, dividindo em dois quadros:

Uso representativo:
 Ação 1
 Ação 2
 Ação 3
 ...

Uso dialético:
 Ação 1
 Ação 2
 Ação 3
 ...

Atenção

Agora, mãos à obra! Elabore os três slides solicitados. Lembre-se de que o formato de apresentação organizado em slides não é adequado para o desenvolvimento de grandes textos dissertativos, portanto procure utilizar esquemas ou frases de impacto que possam organizar logicamente sua apresentação.

Avançando na prática

Compreendendo o contexto comunicativo da aquisição da linguagem e refletindo

Você já entendeu que a criança adquire e desenvolve a linguagem a partir do uso que faz dela. Nesta seção, estudamos o uso representativo e o uso dialético da linguagem. A seguir, trazemos dois exemplos, cada um referente a um dos usos estudados aqui. Sua tarefa é explicar a função da linguagem empregada pela criança e como você daria continuidade ao diálogo para estimular a criança a desenvolver a linguagem:

1. Uso representativo:

Criança: Mãe, sabia que tem uma professora nova de inglês?

Mãe: Que legal, filho! Qual o nome dela?

Criança: Ela chama teacher também, igual à outra!!!!

2. Uso dialético

Criança: Mamãe, amanhã tem reunião de pais.

Mãe: Eu sei filha, a mamãe vai.

Criança: Mas não é reunião de mães, é reunião de pais!

(Fonte: <<http://www.tudointeressante.com.br/2015/04/papo-de-crianca-27-coisas-no-minimo-encantadoras-e-hilarias-ditas-pelos-pequenos.html>>. Acesso em: 29 ago. 2016).



Lembre-se

Por volta dos dois anos de idade, a criança começa a desenvolver a capacidade representativa da linguagem, isto é, compreende que a língua é um sistema representativo daquilo que existe e daquilo que ela pode pensar.

O uso dialético da linguagem consiste em operar com categorias bastante abstratas e lógicas, em termos explicativos para aquisição de novos conceitos (conhecimentos) e para argumentação em defesa de determinadas ideias.

Resolução da situação-problema

É preciso ficar atento para estimular a criança a desenvolver o uso tanto representativo quanto dialético. Desta forma, se você der uma resposta definitiva, a criança não terá exercitado o uso da linguagem.

No primeiro exemplo de uso representativo da linguagem, a criança compreendeu que o nome da professora nova de inglês é teacher, então está representando a pessoa com a palavra teacher. Ora, sabemos que esta palavra significa professor em português, mas a criança não. Então, é preciso levá-la a refletir sobre isso. Uma das formas possíveis é questionar a criança: "Ué, você não acha engraçado que as duas professoras de inglês tenham o mesmo

nome?”. Ou ainda: “Nossa, isso me parece outra língua, será que é o nome mesmo?”. Pode-se conduzir a conversa para uma pesquisa, pode-se sugerir que a criança converse com a teacher e esclareça isso. Sugere-se apenas não finalizar com uma explicação direta, que não levará a criança a pesquisar e desenvolver a linguagem, tal como: “teacher significa professora em português, não é o nome dela”.

Já no segundo exemplo, a criança tenta argumentar que reunião de pais é apenas para “os” pais e não para “os” pais e “as” mães. Aqui a criança deve ser conduzida a refletir sobre o uso da língua e pode-se trabalhar com relações lógicas, por exemplo:

“Sabe quando uma pessoa tem dois filhos, um menino e uma menina? Essa pessoa fala: olha os meus filhos. O que você acha disso?”

Ou ainda:

“Vamos ler o comunicado da escola para entender direitinho o que estão propondo?”

Ou ainda:

“Na escola, você não tem professores e professoras? Mas quando falamos de todos, não dizemos só **os professores**? O que você acha disso?”

No uso dialético, deve-se sempre argumentar e pedir que a criança reflita.



Faça você mesmo

Agora é a sua vez! Localize falas infantis em que apareçam o uso representativo e dialético. Você pode usar sites da internet, como o que usamos anteriormente (**Papo de criança**), ou pode usar exemplos que tenha vivenciado em seu trabalho ou em sua família. Se preferir, pode localizar trechos em filmes e desenhos. Faça a classificação (uso representativo ou dialético), explique o que ocorre e finalize trazendo sugestões de como estimular as funções de linguagem empregadas pelas crianças em contextos comunicativos da aquisição de linguagem.

Faça valer a pena

1. Assinale as afirmativas abaixo com verdadeiro (V) ou falso (F):

I - É através da interação comunicativa da criança com outras pessoas que

ela adquire a língua da comunidade à qual pertence.

II - As trocas comunicacionais não são determinantes no processo de desenvolvimento da linguagem da criança.

III - A criança vai aprendendo sobre a linguagem a partir dos usos comunicacionais que ela faz.

Agora, assinale a alternativa que traz a sequência correta de V e F.

- a) I-V; II-F; III-V.
- b) I-F; II-V; III-F.
- c) I-V; II-V; III-V.
- d) I-F; II-F; III-F.
- e) I-V; II-F; III-F.

2. Por volta dos dois anos de idade, a criança desenvolve uma nova capacidade, que lhe permite representar na mente os esquemas de ação, como jogar, desenhar, imaginar, criar histórias e aprimorar cada vez mais a linguagem. A qual capacidade nos referimos?

Assinale a alternativa que responde corretamente à questão acima.

- a) Simpática.
- b) Sinérgica.
- c) Sintomática.
- d) Simbiótica.
- e) Simbólica.

3. A seguir, estão algumas afirmativas verdadeiras e outras falsas com relação a formas de estimular o uso dialético da linguagem:

I. Pedir que pais e outras pessoas da comunidade participem de discussão de assuntos que são de interesse das crianças.

II. Relatar experiências interessantes.

III. Contar histórias tradicionais da comunidade.

IV. Encorajar as crianças a formularem depreciações.

V. Inibir a discussão sobre situações pouco prováveis, por exemplo, sobreviver na selva, ser presidente, viajar para outro planeta, entre outras.

Assinale a alternativa que contém apenas as afirmações verdadeiras.

- a) I, III, V.
- b) I, II, III.
- c) II, IV, V.
- d) III, IV, V.
- e) I, II, V.

Seção 4.4

O uso social da linguagem

Diálogo aberto

Parabéns, aluno! É com muito orgulho que você chega à última seção deste livro didático! Nesta aula você vai estudar o uso social da linguagem, especificamente no campo das interações sociais. Esta seção tem como objetivo compreender o contexto comunicativo da criança em sua interação com outras crianças e com adultos.

Assim, para apoiar o desenvolvimento da sua aprendizagem, você receberá a quarta e última situação-problema. Como você viu anteriormente na situação da realidade profissional desta unidade, você foi convidado para dar uma palestra na escola (“Conhecendo o mundo”) sobre a aquisição de linguagem de crianças de até cinco anos de idade, e como os pais e os professores podem auxiliar neste processo. Sua função enquanto fonoaudiólogo é orientar quanto à normalidade da produção de fala e quando procurar um profissional especializado.

Você já desenvolveu a maior parte desta apresentação e agora fará a finalização. Desta forma, a quarta situação-problema é elaborar os últimos três slides da sua palestra. Cada slide terá uma proposta diferente:

10º) Explicar o contexto comunicativo da criança em interação com adultos.

11º) Explicar o contexto comunicativo da criança em interação com outras crianças.

12º) Encerrar a apresentação com uma mensagem para os pais, valorizando o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil.

Lembre-se de que o formato de apresentação organizado em slides não é adequado para o desenvolvimento de grandes textos dissertativos, portanto, procure utilizar esquemas ou frases de impacto que possam organizar logicamente sua apresentação.

Faça a leitura do livro didático, leia as indicações sugeridas na Webaula e pesquise mais sobre o assunto. Este é seu último exercício, portanto, finalize-o com total dedicação e empenho, coroando sua aprendizagem!

Não pode faltar

A aquisição da linguagem no contexto comunicativo é um dos tipos mais desafiantes de estudo, pois há diversas premissas que o compõem. Do ponto de vista do desenvolvimento interno da criança, há estruturas neurais e cognitivas que são mobilizadas para que ocorra a aquisição da linguagem. Neste aspecto, devemos ressaltar a concepção inatista proposta por Noam Chomsky. Como estudamos anteriormente (principalmente na Seção 2.2), a concepção inatista parte do princípio de que todos os seres humanos são dotados de uma capacidade inata de desenvolver a linguagem de seu grupo social. Assim, há uma base biológica que os capacita a se comunicar.

Quando se começou a olhar mais atentamente e a realizar pesquisas específicas sobre a aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil, usando bebês reais como sujeitos de pesquisa, notou-se que a relação que a mãe (ou figura de mãe) estabelece com o bebê é extremamente significativa para o desenvolvimento da linguagem.

Pois bem, você já deve ter percebido que as mães utilizam uma forma muito especial de falar com os bebês, chamada maternês. O maternês é uma simplificação da fala que permite e estimula o bebê a adquirir e desenvolver a linguagem do grupo social. Então, é comum ouvir as mães usando frases curtas, enfatizando algumas palavras ou algumas sílabas, fazendo expressões orofaciais que podem ser copiadas pela criança, estimulando a oralidade da criança. Junto a tudo isso, normalmente há o toque carinhoso, a intimidade, os sorrisos, a brincadeira e gestos.



A expressão orofacial é utilizada sempre e significa que a expressão de nosso rosto, juntamente com os movimentos dos lábios, acompanha os sons emitidos em nossa fala. Veja o exemplo: a mãe, olhando para a criança, levanta a sobrancelha, abre bem os olhos e articula os lábios para falar um alto e longo "OOOOOOOO". Consegue imaginar a cena? Isso pode ser facilmente imitado pelo bebê. Outras sílabas que normalmente são acompanhadas de uma forte expressão orofacial são: "MÂMÂMÃ", "VÓVÓVÓ", "PÁPÁPÁ". Você consegue pensar em algumas outras?

Ao se dar conta do significativo papel da mãe no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem, os pesquisadores chegaram à conclusão de que a interação social é o grande responsável pelo bom andamento desse processo. Ou seja, ainda que o ser humano seja equipado biologicamente para adquirir e desenvolver a linguagem, a interação social é uma grande potencializadora desse processo.

Por este motivo, os estudos realizados por Vygotsky e sua equipe se tornaram significativos. O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é extremamente valioso, pois com ele podemos explicar claramente como a interação da criança com outras crianças e com adultos permitem a aquisição e o desenvolvimento da linguagem.

Vamos conhecer melhor este conceito. A ZDP é definida como a capacidade que o indivíduo tem de realizar alguma tarefa acima da sua competência real com a ajuda de uma pessoa mais experiente. Você consegue pensar em situações em que isso ocorre?

Imagine a seguinte situação: você gostaria de aprender o flamenco, conhecida dança espanhola. Você já possui muitas habilidades, como andar, movimentar os braços e as mãos, dar passos longos e curtos, bater os calcanhares no chão, andar na ponta dos pés e já sabe até mesmo movimentar os quadris de um lado para o outro. Você põe a música e começa a dançar, mas percebe que não possui a leveza de movimentos, a cadência e a agilidade necessárias para dançar o flamenco. Neste momento, decide frequentar aulas com um professor particular. Esta pessoa vai

ensinando uma série de movimentos e exercícios, primeiramente sem a música, os quais você copia. Em seguida, seu professor coloca a música e vocês, juntos, vão ajustando a dança. Depois de alguns dias, certos movimentos se tornam simples e automáticos, ou seja, foram aprendidos. Então o professor introduz novos movimentos, que vão sendo incorporados aos anteriores. Após alguns meses você já sabe dançar algumas músicas e no final de um ano já está preparado para apresentar seu primeiro show!

O que aconteceu aqui? O professor de flamenco atuou diretamente na sua Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Isto é, a partir da sua capacidade real (chamada de Zona de Desenvolvimento Real – ZDR) de andar, pisar na ponta dos pés, bater os calcanhares, movimentar os quadris, girar, mover os braços e as mãos, o professor fez alguns movimentos e exercícios e pediu para você copiá-los. Você reuniu as capacidades que já possuía e, observando os novos movimentos, passou a imitá-los. Esses movimentos foram aprimorados e se tornaram simples, porque foram aprendidos. Depois dessa aprendizagem, os novos movimentos não estão mais na sua ZDP, agora eles fazem parte da sua ZDR.

Agora, vamos refletir sobre a aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil. Um bebê ainda muito novo não possui capacidades maiores do que sugar, chorar, fazer movimentos corporais sem controle. Porém, cada vez que ele faz isso, ele aprende alguma coisa nova. Por exemplo, a cada mamada, o bebê aprende a sugar melhor; a cada movimento esperso, o bebê fortalece os músculos e aprende a controlá-los.

Um bebê está exposto à linguagem do mundo adulto desde seu nascimento. Se sua capacidade auditiva não for comprometida, ele receberá os inputs linguísticos de sua comunidade desde o nascimento. Inicialmente, serão apenas sons indistintos. Posteriormente, o bebê perceberá que estes sons são comumente repetidos pelas pessoas. A identificação desses sons como sons proveniente “das pessoas” é uma das primeiras capacidades linguísticas que o bebê desenvolve. Ou seja, ele sabe que há sons que não são provenientes de pessoas, como miados, latidos, entre outros. Mais à frente ainda, o bebê percebe que há sons que ocorrem com mais frequência (nomes próprios, ações repetitivas, etc.). Essas

capacidades (identificação de sons provenientes das pessoas e sons repetidos) pertencem à Zona de Desenvolvimento Real (ZDR) do bebê. Porém, conforme o bebê amadurece, os inputs linguísticos começam a agir em sua ZDP. Ao mesmo tempo que o bebê recebe a influência destes inputs, o bebê também sente interesse em se apropriar desta ferramenta cognitiva, que é a linguagem.



Assimile

Os estudos de Vygotsky se dirigiram às funções mentais superiores (pensamento, raciocínio, memória, atenção, lembrança, planejamento, entre outras). A linguagem também é uma função mental superior e é entendida como um instrumento do pensamento, já que a forma como pensamos passa a ser estruturada de forma linguística, bem como nossos pensamentos podem ser expressos oralmente. A linguagem, para Vygotsky, exerce o papel de ferramenta cognitiva, pois é por meio dela que nos apropriamos de novos conhecimentos, ampliamos nosso saber, divulgamos nosso pensamento e novas descobertas.

Muito bem! Já descobrimos que é a interação social, por meio de inputs linguísticos, uma potencializadora de elementos atuantes na Zona de Desenvolvimento Potencial da criança (ZDP). É chegada a hora de refletir sobre quem emite os inputs linguísticos que irão estimular a aquisição e desenvolvimento da linguagem das crianças. Demos muito destaque à mãe e à figura de mãe, que são os elementos clássicos nos processos de interação com o bebê. Porém, a família moderna vem passando por grandes transformações, se comparada à clássica família correspondente ao modelo pai-mãe-vários filhos.



Refleta

Você já parou para pensar nas mudanças ocorridas na família? Hoje as famílias não se constituem de tantos filhos. A dinâmica social e econômica proporcionou o ingresso das crianças em berçários e creches desde meses de vida. Isto é um fenômeno mundial, não apenas brasileiro. Assim, a interação social das crianças modernas saiu do âmbito familiar e foi ampliada para o círculo de colegas da escola e para os professores da educação infantil, ocasionando novos processos de interação.

Desta forma, compete-nos estudar o uso social da linguagem quando a criança está em interação com outras crianças e com adultos. No novo contexto social que se apresenta, em que os bebês ingressam desde cedo no berçário ou creche, o adulto responsável pela interação é o professor, mas o cargo geralmente é ocupado por uma mulher, portanto vamos adotar a nomenclatura “professora” a partir de agora. No berçário, a maior parte do tempo é dedicado ao cuidado da criança e esse cuidado se manifesta na troca de fraldas, banho, alimentação, hidratação, satisfação de suas necessidades, incluindo-se aí também a satisfação cognitiva. A interação social deve ser compreendida como uma necessidade do bebê, e isso ocupa grande parte do tempo no berçário, já que é desenvolvida concomitantemente às outras atividades citadas.

O contexto comunicativo da aquisição de linguagem nos momentos em que a criança está no berçário ocorre quando a professora procura formas de se comunicar com a criança, tentando estabelecer alguma conversação, mesmo que seja mínima. Ocorre também quando a professora observa a criança e lhe dirige a palavra, comentando alguma coisa, tal como: “Nossa, seu cabelo cresceu um pouquinho, Lucas!”, ao mesmo tempo em que toca no cabelo, ou quando pergunta: “Tá com fome, Helena?”, olhando diretamente para o bebê e procurando sinais que permitam a continuidade da conversa. Os momentos da troca de fralda e do banho são embalados com cantorias, quando partes do corpo e objetos são nomeados. Todos estes são inputs linguísticos que atuam na ZDP do bebê.

Outras ações da professora que permitem a aquisição e desenvolvimento da linguagem é a narração das ações. Ocorre quando a professora narra o que está fazendo ou vai fazer, por exemplo: “Agora a ‘prô’ vai pegar a Isabela no colo, vai tirar a roupinha para dar banho nela! Vamos tirar a calça, vamos tirar a fraldinha!”. Os momentos em que a professora narra a ação da criança são igualmente importantes: “O Heitor está balançando a cabeça e sorrindo, né, Heitor? O Heitor está com o dedinho na boca agora, que dedinho saboroso!”.

Deve-se dar especial atenção ao momento da brincadeira, que pode ser dirigido pela professora, quando, por exemplo, ela seleciona os objetos da brincadeira (blocos, bichinhos de pelúcia,

entre outros) e os disponibiliza para a criança ao mesmo tempo em que brinca com ela. Estes são ótimos momentos em que observamos a interação da criança com o adulto, pois este, ao brincar com a criança, vai nomeando os objetos e conversando sobre suas propriedades e características ("Você pegou o bloco amarelo, como ele é grande e pesado!").

No momento da brincadeira livre, quando a criança escolhe o brinquedo (e quando tiver mais idade escolhe também a brincadeira), a professora também faz intervenções, aparecendo como uma personagem ou fazendo pequenas falas que levam ao desenvolvimento da linguagem.

Nesta interação, é muito importante observar as "pistas" que a criança dá no processo comunicativo. Sorrisos, expressões faciais animadas, olhares atentos, mas não assustados, tentativa de balbucio, são indícios de que o bebê está aberto para a aquisição e são bons momentos para investir na comunicação e na fala com ele.

Por volta dos dois anos, as crianças começam um processo de interação maior com outras crianças e tentam se expressar através da fala. O jogo simbólico ou a brincadeira simbólica aparece com muita ênfase a partir desta idade. No processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem, a interação com outras crianças permite que os conhecimentos linguísticos sejam expandidos, devido à diversidade cultural propiciada à criança por seus pares infantis. Assim, ao desenvolver uma brincadeira, mesmo que muito simples, a linguagem se faz presente e pode ser estimulada com a intervenção da professora. Observe este exemplo:

Imagine um bebê de 1 ano e oito meses, sentado no chão segurando bloco de encaixe. Este bebê bate o bloco no chão ao mesmo tempo em que fala: "Ei!". Logo um bebê de 1 ano e meio se aproxima e pega um bloco. Senta-se e começa a bater o bloco no chão em sintonia com o outro bebê, também falando: "Ei!". Está aí um novo input linguístico para o bebê de um ano e meio. Agora, imagine que a professora se junte a eles e pegue um terceiro bloco, começando a batê-lo no chão enquanto fala: "Ei!". Durante um curto período de tempo, os três fazem o mesmo movimento e falam em sintonia, mas logo a professora começa a dizer: "Bateu!", quando bate o bloco no chão. E diz "Levantou!", quando suspende o bloco.

Então inicia uma nova sequência: “LevantOOOOUUUU... – BatEU!”. Observe a entonação. Depois de repetir algumas vezes, a criança com um ano e oito meses começa a balbuciar: “Vantooooo... TEU!” e a menor: “TO – TEU”. Veja como a intervenção da professora atua na ZDP das duas crianças, obviamente de forma diferente devido ao amadurecimento cognitivo delas.

O mesmo pode ocorrer quando a criança brinca com outras crianças. Como dito anteriormente, por volta dos dois anos de idade, a brincadeira ou jogo simbólico começa a aparecer com muita frequência e observa-se que a criança gosta de representar papéis, como mamãe e filhinha, professora e alunos, vovô e netinho, entre outros. O simples fato de precisar conversar com as demais crianças (interação), para apresentar seu ponto de vista (ou seja, a brincadeira que quer desenvolver) já é um processo de desenvolvimento da linguagem. Em seguida, normalmente se negociam os papéis, ou seja, quem vai ser quem e quais situações serão representadas. Novamente, a linguagem entra em ação, pois tudo precisa ser explicado e negociado. Durante a brincadeira, que geralmente segue um roteiro previamente estabelecido pelas próprias crianças, a professora pode fazer intervenções, de forma a lançar pequenos desafios que levarão as crianças a fazerem uso da linguagem. Por exemplo, em um momento em que as crianças estão brincando de organizar um piquenique, a professora pode aparecer como uma repórter do noticiário informando que dali a poucos minutos haverá muita chuva na cidade toda. O que as crianças farão? Como decidirão os novos rumos da brincadeira? Como negociarão o sentido e o significado de tudo isso?

Muitos outros exemplos podem ser citados em situações de interação da criança com outras crianças e com adultos, como a roda de conversa, que normalmente ocorre logo após a chegada das crianças e onde elas contam coisas interessantes e importantes de suas vidas. Imagine uma situação em que uma criança diga: “Ontem meu pai me levou na pagalia e comprou pão e sorvete”. Este é um exemplo interessante que a professora pode usar para desenvolver a linguagem da criança. E essa intervenção deve ser feita de forma que a criança construa o significado, portanto a professora não deve dizer: “Não se fala pagalia, se diz padaria”. Neste caso, recomenda-se que a professora construa frases em que a palavra que foi dita de forma diferente da convencional seja dita da forma esperada. Então,

a professora pode comentar: “Quem já foi à padaria alguma vez?”, “O que mais tem na padaria?”, “Tem padaria perto da sua casa?”, “Quem trabalha na padaria?”. Então, se isso acontecer com você, você já sabe como agir, não é mesmo?



Pesquise mais

Este importante manual de orientações para a educação infantil traz uma grande contribuição para a compreensão do uso social da linguagem no contexto comunicativo da criança em interação com outras crianças e com adultos. Esta é uma leitura fundamental!

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>. Acesso em: 7 set. 2016.

Sem medo de errar

Muito bem! Você já tem os elementos necessários para resolver a quarta e última situação-problema. Na situação da realidade profissional, você foi convidado para dar uma palestra na escola (“Conhecendo o mundo”) sobre a aquisição de linguagem de crianças até cinco anos de idade e como os pais e professores podem auxiliar neste processo. Agora é hora de juntar os conhecimentos e elaborar os três últimos slides desta apresentação.

O décimo slide (ou outro recurso) refere-se ao contexto comunicativo da criança em interação com adultos e você pode estruturar este slide com imagens de bebês em interação com a professora do berçário (no material sugerido para a leitura – item Pesquise Mais – você encontrará imagens sugestivas que mostram a interação da professora com bebês e crianças pequenas). Utilizando imagens como estas, apresente frases que remetam ao contexto social da aquisição de linguagem, semelhantes ou iguais às que exemplificamos no livro didático. É importante que você cite a fonte de onde retirou as imagens e as frases. Construa este slide de forma criativa!

O décimo primeiro slide trata do contexto comunicativo da criança em interação com outras crianças. Novamente, você pode trabalhar com imagens ou pequenos textos que remetam à interação entre crianças. Numa situação real, você poderia apresentar fotos dos bebês ou das crianças que participam da sua turma. Como estamos fazendo apenas um exercício, utilize imagens retiradas da internet ou de outras fontes (sempre apresente a fonte de onde as imagens vieram!) que demonstrem crianças interagindo. Pode ser uma brincadeira, um jogo simbólico, o horário da refeição, etc., é importante que você contextualize a situação e explique como a apresentação da brincadeira, a negociação de sentidos e de regras e as intervenções são potencializadoras do desenvolvimento da linguagem.

Por fim, o último slide serve para encerrar a apresentação e sugerimos que você finalize dando ideias de algumas estratégias que possibilitem a estimulação da linguagem em casa, como por exemplo, apresentar à criança brinquedos adequados para a idade (pesquise na internet), sugerir que os pais cantem com seus filhos músicas adequadas à idade deles (tente lembrar de músicas da sua infância), entre outras. Não deixe de escrever uma frase motivadora aos pais.

Atenção

Você, como futuro profissional da fonoaudiologia, enfrentará uma situação delicada, que ocorre quando uma pessoa substitui a mãe e se torna a figura de mãe, como é o caso da professora do berçário. É preciso compreender que os adventos da vida moderna empurram a mulher para o mercado de trabalho, motivo pelo qual as crianças são direcionadas ao berçário desde muito cedo. É importante ter uma fala cuidadosa com os pais, não emitindo nenhum julgamento negativo sobre sua escolha de deixar os pequenos na escola desde muito cedo.

Avançando na prática

Intervenção para o desenvolvimento da linguagem

Você está observando uma turma de alunos composta por crianças de 3 e 4 anos de idade. O momento fictício aqui relatado

é o da brincadeira livre, em que a pequena Helena, de 4 anos, tenta convencer seu amigo Lucas, também de 4 anos, a brincar de casinha. Leia o diálogo, reflita e responda as questões apresentadas:

Helena: "Lucas, vamos brincar de casinha?"

Lucas: "Vamos!".

Helena: "Você vaite(r)que ser o pai e eu vaite(r)que ser a mãe".

Lucas: "Mas eu queria ser o filhinho!"

Helena: "Lucas, alguém vaite(r)que ser o pai, outro vaite(r)que ser o filho."

Lucas: "Mas eu queria ser o filhinho!"

Helena: "E quem vaite(r)que ser o pai?"

Lucas: "Vamos chamar o Pedro para vaite(r)que ser o filhinho!"

Reflita e responda:

- 1) O que parece estar ocorrendo aqui? Por que Helena fala sempre "vaite(r)que"?
- 2) Como a fala de Helena interfere na ZDP de Lucas?
- 3) Se você fosse o responsável por esta sala, como conduziria uma intervenção para tentar reconstruir o uso dos verbos IR e TER (que)?



Lembre-se

A correção direta não é recomendada para a construção autônoma de conceitos por parte da criança, portanto dizer: **Não se fala "vaite(r)que" para tudo, você precisa concordar o verbo com o sujeito**, não surtirá efeito neste caso.

Resolução da situação-problema

Respondendo às perguntas:

1. que parece que está ocorrendo aqui? Por que Helena fala sempre "vaite(r)que"?

O que ocorre aqui é um processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem que está em andamento. Os equívocos na conjugação de verbos e na segmentação de frases são comuns na

faixa etária das crianças do exemplo dado. Possivelmente Helena ouviu muito as pessoas dizendo: “Eu vou ter que... Eu vou ter que sair, eu vou ter que tomar banho, eu vou ter que ir ao mercado etc., e procurou fazer a conjugação: Ela vai ter que sair, ele vai “tê” que tomar banho, a mamãe vaite(r)que ir ao mercado”. Possivelmente foi esta a derivação que ocorreu.

2. Como a fala de Helena interfere na ZDP de Lucas?

Lucas também está aprendendo sobre a linguagem e a língua a partir dos inputs linguísticos que recebe. Neste caso, ele acabou ouvindo várias vezes o termo “vaite(r)que”, portanto, usou suas estruturas cognitivas para acomodar a nova informação, ainda que não seja uma forma de expressão oral convencional.

3. Se você fosse o responsável por esta sala, como conduziria uma intervenção para tentar reconstruir o uso dos verbos IR e TER (que)?

A melhor forma nunca é fazer uma correção direta ou pedir que a criança repita a forma correta. O melhor é fazer uma intervenção na brincadeira, se aproximando das crianças e dizendo:

“Oi, eu vou brincar aqui também. Eu posso ser a filhinha. O que eu vou ter que fazer?”

Se Helena disser: “Você vaite(r)que fingir que está dormindo”, você pode dizer: “Ah, então eu vou ter que fingir que estou dormindo e o Lucas vai ter que ser o papai, é isso?” “E, você, Helena, você vai ter que fazer o quê?”, e assim estruturar um diálogo dentro da brincadeira, introduzindo a forma convencional de flexão dos verbos.



Faça você mesmo

Agora é sua vez! Localize exemplos como o apresentado nesta atividade, pois é muito comum que crianças troquem letras em palavras ou significados de palavra (por exemplo, falar **pissama** ao invés de pijama), e estruture uma forma de intervenção semelhante à resolução do exercício apresentado.

Queridos alunos, parabéns pelo percurso que vocês fizeram até aqui! Estamos orgulhosos de sua dedicação, empenho e aprendizagem! Vocês avançaram mais uma etapa no percurso

acadêmico e logo estarão prontos para desenvolver as atividades profissionais da belíssima carreira que escolheram. Acreditamos que agora vocês já estão conscientes da importância da aquisição e desenvolvimento da linguagem para o processo geral de aprendizagem da criança.

Faça valer a pena

1. A ZDP é definida como a capacidade que o indivíduo tem de realizar alguma tarefa acima da sua competência real com a ajuda de uma pessoa mais experiente. A Zona de Desenvolvimento Real corresponde a tudo aquilo que o indivíduo é capaz de realizar sozinho, sem precisar de ajuda de terceiros.

I – Cantar uma música folclórica na escola.

II – Aprender uma nova palavra.

III – Movimentar a língua na boca.

IV – Emitir sons vocais.

Nas ações expressas nos itens de I, II e III acima, classifique-as com proximal (P) ou real (R) para as situações realizadas com e sem ajuda de adultos, respectivamente, e assinale a alternativa correta.

a) I-P; II-R; III-P; IV-R.

b) I-R; II-P; III-R; IV-P.

c) I-P; II-P; III-R; IV-R.

d) I-R; II-R; III-P; IV-P.

e) I-P; II-P; III-R; IV-P.

2. O input linguístico é fundamental para a aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil, pois é a forma como o bebê recebe informações para ir construindo seu conhecimento sobre a linguagem.

Assinale a alternativa que explica corretamente o significado de input linguístico.

a) Um input linguístico refere-se ao silêncio do entorno proporcionado à criança nos momentos em que ela está apenas em contato com a linguagem humana.

- b) Um input linguístico refere-se aos insumos proporcionados à criança nos momentos em que ela está em contato com a linguagem humana.
- c) Um input linguístico refere-se a qualquer tipo de som (barulho) proporcionado à criança nos momentos em que ela está em contato com a linguagem humana.
- d) Um input linguístico refere-se aos termos que são propositalmente falados à criança para que ela aprenda a repetir e assim aprenda falar.
- e) Um input linguístico refere-se aos processos escolares de ensino da língua materna, proporcionados à criança nos momentos em que ela está na escola.

3. Analise a coluna abaixo e assinale apenas as pistas que podemos perceber em bebês indicando que eles estão abertos a uma comunicação e atentos aos inputs linguísticos que fornecemos:

- 1 – Choram.
- 2 – Olham atentamente enquanto conversamos com eles.
- 3 – Procuram movimentar os lábios.
- 4 – Sorriem.
- 5 – Assustam-se.
- 6 – Emitem sons.

Assinale a alternativa que apresenta as pistas selecionadas corretamente.

- a) 2, 3, 4, 6.
- b) 1, 2, 4, 5.
- c) 3, 4, 5, 6.
- d) 2, 3, 4, 5.
- e) 1, 2, 5, 6.

Referências

BORGES, L. C.; SALOMÃO, N. M. R. Aquisição da linguagem: considerações da perspectiva da interação social. In: **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 2, p. 327-336, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n2/a13v16n2.pdf>>. Acesso em: 1 ago. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>>. Acesso em: 7 set. 2016.

CEMPI Maria de Lourdes Ferraz Guimarães. **Atividades do Palavra Cantada** - Berçário II. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TPjTKrlhpxE>>. Acesso em: 1 set. 2016.

DICAS da fono. Como estimular a linguagem do bebê de 1 a 2 anos! Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gzGJZDQ3XwU>>. Acesso em: 4 abr. 2018. **(vídeo do YouTube)**.

MELCHIORI, L. E.; PÉREZ-LÓPEZ, J. **Linguagem de bebês**. Manual de estimulação. Curitiba: Juruá, 2013.

NOVA ESCOLA. **A conversa com bebês e crianças pequenas**. 2012. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=_UxEqkQwq_M. Acesso em: 1 set. 2016. **(vídeo do YouTube)**.

NOVA ESCOLA. **As formas de estimular a oralidade**. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w9WDRa7Ojfy>. Acesso em: 1 set. 2016. **(vídeo do YouTube)**.

O COMEÇO da vida. Direção e Roteiro de: Estela Renner. Produção de: Maria Farinha Filmes. Interpretação de: Ack Shonkoff, James Heckman, Vera Iaconelli, Raffi Cavoukian, Gisele Bündchen, Charles A. Nelson III, Alison Gopnik, Andrew Meltzoff. Música de: Ed Côrtes. Distribuição: VideoCamp, 2015.

PORTAL EDUCAÇÃO. **Aquisição e desenvolvimento da linguagem**. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/fonoaudiologia/artigos/31553/aquisicao-e-desenvolvimento-da-linguagem>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

SIM-SIM, I. **Desenvolvimento da linguagem**. Lisboa: Universidade Aberta, 1998.

SIM-SIM, I; SILVA, A. C.; NUNES, C. **Linguagem e comunicação no jardim da infância**. Lisboa: Ministério da Educação, Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2018/1/Linguagem%20e%20Comunica%C3%A7%C3%A3o%20no%20Jardim-de-Inf%C3%A2ncia.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

SOARES, M. V. **Aquisição da linguagem segundo a psicologia interacionista: três abordagens**. 24 f. Trabalho final da Disciplina Tópicos em Aquisição da Linguagem II, ministrada pela Profa. Dra. Ana Cristina Pelose do Programa de Pós-Graduação em Linguística – UFC. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2009/12/maria_vilani_soares.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2016.

TEIXEIRA, C. R.; DICKEL, A. A aquisição da linguagem por meio das interações promovidas pelo cuidador em classe de berçário. **Rev. Psicopedag.**, São Paulo, v. 30, n. 91, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862013000100007>. Acesso em: 1 set. 2016.

TUDO A VER BSB. **Linguagem dos bebês**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ArZBH2ciqYc>>. Acesso em: 10 ago. 2016. **(vídeo do YouTube)**.

UMBU PRODUÇÕES. Papo de criança. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wa-Jya97MuM>>. Acesso em: 29 ago. 2016. **(vídeo do YouTube)**.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ISBN 978-85-522-0576-0



9 788552 205760 >